

A COMÉDIA HUMANA, CULTURA E FEMINILIDADE

Terezinha de Camargo Viana



EDITORA
UnB

Yv

Terezinha de Camargo Viana é psicóloga formada pela PUC/São Paulo, doutora em Sociologia pela USP. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Departamento de Psicologia Clínica da UnB, desenvolvendo pesquisas junto ao Laboratório de Psicopatologia e Psicanálise. Mantém contatos com a Maison de Balzac e Groupe d'Études Balzaciennes, em Paris.

A comédia humana, cultura e feminilidade



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor

Lauro Morhy

Vice-Reitor

Timothy Martin Mulholand

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Diretor

Alexandre Lima

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Emanuel Araújo

Alexandre Lima

Álvaro Tamayo

Aryon Dall'Igna Rodrigues

Dourimar Nunes de Moura

Emanuel Araújo

Euridice Carvalho de Sardinha Ferro

Lúcio Benedito Reno Salomon

Marcel Auguste Dardenne

Sylvia Ficher

Vilma de Mendonça Figueiredo

Volnei Garrafa

Terezinha de Camargo Viana

A comédia humana, cultura e
feminilidade

EDITORA



UnB

Direitos exclusivos para esta edição:
EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
SCS Q. 02 Bloco C Nº 78 Ed. OK 2ª andar
70300-500 — Brasília - DF — Fax: (061) 225-5611

Copyright © 1998 by Terezinha de Camargo Viana

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Impresso no Brasil

SUPERVISÃO EDITORIAL
AIRTON LUGARINHO

PREPARAÇÃO DE ORIGINALS E REVISÃO
GILVAM JOAQUIM COSMO

EDITORACÃO ELETRÔNICA
MAGDA HAYATA DE AZEVEDO

CAPA
FERNANDO LOPES

SUPERVISÃO GRÁFICA
ELMANO RODRIGUES PINHEIRO

ISBN: 85-230-0509-9

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Viana, Terezinha de Camargo
V614 A comédia humana, cultura e feminilidade /
Terezinha de Camargo Viana — Brasília: Editora
Universidade de Brasília, 1999.

239 p.

1. Literatura brasileira. 2. Feminismo. I Título

CDU 869 0(81) V614c
396

Sumário

PREFÁCIO, 7

INTRODUÇÃO, 9

CAPÍTULO 1

DA TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE PELO ESTADO DAS MULHERES, 21

CAPÍTULO 2

HISTÓRIA DE MUITAS POESIAS E POESIA DA HISTÓRIA, 53

CAPÍTULO 3

AMAR, CONQUISTAR, ESSA DUPLA FACE DA MESMA IDÉIA, 97

CAPÍTULO 4

OBSERVAÇÕES SOBRE O TRABALHO DAS MULHERES —
“ANTÍPODA DA POESIA”, 137

CAPÍTULO 5

AOS ACONTECIMENTOS AS SUAS LIÇÕES..., 163

REFLEXÕES FINAIS, 197

BIBLIOGRAFIA, 207

ANEXOS

A COMÉDIA HUMANA: PLANO GERAL, **229**

A COMÉDIA HUMANA: CRONOLOGIA SEGUNDO A AÇÃO NOS ROMANCES, **233**

A COMÉDIA HUMANA: TRADUTORES DAS EDIÇÕES BRASILEIRAS, **237**

Prefácio

Como não sentir os mais complexos e ambivalentes sentimentos ao término de um trabalho longamente acalentado. À alegria de vê-lo concluído se sucede uma tristeza por sabê-lo imperfeito e frágil.

Como não se sentir assim? Tantos outros, com muito mais capacidade, com muito mais competência, depois de quinze, vinte anos, ou mesmo uma vida de trabalhos sobre a obra de Balzac, expressam — meio contrafeitos, meio extenuados — ser essa obra inexaurível e que o próprio trabalho é insuficiente para dar conta de toda sua riqueza. Também não vamos fugir à regra e, não sem muita imodéstia, nos alinhamos com esses estudiosos e reafirmamos semelhantes sentimentos e mesma convicção.

Quiséramos esse, um trabalho que transmitisse todo o prazer que tivemos ao fazê-lo. Prazer mesmo. Ainda que advindo — e, talvez, por isso mesmo — de ter percorrido os mesmos passos muitas vezes. Quiséramos esse, um prazer partilhado; um convite a uma aventura e ventura como a nossa. Dúvidas não nos faltam de que o tenhamos conseguido. Dá uma certa calma saber que mil comentários não substituem o prazer da leitura do objeto comentado.

Diz muito de como nos sentimos, uma frase que Balzac atribui a um seu contemporâneo, comentando o próprio trabalho: “Começo-o com desespero e deixo-o com pesar”.

Introdução

(...) a obra a emprender devia ter uma tríplice forma: os homens, as mulheres e as coisas, isto é, as pessoas e a representação que elas dão de seu pensamento (...).¹



gostariamos dizer que a partir desses pressupostos Balzac (1799—1850) define o objeto d'*A comédia humana*. São esses pressupostos, particularmente, que nos instigaram a uma aproximação a sua obra, buscando recuperar elementos de um debate contemporâneo sobre a feminilidade.

Tem sido recorrente enfatizar ser *A comédia humana* (obra composta de mais de 90 romances e novelas) um dos empreendimentos mais audaciosos e abrangentes na história da literatura e uma das mais significativas expressões literárias de uma realidade social. Se entre literatos — entre os quais podemos citar autores do porte de Baudelaire, Vitor Hugo, George Sand, Flaubert, Dostoiewski, Hoffmannsthal, Proust, Gide — tal reconhecimento é inquestionável, não deixa de ser surpreendente que intelectuais de orientações teóricas tão diversas — como, por exemplo, Marx, Engels, Taine, Barthes, Robbe-Grillet, Chevalier, Benjamin, Sennett — ressaltem o seu caráter documental e enciclopédico e, por esse aspecto, cheguem mesmo a conferir a Balzac o estatuto de cientista social. Essa discussão tem perpassado vários domínios teóricos (crítica literária, estética, psicologia, antropologia, história, teoria política, sociologia da literatura, etc..) e tem se renovado a partir de parâmetros contemporâneos de análise.²

¹ Prefácio *A comédia humana*

² Famosa, controversa e fez escola a afirmação de Engels quando diz ter aprendido mais sobre a história da França com Balzac do que com historiadores, economistas e estatísticos da época: "Balzac (...) nos proporciona na sua *A comédia humana*

Não podemos desconsiderar que o próprio Balzac autoriza essas interpretações ao se autodefinir, em insistentes e inúmeras passagens, como “historiador de costumes”, “doutor em medicina social” e se propor como objetivo nada menos que dar o quadro de uma cultura:

Ao ler as secas e enfadonhas nomenclaturas dos fatos denominados históricos, quem não advertiu que os escritores se esqueceram, em todos os tempos, (...), de nos dar a história dos costumes? (...) *A sociedade francesa ia ser o historiador, eu nada mais seria do que o seu secretário. Ao fazer o inventário dos vícios e das virtudes, ao reunir os principais fatos das paixões, ao pintar os caracteres, ao escolher os acontecimentos mais relevantes da sociedade, ao compor os tipos pela reunião dos traços de múltiplos caracteres homogêneos, poderia, talvez, alcançar escrever a história esquecida por tantos historiadores, a dos costumes.* (...)³

É interessante constatar como são mesclados níveis diferenciados de projetos: definido o objetivo, Balzac apresenta os principais pontos de sua técnica e as diferentes fases do seu processo de criação para reafirmar, com extrema modéstia, propósitos em tudo grandiosos: dar uma história dos costumes no Século XIX. Assim, costumava mesmo dizer que “*tinha uma sociedade em sua cabeça*”. Bouteron (1940, p. XI) explicita o quão complexo é o significado dessa afirmação:

uma história maravilhosamente realista da ‘sociedade’ francesa, descrevendo no estilo de crônica, quase ano por ano, de 1816 a 1848, a pressão crescente da burguesia sobre a sociedade de nobres que se estabeleceu a partir de 1815 e que voltou a instalar, na medida do possível, o padrão da *vieille politesse française* (velha delicadeza francesa)(*sic*). Descreve como os derradeiros resíduos daquela, para ele sociedade modelo, sucumbiram diante da explosiva intrusão dos vulgares endinheirados ou foi corrompida por eles. Como a *grande dame*, cujas infidelidades conjugais não passavam de uma maneira de firmar a sua posição, em perfeito acordo com a forma como lhe tinham destinado o casamento, *cedeu lugar à burguesa, que adquiriu o marido em troca de dinheiro. E, em torno dessa imagem central, o autor tece uma história completa da sociedade francesa, com a qual, mesmo em pormenores econômicos (...) aprendi mais do que com todos os historiadores, economistas e estatísticos do período.*” Engels, F. “Carta a Margaret Harkness”, Abril de 1888. Em: Marx e Engels: 1980, p. 7.

³ *Idem.*

E que sociedade! Toda a sociedade da Revolução, do Império, da Restauração e da Monarquia de Julho: mais de 2 mil personagens d'A comédia humana evoluindo no triptyque dos Estudos dos costumes, Estudos filosóficos, Estudos analíticos, por meio das Cenas da vida privada, da Vida provinciana, da Vida parisiense, da Vida política, da Vida militar e da Vida rural.

Esse comentário condensa longas discussões sobre a obra balzaciana e sobre diferentes conotações que perpassam-na. *A comédia humana*, ela própria, um universo e uma sociedade com seus personagens (que retornam e circulam pelas diferentes obras), suas hierarquias, costumes, volições, etc.; ela própria um sistema com sua estrutura formal e subdivisões, objeto de intensas reflexões e reformulações por parte de Balzac que, às vezes, se referia a sua obra como a uma “catedral” com sua específica “arquitetura”.⁴ Ela, também, expressão ficcional de um conturbado momento histórico-cultural.

Com efeito, a época em que vive Balzac, e na qual situa a maior parte da ação de suas obras, se constitui num período de intensas transformações em todas as esferas da vida pública e privada, um período de efervescência política e intelectual. A França da primeira metade do século XIX vivencia diferentes formas de governo — o Império Napoleônico, a Restauração, a Monarquia de Julho de 1830, a República de 48; sua vida política é marcada por golpes, revoluções, movimentos populares, etc... Questões novas em torno da condição feminina se colocam. Nesse período gestam-se teorias/movimentos que ainda são paradigmas ao feminismo do século XX.⁵

⁴ Em diversas passagens d'*A comédia humana* e na sua correspondência, Balzac faz referência e teoriza quanto a essa divisão de sua obra. Mas é, sobretudo, no *Prefácio* de 1842 e nos *Estudos de costumes do Século XIX*, que se explicita com vigor e clareza o plano geral da obra e sua fundamentação teórico-filosófica. Em anexo, apresentamos o Plano Geral d'*A comédia humana* (*Anexo I*), bem como sua subdivisão segundo uma periodização que dá conta dos momentos históricos abordados nas diferentes obras (*Anexo II*).

⁵ São referências importantes, sobretudo, as teorias libertárias elaboradas pelos socialistas utópicos, cujos nomes mais expressivos são Fourier (1772-1837), Saint-Simon (1760-1825), Claire Démar (1800-1834). No bojo de um intenso movimento

Novos princípios jurídicos ordenam as relações entre homens e mulheres e a discussão quanto aos direitos de cidadania ganha contornos diferenciados. É consabido que essas manifestações são, sob muitos aspectos, continuidade e desdobramentos de formulações que antecedem o período em que Balzac escreve, pois se inscrevem no ideário libertário e igualitário que gestou a Revolução Francesa e, como tal, ganharam forma e conteúdo no século XVIII.⁶ É nesse todo, que marcará a transição do Antigo Regime para a consolidação da moderna sociedade burguesa, que Balzac situará a discussão sobre a feminilidade.

Numa análise primeira, quase impressionista diríamos, chama a atenção de qualquer leitor, mesmo aquele pouco familiarizado com a obra de Balzac, a multiplicidade de suas personagens femininas (reais e ficcionais) e os seus muitos títulos sobre mulheres: *Estudo de mulher* (1830); *Uma filha de Eva* (1830-1839); *A mulher de trinta anos* (1831); *A mulher abandonada* (1832); *A Senhora Firmiani* (1832); *As maranas* (1833); *Eugenia Grandet* (1833); *A duquesa de Langeais* (1833-34); *A menina dos olhos de ouro* (1834-1835);

editorial dá-se a emergência de uma literatura feminina e feminista — que tem como expressões: Mme. de Staël, George Sand, Claire Demar, Flora Tristan, Mme. de Girardim, etc...

⁶ São muitos os autores que analisam extensivamente como as questões relativas à igualdade e à liberdade, no período que imediatamente antecede a Revolução, ganham amplitude, são discutidas tanto nos salões aristocráticos quanto nas ruas, deixam de ser restritas a uma reivindicação em torno de princípios abstratos, para perpassar a esfera da vida privada das diferentes classes sociais. Os Goncourt, em *La femme aux dix-huitième siècle* (1862), quando se referem aos costumes das aristocratas, salientam que um novo imaginário lhes dá sustentação: “Bem rápido, pela liberdade, pela mudança, a galanteria da mulher irá tomar neste século as maneiras, as opiniões, e os desregramentos dos costumes dos homens. As mulheres desejarão, segundo a expressão de uma mulher, ‘gozar a perda de sua reputação’. (...) *A moral da época é indulgente a essas costumes*. Ela encoraja a mulher à franqueza da galanteria, à audácia (...). *As idéias que circulam, a filosofia reinante, os hábitos e as doutrinas conjuradas contra os preconceitos de toda espécie e de toda ordem, nesta grande transformação nos espíritos que abala ou renova na sociedade todas as verdades morais, se eleva uma teoria que busca ampliar a consciência da mulher (...). Modéstia, conveniência, o século XVIII trabalha para dispensar a mulher destas misérias.*” Goncourt (1862) 1887, pp. 129-130. (grifos nossos). Ver a respeito, também, Hoffmann: 1977; Macchiocci: 1976; Diderot: 1946; Galiani: 1980; Tocqueville, 1967. Duhet, 1789.

Massimila Doni (1839); *Beatriz* (1839); *Pierrette* (1840); *A falsa amante* (1841); *Úrsula Mirouët* (1841); *Sobre Catarina de Médicis* (1841); *Memórias de duas jovens esposas* (1841-1842); *A Mulher de trinta anos* (1842); *Outro estudo de mulher* (1842); *A musa do departamento* (1843); *Honorina* (1843); *Modesta Mignon* (1844); *Esplendores e miséria das cortesãs* (1839-47); *Os segredos da princesa de Cadignan*; *A Prima Bete* (1846); etc. O critério nominalista não esgota evidentemente a questão. É consabido que, por meio das diferentes obras que integram *A comédia humana*, Balzac discutirá teses e temáticas que recolocam questões postas pela reflexão contemporânea referente à feminilidade — o desejo e o erotismo, a emancipação feminina, a defesa da liberdade sexual, os impasses no casamento, a maternidade, o sofrimento psíquico, o poder feminino, as relações entre os gêneros, etc... Somente por essas antecipações esse é um autor importante a ser considerado no debate atual. Contudo, o que gostaríamos de ressaltar é que as diferentes dimensões da feminilidade objeto das reflexões balzaquianas não são alheias ao desenvolvimento do seu plano mais geral de traçar um painel dos costumes, portanto, da cultura da sua época, mas se inscrevem mesmo no cerne da sua argumentação. É sob essa perspectiva que sua análise é particularmente interessante.

Balzac é um autor que faz do processo de transformação o seu objeto e, sob essa perspectiva, a feminilidade é um signo e um símbolo denotativo da possibilidade de leitura do processo de conformação de novas relações sociais. Os momentos de transformação são particularmente ricos para a análise psicossociológica. As novas relações ainda não se configuraram em toda sua plenitude e as velhas relações ainda persistem, sem terem, entretanto, a mesma força que tinham no passado. É no confronto com as novas relações que as antigas mostram sua historicidade, isto é, seu caráter de algo transitório, que se modifica pela ação humana. Essa perspectiva mais geral não impede, antes pressupõe, buscar aprofundar o entendimento das não lineares relações entre os fenômenos de ordem subjetiva e o estruturar de um processo sociocultural. Balzac fará essa leitura articulando as mudanças na vida pública às mudanças no âmbito da intimidade, acentuando as dimensões subjetivas implícitas nesse processo, analisando as mudanças por que passam as relações entre os gêneros e as classes.

Assinalaríamos como essas diretrizes de sua análise são objeto de uma reelaboração contínua, não só nos romances, mas também em obras de cunho ensaístico. Assim, em *Estudos de costumes no Século XIX* (1834) — falará Balzac por intermédio de seu porta-voz Felix Davin:

*Era preciso então conhecer tão bem a mulher quanto o homem (...) Mas como M. de Balzac adivinhou a mulher! Ele sondou todos os castos e divinos mistérios desses corações frequentemente incompreendidos. (...) A surpresa foi bem grande com o aparecimento das *Cenas da vida privada*, quando se vê esses primeiros estudos de mulheres, tão profundos, tão delicados, tão deliciosos, de tal forma enfim que eles pareceram o que eles eram — uma descoberta — e iniciaram a reputação do autor. (...) Para completar sua revelação da mulher, M. de Balzac tinha a fazer um estudo paralelo, especial, e não menos penetrante, o estudo do amor. A base fora encontrada, a conseqüência se produzia naturalmente. O autor penetra então intimamente nos mistérios do amor, em tudo o que eles têm de voluptuosidades escolhidas, de delicadezas espirituais. Aí, então, se abre um novo mundo. Colocando em obra estes preciosos elementos, e sem que esta admirável psicologia da mulher e do amor compromettesse em seus escritos a marcha da ação, ele encontrou a arte de tornar atraente a pintura a mais minuciosa do mais simples detalhe, do desenvolvimento científico o mais árido (...)*⁷

Essa autoconfiança ao falar do próprio trabalho, à primeira vista exagerada, tem respaldo em dados de realidade. As obras de Balzac surgem como uma novidade no agitado cenário intelectual da época e encontram ressonância, particularmente, junto às mulheres. Tal fato não passa despercebido nem mesmo aos seus mais acerbos críticos. Sainte-Beuve comenta em *Portraits contemporains* (1834):

O sucesso rápido de Balzac nada deve à imprensa, mas quase tudo às mulheres. Introduziu-se na intimidade do sexo frágil como um confidente consolador, um confessor, um pouco médico. Atri-

⁷ H. Balzac e F. Davin (1834/1993). *Études de Moeurs au XIX Siècle*. Pléiade II, Tome I, pp. 1158/1159.

buiu-se o direito de falar em meias palavras dos misteriosos detalhes secretos que fascinam até as mais recatadas.

Em que pese o tom irônico do comentário, temos que dar razão ao crítico. Com efeito, desde sua primeira obra sucesso de público, *Fisiologia do casamento* (1829), Balzac iniciará um intenso diálogo com suas leitoras, por meio da imprensa e por cartas, diálogo paralelo à elaboração d'*A comédia humana* e que vai persistir por toda a sua vida. A correspondência de Balzac, ainda hoje objeto de compilação, desperta a atenção de estudiosos por sua amplitude e originalidade. Impressa, corresponde em volume e extensão a cerca de três quartos d'*A comédia humana*. A originalidade, aspecto muito ressaltado por comentaristas, se situa em dois níveis; primeiro, diferentemente do que ocorre com a maioria dos escritores, a sua correspondência é dirigida basicamente a mulheres, entre as quais as mais conhecidas são George Sand, Mme. de Girardim, Laure Surville, Zulma Carraud, Mme. Hanka; num segundo nível, por se constituir uma troca de comentários e reflexões sobre suas obras, seus planos de trabalho. Esse diálogo refletir-se-á nas suas obras, quando Balzac, ouvindo e explicitando as inquietações femininas, elaborará e polemizará sobre modelos de feminilidade emergentes na sua época, e mais do que isso, inserir-se-á nas mentalidades e forjará mesmo novas mentalidades que sem a sua elaboração não se dariam a entender. É assim que a obra balzaquiana vem sendo considerada um importante documento sobre a constituição da feminilidade contemporânea, ou melhor, sobre a constituição da feminilidade na passagem do século XIX ao século atual. Não é casual que sua obra venha sendo revisitada por autores que têm se detido no estudo do processo de conformação da feminilidade e da subjetividade contemporânea.⁸

Sob esse ponto de vista, tomar como objeto de análise a feminilidade tal como nos é apresentado por um autor que faz do processo de transformação social o seu objeto é extremamente instigante.

⁸ A ênfase que Balzac confere a essa discussão não passa despercebida a nenhum de seus comentaristas. Em trabalho anterior (Camargo-Viana, 1992) realizamos uma extensa revisão bibliográfica sobre o tema. Ver a respeito, também, Michel, 1978; Gay, 1988/1990; Sennet, 1988; Sledziewski, 1989; Béjar, 1988.

É no confronto entre dois mundos, se assim o podemos chamar, que percebemos as rupturas, as permanências, implicando buscar categorias temporais, contextualizadas historicamente. Interessa-nos aprofundar como Balzac expressa a reordenação das relações sociais as quais perpassam todas as manifestações da cultura e que imprimirão significativas transformações na condição do ser mulher.

Por se tratar de um momento de transição a relações que estão se consolidando e que, sob muitos aspectos, persistem na sociedade contemporânea, nos perguntamos: acompanhar um momento em que se configuram e se assinalam novos papéis, em que são colocados novos desafios às mulheres, não nos dá elementos para redefinir/repensar algumas questões que são nossas hoje? Embora seja esse, a nosso ver, o sentido mais genérico de pesquisas que visam resgatar um histórico da condição feminina,⁹ gostaríamos, contudo, de precisar o tratamento que daremos a estas questões. Não temos interesse em apontar as *semelhanças* entre o que vivenciaram as francesas no século passado e o que vivenciamos agora. É bastante provável que essas *semelhanças* existam e sejam mais pertinentes do que o suspeitamos. Mas não é essa a questão. Gostaríamos mesmo, sempre que possível, de indicar as *diferenças*. São estas que revelam as transformações ocorridas, que nos apontam as especificidades de uma época e outra. Interessa-nos acompanhar como uma dada época formula questões e como elas são respondidas por seus contemporâneos. Tanto a formulação das questões (que mostra o conferir prioridade a determinados problemas) como as respostas que são dadas (que denotam a tomada de posição diante deles) dizem de um momento histórico.

Essa perspectiva, assim o pensamos, permite situar elementos do questionamento teórico contemporâneo em torno da feminilidade. Nos referimos em particular à discussão quanto ao estatuto teórico da categoria *relações sociais de gênero*, conceptualização que vem permitindo ampliar o âmbito de pesquisas, na medida em que postula como fundamental na análise do feminino e do masculino considerar sua dimensão cultural e historicamente construída. Uma

⁹ Essa é a perspectiva que aponta, por exemplo, Duhet, 1979; Perrot, 1987; Duby e Perrot, 1991; Smith, 1976; Bock e James, 1992.

das implicações epistemológicas mais relevantes dessa reflexão teórica é a exigência de transcender a conotação naturalizante e biologicista da categoria sexo e buscar entender a conformação do feminino/masculino num enfoque relacional.¹⁰ Nesse sentido consideramos importante retomar uma perspectiva histórica, buscando ampliar o entendimento da feminilidade no âmbito da cultura e em processos amplos.

Balzac permite essa abordagem, pois não isola a mulher do contexto histórico-cultural; poderíamos mesmo dizer que sua análise perpassa todo um processo civilizatório, pois, se concerne principalmente ao século XIX, não se restringe, contudo, a este período. É nesse sentido seu esforço em elucidar a gênese da modernidade e o faz, sobretudo, por meio de uma personagem que imprimiu profundas modificações na sociedade renascentista — Catarina de Médicis.¹¹ Percorrendo as diferentes classes, Balzac nos diz das contradições intrínsecas à condição das mulheres de cada classe social; nos fala das relações das mulheres entre si e de suas relações com os homens; vemos a mulher em todas as esferas do mundo da cultura: na família, no trabalho, nas artes, nas finanças, na política, etc... São essas diretrizes que permitir-lhe-ão acompanhar o desenvolvimento da moderna forma de sociedade, deixando entrever novas configurações quanto à feminilidade e, ao mesmo tempo, desvelando a natureza das novas relações sociais.

Delineando contornos, percursos e direções

A partir dos elementos apresentados, sentimos ser oportuno explicitar a forma pela qual encaminharemos nossa reflexão; necessário, assim, precisar os termos de nossa inserção. Não nos move a pretensão de fazer uma outra “história de mulheres”, nem proceder a uma arqueologia dos costumes do século XIX, etc., nem falar de

¹⁰ Ver, entre outros: Lobo, 1991, 1989; Flax, 1991; Bock, 1986; Bock e James, 1992; Perrot, 1987; Scott, 1990, 1988; Varikas, 1988, 1989

¹¹ Ver *Sobre Catarina de Médicis*, obra considerada fundamental para a compreensão da posição política de Balzac.

uma genérica condição feminina. Pretendemos contribuir no sentido de pensar sobre a dimensão histórico-cultural da feminilidade. Dessa forma, entramos nessa discussão menos defendendo pontos de vista previamente definidos do que refletindo e, ao mesmo tempo, convidando a uma reflexão conjunta.

O trabalho tem como pano de fundo as obras d'*A comédia humana*. Temos que dizer que toda *A comédia humana* foi lida, mais do que uma vez. Temos que dizer, também, que nem todas as obras falaram claro a nossa sensibilidade, com certeza muita coisa não apreendemos. Assim, com certeza, dizemos antecipadamente que nem toda essa obra será apresentada e analisada. Dizer dessas características implica admitir que não nos impulsiona o desejo de proceder a sínteses forçadas e totalizantes, em que se ignora ou se esquiva de apontar a complexidade e as contradições que são consubstanciais à obra balzaquiana. Contudo é a sua significação mais profunda que pretendemos não deixar na obscuridade. Dessa forma, estruturamos o trabalho a partir de algumas obras d'*A comédia humana*, obras cuja escolha não teve um caráter prévio e arbitrário mas foi uma decorrência do próprio desenvolvimento e amadurecimento da pesquisa. Em torno dessas obras-núcleos agregamos referências a outras obras de Balzac de cunho ensaístico, a obras de outros autores do período e, também, recorreremos a sínteses que vêm sendo elaboradas por autores contemporâneos. O objetivo é mostrar desdobramentos de idéias, evidenciar mudanças de ênfases analíticas e estabelecer uma interlocução.

A análise se desenvolve no quadro de uma ampla discussão sobre os desafios socio-culturais que se colocam para a sociedade francesa na primeira metade do século XIX, relacionando as repercussões e ressonâncias desse processo com a constituição da feminilidade moderna no interior das diferentes classes, indicando as articulações entre individualidade, subjetividade e sociabilidade. Essa perspectiva mais geral dará o tom e o colorido de toda a análise, mas será particularmente evidenciada no Capítulo um, quando discutiremos como a natureza das novas relações são fundamentais para entender as mutações por que passa a feminilidade no século XIX.

Apresentada a questão sob esse prisma, que, reconhecemos, tem um caráter amplo, nos propomos a retomá-la, no Capítulo dois, mediante a análise da trajetória de algumas personagens, mostrando

outras *nuances*; centramos a análise em torno da condição da aristocrata, indagando como no nível das relações privadas se manifesta o desafio de recomposição de uma classe que fora dominante e em que situações se configuram impasses, discutindo como isso é vivenciado subjetivamente e como emergem certas manifestações de feminilidade.

No Capítulo três buscamos identificar as exigências que são colocadas às mulheres da burguesia, no momento uma classe em busca de hegemonia social, e como tais exigências são respondidas. Quais papéis lhes são outorgados e quais os que são por elas conquistados? Que sentimentos lhes são mais próprios? Como se redefinem as relações entre os sexos?

No Capítulo quatro as repercussões do processo de dissolução da aristocracia e a ascensão da classe burguesa têm como uma de suas ressonâncias a diversificação e a diferenciação do mundo do trabalho, que é analisado com a perspectiva de elucidar outras dimensões do feminino.

No Capítulo cinco recuperamos questões, enfrentamos o desafio de articular dimensões que não se circunscrevem a uma classe em particular e mantêm transversalidade no conjunto de um processo civilizatório. Relacionamos dimensões de subjetividade e sociabilidade a partir da análise das relações entre os sexos, do ponto de vista de sua institucionalização no casamento. Num segundo momento, analisamos manifestações que colocam em discussão a emancipação feminina.

As Reflexões finais decorrem do interesse de recuperar questões, mantendo um diálogo contínuo e usando indistintamente os capítulos apresentados.

Nota preliminar

Malgrado a lembrança de Balzac em *Lettres sur la Littérature*, de que “uma nota é o golpe de espinho que desinfla o balão do romancista. Com sua nota, um autor parece a um contador de casos, que depois de ter contado muitas estórias, à sobremesa vos diz: o que contei é tudo verdadeiro”, temos que convir que não somos romancistas, não somos contadores de casos, não temos pretensão de

apresentar “verdades” e que esse trabalho comporta muitas notas sobretudo para não privar o leitor de referências bibliográficas. No decorrer do trabalho utilizamos várias edições d’*A comédia humana*, bem como a edição das *Oeuvres Complètes*; optamos por apresentar as citações traduzidas em português. Assim, as citações referir-se-ão primordialmente à última edição d’*A comédia humana* da Editora Globo, organizada e dirigida por Paulo Rónai.¹² As demais citações, e não somente as referentes às obras de Balzac, foram, por nós, livremente traduzidas. Os títulos dos capítulos foram tomados de empréstimo a subtítulos ou passagens de obras de Balzac:

Cap. I: “Da transformação da sociedade pelo estado das mulheres” — *Outro estudo de mulher*.

Cap. II: “História de muitas poesias e poesia da história” — *A musa do departamento*.

Cap. III: “Amar, conquistar, essa dupla face da mesma idéia” — *Memórias de duas jovens esposas*

Cap. IV: “Observações sobre o trabalho das mulheres” — “Antípoda da poesia” — *Honorina*.

Cap. V: “Aos acontecimentos as suas lições...” — *Fisiologia do casamento*.

¹² No *Anexo III* apresentamos a relação dos tradutores da edição brasileira d’*A comédia humana*.

Capítulo 1

Da transformação da sociedade pelo estado das mulheres

Está tocando o dobre de finados da alta sociedade, não ouvem? (...) e a primeira badalada é essa vossa expressão moderna de *femme comme il faut*.¹

A riqueza com que Balzac lança mão do “exame de detalhes e de pequenos fatos que, interpretados e escolhidos com sagacidade, agrupados com esta arte e esta paciência admiráveis dos velhos fazedores de mosaicos” para nos pintar a complexidade de “uma sociedade em movimento”², permite iniciarmos um diálogo com sua obra, também a partir de um pequeno fragmento, uma pincelada no vasto painel que é *A comédia humana*. Nos referimos à passagem da obra *Outro estudo de mulher*, que fora anteriormente publicada em *Les Français peints par eux-mêmes* (1839), sob o título *La femme comme il faut*.³ Essa obra quase condensa o microcosmo da sociedade balzaquiana e possibilita precisarmos muitas das questões que buscaremos desenvolver. Entremos nesse seu mundo e procuremos apreender-lhe o seu sentido. Conveniente, portanto, que se delineie o cenário, no qual somos convidados a entrar. Um salão aristocrático no qual se dá uma ceia íntima entre ami-

¹ *Outro estudo de mulher*, p. 511.

² Davin e Balzac. *Études de Moeurs au XIX Siècle*, Pléiade II, Tome I, p. 1154.

³ *La femme comme il faut*. Oeuvres Complètes, Club d'Honnête Homme, vol. 28.

gos é a metáfora utilizada por Balzac para nos apresentar a sociedade francesa pós-revolução de 1789. Reunidos nesse salão todos os principais personagens da alta sociedade d'*A comédia humana*, ou seja, a sua “aristocracia” intelectual, política, financeira e feminina, fazendo-os aparecer ou como personagens de primeiro plano ou como personagens secundários, por meio de referências e comentários. E como sempre o faz, mescla na narrativa personagens reais e fictícios. A escolha, como que a dedo, desses personagens lhe dá possibilidade de explicitar, mediante suas falas, os argumentos das várias frações da “aristocracia” do momento, delineando sua posição diante dos novos tempos, e por que não dizê-lo, sua perplexidade. A conversa, amena, descontraída, nos é particularmente interessante, pois dá lugar a comentários sobre a situação política do momento e às “mudanças operadas na mulher francesa depois da fatal Revolução de Julho”. (*Outro estudo de mulher*, p. 511)

Balzac fala das transformações que estão ocorrendo na sociedade francesa, sob uma dupla perspectiva: contrapondo o antes e o depois da revolução de 1789, a aristocracia à burguesia de seu tempo. Ao fazê-lo, acompanha as particularidades da vida política francesa nos diferentes momentos pós-revolucionários. Se a diferença entre esses mundos para nós é gritante, não parece sê-lo, no entanto, tão evidente assim aos contemporâneos de Balzac, pois é sob detalhes mínimos que se apresenta. Balzac nos conduz o olhar às *sutis* diferenças que, por sua vez, levam a apreender as *expressivas* mudanças que estão ocorrendo na sociedade. É nesse sentido que ganha força a caracterização da *femme comme il faut*.

Já no início, Balzac nos diz dos novos tempos ao apresentar os dois momentos que separam um sarau. — *o rout* (um sarau dançante — “uma das invenções inglesas”) à ceia íntima que se lhe segue. O primeiro momento é o da festa para o exterior, “desfile de amores próprios em grande gala”, onde as pessoas vão para se exibirem e serem admiradas. A comparação com a Inglaterra é exatamente para mostrar o caráter burguês dessa reunião: “Dir-se-ia que a Inglaterra faz questão de que o mundo inteiro se aborreça como ela, e tanto como ela.” (*Idem*, p. 510). A ceia íntima, pós-*rout*, verdadeiro encontro da aristocracia, onde ela mostra seu espírito, verve. Resquícios dos esplendores dos saraus literários dos salões do século XVIII: “Esta segunda reunião é, pois, em França, em algumas casas, um

oportuno protesto do antigo espírito de nosso alegre país; infelizmente, porém, poucas são as casas que protestam, e a razão é bem simples: se hoje não se ceia muito, é devido a que sob nenhum regime houve menos gente abastada, bem instalada na vida e triunfante do que sob o reinado de Luís Filipe, no qual a Revolução legalmente recomeçou.” (*Idem*, p. 510)

Nessa breve apresentação, Balzac nos mostra a condição da aristocracia pós-revolução — empobrecida e sem poder; só fica à vontade entre poucos; perseguida, ela não se exprime, limitada, ela não se reúne. Ressaltaríamos, também, a caracterização da Revolução de 1830 como uma estrita continuidade da Revolução de 1779, como o resultado do longo processo de acirramento da luta da sociedade francesa para romper com os valores do Antigo Regime. Os tempos são outros — a questão não é fruir, mas acumular:

Todos estão em marcha para um fim qualquer, trota-se em busca da fortuna. O tempo tornou-se a mais cara mercadoria; ninguém, pois, pode entregar-se à prodigiosa prodigalidade de recolher-se aos seus penates no dia seguinte, para levantar-se tarde. Não se encontra, portanto, um segundo sarau a não ser em casa de mulheres suficientemente ricas para darem recepções; e depois de julho de 1830 essas mulheres são contadas a dedos em Paris. (*Idem*, p. 510.)

É na casa de uma dessas mulheres, Srta. de Touches,⁴ que se dá o encontro desse grupo restrito de amigos. A conversa se desenvolve a partir de um relato de um aristocrata, De Marsay,⁵ recentemente eleito primeiro-ministro do novo governo liberal; este conta sua primeira desilusão amorosa, segundo ele responsável pela sua des-

⁴ Felicité des Touches, personagem principal de *Beatriz*, é considerada o protótipo da mulher emancipada. Balzac se inspira nas vidas de George Sand e Mme. de Staël, ambas escritoras famosas por suas obras e por seus estilos de vida libertários, como modelos para a composição dessa personagem, assim justificando: “(...) é evidente que, querendo pintar a sociedade em movimento, eu não poderia omitir a mulher de gênio”. *Pléiade* I, VI. XI, p. 1001.

⁵ De Marsay é um personagem importante n’*A comédia humana*, reaparecendo em várias obras — *A menina dos olhos de ouro*; *O pai Goriot*; *Ilusões perdidas*; *Esplendores e misérias das cortesãs*; *O contrato de casamento*; *O lírio do vale*.

coberta de que era um homem fadado à vida política. A sua história é banal; apaixonado aos dezesseis anos por uma *grande dame* (viúva, rica, seis anos mais velha do que ele), descobre que ela o engana para se casar com um duque de antiga família, rico, austero, feio, velho, etc. A Restauração dera suficiente esperança à nobreza para que sua amante quisesse aliar à sua fortuna um título de nobreza. Ela procura um pretexto para romper com o jovem amante e ele o dá. A partir dessa banalidade total, Balzac nos leva a perguntar: em que medida essa desilusão amorosa de juventude leva-o a descobrir sua vocação na vida? Por que nesse momento apreende que é um “homem superior”? O que de tão importante encerra essa sua lição de vida? A ficarmos com sua exaltação e êxtases amorosos, não compreendemos grande coisa; é a sua reflexão sobre essa paixão e sobre a forma como se comportam ele e sua amante que nos dá outros elementos. De Marsay vê no pequeno estratagema da amante para provocar o rompimento, o “inocente jesuitismo” feminino — um jogo de galanteria sob o qual ela camufla a sua decisão anteriormente tomada —, a condição da mulher sob os novos tempos. Teve a perspicácia de descobrir sua ambigüidade; ela queria a sexualidade livre, a voluptuosidade, a sedução e isto lhe era dado pela relação com o amante, no caso o próprio De Marsay (é importante que se diga que esse comportamento é plenamente aceito e facultado nos “códigos” de galanteria do Antigo Regime); e ela queria a segurança, a riqueza, um título de nobreza, que só lhe adviriam de um casamento de conveniência, de uma relação sem brilho, nem paixão, no caso, com o velho duque. Diante dessas necessidades, ela não vacila — ela fica com o duque. A perspicácia, a “capacidade superior” de De Marsay é se dar conta de que ela só poderia ter se comportado assim, e não só isso, mas que era imperioso que o fizesse; assumir a outra opção significava o empobrecimento (ela ignora que De Marsay seja rico), a perda de *status* e a marginalização social; era não compreender as exigências sociais colocadas naquele momento. É nesse sentido que ela também é “uma capacidade superior”! Preservar o seu ser social — e o seu ser social é ela como *grande dame*, como

Considera-se que esse personagem corresponde à Guizot (1787-1874), historiador, intelectual e político francês.

aristocrata, como dona de uma vida luxuosa, como possuidora das armas dos novos tempos: nobreza e dinheiro. Esse é o móvel da sua opção. Ser ou não ser aristocrata, eis a questão. De Marsay não é moralista, antes profundamente político, por perceber numa ação individual os impasses de uma classe — manter-se como tal ou deixar de sê-lo. Ele não só compreende e justifica a opção que sua amante assume, como se comporta da mesma forma; a ele, também, não interessava a manutenção de uma relação que, se poderia lhe trazer riqueza e prazer, não lhe conferia, contudo, nobreza, pois sua amante “ficara numa situação de fortuna satisfatória para uma mulher adorada e que amava, mas que a Restauração, à qual devia um novo brilho, tornava pouco conveniente em relação a seu nome”; (*Idem*, p. 517). Entre uma marginalização e a possibilidade do domínio social, a sua opção se traça naquele momento. Sob esse prisma, ambos são conseqüentes, ambos são iguais.

É a percepção radical de como as novas necessidades sociais mudam a sorte da aristocracia e, conseqüentemente, a das mulheres que leva que De Marsay prossiga:

Dentro em pouco fará cinquenta anos que assistimos à ruína contínua de todas as distinções sociais; deveríamos ter salvo as mulheres desse grande naufrágio, mas o Código Civil passou-lhes por sobre as cabeças os seus artigos niveladores. *Por mais terríveis que sejam essas palavras, é preciso dizê-las: as duquesas se vão, e também as marquesas!* (*Idem*, p. 527)

A partir da revolução de 1789, intensifica-se o processo de esfacelamento do que se constituía o cerne das relações sob o Antigo Regime; as mudanças atingem principalmente a vida aristocrática. A antiga aristocracia se diferenciava das outras classes, entre outras coisas, por sua cultura, costumes, modo de viver, etiqueta, formas determinadas de acesso à riqueza e de fruição da mesma, formas determinadas de manutenção e exercício do poder, enfim, seus privilégios. Quando o que lhe dava sentido como classe é questionado, suprimido, e o que a distinguia das outras classes deixa de existir, é ela mesmo como classe que, também, tende a se dissolver.

Podemos perceber a distância que medeia entre os dois períodos, a partir de um pequeno exemplo. Em *Sobre Catarina de Médicis*

Balzac nos fala dos vestuários dos reis no início da época moderna; estes tinham uma corporação à sua disposição, só para lhes produzir a sua indumentária. O manto de arminho, um privilégio dos reis; não é só que o arminho fosse escasso, raro, caro, etc., para que outros nobres não pudessem usá-lo, mas ser rei significava a manutenção de *distinções* e privilégios. É toda uma sociedade que se estruturava sob uma forma hierarquizada: a indissociabilidade das heranças, o direito de primogenitura, a corvéia, o dízimo, as corporações de ofício, os códigos de honra, etc... Já às vésperas da revolução de 1789, essas distinções não se apresentavam de forma tão marcada. Os signos exteriores são indicativos. Os Goncourt, na obra *La femme aux XVIII siècle*, assinalam a mudança de costumes entre as mulheres da alta burguesia, o que faz com que se torne difícil diferenciá-las, pela aparência, das aristocratas:

“Ao final do século, com dificuldade se distingue a burguesa da *grande dame*. A burguesa tem o mesmo cabeleireiro, o mesmo costureiro, o mesmo parteiro. E o que resta ainda da simplicidade da vida burguesa, do tumulto das núpcias, da jovialidade das festas, da própria intimidade dos lares?” (Goncourt, 1863/1896, p. 206).

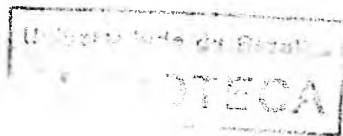
Esse nivelamento de condições se acentua depois da Revolução de 1789: “(...) deveríamos ter salvo as mulheres desse grande naufrágio, mas o Código Civil passou-lhes por sobre as cabeças os seus artigos niveladores.” Não sejamos apressados, vendo nessa manifestação somente o intuito, de certa forma piedoso, de proteger as mulheres. O que a Balzac inquieta é ver como a aristocracia se mostrou inerte diante dessas mudanças. Ela não se deu conta e/ou não quis fazê-lo (discutiremos posteriormente essa aparente “ingenuidade” e “desinteresse” da aristocracia) mas, sobretudo, não conseguiu reagir ao processo de sua dissolução como classe.

Durante o Império (1800-1815), a aristocracia ganha uma certa proeminência e Napoleão chega mesmo a se engajar num projeto que parece reconstituí-la; nesse sentido, não só admite, como cria mecanismos para a restituição da riqueza a determinadas famílias que tinham perdido seus bens durante a Revolução e, ao mesmo tempo, institui uma nova aristocracia, outorgando títulos de nobreza às personalidades que se destacaram nos meios políticos, militares e financeiros:

Faltava a esse mundo todo novo, para rivalizar com o de antes, uma elite oficialmente reconhecida, uma aristocracia, não de nascimento, mas de mérito, agrupando todos os homens de valor e dotada de uma marca distintiva. (...) Em virtude desse axioma, nós o veremos (referência a Napoleão) instituir a nobreza do Império com seus mil barões, seus quatrocentos condes, seus trinta e dois duques, seus três príncipes, sem contar seus quarenta e oito mil cavaleiros. Aos grandes dignatários irão as dotações, os morgadios, os belos castelos da Ile-de-France, e trinta e dois milhões serão anualmente destinados em seu benefício (...) Eis de súbito a aristocracia reformada pela “quarta dinastia”. (Robiquet, 1957, pp. 64/66).

Principalmente em *O baile de Sceaux*, *Coronel Chabert*, *Um caso tenebroso* e *A paz conjugal*, Balzac faz referências às formas pelas quais o governo napoleônico busca a adesão da aristocracia e a conduz, e também a outras classes, ao esquecimento das dificuldades do período revolucionário. Com efeito, a França que vivenciara as crises revolucionárias, teme que elas recrudescam; a dominância do conservadorismo político chega a sugerir que a vaga revolucionária já passara. No entanto, esse processo encobre as profundas transformações que estão ocorrendo em toda a tessitura social — a reorganização das finanças, administração e educação; o desenvolvimento econômico, que patenteia a penetração do dinheiro em todos os domínios sociais; a revolução industrial; a criação de novas instituições e adoção de novos princípios jurídicos. O lema que consagrará Luís XVIII, durante a Monarquia de Julho, *União e Esquecimento*, mais se aplica a esse momento do que ao próprio período em que foi gestada:

Estava-se no alvorecer do Império. Aqueles que hoje lêem histórias da revolução francesa jamais saberão que imensos intervalos punham o pensamento público entre os acontecimentos tão aproximados uns dos outros, naquele tempo. A necessidade geral de paz e de tranqüilidade, que todos sentiam depois das violentas comoções, engendrava um completo esquecimento dos mais graves fatos anteriores. *A história envelhecia rapidamente, constantemente amadurecida por interesses novos e ardentes.* (*Um caso tenebroso*, p. 49)



Há um esquecimento de ideais anteriormente formulados, há um esquecimento das dificuldades passadas. A sociedade se enriquece, se une e se deixa levar por sonho de glória:

A aventura passada nessa cena passou-se em fins de novembro de 1809, momento em que o fugaz império de Napoleão atingia o apogeu de seu esplendor. (...) Nunca, no dizer dos contemporâneos, Paris vira festas mais belas do que as que precederam e se seguiram ao casamento desse soberano com uma arquiduquesa da casa da Áustria; nunca nos mais faustosos dias da antiga monarquia, tantas cabeças coroadas se reuniram nas margens do Sena, e nunca a aristocracia francesa fora tão rica, nem tão brilhante como então. Os diamantes profusamente prodigalizados nos adornos, os bordados a ouro e prata dos uniformes contrastavam tão bem com a indigência republicana que *se tinha a impressão de ver as riquezas do globo a rolar nos salões de Paris*. Uma embriaguez geral como que se havia apoderado desse império de um dia. Todos os militares, sem exceção do chefe, gozavam como *parvenus*, dos tesouros conquistados por um milhão de homens de dragonas de lã, cujas exigências se satisfaziam com algumas varas de fita encarnada. Nessa época a maioria das mulheres ostentava essa liberdade de costumes (...) que assinalaram o reinado de Luís XV. (...) Ou fosse para imitar o tom da monarquia esboroadada, ou porque certos membros da família imperial tivessem dado o exemplo, (...), o que é certo é que, *homens e mulheres, todos se atiravam aos prazeres com uma intrepidez que fazia pressagiar o fim do mundo*. (...) As guerras sucessivas (...) expunham as paixões a desenlaces tão rápidos quanto as decisões do chefe supremo daqueles colbaques, daqueles dólãs e daqueles alamares que tanto agradavam ao belo sexo.(...) De um primeiro a um quinto boletim do Grande Exército, uma mulher podia ser sucessivamente amante, esposa, mãe e viúva. Seria a perspectiva de uma viuvez próxima, de uma dotação, ou a esperança de usar um nome destinado à História que tornaram os militares tão sedutores para as mulheres? (...) Um *dos traços dessa época única nos nossos anais, e que a caracteriza, foi uma paixão por tudo que brilhava*; jamais houve tanto fogo de artifício, jamais o brilhante alcançou tão alto valor. Os homens, com avidez igual às das mulheres, enfeitavam-se como estas, com aquelas pedrinhas transparentes.(...) Um homem, naquele tempo, não era tão ridículo como o seria hoje, quando o peito de sua camisa ou os seus dedos exibiam enormes brilhantes. (*A paz conjugal*, p. 401.)

Entre os aristocratas, pensava-se mesmo que pudessem readquirir ou tivessem readquirido o antigo domínio. No entanto, por trás desse brilho e desse aparente renascimento, estão se desenvolvendo outras tantas relações que minam esse projeto de “restauração”. Diferentes análises explicitam que a criação dessa nova aristocracia não corresponde, como à primeira vista pode parecer, a um fortalecimento da aristocracia antiga e sim à consolidação de uma nova forma social. Tocqueville é particularmente arguto com essas questões principalmente quando precisa as diferenças entre a antiga sociedade e a nova que está a emergir e indica a distância entre o que movia os reis do *Ancien Régime* a outorgarem títulos de nobreza e cargos honoríficos e o que visa Napoleão:

Sabe-se que um dos meios que os reis se serviram mais frequentemente na França para ter dinheiro foi a criação de *places* frequentemente inúteis que se pagava a preço de ouro. (...) Quase todos esses cargos eram comprados pela classe média, pela pequena nobreza, os enriquecidos de qualquer maneira. Assim, o número de cargos era tão grande ao fim do Antigo Regime, o gosto *surexcité* pelos reis tão geral como nos nossos dias; somente os efeitos deste gosto eram diferentes: *os cargos* assim criados *davam mais honra do que rendimento, e em lugar de diminuir a independência, a aumentava*, pois que eles eram em geral inamovíveis e não se transformavam, por outro lado, em dependência quanto ao poder central. *A Revolução e Bonaparte, não fizeram mais do que mudar a natureza do fato sem o criar, dirigir esse gosto para a servilidade sem o dar. Os cargos se tornaram os principais meios de distinção* no espírito da maior parte dos cidadãos: dados por nada, eles se tornaram, além disso, *a renda mais desejada pelas famílias*; tornados amovíveis, hierarquizados e encerrados no grande sistema de centralização, eles *colocaram todos cidadãos sob a mão do poder central e todos aqueles que os possuem na dependência quotidiana deste.* (Tocqueville/1980, p. 316, grifos nossos).

A recriação de uma nova “aristocracia” corresponde, na verdade, à necessidade de consolidação de uma nova classe dirigente e de uma nova forma político-social que acelera a dissolução da antiga forma. E o faz mediante múltiplos mecanismos, entre esses um aparato jurídico que afeta imediatamente às mulheres:

(...) Uma mulher elegante será mais ou menos condessa, condessa do Império ou de ontem, condessa de velha estirpe, ou, como dizem os italianos, condessa de polidez. *Mas quanto à grande dama, essa morreu com a sociedade grandiosa do século passado, com o pó, com as moscas, com as pantufas de salto alto, com os corpetes arqueados, guarnecidos com um delta de laçadas de fitas.* (...) Ainda estou por compreender como é que o soberano, que queria fazer varrer sua corte pelo cetim ou o veludo dos vestidos ducaís, não estabeleceu, para certas famílias, o direito de primogenitura por leis indestrutíveis. Napoleão não percebeu os efeitos desse Código de que tanto se orgulhava. Esse homem, ao criar suas duquesas, engendrava as nossas *femmes comme il faut* de hoje, produto mediato de sua legislação. (*Outro estudo de mulher*, p. 527/528.)

Tal argumento não diz respeito imediatamente ao fim da aristocracia como titulação nobiliárquica, mas quanto ao seu conteúdo de vida que já não guarda semelhança com o passado e quanto a uma nova forma jurídica que a dissolve. A condição da aristocracia feminina explícita que a questão em 1830 não é mais de reconstituição de uma aristocracia, mas a constatação de que essa fase já passou; parafraseando um texto bastante conhecido de Fourier,⁶ Balzac nos diz “*da transformação das sociedades pelo estado das mulheres*”, ou seja, a partir da condição das mulheres se tem uma possibilidade de leitura das transformações ocorridas na sociedade. Na sua perspectiva, a *femme comme il faut*, tal como o governo da Revolução de 30, é exatamente o meio termo, “nem completamente nobre, nem completamente burguesa”. O quadro traçado da sociedade francesa é de recomposição de relações que indicam o engendrar de uma nova ordem. A burguesia se firma enquanto poder político-social, se empenhando em dissolver a forma anterior sobre a qual se assentava o edifício social. Das barreiras que gradativamente se dissolvem, uma

⁶ A paráfrase refere-se a uma passagem em *Harmonia universal*, obra na qual Fourier advoga a necessidade da emancipação feminina: “Os progressos sociais e as mudanças de período se vêm em razão do progresso das mulheres em direção à liberdade, e os regressos em razão da diminuição da liberdade da mulher. (...) O aumento dos privilégios da mulher é um princípio geral de cada progresso social”. (Fourier, 1801/1979, p. 126.)

delas é precisamente a que constitui os privilégios, as distinções sociais:

Hoje, qualquer tipo que pode manter a cabeça acima do colarinho, cobrir seu amplo peito de homem com uma meia vara de cetim em forma de couraça, mostrar uma fronte onde brilha um talento apócrifo sob cabelos encaracolados, bambolear-se em cima de sapatos de verniz com meias de seda que custam seis francos, firma seu monóculo numa das arcadas orbitárias (...) e, se for praticante de advogado, filho de empreiteiro ou bastardo de banqueiro, encara impertinentemente a mais bela duquesa, avalia-a quando desce a escada de um teatro e diz a um amigo, que se veste na casa de Buisson, que nos veste a todos nós, e calça verniz como qualquer duque: *Aí está, meu caro, uma femme comme il faut.* (*Outro estudo de mulher*, pp. 528/529.)

Para essa dissolução de privilégios, o dinheiro é um poderoso instrumento: com ele, “qualquer tipo”, “praticante de advogado, filho de empreiteiro ou bastardo de banqueiro”, ou seja, um *parvenu* burguês, pode se vestir na casa “que nos veste a todos nós”, isto é, pode se portar como um aristocrata, pode incorporar e se apropriar de um estilo de vida que era exclusivo da aristocracia, pode assumir uma atitude igualitária com relação a uma pessoa de outra classe. Os signos que antigamente marcavam as diferenças de classe, no caso, a roupa, deixam de ter esse sentido e exprimem seja a possibilidade de acesso a uma outra esfera social, seja a existência mesmo de uma outra ordem social. É pela aparência exterior que “qualquer tipo” se dá o direito — e esse direito é socialmente reconhecido — de dirigir um comentário sobre uma aristocrata, de definir uma estética, de “eleger” entre as mulheres quem é uma *femme comme il faut*, quando ele mesmo se transveste socialmente em “*comme il faut*”. Toda sua atitude exprime um certo orgulho, uma certa “impertinência” (a um olhar aristocrático) a indicar a possibilidade de a burguesia ter, também, a sua “aristocracia” feminina. O tom do comentário do narrador, que não deixa de ter sua ironia, exprime um certo desalento e desagrado diante da situação, algo assim como: “Olha o ponto ao qual chegamos!”.

Esse tom é o que permite a Balzac introduzir uma outra argumentação que lhe é muito cara — a de que a aristocracia francesa, ao

contrário da inglesa, não soube manter o domínio da situação diante da pressão revolucionária da burguesia. A aristocracia inglesa, sob essa mesma pressão, se “aburguesou”, ou seja, ela abre mão de privilégios e permite a ascensão aos seus quadros de elementos burgueses, tese essa que é, também, brilhantemente desenvolvida por Tocqueville, em *A revolução e o antigo regime*, quando analisa por que a luta entre a aristocracia e a burguesia na França assume uma tal radicalidade, que à primeira vista a torna incompreensível, quando se compara com o processo que ocorreu na Inglaterra. Segundo Tocqueville, tal se deve à especificidade da constituição da aristocracia em um e outro país. Enquanto a aristocracia francesa fundava-se sobre o nascimento, na Inglaterra, bastava-se ter dinheiro para que se pudesse ter acesso às suas fileiras. Isto não só tornou menos aguda a luta pelo poder, como permitiu à aristocracia aliar-se à burguesia para manter o domínio político. Balzac retoma esse mesmo argumento e, assim, não é casual que seja desenvolvido por um *lord*: “Os senhores não o souberam — disse Lord Dudley — constituir um partido, daqui até a muito tempo não terão política. Os senhores falam muito na França em organizar o trabalho e ainda não organizaram a propriedade”. (*Outro estudo de mulher*, p. 538.)

Esse argumento exprime a impotência da aristocracia em se organizar como um partido capaz de direcionar as mudanças sociais. Na França, quanto mais a aristocracia vê questionados seus privilégios, mais se aferra a eles sem, contudo, alcançar reproduzi-los; na busca para manter ou reconstruir a antiga glória, ela abre mão da formulação de um projeto político próprio e se divide, segmentos dela se engajando, tal como quase toda sociedade nesse momento, em projetos de enriquecimento, absorvida por interesses imediatos, enquanto outros saem da liça.⁷

Também necessidades contrapostas são colocadas às classes: para a burguesia, quando se fala em “organizar o trabalho”, está implícito que isto requer uma radical transformação nas formas de propriedade; para a aristocracia, o essencial seria manter a sua forma de propriedade, para isso necessário “Constituir um partido”. Sombart,

⁷ Balzac, em *A duquesa de Langeais* (pp. 146/155), discute detalhadamente essas questões, numa passagem que ele chama de “relato semipolítico”.

na obra *Luxo e capitalismo*, ressalta que a grande propriedade é uma das importantes formas de riqueza sob o Antigo Regime e que em torno da qual se estruturava o poder feudal, o poder político da aristocracia. A grande propriedade era transmitida de gerações a gerações, regulada por formas jurídicas específicas, sendo o direito de primogenitura uma delas. A revogação do direito de primogenitura, inscrita no Código Civil (promulgado em 1804 é conhecido como Código Napoleônico). é um dos tantos golpes desferidos no que constituíam as relações sociais sob o Antigo Regime. É nesse sentido que Balzac analisa os efeitos da supressão do direito da primogenitura sobre a propriedade e, particularmente, sobre a condição da mulher:

Um duque qualquer (ainda havia, no tempo de Luís XVIII e de Carlos X, os que possuíam duzentos mil libras de renda, um palácio magnífico e uma criadagem suntuosa), esse duque podia viver como um grão-senhor. O último desses grão-senhores franceses é o príncipe de Talleyrand. Ele deixa quatro filhos, entre os quais duas mulheres. Admitindo-se muita sorte no modo por que os casou a todos, cada um desses herdeiros não dispõe senão de sessenta ou oitenta mil libras de renda. Hoje, cada um deles é pai ou mãe de vários filhos, e por consequência obrigado a viver num apartamento, no rés-do-chão ou no primeiro andar de uma casa, com a máxima economia; quem sabe mesmo se não anda em busca de uma fortuna? Acontece, portanto, que a mulher do primogênito, que só é duquesa no nome, não tem nem carruagem, nem criadagem, nem seu camarote, nem tempo disponível; não tem seus aposentos em seu palácio, nem sua fortuna, nem suas bugigangas; ela está enterrada no casamento como uma mulher da rua São Diniz no seu comércio; ela própria compra as meias dos seus queridos filhinhos, amamenta-os, e cuida das filhas, que não põe mais no convento. *As mais nobres das vossas mulheres tornaram-se assim estimáveis chocadeiras.* (*Outro estudo de mulher*, pp. 528/529, grifos nossos).

A revogação do direito de primogenitura implica uma divisão dos bens dos pais entre todos os filhos: perante o código, todos são iguais. Uma nova família tão rica como a de seus pais que se estruturaria em torno do filho primogênito, o que garantiria a continuidade da “família” no sentido feudal, cede lugar a várias famílias com igual nível de riqueza, ou seja, todas igualmente empobrecidas.

Esse um processo cuja tendência é dissolver as barreiras que separavam anteriormente as classes, a nivelar as condições de vida, a questionar antigos valores e costumes, a ampliar o empobrecimento (em termos de conteúdos e valores de vida) e a propiciar maior mobilidade social. Assim, um conjunto de relações — que não dizem respeito às relações estritamente pessoais — leva a que as mulheres sejam gradativamente excluídas do âmbito público, tornando-se “estimáveis chocadeiras”. Chamamos a atenção, também, como nessa passagem Balzac contrapõe/enfatiza o que fora a condição de existência das mulheres aristocratas (possuidora de distinções, criadagem, tempo para si, fortuna, etc.) e como se está conformando uma nova condição. Também estabelece um paralelo com a condição de mulheres de outras classes; tal como para a aristocrata, é limitada a condição das mulheres burguesas (ou pequeno-burguesas), “enterradas no seu comércio”.

Essas mesmas questões são, também, abordadas por Tocqueville ao comentar um livro de um autor inglês (M. Bulwer) que escreve sobre a sociedade francesa nesse momento:

Não há franceses que não sorriam vendo a grande importância política que M. B. atribui galantemente às mulheres de nossos dias. Um exame mais aprofundado o levaria a ver que esta influência, que se pode agora reencontrar a marca aqui e ali nas pequenas questões, não se reencontra mais nas grandes e que ela diminui continuamente, à medida que os próprios homens são absorvidos de uma maneira prática pelas questões sérias da vida, e que mulheres, por essa causa e ainda por causa da mediocridade das fortunas, são forçadas a se concentrar no seu lar. (Tocqueville/1954, p. 322.)

Oportuno fazer um parênteses para indicar como essa crítica enriquece e complementa outros estudos que indicam como, nesse período, bandeiras de luta que constituíram os pressupostos ideológicos da Revolução de 1789 acabam sendo gradativamente questionadas. Nos referimos, em particular, às reivindicações de liberdade, de igualdade de direitos entre os sexos, de universalização do direito à cidadania, de igualdade de oportunidade de educação, etc... O que para nós torna complexo analisar esse processo é entender como e por que, num determinado momento, a sociedade estabelece pressu-

postos que a impulsionam numa determinada direção, que a levam a romper decisivamente com uma forma de vida e, num momento subsequente, abandona tais pressupostos, sem que esse abandono represente, contudo, uma volta à forma anterior de vida. Essa dificuldade nossa é a mesma com que se defrontam pesquisadores desse período.⁸ A reflexão de Tocqueville sobre esse aparente contra-senso — quando assinala a quase total adesão da sociedade ao governo napoleônico, um governo ao qual não se pode imediatamente dizer que tenha sido uma continuidade dos princípios revolucionários — é importante por explicitar qual o móvel da ação transformadora:

(...) Quando vemos com que facilidade os franceses concordaram, no curso desta grande Revolução, com um governo despótico, que não representasse nem o antigo regime nem a igualdade, fácil é perceber que *o objetivo real da Revolução fora menos uma forma de governo do que uma forma social, menos a conquista de direitos políticos do que a destruição de privilégios.* (Tocqueville, 1980, p. 335, grifos nossos).

O processo de destruir privilégios é, ao mesmo tempo, o processo de constituir e preservar uma nova “forma social”. Tanto parece ser essa a questão que, a um primeiro exame, vemos suceder na cena social diferentes formas de governos após 1789 — República, Diretório, Império, duas monarquias sob a Restauração, e a “monarquia” de 1830 — sem que se constituam uma reprodução do poder sob o Antigo Regime ou coloquem em xeque a nova ordem. Se tomarmos, por exemplo, a questão dos direitos políticos; no decorrer da Revolução francesa, embora formuladas por ideólogos e mulheres, as reivindicações de universalização do direito ao voto e de igualdade de direitos políticos entre homens e mulheres não se efetivaram. Em 1794, as mulheres foram consideradas subordinadas aos homens e, tal como os empregados domésticos, excluídas do direito de voto; gradativamente outros extratos sociais são igualmente excluídos. Assim, em 1830, a composição do colégio eleitoral francês

⁸ Ver a respeito, entre outros: Furet e Ozouf, 1988; Sledziewski, 1989; Perrot, 1987; Du Broc, 1895; Riot-Sarcey, 1988; Varikas, 1987; Fraisse e Perrot, 1991.

era bastante complexa, existindo vários entraves a que o sufrágio tivesse um caráter universal.⁹

Essa ordem, ao desenvolver-se, cria tantos novos interesses e novos hábitos que leva os próprios aristocratas, “absorvidos de uma maneira prática pelas questões sérias da vida”, a insensivelmente abrirem mão de um projeto próprio de gestão social. Podemos dizer que grande parte da obra de Balzac expressa as ambigüidades dessa adesão de toda uma sociedade a uma nova forma social, forma essa denotativa da dissolução da velha ordem. Sob essa perspectiva a condição das mulheres é um signo e um símbolo:

Não há mais no nosso tempo essas belas flores femininas que ornaram os grandes séculos da monarquia francesa. *Está partido o leque da grande dama*. A mulher não tem mais por que corar, maldizer, sussurrar, esconder-se, mostrar-se. O leque serve-lhe apenas para se abanar. Quando uma coisa é apenas o que é, torna-se demasiado útil para fazer parte do luxo. (*Outro estudo de mulher*, p. 530).

O luxo, a galanteria, a etiqueta, etc. são indícios do grau de civilização alcançado pela sociedade francesa, principalmente sob o Antigo Regime. Diante desse grau civilizatório, a situação das mulheres, no século XIX, parece de indigência aos seus contemporâneos aristocratas. Essa “indigência” manifesta-se, sobretudo, em nível político:

Tudo em França tornou-se cúmplice da *femme comme il faut* (...). A aristocracia consentiu nisso com sua retirada para os confins de suas propriedades rurais, onde foi esconder-se para morrer, emigrando para o interior diante das idéias como antigamente para o estrangeiro diante das massas populares. As mulheres que podiam fundar salões europeus, dirigir a opinião, revirá-la como a uma luva, dominando o mundo pelo domínio dos homens de arte e de pensamento que deviam dominar aquele, cometeram o erro de abandonar a liça, envergonhadas por terem de lutar com uma burguesia embriagada de poder e surgindo na cena do mun-

⁹ Ver, sobretudo, Furet e Ozouf, 1989, cap. 4.

do para, talvez, fazer-se picar em pedaços pelos bárbaros que lhe vão no encalço. Por isso, onde os burgueses querem ver princesas, nada mais vemos do que jovens *femmes comme il faut*. (*Idem*, p. 530).

Importante a indicação de questões relativas à participação política feminina. Primeiramente relaciona a perda do poder político da aristocracia a uma perda do poder político da mulher, tanto num sentido amplo quanto estrito. Em muitas obras Balzac refere-se a segmentos da aristocracia que permaneceram imbuídos de um “realismo ininteligente” (*Ilusões perdidas*, p. 53) aferrados a preconceitos, presos a valores do *Ancien Régime*, que “se lembravam eternamente de terem sido batidos e roubados, que desde então permaneceram mudos, econômicos, odientos, sem energia, (...) incapazes de abjurações e sacrifícios” (*Um caso tenebroso*, p. 82). Enfim, uma aristocracia insatisfeita, relativamente empobrecida e conformista. “Isto já não é mais ter opinião, e sim teimosia. *A ação é a essência dos partidos*” (*Idem*, p. 82). Porque não age e/ou quando o faz é num sentido de adesão que, a seu ver, a aristocracia acaba por compactuar com a política burguesa, da qual as mulheres foram praticamente alijadas. Para Fraisse e Perrot (1991), o afastamento das mulheres do cenário político no século XIX é denotativo das diferenças entre o poder político feudal e o poder político burguês. Sob o Antigo Regime, o poder pressupunha uma hierarquia a qual não excluía o direito do privilégio; isso significa que, se às mulheres em geral não era admitido o acesso ao cenário político, a algumas mulheres (as aristocratas) era socialmente reconhecido esse privilégio. Já sob o regime democrático burguês, que se funda sobre o princípio da igualdade, pressupõe-se que o que é válido para um, o é para todos, e “mais vale não conferir um direito a umas, do que outorgá-lo virtualmente a todas” (Fraisse e Perrot, 1991, p. 15). A nosso ver, esses argumentos, apesar de interessantes, não dão conta da complexidade dessa questão. Apresentamos anteriormente outros elementos que indicam como o conjunto da sociedade se dirige e adere a uma nova forma social e esse movimento implica em abrir mão muitas vezes do que se constituiu o motor da ação revolucionária. Diríamos também que Balzac explicita qual poderia e/ou deveria ser o papel das mulheres no cenário político: “Dirigir a opinião,

revirá-la como a uma luva, dominando o mundo pelo domínio dos homens de arte e de pensamento que deviam dominar aquele”. É um papel essencialmente intelectual, de condução ideológica e que busca resgatar o espaço que tinham as mulheres no Antigo Regime: formadoras e dirigentes de opinião; não aprofundaremos agora essas questões; contudo, gostaríamos de apontar que a análise de Balzac comporta dois momentos: a explicitação da defesa de uma posição e a constatação de que na realidade se configura um quadro de perda de poder social:

Hoje os príncipes têm esposas *comme il faut* que são obrigadas a pagar seus camarotes em sociedade com amigas, e que o favor real não poderia engrandecer de uma linha que fosse: *que se esgueiram sem brilho entre as águas da burguesia e as da nobreza, nem completamente nobres, nem completamente burguesas* — disse amargamente a Marquesa de Rochefide. (*Outro estudo de mulher*, p. 530, grifos nossos.)

As questões são acentuadas; a condição da atual aristocracia feminina expressa um novo reordenamento das relações entre as classes, as quais se movem num terreno indiferenciado, perdendo o que as caracterizavam no passado. Não é só a aristocrata que deixa de o ser; também a burguesa já não é mais a mesma. O que se delineia é uma situação de recomposição de relações, para a qual é indiferente a origem de classe; e não só isso, essa recomposição é reveladora, também, da perda da “magnificência do estado social”, magnificência esta que se expressava inclusive nos costumes:

Essa mulher, saída das fileiras da nobreza, ou erguida da burguesia, vinda de qualquer parte, mesmo da província, *é a expressão do tempo atual, uma última imagem do bom gosto, do espírito, da graça e da distinção reunidas, mas diminuídas*. Não veremos mais grandes damas em França, mas durante muito tempo haverá *femme comme il faut*, mandadas pela opinião pública a uma alta câmara feminina, e que serão para o belo sexo o que é o *gentleman* na Inglaterra (*Idem*, p. 530).

Um comentário de Tocqueville esclarece o sentido da ironia sobre a expressão *gentleman*:

Na Inglaterra, um nome ilustre é uma grande vantagem que dá um grande orgulho a quem o possui, mas, em geral, se pode dizer que a aristocracia se funda sobre a riqueza, coisa adquirível, e não sobre o nascimento que não o é. Disto resulta que se vê claramente onde a aristocracia começa, mas é impossível dizer onde ela acaba. (...) A diferença entre a França e a Inglaterra, sobre essa questão, ganha realce quando se examina uma única palavra. *Gentleman* e *gentilhomme* têm evidentemente a mesma origem. Mas *gentleman* se aplica na Inglaterra a todo homem bem educado, qualquer que seja a sua origem, enquanto na França *gentilhomme* refere-se apenas a um nobre de nascença. O significado dessas duas palavras, que têm uma origem comum, tornou-se tão diferente por causa da situação social de ambos os povos, que hoje elas são absolutamente intraduzíveis, a menos que se empregue uma perífrase. Esta observação gramatical diz mais do que longas considerações (Tocqueville/1982, p. 108).

A mobilidade social que se dá no momento pode nos induzir a uma apreensão de que as mulheres de outras classes ao ascenderem ocupam o mesmo papel que antes era ocupado pelas aristocratas na cena social. A análise de Balzac demonstra o contrário. A própria cena já não é mais a mesma; não ocorre um simples remanejamento social, ou seja, elas não assumem os mesmos papéis que anteriormente desempenhavam as aristocratas na cena social, mas se inserem em condições que provocam indignação entre as mulheres da atual aristocracia:

E chamam a isso progresso! — disse a Srta. des Touches. — Bem quisera eu saber onde está esse progresso. — Ah! Aqui está ele — disse a Sra. de Nucingen. — Antigamente uma mulher podia ter uma voz de peixeira, um caminhar de granadeiro, uma frente de cortesã audaciosa, com os cabelos eriçados para trás, o pé grande, a mão grossa, e mesmo assim era uma grande dama; mas hoje, fosse tal mulher uma Montmorency, (...) não seria uma *femme comme il faut* (Outro estudo de mulher, pp. 530/531).

Balzac acentua as diferenças; a aristocrata do Antigo Regime tinha reconhecido o seu *status*; a origem de classe, um nome era suficiente; já para ser uma nova aristocrata é preciso preencher tantos sutis requisitos que se torna difícil saber quem ela é. Nesse sen-

tido acompanhar a conversa que define o que é a *femme comme il faut*, além de nos explicitar alguns costumes femininos e masculinos de uma época, nos permite, também, começar a apreender o que para Balzac são *tipos* sociais. Falar da *femme comme il faut*, não é falar de uma mulher em particular ou da “mulher” em geral, mas de um conjunto específico de mulheres.

Nos permitimos um parêntese. Para Balzac, na sociedade moderna, o nivelamento das condições sociais implica uma tipificação das individualidades. Os indivíduos, nas suas tentativas de se diferenciarem num todo indiferenciado, acabam por adotarem comportamentos, valores e costumes comuns, o que lhes dá características de “tipos”. Tais “tipos” não são exclusivamente esquematizações aleatórias ou criações literárias, como às vezes são interpretados, mas individualidades tipificadas (*individualités typisés*) que comportam características comuns que transcendem simplesmente o individual. Balzac estabelece diferenças entre *individualités typisés* e *types individualisés*, remetendo à categorização das diferentes partes d’*A comédia humana*: “Dessa forma, nos *Estudos de costumes* são as *individualités typisés*; nos *Estudos filosóficos* são os *types individualisés*. Dessa forma, em todos os sentidos eu terei dado a vida — ao tipo, ao individualizá-lo, ao indivíduo ao tipificá-lo.” (*Lettres a Madame Hanska*, Tomo I, p. 270.)

Os tipos, também chamados por Balzac de “espécies sociais” se estruturam “segundo os meios em que se desenvolve a sua ação”; (Prefácio, p. 647) e, assim, ao se propor a analisar o mundo social, considera os influxos dos diferentes meios sobre os indivíduos: a vida privada, a vida na província, a vida em Paris, etc. Indicaríamos como essas suas reflexões se inscrevem numa perspectiva ampla de pensar o próprio trabalho, nos remetendo novamente à estrutura mais geral d’*A comédia humana*: sua forma tripartite — *Estudos de costumes*, *Estudos analíticos*, *Estudos filosóficos*; os *Estudos de costumes*, por sua vez, se subdividem em Cenas da vida privada, da Vida parisiense, da Vida política, da Vida militar, da Vida de província, da Vida rural. Indicaríamos, também, como está implícita na sua análise o considerar e priorizar as relações entre os gêneros, pois a análise desses diferentes meios que conformam os indivíduos e conformam hierarquias nas relações entre os indivíduos, segundo ele, não é a mesma quando se a considera do ponto de vista dos sexos:

“Na Sociedade, a mulher não se limita a sempre ser a fêmea do macho” (*Idem*, p. 11) e “o leão não engendrou a leoa” (*Alberto Savarus*, p. 755). Daí sua premissa da necessidade de se incorporar a variável *sexo* na análise das “*espécies sociais*”: “A descrição dessas espécies sociais era, pois, pelo menos o dobro da das espécies animais, não se considerando senão os dois sexos (...)” (Prefácio, p. 11). Em decorrência dessa premissa irá contrapor aos tipos femininos os masculinos — ao “leão”, uma “leoa”,¹⁰ a um “homem da moda”, uma “mulher da moda”, etc.

Tal como não existe uma única “espécie social”, não existe, igualmente, um tipo único de mulher do que decorre que não se pode falar de “mulher” em geral. Os tipos femininos mantêm referência a sua inserção social. Mudam, portanto, de acordo com as circunstâncias. A partir de sua análise poderíamos depreender que se a sociedade “molda” o indivíduo, não o molda numa única “forma”. As “formas” são complexos relacionais e têm por referência determinadas conjunturas sociais, que se modificam sob o influxo das ações individuais. Nesse sentido não há uma conotação estritamente psicologizante nos tipos, ou seja, estes não se definem unicamente por suas características de personalidade, por traços de caracteres, etc.; essas *individualités typisés* só podem ser compreendidas num contexto relacional; e, nesse sentido, não têm universalidade. Uma *femme comme il faut* é, como o próprio Balzac o diz, a expressão de um dado momento histórico: “Cada revolução tem seu termo, termo em que ela se resume e que a retrata” (*Outro estudo de mulher*, p. 531). Vejamos outro exemplo: a “mulher Império”; uma das personagens que dá vida a esse “tipo” é Rose Chapotel (*O coronel Chabert*); prostituta, durante o Império casa-se com um conde, general do exército napoleônico, tornando-se nobre e rica; o marido vai para a guerra e é dado por morto; presumidamente viúva, casa-se novamente com um nobre, tornando-se Condessa Ferraud; em 1830 ela é uma *femme comme il faut*. A mobilidade que se dá entre as

¹⁰ “(...) leoa... Esta palavra exige uma explicação. É o neologismo da moda, corresponde a algumas idéias, muito pobres, aliás, da sociedade atual; é mister empregá-lo para nos fazermos compreender quando queremos aludir a uma senhora na moda. *Pequenas misérias da vida conjugal*, p. 643.

classes, as transformações sociais explicam os diferentes papéis que ela assume na vida social.

Pensamos que esses poucos exemplos, e n' *A comédia humana* eles são inúmeros, são suficientes para se dimensionar como é problemático o argumento da “universalidade” de Balzac. Universalidade no sentido de que suas personagens são eternas. A análise referente às mulheres nos indicam que não existe um “eterno feminino”, não existe uma feminilidade que se expressa da mesma forma, nem os tipos têm caracteres universais. Se é que se pode falar de universalidade, é quanto ao caráter que estão assumindo as transformações na França. Fecha-se esse longo parênteses.

Voltemos ao nosso sarau, busquemos entender o que ocorre; os participantes se impacientam, porque até esse momento não sabem o que é a *femme comme il faut*. Blondet, um jornalista, é que se encarrega de dizê-lo claramente; toda sua descrição é deliciosa; não só ele fala de suas roupas, maneiras, costumes, etc., como os contrapõe aos costumes e maneiras das mulheres burguesas. Sem pretender furtar a ninguém o prazer dessa leitura, nos permitimos acompanhar algumas passagens dessa sua descrição:

Por uma bela manhã o senhor flana pelas ruas de Paris. Já passa das duas, mas ainda não são cinco horas. Vê uma mulher encaminhar-se para o seu lado; o primeiro olhar que o senhor lhe dirige é como que o prefácio de um belo livro, faz-lhe pressentir um mundo de coisas elegantes e finas. Como um botânico que vai para montes e vales herborizando, por entre as vulgaridades parisienses o senhor acaba encontrando uma *rara flor* (*Outro estudo de mulher*, p. 531).

Assinalaríamos que a forma como é delineada essa mulher tem um caráter de exterioridade, de um certo distanciamento e um apelo visual. “Herborizando”, “flanando”, se entregando à “gastronomia dos olhos” é que se depara com uma *raridade* toda feita de *nuanças*:

(...). Seu vestido não tem cores berrantes, suas meias não são transparentes, nem a fivela de seu cinto tem demasiados labores, nem tampouco traz calças de extremidades bordadas revolteando à roda dos tornozelos. (...) *Uma fazenda bonita e de preço medíocre chama a sua atenção para o vestido*, cujo corte surpreende

mais de uma burguesa; é quase sempre um casaco preso por laços rematados por um cordão ou filete imperceptível. *A desconhecida tem um modo todo seu de se envolver num xale ou numa manta*; sabe dispô-lo dos quadris ao pescoço, desenhando uma espécie de carapaça que transformaria uma burguesa em tartaruga, mas sob a qual ela deixa adivinhar as mais belas formas, embora velando-as. Por que meio? Esse segredo ela o guarda sem ser protegida por nenhuma patente de invenção. (...) Verá em seus braços, no busto, à roda do pescoço, *uma ciência de pregas que dispõe com arte a mais rebelde fazenda*, de modo a lembrar-lhe a Mnenósine antiga. Ah! como ela compreende, permita-me a expressão, o “corte do andar”. Examine bem esse modo de avançar o pé, moldando o vestido com uma tão decente precisão, que excita nos passantes uma admiração mesclada de desejo, mas re-freado com um profundo respeito. (...) *O chapéu, de uma simplicidade notável, tem fitas novas*. Talvez tenha flores, mas as mais hábeis de entre essas mulheres têm apenas laço. *A pluma exige carruagem, as flores chamam muito a atenção*. Sob essa prenda poderá ver o rosto fresco e repousado de uma mulher segura de si mesmo, sem fatuidade, que para nada olha e tudo vê, cuja vaidade, embotada por uma contínua satisfação, espalha por sua fisionomia uma indiferença que provoca a curiosidade. *Ela sabe que a estudam, sabe que quase todos, mesmo as mulheres, se voltam para tornar a vê-la*. Por isso ela atravessa Paris branca e pura como uma filandra. Essa bela espécie prefere as latitudes mais tépidas, as longitudes mais próprias de Paris; (...) Jamais encontrará essa linda variedade de mulher nas regiões hiperbóreas da Rua São Diniz, jamais nas *Kamtchatkas* das ruas lamacentas pequenas ou comerciais (...) (*Outro estudo de mulher*, pp. 532/533, gritos nossos).

Todos os detalhes nos mostram os sutis indícios de um empobrecimento camuflado, nuançado e, ao mesmo tempo, indícios de uma superioridade — a fazenda é medíocre, mas o corte é especial; o chapéu não tem plumas, pois essas exigem carruagens, mas tem fitas novas (um detalhe pouco custoso, mas de efeito), etc... Diz-se que quem foi rei nunca perde a majestade. O que pode ter de verdadeiro nessa frase se aplica à *femme comme il faut*; o que Balzac nos induz a pensar como os personagens sociais não abandonam com facilidade sua forma anterior de vida; mesmo transformada suas con-

dições de vida buscam manter o que ainda os caracterizavam no passado. Se antes eram inerentes e facilmente reconhecíveis as diferenças sociais, agora tais diferenças têm que ser (e podem ser) produzidas; cria-se a necessidade de produzir as diferenças sociais e ao mesmo tempo dá-se a possibilidade de produzi-las. Esse um dado novo na cena social; se antes ser aristocrata era algo inerente ao “sangue”, algo considerado natural, nessas condições é difícil, senão impossível, a possibilidade de acesso às suas fileiras de indivíduos de outras classes; na medida em que a aristocracia, para continuar a sê-lo, tem que passar e pode passar por uma produção, ampliam-se as possibilidades de ascensão à “aristocracia” para mulheres e homens de outras classes. Uma outra questão que gostaríamos de indicar é como num processo de recomposição de relações sociais, os costumes, valores, etc. de uma classe que foi dominante, mesmo em processo de dissolução, não desaparecem simplesmente;¹¹ eles se modificam, se transformam, mas ainda se mantêm como paradigmáticos em certas esferas sociais e se tornam objeto de “estudo” e imitação:

As mulheres que verá mais tarde, tendo um pouco o ar daquelas, tentando imitá-las, são femme comme il en faut;¹² ao passo que a bela desconhecida (...) é a femme comme il faut. Para o estrangeiro, (...) não é fácil reconhecer as diferenças pelas quais os observadores eméritos as distinguem (...), mas para os olhos de um parisiense são evidentes; ora são colchetes mal dissimulados, ora cordéis que deixam ver seu entrelaçamento de um branco ruço nas costas do vestido, por uma fenda entreaberta, ou sapatos arranhados, fitas de chapéu passadas a ferro, um vestido muito rodado, um porte muito rígido. Notará uma espécie de esforço no modo premeditado de baixar as pálpebras. Há afetação na atitude.” (Outro estudo de mulher, p. 533, grifos nossos).

¹¹ Mme. de Girardim, discutindo a persistência e a imitação de costumes aristocráticos nos salões burgueses em 1837, comenta, ironicamente, sobre um baile em que havia “mais de quarenta Mmes. Pompadours”. Girardim: 1989.

¹² *Femme comme il en faut*: “mulheres como deve haver”, diferentes das *femmes comme il faut*, “mulheres como devem ser”. (N. do T.)

Uma “espécie de esforço”, uma certa rigidez, diz da dificuldade de se “aprender” a ser o que não se é. Os detalhes, as sutilezas são pistas e códigos para decifração de comportamentos e de *status*, acessíveis apenas aos iniciados. Entre aristocratas as suas maneiras são “naturais”; para os que não o são há a estranheza, o indefinível; sabem que algo diferente lhes é colocado e buscam apreender o que é, pois sabem ser uma qualidade construída, artificial, produzida. O que se coloca em jogo é apreender como se construir essa “naturalidade”, como reproduzi-la. São tão sutis as diferenças que só mesmo acentuando outros gestos é que elas ganham destaque:

Quanto à burguesa, é impossível confundi-la com a *femme comme il faut*; ela faz aquela sobressair admiravelmente, explica a sedução com que a desconhecida o envolveu. A burguesa está sempre apressada, sai, faça o tempo que fizer, trota, vai, vem, olha, não sabe se entrará ou se não entrará numa loja. Naquilo em que a *femme comme il faut* sabe exatamente o que quer e o que faz, a burguesa fica indecisa, arrepanha o vestido para atravessar um filete de água, arrasta com ela um filho que a obriga a observar os carros; *é a mãe em público* e conversa com a filha; *tem dinheiro na sua bolsa* e usa meias transparentes; no inverno usa um boá por cima do casaco de peles, do xale, e um agasalho no verão; a burguesa *é mestra em pleonasmos de toilette*.” (*Outro estudo de mulher*, p. 534, grifos nossos).

O acentuar essas características mostra que algo diferente ocorre com outras mulheres; se seus comportamentos e aparência não têm a mesma *finesse* das aristocratas, expressam contudo mais riqueza; até os “pleonasmos em matéria de *toilette*”, ainda que passíveis de serem vistos como de mau gosto, revelam que se leva “dinheiro na sua bolsa”. Mas as diferenças não ficam só nisso:

Ninguém como a *femme comme il faut* para se achar à vontade na sua *toilette*; nada a constrange. Jamais será surpreendida, como a burguesa, a sungar uma ombreira recalcitrante, a fazer baixar uma barbatana insubordinada do espartilho, a olhar se o corpete está cumprindo seu ofício de guardião infiel dos dois tesouros deslumbrantes de alvura, a se olhar no espelho para ver se o penteado se mantém nas suas posições. Sua *toilette* está sempre em harmonia com o seu caráter; *ela teve tempo de estudar-se, de*

escolher o que lhe senta, porque conhece de há muito o que não lhe senta (Idem, p. 534, grifos nossos).

O “tempo para estudar-se” não é só o tempo histórico da tradição de uma classe, mas, também, o tempo que lhe dá a liberação do trabalho. Explicitemos melhor nosso raciocínio, por meio do trecho em *César Birotteau*, quando Balzac apresenta uma cena de um baile, no qual participam mulheres de diferentes esferas sociais:

É mais difícil explicar a diferença que separa a alta sociedade da burguesia do que a burguesia conseguir desfazê-la. Essas mulheres, que se sentiam constrangidas dentro dos vestuários, sabiam que estavam endomingadas e exibiam ingenuamente uma alegria que demonstrava que os bailes eram uma raridade na sua *existência atarefada*, ao passo que as três mulheres que representavam, cada uma, uma esfera social, mostravam-se da mesma forma como estariam no dia seguinte, não pareciam ter-se vestido expressamente para aquilo, não se admiravam nas insólitas maravilhas dos seus enfeites nem se preocupavam com a impressão que causavam; tudo ficara terminado no momento em que, diante do espelho, haviam dado o último retoque na arrumação para o baile; seus rostos não revelavam nada de forçado, dançavam com a graça e a despreocupação que gênios ignorados deram a algumas estátuas antigas. *As outras, pelo contrário assinaladas pelo estigma do trabalho, conservavam suas atitudes triviais e divertiam-se em excesso*; seus olhares eram inconsideravelmente curiosos, sua voz não conservava esse leve murmúrio que dá às palestras dos bailes um inimitável tom excitante; faltavam-lhes, principalmente, essa impertinente seriedade que mantém em germe o epigrama e essa tranqüila atitude pela qual se reconhecem as pessoas habituadas a manter um grande domínio sobre si mesmas. (...). (César Birotteau, p. 441, grifos nossos).

Essa liberdade com relação ao “estigma do trabalho”, não só permite à aristocrata “estudar-se”, como também estudar. A aristocrata, ainda que uma *femme comme il faut*, tem essa oportunidade, seja pela vivência social que lhe dá possibilidades de acesso à informação, seja por uma formação intelectual relativamente cuidada. Várias análises que indicam como a vida intelectual francesa à época estava estritamente ligada à vida em sociedade. Mme. de Stael,

na obra *De L'Allemagne*, comparando o ambiente intelectual francês e alemão, acentua ironicamente como o famoso “espírito” francês, se desenvolve, se difunde, principalmente, nos *salons*. Dessa forma, tanto homens como mulheres, mesmo que de forma superficial, têm mais informações, mais originalidade nas idéias, do que muitos (no caso os alemães) que se dedicam a longos e penosos estudos e que não têm uma vida social intensa. Com relação à educação, as aristocratas quando crianças e adolescentes eram educadas em colégios, pensionatos particulares, algumas vezes em conventos ou por preceptores. Essa educação em que se privilegiava o ensino de história, literatura clássica, enfim, o “ensino das humanidades”, era complementada por estudos de línguas estrangeiras, artes plásticas, dança, etc... A época era muito difundido o hábito da leitura entre as mulheres. Em fins do Séc. XVIII, torna-se comum, entre a alta burguesia, encaminhar as filhas para uma educação nos moldes aristocráticos (o que é um dos elementos a explicar a possibilidade de as burguesas poderem se tornar *femme comme il faut*). Por esses motivos a *femme comme il faut* tem requinte, “espírito” e bom gosto (“em França, ter bom gosto é ter mais do que espírito”, salientará um dos personagens) e sabe, sobretudo, conversar. É interessante indicar que o saber conversar, a célebre *causerie française*, que caminha lado a lado com a *coquetterie*, desde as primeiras cortes foi se constituindo como um valor cultural e, como tal, cultivado, chegando mesmo a ser considerado uma arte; nesse processo, são particularmente as aristocratas que se “especializam”.¹³

Todas essas possibilidades de autodesenvolvimento não são dadas à burguesa que não pertença às altas rodas. A sua vida se passa entre a casa e o trabalho (e o local de trabalho é quase sempre na própria casa), num ambiente restrito. A sua educação, vincula-se, também, a esse cotidiano:

¹³ Sob a Monarquia de Julho, aparecem várias artigos na imprensa, em geral escritos por mulheres (Mme. de Girardin, Sophie Gay) e mesmo obras (entre essas um *Dictionnaire de la Conversation*, em 52 volumes (!) visando a resgatar essa cultura, que se percebe ameaçada. Ver a respeito, entre outros: Stael, 1968; Goncourt, 1895; Sombart, 1979; Fortassier, 1973; Dulong, 1991.

Educadas para o comércio, habituadas a só ouvir raciocínios e cálculos tristemente mercantis, não tendo estudado mais do que gramática, escrituração, um pouco de história judaica, a história da França em *Le Ragois*, e lendo somente os autores cuja leitura lhes era permitida pela mãe, suas idéias não tinham adquirido grande descortino; conheciam perfeitamente os arranjos domésticos, sabiam o preço das coisas, avaliavam as dificuldades que há em juntar dinheiro, eram econômicas, e tinham grande respeito às qualidades do negociante. Apesar da fortuna do pai, eram tão hábeis em cerzir como em remendar; seguidamente a mãe falava em ensinar-lhes a cozinhar, a fim de que soubessem determinar um jantar e repreender a cozinheira com conhecimento de causa. Ignorando os prazeres sociais e vendo como se escoava a vida exemplar dos pais, bem raramente deixavam ir o olhar além do recinto da velha casa patrimonial, que para a mãe delas era todo o universo. (*Ao Chat-qui-pelote*, p. 92).

São essas condições de vida e de educação que levam a mulher burguesa a ter pouco traquejo social, a ostentar em público a sua condição de neófito, demonstrando uma certa espontaneidade nos gestos. É assim que a sua conversa é pautada pelo cotidiano, ela é “mãe em público”, ela não domina as diferenças, as nuances entre o espaço público e o espaço privado:

O senhor não conversa uma meia hora com uma burguesa sem que ela ponha o marido em cena, sob um pretexto qualquer, (...) mas se o senhor sabe que a *femme comme il faut* com quem está conversando é casada, ela terá tido a delicadeza de dissimular tão bem o marido, que o amigo terá um trabalho de Cristóvão Colombo para descobri-lo (*Outro estudo de mulher*, p. 536).

Já a *femme comme il faut* tem demarcados os códigos que estabelecem o que é público e o que é privado. Gradativamente, Balzac nos convida a entrar nesse seu mundo privado:

Uma *femme comme il faut* em sua casa nunca é visível antes das quatro horas, quando recebe. (...) Em casa dela tudo parecerá ao senhor de bom gosto; o luxo é contínuo e se renova oportunamente; não verá nada sob cúpula de vidro nem os retalhos de nenhum envoltório suspenso como um guarda-comida. (...) As

valiosas bagatelas de moda são expostas, mas sem pretensões a museu nem a loja de curiosidades. (...) Sua palestra não será mais a do baile. Lá ela era nossa credora, em sua casa seu espírito deve-nos prazeres. Essas *nuanças*, a *femme comme il faut* possui-as de modo maravilhoso. Ela aprecia no senhor um homem que vai engrossar sua roda (...) Por isso, para fixá-lo em seu salão ela será de um coquetismo encantador. *Por aí sentirá sobretudo quanto as mulheres, hoje, estão isoladas*, razão pela qual querem ter um pequeno círculo a que servem de constelação. (*Idem*, p. 536.)

Se em público sua aparência demonstra sinais ambíguos de “esplendores e misérias”, da mesma forma, no seu espaço privado esta mesma ambigüidade se mantém; o ambiente é de luxo mas numa escala pequena; seu aparente domínio social encobre o seu real isolamento. A fragilidade de sua situação ela o expressa, também, nas idéias:

(...) o espírito da *femme comme il faut*, (...), consiste em duvidar de tudo, como o da burguesa lhe serve para afirmar tudo. É nisso que está a grande diferença entre essas duas mulheres: a burguesa, indiscutivelmente, é virtuosa; a *femme comme il faut* não sabe se ainda o é, ou se o será sempre; ela hesita e resiste nas situações em que a outra recusa peremptoriamente para cair de chofre. Essa hesitação em tudo é uma das últimas graças que nossa terrível época lhe deixa. Raramente vai à Igreja, mas falará sobre religião e procurará convertê-lo se o senhor tiver o bom gosto de se fazer de espírito forte, porquanto, assim, abrirá uma saída para as frases estereotipadas (...): — “Ah! que horror! A sociedade se esboroa e o senhor quer tirar-lhe seu sustentáculo. Mas a religião, nesse momento, é o senhor, sou eu, é a propriedade, é o futuro de nossos filhos! Ah! não sejamos egoístas. O individualismo é a doença de nossa época e a religião é o seu único remédio, ela une as famílias que as vossas leis desunem, etc.” Inicia então um discurso neocristão polvilhado de idéias políticas, que não é nem católico nem protestante, mas moral, oh! diabolicamente moral, no qual *o senhor reconhecerá um pedaço de cada pano tecido pelas doutrinas modernas que se digladiam*. Tudo isso (...) *lhe demonstrará que a femme comme il faut não representa menos a mixórdia intelectual, do que a mixórdia política*, da mesma forma por que ela está cercada dos brilhantes e pouco sólidos produtos de

uma indústria que pensa, incessantemente em destruir suas obras para substituí-las. (*Idem*, p. 537, grifos nossos.)

É essa situação de indefinições que leva Balzac a comparar a condição atual da mulher aristocrata à outra época, apresentando as ressonâncias desse estado em termos subjetivos:

(...) Antigamente, a grande dama amava com cartazes, jornal na mão e anúncios; hoje a *femme comme il faut* tem sua pequena paixão pautada como papel de música, com suas colcheias, mínimas, semínimas, suas pausas, suas suspensões, seus sustenidos. Fraca, ela não quer comprometer nem seu amor, nem seu marido, nem o futuro dos seus filhos. Hoje, o nome, a posição e a fortuna não são mais pavilhões suficientemente respeitadas para garantir a bordo todas as mercadorias (...). Essa não tem pois, como antigamente, decisão para lutas bravias, *nada pode quebrar sob seu pé; ela sim, é que seria quebrada*. Por isso é ela a mulher dos jesuíticos *mezzo termine*, dos mais equívocos compromissos para defesa das aparências, das paixões anônimas guiadas por entre duas margens rochosas. (...). Essa mulher tão livre no baile, tão linda no passeio, é escrava em casa; só tem independência a portas fechadas, ou nas idéias. Quer conservar-se *femme comme il faut*. Eis o seu problema. (*Idem*, p. 537, grifos nossos.)

Manter-se, ou não, como aristocrata é a questão que se coloca; entre um termo e outro existem mediações? Balzac nos indica como vai se estruturando uma situação coartadora para as mulheres; para se manter como *femme comme il faut* há que se abrir mão da liberdade, há que se submeter à autoridade marital e injunções sociais. Isto explica por que aquela mulher aparentemente tão livre, tão segura em público, se mostra tão indecisa e hesitante no espaço privado: “Ora, hoje, a mulher separada do marido, reduzida a uma magra pensão, sem carruagens, nem luxo, nem camarote, sem os divinos acessórios da *toilette*, não é mais nem mulher, nem cortesã, nem burguesa; dissolve-se e torna-se coisa.” (*Idem*, p. 537.)¹⁴

¹⁴ Balzac retoma esse argumento em outra obra: “Ora! disse o pequeno La Baudraye. — O Duque de Bracciano, a quem a mulher prendeu numa cela e a quem ela se mostra todas as noites nos braços do amante, vai matá-la... Chamais a isso uma vingança?... Nossos tribunais e a sociedade são muito mais cruéis (...) Pois deixam

É com muita radicalidade que Balzac explicita o que é a manutenção de determinados papéis sociais; os indivíduos só o são em sociedade, só o são enquanto personificação de determinadas relações sociais. Não se existe, não se conta, não se sente ser, a não ser buscando se assegurar quanto à reprodução dessas relações; pensar numa outra existência que não a existência social, é fazer *tabula rasa* da própria vida, é se *dissolver* enquanto indivíduo. A luta pela manutenção de uma existência social traz consigo a exigência de aceitação de determinadas regras que tendem a manter a coesão social. Falar em aceitação de regras não implica dizer que este não seja um processo sem ambigüidades, que não se faça sem sofrimentos pessoais, nem que tais regras tenham um caráter imutável. Para as mulheres, ser aristocrata não é mais uma questão simplesmente de titulação nobiliárquica, de nascimento; há que constantemente reproduzir um estilo de vida, reprodução essa que implica uma submissão às regras sociais do momento: “— Por esse motivo (...) a *femme comme il faut* vive entre a hipocrisia inglesa e a graciosa franqueza do século XVIII; *sistema* bastardo *que revela uma época em que nada do que acontece assemelha-se ao que se vai*, em que as transições não conduzem a nada, onde não há senão nuanças, em que as grandes figuras se apagam, em que as distinções são puramente pessoais.” (*Idem*, p. 538, grifos nossos.)

É indicação mesmo de uma nova época na qual se mostram vãos os esforços de buscar referências no passado; quando uma aristocrata tinha por traz de si uma classe que lhe assegurava determinados privilégios e determinados papéis. A sua época, acaba por isolá-la socialmente, por submetê-la, por restringi-la a mover-se num terreno ambíguo, estreito, enfim, jogada à própria sorte. Sorte essa que não deixa de ser questionada:

— Estaremos nós realmente tão diminuídas como o julgam esses senhores? — disse a princesa de Cadignam, dirigindo às mulheres um sorriso em que havia ao mesmo tempo dúvida e zombaria.

a mulher viver com uma miserável pensão e a sociedade volta-lhe as costas. Fica privada do luxo e da consideração, duas coisas que, no meu entender, são tudo para a mulher.” *A musa do departamento*, p. 399.

— Pelo fato de hoje, sob um regime que tudo empequenece, gostarem de pratinhos, de apartamentozinhos, de quadrinhos, de artiguinhos, de jornaizinhos, de livrinhos, deve-se concluir que as mulheres são, também, menos grandes? Por que mudaria o coração humano por mudarem os senhores as vestes? (...) Se, nesse momento, por culpa dos merceeiros que nos governam, não temos características nossas, não teve o Império sua feição própria da mesma forma que o século de Luís XV, e seu esplendor não foi fabuloso? (...) O século de Luís XIV teve apenas uma Madame de Sévigné; hoje, em Paris, temos milhares, que com certeza escrevem melhor do que aquela e que não publicam suas cartas. (...)

— “Quero crer” — disse a Sra. de Vandenesse — “*que poderemos ser grandes de outra forma...*” (*Idem*, pp. 540/542, grifos nossos.)

Capítulo 2

História de muitas poesias e poesia da história

Deux démons à leur gre partagent notre vie... J'appelle l'un Amour,
et l'autre Ambition. Cette dernière étend le plus loin son empire,
car même elle entre dans l'Amour.¹

Mudemos de cenário, mudemos de personagens. Não mais um grupo, que olha com exterioridade uma cena social, mas esta se explicitando por meio do relato dos próprios personagens. Porque são os valores aristocráticos que estão sendo questionados e é a aristocracia que está sendo julgada incapacitada de se reproduzir, e porque a condição das mulheres aristocratas parece expressar a emergência de novos valores, que procuraremos analisá-la, situando-a em outro momento histórico, quando as questões ainda engatinham. Nos referimos à Restauração (1814-1830), período no qual a volta da monarquia alimenta entre a aristocracia a esperança de que poderia recuperar o poder social.²

¹ “Dois demônios a seu bel-prazer partilham nossa vida... Eu chamo um de Amor, e o outro de Ambição. Este último estende mais amplamente seu império, pois ele mesmo entra no Amor.” La Fontaine, *Fables*, p. 256.

² Importante ressaltar que a maioria das obras de Balzac referem-se a este período (Ver ANEXO II). Contudo, ele as escreve depois de 1830. É, portanto, com distanciamento, com os olhos postos nas transformações já ocorridas na sociedade francesa que são analisados os seus impasses e vacilações, os enfrentamentos

Estruturemos essa conversa a partir da obra *Memórias de duas jovens esposas*.³ Como com quase todas as histórias de Balzac, esta também tem um “enredo” simples; o romance ganha forma a partir da troca de correspondência entre duas amigas depois que saem de um convento por falta de vocação; acabam por se casar, uma em Paris e a outra na província.

Balzac acentua o contraste e opõe suas trajetórias: Luísa, romântica e exaltada, morrerá jovem depois de dois casamentos dominados pela paixão; Renata, sensata e objetiva, faz um casamento de interesse que, graças a sua diplomacia e energia, terá um desenlace feliz; ela vivenciará as alegrias da família e de um homem fraco, à primeira vista medíocre, fará um personagem da Monarquia de Julho.

Essa aparente simplicidade da história, a leveza e humor com que são apresentadas situações não obnubilam, contudo, o caráter complexo e polêmico da obra e das teses apresentadas. A forma mesma como é estruturado o romance dá o tom do seu conteúdo: “Na carta, o narrador, confundido com o escritor, pode se engajar totalmente, sem preconceitos, e levar até o fim a lógica dos personagens (...) a carta se torna, então, ou pode tornar-se uma das vozes de um diálogo e, portanto, um *debate* no qual os argumentos se defrontam de uma maneira tácita ou óbvia” (Andreoli, 1987, p. 255). Também as cartas introduzem um ritmo, um tempo; as pausas, os silêncios, os acontecimentos relatados, as reflexões suscitadas entre uma carta e outra, etc. dizem do escoamento de um tempo histórico.

Se Balzac marca as diferenças em termos de trajetórias de vida — e as cartas expressam isso — não deixa, contudo, de assinalar que a

entre as classes, as influências desses fatores sobre a condição das mulheres. São muitas as análises que ressaltam que é esse afastamento, entre outros motivos, que confere objetividade à sua análise. Ver, a respeito Barbéris, 1973; Fortassier, 1974.

³ Essa obra, publicada primeiramente em junho de 1840 sob a forma de folhetim em *La Presse*, é dedicada à George Sand. Os estudos sobre a gênese e história da obra indicam que ela foi cuidadosamente elaborada (entre o seu primeiro projeto e a sua finalização passaram-se sete anos), sendo objeto de discussão com vários interlocutores, dentre os quais a própria George Sand, a respeito do casamento e da emancipação feminina.

situação das duas personagens guarda no fundo uma mesma identidade, que o que está em jogo na verdade é a mesma sorte das mulheres aristocratas, enfocadas numa dupla perspectiva: “Das duas quem têm razão, quem está errada? É bem possível que ambas estejamos em erro e tenhamos razão (...)”⁴ A idéia de uma dupla dimensão de uma mesma identidade, que se dissocia e se opõe em personagens diferentes, é evocada desde o início da ação quando saem do convento. Ambas se sentem em união simbiótica: “Juntas sonhamos tanto, tantas vezes abrimos as asas e vivemos em comunhão, que creio, nossas almas ligadas uma à outra, como aquelas duas jovens húngaras (...)” (*Idem*, p. 196.) A separação não afrouxa esses laços; a correspondência os materializam e os estreitam, sendo a tônica o acentuar tratar-se de uma mesma sorte; são freqüentes declarações como esta:

Tu, querida Luísa, serás a parte romântica de minha existência.(...) *Tu serás duas a ouvir, a dançar, a sentir pressões na ponta dos teus dedos.* Eu bem quisera divertir-me em Paris, enquanto fosses mãe na Crampade (...). *Pobre homem que julga desposar uma única mulher! Notará ele que se trata de duas?* (*Idem*, p. 213.)

É esse tom que o leva a discutir com profundidade os impasses que se colocam às aristocratas nesse momento, permitindo-lhe articular as mudanças na esfera pública às mudanças na esfera privada. Nesse sentido, a obra é bastante expressiva no conjunto das *Cenas da vida privada*, “cenas” em que se discutem não só essas articulações, mas que ressaltam sobretudo a inserção de jovens no mundo social:

A vida é tomada entre os últimos desenvolvimentos da puberdade que acaba e os primeiros cálculos de uma virilidade que começa. Daí, principalmente emoções, sensações irrefletidas; (...) para as mulheres, a infelicidade vem de suas *crenças* na sinceridade dos sentimentos, ou de seu apego a *sonhos* que os ensinamentos da vida dissiparão. (...). (Davin e Balzac, 1834/1993, p. 1.146).

⁴ *Memórias de duas jovens esposas*, p. 163.

Situar a ação em dois espaços geográficos — Paris e província — é uma forma de indicar tanto a persistência de determinadas questões que dizem respeito a toda a sociedade francesa, quanto às estritas, ainda que diferentes, relações entre as *Cenas da vida privada* e as *Cenas da vida provinciana*. Assim, diz Balzac das *Cenas da vida provinciana*:

(...) são destinadas a representar esta fase da vida humana onde as paixões, os cálculos e as idéias tomam o lugar das sensações, dos movimentos irrefletidos, das imagens aceitas como realidades. (...) Um espírito de segunda ordem dar-se-ia por contente de cumprir este encargo; o autor, apaixonado pelas dificuldades a vencer, quis lhe dar um quadro, (...) a vida de província. Lá, nos quadros cuja moldura é estreita, mas onde a tela apresenta assuntos que tocam aos interesses gerais da sociedade, o autor se empenhou a nos mostrar sob as suas mil faces a grande transição pela qual os homens passam da emoção sem segundas intenções às idéias as mais políticas. (...) As desilusões começam; se revelam as fricções do mecanismo social; o choque cotidiano dos interesses morais ou pecuniários faz brotar o drama, e às vezes o crime, no seio da família na aparência a mais calma (...) A graça dos sonhos se desvanece, cada um vê justo e toma na vida a ventura das materialidades, quando nas *Cenas da vida privada* se abandonava ao platonismo. A mulher *raciocina* em lugar de *sentir*, calcula sua falta quando antes se entregava. Enfim, a vida se torna sombria ao amadurecer. (Davin e Balzac, *op. cit.* p. 1.146, grifos nossos).

Nos conduzir a olhar um momento social pelos olhos de duas jovens — olhos pouco afeitos à realidade, é verdade, mas por isso mesmo desprovidos de preconceitos, curiosos por apreender seus mecanismos, inteligentes, questionadores, que nos mostram a surpresa, o encanto e o espanto da descoberta — dá a possibilidade de lançar um olhar novo e feminino aos acontecimentos. Tal olhar se expressa já no início da ação, quando a parisiense Luísa, “uma quase freira, chega e em quinze dias vê o que um homem de Estado não vê em sua casa”,⁵ ou seja, uma família em que as relações pessoais

⁵ *Memórias de duas jovens esposas*, p. 212.

são pautadas pela indiferença e ausência de vínculos afetivos; os pais mantêm entre si um “elegante divórcio” (expressão usada em *A mulher de trinta anos* para definir a tônica dos relacionamentos entre casais aristocráticos): “Esses dois seres, igualmente nobres, ricos, superiores, não vivem juntos, nada têm de comum a não ser o nome, e se mantêm unidos aos olhos da sociedade”.⁶ Ambos vivem sobrecarregados — a mãe absorvida pela intensa vida social e amorosa (ela mantém um relacionamento extraconjugal com um poeta) e o pai envolvido nos negócios públicos, na política e nos divertimentos; o irmão, uma pessoa melancólica, sem uma função social: “Tem inveja do pai, nada é no Estado, não tem cargo na Corte, não pode dizer: Vou à Câmara”. Quanto a ela, Luísa, é a única a dispor de tempo para pensar em si, avaliar seus sonhos, conhecer o que a rodeia. E é dessa forma que vai nos conduzindo a ver seu mundo; ao rever o palácio da família, se espanta com o que fora a sua grandeza e o seu estado de deterioração e começa a apreender o porquê da decisão familiar de destiná-la à vida monástica:

Meu pai, de resto, deixara os grandes apartamentos no mesmo estado em que os pusera a Revolução. (...) os altos das portas, que exibiam quadros preciosos, vazios, os mármore quebrados, os espelhos retirados. (...) Filipe (o criado) tomou um ar confidencial ao ver o espanto desenhado no meu rosto. (...) Disse-me então que estavam à espera de uma lei pela qual restituíriam aos emigrados o valor de seus bens. Meu pai está protelando a restauração de seu palácio até o momento dessa restituição. O rei avaliou a despesa em trezentas mil libras. Essa confidência teve por efeito dar comigo outra vez no sofá de meu salão. Como! meu pai ao invés de empregar essa quantia para *me* casar, deixava-me *morrer* no convento?⁷

O espanto de Luísa reflete um questionamento impulsivo quanto à política adotada por seu pai quanto à sua vida. Colocá-la num convento, com isso destinando-a a um celibato compulsório, ao invés de lhe constituir um dote, que a habilitasse a um casamento. Balzac, por intermédio de Luísa, explicita e questiona o costume

⁶ *Memórias de duas jovens esposas*, p. 207.

⁷ *Idem*, pp. 199/200.

aristocrático de encaminhar para os conventos as jovens às quais se destituíam de dote.

O convento, uma instituição do Antigo Regime, respondia a uma série de necessidades sociais. Como o assinalam os Goncourt (1863/1896, pp. 7/14), era um espaço de educação das jovens de famílias ricas (aristocratas ou não); servia de asilo (de baixo custo) a viúvas endividadas e mães aristocratas empobrecidas que queriam economizar e, assim, buscar refazer a fortuna familiar; abrigava mulheres separadas do marido, mulheres atingidas por varíola, jovens casadas de 12 a 13 anos que aguardavam no convento atingir a idade da nubilidade, etc... Mas a função que se fixa no imaginário social, e que desde o século XVIII vem sendo objeto de crítica, é a de local que se destinava à formação religiosa de jovens sem dotes, ou por serem pobres, ou porque as famílias as deserdevam para compor a riqueza de outros membros da família, em geral irmãos não primogênitos (uma forma, assim, de buscar assegurar a reprodução do estilo de vida aristocrático).⁸ É essa função que vem sendo resgatada pela aristocracia, à época da Restauração, como uma forma de recompor a riqueza familiar e recuperar o poder político. “Ao preço da felicidade de suas filhas, a aristocracia tenta sobreviver!” (Michel, 1978, p. 182). É esse o motivo pelo qual tanto Luísa quanto Renata tinham sido colocadas no convento, pois são planos de suas famílias destinar seus dotes à constituição de um morgadio para seus irmãos. O morgadio — “fortuna inalienável, formada duma parte da riqueza dos dois esposos e constituída em benefício do filho mais velho da casa, em cada geração, sem que ele fique privado de seus direitos na partilha dos demais bens” conforme definição dada por Balzac em *O contrato de casamento* — havia sido restabelecido por Napoleão para contornar as disposições do Código Civil no que se refere à repartição igualitária dos bens.⁹

⁸ *A religiosa* de Diderot é um libelo contra essa instituição no que ela expressa toda uma ordem social, que não mais consegue se reproduzir a não ser adotando formas, para Diderot, “antinaturais”, tais como a coação de jovens à reclusão e celibato não desejado.

⁹ Essa instituição é objeto de análise em outras obras de Balzac. Em *A musa do departamento*, o Sr. de la Baudraye busca incessantemente constituir um morgadio para poder obter um título nobiliárquico; em *O contrato de casamento* o notário

A estas decisões familiares nossas personagens se rebelam. Como o diz Luísa: “Minha tia sacrificou-se por um irmão adorado; mas quem é que pode sacrificar-se por desconhecidos ou por idéias?” (*Idem*, p. 197). Nesse seu questionamento está implícito novos valores, uma nova época. Sua tia, que se tornara freira, era uma personagem do Antigo Regime que podia apreender o alcance de se sacrificar por uma idéia; tendo conhecido a grandeza, a “magnificência do Estado social”, podia, em benefício de uma idéia de preservá-lo, abrir mão de sua liberdade, de sua vida pessoal, em favor de um irmão; para Luísa, que desconhece o que fora a forma anterior de vida, é indiferente essa preservação, daí sua recusa ao papel de se tornar uma “Joana D’Arc das famílias e perecer a fogo brando na fogueira de um convento” (*Idem*, p. 238). A recusa das jovens em seguir os desígnios familiares implica na elaboração de novas estratégias por parte das famílias, estratégias que visam, entretanto, ao mesmo objetivo pelo qual tinham sido condenadas à reclusão monástica.

O pano de fundo de toda essa temática é a sociedade francesa pós-revolucionária, que se debate entre as tentativas de restabelecimento da aristocracia e o avanço do poder burguês. Essa questão perpassa todo o livro e é particularmente clara nas falas do Duque de Chaulieu, quando explica à filha por que é necessário que ela abra mão de sua herança em detrimento do irmão:

A França, minha filha, está numa situação precária que só é conhecida pelo rei e alguns espíritos elevados; mas o rei é uma cabeça sem braços. (...) Em duas palavras, não há mais do que dois partidos: o de Mário e o de Silas. Eis em bloco o nosso assunto. *Em detalhe, a Revolução continua, está implantada na lei, está escrita no solo, está sempre nos espíritos; é tanto mais formidável por parecer vencida* (...) Ao cortar a cabeça de Luís XVI, a

de Manerville introduz a cláusula da constituição do morgadio como uma das formas de assegurar que sua fortuna não fosse dilapidada depois do casamento. É interessante notar como as instituições têm vida enquanto asseguradas por um conjunto de relações. Artificialmente “restaurada”, uma instituição que persistira por séculos perde o sentido sob uma nova ordem social e é suprimida em 1835 por estar em vias de extinção. Ver a respeito, Perrod, 1968, pp. 211/240; Rónai, 1989, Vol. IV, p. 340.

revolução cortou a cabeça de todos os chefes de família. *Hoje não há mais família, há somente indivíduos.* Ao proclamar a igualdade de direitos à sucessão paterna, mataram o espírito de família (...). Achamo-nos entre dois sistemas: *ou constituir o Estado pela família, ou constituí-la pelo interesse pessoal: a democracia ou a aristocracia*, a discussão ou a obediência, (...) eis a questão em poucas palavras.¹⁰

Esse acirramento da oposição entre as classes é objeto de reflexões contínuas de Balzac. Nos permitimos outra citação por delinear bem o conteúdo da política do momento:

A Restauração desenha claramente as posições respectivas da nobreza, da burguesia e do povo, e segue-se dois partidos: os realistas, que se nomeiam os ultras, e os constituintes que se denominaram liberais. Os liberais comprazem-se de ter nas suas fileiras os bonapartistas, os republicanos e o povo. Os realistas permaneceram sós, com a confiança que lhes dava os princípios da ordem e da estabilidade(...). Daí, dois partidos formidáveis na França: um, armado do poder, o outro, armado da imprensa.¹¹

Essa situação de impasse se manifesta, também, no nível das relações privadas. O momento de escolha de um cônjuge é o cenário onde se delineiam os grandes embates e se armam os jogos de interesse de forma a atender a uma estratégia de recomposição de uma classe dirigente, o que não significa um único modelo de ação. Balzac resgata algumas das alternativas de que lança mão a aristocracia nesse momento, apresentando-a sob a forma de contraste, contraste em que se opõem os destinos possíveis à mulher aristocrata — manter-se ou não aristocrata. Essa oposição é recorrentemente colocada pelas personagens e se radicaliza nas defesas quanto às formas de vida que são induzidas a assumir.

É importante explicitar que a aspiração de manutenção de um *status*, em princípio comum às jovens, não corresponde a uma idéia

¹⁰ *Memórias de duas jovens esposas*, p. 237, grifos nossos.

¹¹ *Grand Propriétaire*, versão original de *Os camponeses*. Oeuvres Complètes, Tomo XVII, p. 492.

abstrata de nobreza, de nascimento, mas, também, a todo um estilo libertário de vida, a fantasias de realização amorosa e de emancipação, aspirações que revitalizam valores já incorporados como um modelo de feminilidade no século XVIII. Para Luísa, suas referências são a avó e a mãe. A avó “uma das maiores figuras femininas do século XVIII” fora uma princesa célebre por seu espírito e estilo de vida¹²; sua mãe, mesmo casada, não abre mão de uma vida relativamente livre. A referência para ambas são, também, as lembranças das vivências e a elaboração de sonhos no convento. Vejamos mais de perto esse último aspecto. O fato de conviverem num mesmo espaço mulheres com idades diferentes, com experiências de diversos meios sociais, como o vimos anteriormente, leva a que o convento receba os mesmos influxos que afetam a sociedade: “Todo esse mundo, toda essa vida social invadindo o convento, levaram a muitas mudanças (...)” (Goncourt, 1895, p. 14). É assim que o convento se torna palco de debate de idéias disseminadas em sociedade e funciona, também, como um espaço de elaboração e de socialização de idéias quanto à própria condição de ser mulher. Não queremos com isso minimizar o impacto que representa a reclusão de jovens mas, ainda retomando o argumento dos Goncourt, ter dessa instituição a “noção justa e o sentimento histórico”. Importante entender como e por que duas jovens, em princípio presumidamente ignorantes dos mecanismos sociais, em pouco tempo os apreendem, e não só isso, mas dissimulam a aprendizagem: (“tenho uma educação ignorada, aquela que nos demos uma à outra com as nossas argumentações exaustivas”, dirá Luísa).

É em decorrência dessa formação que ambas intuem que a realização de seus sonhos de vida está estritamente ligada às aspirações de suas famílias de restauração do poder aristocrático: “Quem quer os fins, quer os meios, e devemos dar o exemplo a todos. Portanto, você não deverá ter fortuna, enquanto a de seu irmão mais moço não

¹² Uma pequena passagem ilustra isso. Luísa, ao percorrer os aposentos de sua avó e que lhes foram destinados se lembra que, quando criança, observara o retrato do rei (de quem sua avó fora amante) sobre uma cômoda e a ausência do retrato do próprio marido. Seu comentário: “Gosto desse olvido franco, sem hipocrisia, que com um traço pinta aquele delicioso caráter.”

estiver assegurada (...).”, dirá o Duque de Chaulieu (*Idem*, p. 239). Luísa não contesta os objetivos que o pai lhe coloca; ela questiona sim que seja ela a sofrer as suas conseqüências: “(...) Meu pai foi de uma clareza que me agrada. Não há em suas palavras nenhuma ambigüidade. Minha fortuna deve pertencer ao filho marquês. Quem foi que teve entranhas? Minha mãe? Meu pai? Meu irmão?” (*Idem*, p. 206).

Para a aristocracia de província a situação não é muito diferente: Renata deve abrir mão do seu dote em favor do irmão e casar-se (ou não) com quem a aceite sem dote: “Eis como as famílias nobres da Provença sofismam o infame Código Civil do senhor de Bonaparte, o qual fará com que metam no convento tantas moças nobres quantas ele fez casarem”. Essa uma referência irônica guarda uma certa ambigüidade: admite o caráter inovador que imprime o Código quanto à condição das mulheres de todas as classes na medida em que lhes garantia, em tese, acesso igualitário à herança paterna ampliando as perspectivas de casamento; mas se revela restritivo para as aristocratas, que são coagidas a abrir mão de seu dote (herança) em benefício de tentativas de reprodução da própria classe. O dote feminino entra nos cálculos de projetos de enriquecimento e ascensão social de aristocratas e de indivíduos de outras classes sociais. Como todos perseguem um mesmo objetivo, dirá o Duque de Chaulieu à sua filha Luísa:

— Em França — disse ele com amargura — não encontraremos um homem que queira desposar uma moça da mais alta nobreza, sem dote, e que lhe constitua um. Se se encontrasse esse marido, pertenceria seguramente à classe dos burgueses enriquecidos: sob esse ponto de vista pertença ao século XI. — E eu também (...). Mas por que desesperar-me? Não existem acaso velhos pares de França? (*Idem*, p. 239.)

As fantasias e sonhos de Luísa, Renata e suas famílias, que não são os únicos n^o *A comédia humana*, dizem respeito às vicissitudes de reprodução de uma classe.¹³ Tais fantasias e sonhos acabam por

¹³ Vejamos outro exemplo: em *O Baile de Sceaux*, a personagem principal, Émilie de La Fontaine, é filha mais nova de um velho aristocrata que busca recompor o

conformarem um campo de tensão e mesmo um drama à medida que para realizá-los há que se abrir mão de pressupostos em torno dos quais eles foram forjados. As aristocratas ao casar-se com burgueses ricos (vantagem imediata que lhes dava a possibilidade de manter um nível de vida condizente com sua origem de classe) perdiam, contudo, seus títulos de nobreza, tal fato representando socialmente um descenso. Sob esse aspecto conformam-se situações diferenciadas segundo os sexos e classes sociais; os nobres não perdiam seus títulos ao se casarem com burguesas e estas assumiam, como seus, o títulos de nobreza do marido. Também para os aristocratas o enriquecimento decorrente desses casamentos possibilitava o acesso a postos nobiliárquicos mais altos e à ascensão política.

Quanto aos burgueses que se casavam com as aristocratas, mesmo não obtendo de imediato um título nobiliárquico, podiam aspirar a obtê-los, dependendo essa possibilidade das relações que o pretendente pudesse mobilizar a seu favor; daí a importância de um casamento em que a mulher tivesse proeminência social. À medida que os títulos passam a poder ser comprados, ampliam-se as possibilidades apresentadas. Tais estratégias matrimoniais explicitam, assim, uma modificação na composição das classes dominantes.

Luísa se recusa a abrir mão de sua aspiração de nobreza. Conta para isso com a aquiescência da família que a prepara para entrar no *grand monde* e cria condições para que ela possa experimentar a realização do que pretende. É muito interessante todo seu relato sobre essa preparação, que se constitui mesmo uma segunda educação e nos dá elementos para perceber os limites e conteúdos da formação aristocrática; ela terá aulas de dança, equitação e língua estran-

brilho anterior de sua família (tal como o faz uma parcela da aristocracia durante a Restauração); para isso conta com favores reais para inserir seus filhos em cargos públicos e casá-los com partidos ricos, ainda que burgueses; Emilie, garota extremamente mimada, recusa-se a submeter a essa política doméstica, critica mesmo essas *mesalliances*; ela quer manter-se nobre, casar-se com um nobre, preferentemente rico, preferentemente jovem e bonito. Segundo esses critérios, ela recusa todos os possíveis pretendentes, preterindo, inclusive, um nobre por pensá-lo burguês. Por seus valores, por não se sintonizar com os novos tempos, ela se vê destinada a um celibato; assustada, desiludida, ela acaba por casar-se com um “velho par de França” — um casamento entre nobres, como ela desejava, mas sem nenhum arrebatamento amoroso, como ela fantasiava.

geira; sua mãe encarregar-se-á e transmitir-lhe-á lições de bom-tom e educação do gosto e refinamento; seu pai lhe dará uma parte da herança para que ela possa ter um enxoval e manter-se (dessa forma ela começa a ter noção dos custos — altos — para ser uma aristocrata).¹⁴ Paralelamente, e de forma independente, ela completa sua formação: “Sou de uma ignorância crassa, e leio muito, mas leio sem seleção. Um livro leva-me a outro.(...)”. (*Idem*, p. 208.)

Renata é mais limitada em suas evoluções e assume uma atitude prática; percebendo se pobre, sem outra alternativa que não um casamento de interesse com um nobre precocemente envelhecido, sobrevivente das guerras napoleônicas, — “se não casasse com Luís de l’Estorade, eu voltaria para o convento” —, se convence que o meio de triunfar na sociedade, manter-se como aristocrata, é aceitar as regras do jogo. No entanto, diante de uma injunção social só aparentemente se submete:

(...) tive, na minha condição de moça, de me resignar. Resignada, pus-me a examinar minha situação, a fim de tirar dela o melhor partido.(...) O casamento tem como objetivo a vida, ao passo que o amor visa apenas o prazer; mas também o casamento subsiste, quando os prazeres já desapareceram e dá nascimento a interesses bem mais preciosos do que os do homem e da mulher que se unem.(...) Bem decidida a não buscar no matrimônio os gozos do amor, nos quais tanto pensávamos e com tão perigosa exaltação, senti a mais suave tranquilidade no meu íntimo. “Se não me é dado o amor, por que não buscar a felicidade?”(...) *Meu casamento não será uma servidão e sim um domínio perpétuo*. Que inconveniente esse estado de coisas pode oferecer a uma mulher que quer conservar-se senhora absoluta de si?¹⁵

É evidente que esse “estado de coisas” traz inconvenientes, sim, e o fato de ela mesmo se colocar tantas perguntas e a si mesma tentar se convencer dá a dimensão de suas ambigüidades. A partir da argumentação dessa personagem, Balzac mostra uma forma de contraposição à subordinação imposta socialmente. Renata se recusa a um

¹⁴ Ver, sobretudo, as Cartas I, II, III, IV em *Memórias de duas jovens esposas*.

¹⁵ *Idem*, p. 245, grifos nossos.

papel de vítima e formula estratégias de “sobrevivência”. Uma dessas estratégias diz respeito à própria regulação das relações sexuais:

Esse ponto tão grave, de ter o casamento sem o marido, foi regulado numa conversação entre mim e Luís (...). Se, em princípio, eu estava disposta a tudo para não voltar ao convento, *é da nossa natureza pedir o mais, depois de ter obtido o menos*, e, querido anjo, *somos daquelas que querem tudo*. (...) Luís — disse-lhe com voz consoladora —, depende de você fazer desse casamento de conveniências um casamento ao qual eu possa dar um completo consentimento.(...) Sejamos amigos e associados para juntos carregar a vida. *Deixe-me a minha completa independência*. (...) *não quero ser sua mulher, senão por minha livre e espontânea vontade*. Inspire-me o desejo de lhe abandonar meu livre-arbítrio, e eu lho sacrificarei imediatamente.¹⁶

Renata representa o contraponto a tantas outras mulheres que se casando nessa mesma situação acabavam por se submeterem e se traumatizarem com a experiência conjugal. O casamento de interesse não é algo novo, uma peculiaridade dessa época, mas incorpora toda uma tradição de estratégia política de reprodução das classes dominantes.¹⁷ É dessa forma que n’*A comédia humana* abundam exemplos de mulheres (aristocratas ou não) — tais como a Duquesa de Langeais, Mme. de Rochefide, Honorina, Júlia d’Aiglemont, Mme. Cormon, Dinah Piédfer, etc...¹⁸ — que tiveram suas vidas marcadas pelo estigma da incompatibilidade conjugal, incompatibilidade essa responsável pelos inúmeros sofrimentos desconhecidos — “*souffrances inconnues*” (*A mulher de trinta anos*), pelas “longas e monótonas tragédias conjugais” (*A musa do departamento*), etc... Se não é novo o casamento de interesse, entretanto, é nova a refle-

¹⁶ *Idem*, p. 245, grifos nossos.

¹⁷ Ver a respeito, entre outros, Macfarlan, 1990; Sombart, 1979. Essa discussão será aprofundada no Cap. 5.

¹⁸ Respectivamente personagens dos romances: *A duquesa de Langeais*, *Beatriz*, *Honorina*, *A mulher de trinta anos*, *A solteirona*, *A musa do departamento*. As três primeiras personagens têm em comum o trauma de terem sido provavelmente violadas por seus maridos.

xão sobre ele e a forma de comportamento adotada por Renata: negociar condições de relacionamento. O seu exemplo assume um caráter pedagógico, no sentido de dar a pauta de como não ser submetida.¹⁹ Há outras questões implícitas nessa negociação; o próprio fato de se defrontarem duas vontades para se estabelecer um acordo, dá a medida de um relacionamento que tende a questionar uma hierarquização preestabelecida; nesse fato, implícita está a experimentação dos limites do próprio poder. Essa é uma questão que é constantemente colocada pelas duas personagens. Luísa, que se apaixona por Felipe, a quem julga tão nobre e superior quanto a si — portanto uma relação aparentemente entre iguais — quer, no entanto, saber até que ponto ela o domina, até que ponto ele se submete. Amando-o, pois ela o ama, faz dele e o declara explicitamente, seu “escravo”: “Voltei a ver meu escravo. (...) Não me sinto arrebatada, dominada, domada; pelo contrário, *domo, domino, arrebatato... enfim, raciocino.*” (*Idem*, p. 273). Ainda sobre essa mesma questão: “Só eu tenho o poder de transformá-lo, de torná-lo o mais adorável de todos os homens; não quero, pois, que seu espírito escape do meu poder.” (*Idem*, p. 276.)

A elaboração de estratégias de contraposição a uma possível dominação masculina contesta valores, passa por *raciocínio*. Tal raciocínio está implícito, igualmente, na política adotada por Renata. Planejar a pauta de seu relacionamento permite-lhe assumir a direção de sua vida, reelaborando até fantasias íntimas. Uma dessas fantasias diz respeito ao medo de que de um indesejado relacionamento adviesse filhos aos quais não se amasse: “Se enquanto não o amo, mas obedecendo-lhe passivamente, como minha muito honrada mãe acaba de me recomendar, eu tivesse um filho, acredita que eu quereira a essa criança tanto como a outra que fosse filha de uma vontade

¹⁹ A título de exemplificar sobre as estratégias adotadas pelas mulheres à época, indicaríamos que uma outra personagem — Eugênia Grandet — assume uma atitude ainda mais radical. Desiludida quanto à possibilidade de realização afetiva e tornada a única herdeira de um pai rico (o famoso avarento Pai Grandet) e nessa condição objeto da cobiça de vários pretendentes, introduz no seu contrato de casamento a cláusula de recusa a relações sexuais com o marido, pois, diferentemente de Renata, não pretende dar continuidade à família e, por ser rica, podia impor condições para se casar.

comum?” (*Idem*, p. 247). Balzac introduz uma questão que desenvolve, também, em *A mulher de trinta anos*, *Honorina* e *O lírio do vale*: as confabulações femininas sobre a maternidade no interior dos casamentos de interesse. Dessa forma, contrapõe duas formas de maternidade: a “maternidade de coração”, um sentimento construído, decorrência do amor de dois seres, e que se prolongaria por toda a vida à medida que os laços entre mãe e filhos se desenvolvem; e a “maternidade de carne”, fruto do “dever e do acaso”, semelhante à relação dos animais com sua prole, um “instinto” que leva a mãe a proteger imediatamente os filhos e que cessa quando esses se tornam independentes. Por trás dessa terminologia, com um certo ar arcaico, retoma-se a discussão sobre a existência de um instinto materno.

Para Balzac, a “maternidade de carne” explica muito da indiferença, frieza e ausência de relações afetivas, principalmente no interior da família aristocrática.²⁰ Esta questão para Renata se coloca como vital pois, abrindo mão da realização sexual no casamento, não pretende, entretanto, abdicar de realizar-se na vida, e a seu ver, essa realização passa também pela maternidade e pela constituição de uma família. Eis aí um dado que escapa à lógica da “família” aristocrática. A preocupação com aspectos subjetivos e psicológicos da maternidade e de auto-realização. Indicaríamos, também, como são nuançadas as conotações que são dadas à palavra família; e diferentes das acepções dadas pela antiga aristocracia. Tal diferença é perceptível quando confrontamos o seu discurso com o do pai de Luísa:

²⁰ A indiferença das mães pelos “filhos do dever” é uma questão apresentada em várias obras d’*A comédia humana*, e quer se ver nesse fato traços autobiográficos do próprio Balzac. Sua mãe tê-lo-ia preterido em favor de seu irmão, “filho do amor”. Vejamos alguns outros personagens: Paulo de Vandenesse (*O lírio do vale*) queixa-se à Mme. Morsauf de seu desamparo afetivo e da frieza de seu relacionamento com a mãe, pois sabe ser “filho do dever”; a própria Luísa assusta-se com o ar formal e distante que sua mãe transmite nos seus primeiros contatos; Felipe, o primeiro marido de Luísa, é ele também um filho do “dever”, sendo menos amado do que o irmão; Mme. Restaud (*O pai Goriot*, *Gobseck*) tudo faz, quase chegando a prejudicar próprio filho legítimo, para garantir aos “filhos do coração” o direito à herança familiar.

Não se trata mais de direitos feudais, como se diz aos ingênuos, nem de fidalguia; trata-se do Estado, trata-se da vida da França. Todo país que não se baseia no poder paterno fica sem existência assegurada.(...) *Cada animal tem seu instinto, o do homem é o espírito de família.* Um país é forte, quando se compõe de famílias ricas, cujos membros têm, todos, interesse em defender um tesouro comum: tesouro monetário, de glórias, de privilégios, de gozos;(...) ²¹

Ao falar em “reconstituir a família”, o velho duque tem como perspectiva a reconstituição de uma classe e mesmo de um Estado, que é a questão que está a se colocar nesse momento para a aristocracia. Assinalaríamos que esse seu objetivo tem, também, um conteúdo “moderno”, que não é uma simples exumação de valores do *Ancien Régime* (“não se trata mais de direitos feudais, (...) nem de fidalguia”), mas a reelaboração desses valores para atender a novas necessidades sociais postas para sua classe. É interessante como no seu discurso apresenta como “instinto” algo que se refere exclusivamente a relações de pertencimento social, um sentido político, na acepção aristotélica do termo. Nesse seu projeto, se a constituição da família passa pelas relações afetivas entre os indivíduos, tais relações não se constituem, contudo, o seu ponto de partida; dessa forma, o espaço familiar não é, necessariamente, o espaço de auto-realização. Nesse sentido, os propósitos de Renata, e mesmo de Luísa, são diferentes; elas buscam conciliar no interior do casamento uma aspiração de auto-realização. É dessa forma que Renata, já casada, conta das suas sucessivas “conquistas”:

Ora, na solidão em que vivemos, se o mando não está nas mãos da mulher, o casamento se torna dentro em pouco insuportável (...). *Quanto mais senhora de si, mais certeza terá de tornar viáveis o amor e a felicidade.* (...) exigí, principalmente, que nossas convenções íntimas fossem veladas pelo mais profundo mistério. O homem dominado pela mulher é, com justiça, coberto de ridículo. A influência da mulher deve ser absolutamente *secreta* (...) Se empreendo reerguer esse caráter deprimido, restituir seu bri-

²¹ *Idem*, p. 238.

lho às qualidades que nele entrevi, quero que tudo pareça espontâneo em Luís. Tal é a tarefa suficientemente bela que me impus e que basta para a dignidade de uma mulher. (...) Ele é de uma delicadeza de mulher (...). Apesar de minha frieza, aquela alma encorajada se abriu; (...) A elegância que introduzi na casa refletiu-se sobre sua pessoa. (...) *O animal a que chamamos marido, segundo tua expressão, desapareceu.*²²

No discurso de Renata se reafirmam ambigüidades quanto a romper com papéis socialmente esperados das mulheres; ao assumir explicitamente que é ela a dominar a situação, questiona a autoridade masculina; todavia, para que tal decisão se faça socialmente aceita, inclusive, para ela própria, ela a nuança, camufla-a e reafirma valores vigentes — “o homem dominado pela mulher é, com *justiça*, coberto de ridículo”. Os seus sucessos iniciais a conduzem a reiterar seus objetivos:

(...) Ser o princípio permanente da felicidade de um homem, quando esse homem o sabe, e junta gratidão ao amor, (...) essa certeza desenvolve na alma uma força que ultrapassa a do mais integral amor. *Essa força impetuosa e durável, una e variável, gera enfim a família, essa bela obra das mulheres* e que agora concebo em toda sua fecunda beleza.²³

Os fins aos quais se propõe justificam a energia com que defende os meios a empregar para atingi-los. Assim, a sua energia não se dirige apenas a “reerguer um caráter deprimido”, um “resto de guarda de honra”, segundo Luísa, mas em garantir uma sólida base econômica para sua família, aspiração que está estritamente ligada a um projeto político:

Emprego minha inteligência (não estou rindo) a dirigir a casa com economia, a proporcionar a maior soma de prazeres pelo menor custo possível. (...) Já demonstrei a Luís a necessidade de abrir estradas, a fim de lhe conquistar a reputação de homem preocupado pelo bem da localidade. Obrigoo a completar sua educa-

²² *Idem*, p. 248 (grifos nossos).

²³ *Idem*, p. 249 (grifos nossos).

ção. (...) Declarei-lhe peremptoriamente que era ambiciosa, que não me desgostava que seu pai continuasse a se preocupar com os nossos bens, a realizar economias, porque, no que diz respeito a ele, queria-o inteiramente dedicado à política; se tivermos filhos queria vê-los todos felizes e bem colocados no Estado; (...) ele deveria fazer-se eleger deputado do departamento nas próximas eleições.(...)²⁴

O seu exemplo não é único n' *A comédia humana*. Mme. Mortsauf (*O lírio do vale*), também casada com um homem destruído (ex-emigrante, doente), busca superar as adversidades se colocando como objetivo reerguer a “família”; dessa forma, se engaja em transformar produtivamente toda uma região. Esses exemplos demonstram a não-homogeneidade nos comportamentos femininos e a emergência de formas ativas de algumas mulheres responderem às injunções sociais; não só um fechamento no âmbito familiar, mas formas de participação num processo de desenvolvimento social. Também é interessante observar como Balzac vai induzindo a ver que as aspirações de Renata de manter-se como aristocrata imperceptivelmente se transmudam; ela não se prende a valores exclusivamente aristocráticos, mas passa a assumir valores de ascensão que lhe dá proximidade a outra classe social. Se ela tivesse se casado com um burguês, seria mais facilmente aceita essa sua mudança.

O instigante é que o fato de ela ter se casado com um nobre acentua essa transmutação de valores, ou seja, explícita como na prática a própria aristocracia paulatinamente vai perdendo os próprios referenciais. É Luísa quem criticamente o indica: “Sim, Renata, tua carta pesa-me sobre o coração, tu me embarguesaste a vida.” (*Idem*, p. 257).

Balzac permanentemente articula vários níveis de análise, assim permitindo vários níveis de leitura; ele nos apresenta como uma conjuntura político-social se imbrica às injunções que perpassam a vida privada; como a essas injunções correspondem, também, mudanças no plano ético; e essa nova ética que está a se formular coloca em discussão modelos de feminilidade. Partindo das premissas que fundamentam esses modelos, ele as desenvolve, as acentua, leva

²⁴ *Memórias de duas jovens esposas*, p. 195.

ao paroxismo a defesa dos argumentos quanto às “opções” adotadas pelas duas personagens. É assim que Renata contra-argumenta:

Vê-se bem que ainda não detiveste teu pensamento na palavra *indissolúvel*, aplicado ao contrato que une uma mulher a um homem. Não quero contradizer nem os filósofos, nem os legisladores, eles são bem capazes de contradizer-se; mas, querida, ao tornar o casamento irrevogável e impondo-lhe uma fórmula igual para todos, e implacável, fizeram de cada união uma coisa inteiramente dessemelhante, tão dessemelhante quanto os indivíduos o são entre si; (...) Toda mulher casada aprende às próprias custas as leis sociais, que em muitos pontos são incompatíveis com as da natureza. (...) A lei natural e o código são dois inimigos e nós somos o terreno no qual se digladiam. Denominarás depravação a previdência da esposa que cuida em que a família não se arruine por si mesma? Um cálculo ou mil, tudo se perde no coração. (...) Já vês, querida louquinha, que estudamos o código nas suas relações com o amor conjugal.²⁵

Se em *Outro estudo de mulher* Balzac analisa o Código Civil no que ele afeta a sorte das mulheres num plano mais geral, aqui ele analisa como nesse aparato legal se inscreve uma situação restritiva no plano privado (e não só às mulheres e não só às aristocratas, pois o Código tem um caráter normativo para toda a sociedade).

Na regulação das relações entre os sexos, o Código reafirma o poder masculino; apesar do princípio, essencial à Revolução Francesa, de igualdade entre os cidadãos, as relações entre os indivíduos que o Código organiza responde ao extremo cuidado de preservar uma ordem que se exprime sob diversas formas de autoridade masculina. Em primeiro lugar, a autoridade paterna: antes do casamento dos filhos; ao momento do casamento — consentimento e “*actes respectueux et formels*”²⁶; para romper o casamento; depois da rup-

²⁵ *Idem*, pp. 261/262, grifos nossos.

²⁶ Os “*actes respectueux et formels*” referem-se a um artigo do Código que outorga a filhos/as maiores que não obtêm o consentimento paterno para se casarem, o direito de simplesmente apresentarem aos pais suas decisões, por meio dos *actes*. Ginesta de Piombo, personagem de *A vendetta*, faz uso desse direito, conformando uma situação de confronto com seu pai.

tura do casamento ou pela morte do marido, a submissão da mulher a um “conselho de família”. Em segundo lugar, a autoridade do marido: o gozo dos direitos civis; a responsabilidade pela determinação do domicílio; o estabelecimento dos direitos e deveres respectivos dos esposos (“O marido deve proteção à mulher, a mulher obediência a seu marido”).²⁷

É diante dessa carga de autoridade que um projeto, como o de Renata, assume a conotação de transgressão, com todas as dificuldades que isso acarreta. Há uma outra questão concernente à sexualidade; as relações entre homens e mulheres são circunscritas ao casamento, com o objetivo pouco sutil de assegurar o reconhecimento da paternidade. Dessa forma, em tese, só no casamento é que as mulheres poderiam vivenciar sua sexualidade. No entanto, como o diz Luísa, “casamo-nos ao acaso e tu te casas também assim”, ou seja, as mulheres não têm opção de escolha. É ao acaso, também, que compatibilizar-se-iam (ou não) as suas necessidades individuais com as necessidades às quais o casamento visa responder. Balzac leva ao limite esses aspectos contraditórios da realidade do casamento. A se ficar preso aos pressupostos sociais que justificam esta instituição — que prevê uma hierarquização das relações, que pode ter um conteúdo restritivo à plena manifestação da sexualidade feminina (as mulheres se tornam o “terreno no qual se digladiam” a “lei natural e o código”) —, coloca-se para as mulheres uma situação de submissão às regras ou de transgressão, transgressão essa que é a negação e questionamento da própria instituição da forma como está organizada.

A essa época o casamento era considerado indissolúvel. O divórcio, que tinha sido estabelecido em 1792 e reinscrito em 1803 no Código Civil (com restrições bem claras com relação à lei de 1792),

²⁷ Esses princípios, em que a autoridade marital tem por corolário a incapacidade jurídica da mulher, têm uma longa persistência na França. Assim, só em 1938, o marido perde o controle sobre a conduta pessoal de sua mulher, quando esta pode tirar um passaporte sem autorização, estudar, ser executante testamentária, etc.). Em 1942, o marido se torna o “chefe da família” (o que não é mais um direito, mas uma função); enfim, só pela lei de junho de 1970, dá-se a instauração de uma direção conjunta da família.

fora abolido em 1816,²⁸ sendo substituído, em quase todos os casos de dissensões conjugais, pela *separação de corpos*, considerada como o *divórcio dos católicos*. Renata, sem que explicitamente se pronuncie a respeito do divórcio, invoca, não obstante, o espaço de liberdade que lhe garante à lei, caso seus projetos não se afirmem: “Arriscando-me aparecer execrável, dir-te-ei que persisto nos meus princípios, considerando-me muito grande e muito mimosa. (...) Se eu quisesse ver Luís infeliz e *provocar uma separação de corpos, não precisaria mais do que deixá-lo pôr-me uma corrente.*”²⁹

Sob uma outra perspectiva, Luísa a si mesma se interroga sobre essas questões, ao “teorizar” sobre o amor: “Há dois amores: o que ordena e o que obedece; são diferentes e dão nascimento a duas paixões, e uma não é a outra; para ter seu quinhão da vida, é possível que uma mulher precise conhecer um e outro.”³⁰ Luísa reivindica que o casamento tenha por base o amor; daí predicar a liberdade, tanto na escolha do marido, quanto na escolha de ser ou não o pólo dominador da relação, e não só isso, mas ter a liberdade, inclusive, de talvez efetuar as duas escolhas, o que imediatamente coloca em causa a indissolubilidade do casamento. Ela pautará sua vida sob esses princípios, contando para isso com o *acaso* (um “acaso” sabiamente administrado pela sua família e com a anuência de Luísa — temos que reconhecer — permitir-lhe-á casar-se por amor com um rico nobre espanhol que não só abre mão do direito, como lhe constitui um dote). É vivenciando essa experiência de amor que ela apreende o que é a limitação da vida da amiga e se solidariza com ela:

Como! Denominou-se um dever às graciosas loucuras do coração, à irresistível atração do desejo. E por quê? Que horrível po-

²⁸ Com a restauração, a religião católica fora novamente proclamada religião de Estado, e considerações religiosas fizeram votar a lei que suprimia o divórcio. Depois da supressão, em 1830, do artigo da Carta de 1814, que fazia da religião católica a religião do Estado, diversos projetos de restabelecimento do divórcio foram formulados, mas não aprovados. Só em 1884 o divórcio foi reinstaurado na legislação francesa. Ver, a respeito, Faille, 1968; Marty e Raynaud, 1976; Hunt, 1991.

²⁹ *Memórias de duas jovens esposas*, p. 263, grifos nossos.

³⁰ *Idem*, p. 219.

tência se lembrou de nos obrigar a calcar aos pés as delicadezas do gosto, os mil pudores da mulher, convertendo essas voluptuosidades em dever?

Como se poderia receber essas flores da alma, essas rosas da vida, esses poemas de sensibilidade exaltada, de um ser a quem não se amasse? *Direitos em tais sensações!* (...) Ó minha sublime Renata, acho-te agora muito grande! (...). Sim, a mulher que não faz como eu um secreto casamento de amor, (...) deve atirar-se na maternidade (...) Teu casamento puramente social e o meu, que é um amor feliz, são dois mundos que não se podem compreender (...). Tu ficas na terra, eu estou no céu! Tu estás na esfera humana e eu na esfera divina. *Eu reino pelo amor; tu reinas pelo cálculo e pelo dever.*³¹

Essa apologia da exaltação amorosa, da sensualidade, da paixão, do desejo, coloca em causa a forma como está instituído o casamento e, para Renata, dá a medida do contra-senso que representa a sua própria vida. Ela quer construir uma família, ela quer ser feliz; a amizade (a que se mescla uma dose de piedade) que tem ao seu marido é ditada pela vontade sincera de fazer “a felicidade deste homem”; ela está perto de atingir esses objetivos e seus sucessos a revoltam:

Se o amor é a vida do mundo, por que motivo filósofos austeros o suprimem no casamento? Por que a Sociedade torna por lei suprema *sacrificar* a Mulher à Família, criando por essa forma, necessariamente, uma luta surda no seio do casamento? *Luta por ela prevista, e tão perigosa, que inventou poderes para armar o homem contra nós*, adivinhando que nós tudo podíamos anular, fosse pelo poder da ternura ou pela persistência de um ódio oculto. Vejo neste momento, no matrimônio, duas forças opostas que o legislador deveria ter reunido; quando se reunirão elas? (...) As leis foram feitas por anciões e as mulheres o percebem; (...) Preocupados com a família, eles imitaram a natureza, ciosa unicamente de perpetuar a espécie. Antes eu era um *ser*, agora, sou uma *coisa*. (...) ³²

³¹ *Idem*, p. 292 (grifos nossos).

³² *Idem*, p. 214 (grifos nossos).

Segundo Michel (1978), Balzac dá um peso singular a esses argumentos ao confiá-los não a uma mulher revoltada contra o casamento, como Júlia d'Aiglemont (*A mulher de trinta anos*), mas a uma que acredita no casamento, que quer uma família, que não abre mão desses objetivos, cuja generosidade é real, e cujo marido não é nenhum déspota, muito pelo contrário; “pelo desespero de Renata, o romancista afirma que a ordem burguesa poderia muito bem ser uma impostura” (Michel, 1978, p. 188). Impostura no sentido de circunscrever as relações sexuais no âmbito do casamento, enaltecer a instituição do casamento como espaço de realização amorosa e, na prática, negar as possibilidades dessa realização, sobretudo para as mulheres. Quem sustenta tais teses? “Austeros filósofos”: Renata designa Bonald: “enquanto lias *Corina*,³³ eu lia Bonald³⁴ (...)”. A questão no entanto não é simples. Se Renata (e, também, Balzac) aceita em parte as formulações dos “austeros filósofos” quanto a ser a família a “uma bela obra das mulheres”, como “a única unidade social possível” (*Idem*, p. 269), refuta, no entanto, que tal obra requiera o “sacrifício” das mulheres. É dessa forma que Renata elaborando as suas percepções subjetivas as apreende não como uma injunção individual mas como denotativa da condição de ser mulher. Essa condição é pensada não só como assimetria, mas mesmo como oposição, de *luta surda* em relação ao outro sexo, sobretudo,

³³ *Corina* (1807), famoso romance de Mme. de Stael, de tendência “feminista”: a heroína é uma poetisa genial que não encontra seu lugar na sociedade. (N. do T.) Mme. de Stael em várias obras se insurge contra a posição subordinada das mulheres na sociedade. Claire Démar, em *Ma Loi d'Avenir*, ressalta esse aspecto de sua obra, retomando e desenvolvendo seus argumentos, particularmente os que se referem à realização amorosa.

³⁴ Bonald (1754-1840) foi um dos defensores mais ardorosos das idéias monárquicas e católicas. No início do século XIX, com a esperança de restaurar o Antigo Regime, foi um grande teórico da família. Sua moral de família é uma decorrência de sua concepção de poder político. No círculo da vida da família, o pai, como o rei no Estado, encarnava o poder divino; a mulher aparecia como o “ministro” deste poder — e os filhos como seus súditos (menores, independentemente da idade). Sob a Revolução de 1830, seus argumentos quanto à família ganham atualidade, apreciando-se nele o teórico da autoridade, da propriedade, da “família forte e santa”, mas excluindo toda sua concepção política de poder, muito ligada a valores do Antigo Regime. Ver, a respeito: Michel, 1978; Andreoli, 1988; Perrot, 1991.

no interior do casamento, só questionada pela manifestação da sensualidade:

Ah, Renata, o que é admirável é que o prazer não tem necessidade de religião, de pompas, nem de palavras altissonantes, é tudo por si mesmo; ao passo que *para justificar as atrozes combinações de nossa escravidão e de nossa vassalagem, os homens acumularam teorias e máximas*.³⁵

Varikas (1989), ao discutir sobre a gênese da consciência de gênero no século XIX, diz ser comum nos escritos de autoras desse período a referência a termos que designam categorias sociais relativas a outros contextos histórico-culturais para se referirem à própria condição de ser mulher; assim se dissemina o emprego dos termos “escravas”, “párias”, “vassalas”, como denotativa de sua percepção de exclusão e subordinação social. Essas colocações ganham sentido, quando se considera que *Memórias de duas jovens esposas* tem suscitado controvérsias quanto à posição de Balzac diante das vertentes do feminismo de sua época. Já em 1841, conforme nota publicada em *La Presse* (jornal que publicara *Memórias de duas jovens esposas* sob a forma de folhetim), um autor anônimo a comenta:

(...) da comparação dos seus dois destinos, resulta que o casamento, na nossa sociedade, se funda mais sobre a maternidade do que sobre a paixão. *Isto é*, em uma só palavra, *um incontestável desmentido dado a todas as teorias novas sobre a independência da mulher* e uma obra escrita num fim essencialmente moral.³⁶

A análise de um outro autor da época, Ferrière, vai num sentido oposto, vendo essa obra como complacente com relação a uma nova feminilidade “negativa e negadora das virtudes burguesas” — “Ele (refere-se à Balzac) tomou a precaução de divinizar os defeitos que reprova, e de dar às suas maledicências um perfume de elogio à maneira de Brantôme.(...) (a obra é) debilitante. Nesses tempos de

³⁵ *Memórias de duas jovens esposas*, p. 294, grifos nossos.

³⁶ Pléiade II, Tomo I, “Histoire du texte”, p. 1.248.

tormenta, o homem tem necessidade das alegrias simples da família e das consolações da religião”.³⁷

Com efeito, as formulações que Balzac nos apresenta são próximas às de autoras que vêm sendo consideradas precursoras de bandeiras feministas: Claire Démar, Mme. de Stael, George Sand, Mme. Guizot, etc... Nosso objetivo, contudo, é bem menos proceder a uma análise da gênese do feminismo no século XIX, trabalho que vem sendo objeto de inúmeras pesquisas,³⁸ mas mostrar em que debate de idéias se inscreve a sua reflexão.

Segundo Arlete Michel, Balzac confronta duas vertentes de feminismos que então são discutidos: um que ela chama de burguês e outro o aristocrático. Como feminismo burguês, ela designa toda uma corrente que reivindica para as mulheres o papel de regeneradora das relações familiares, sendo Mme. Guizot, autora de *Éducation Domestique ou Lettres de Famille sur l'Éducation* (1826), uma de suas principais porta-vozes. Tal corrente enfatiza um projeto de educação destinado a fortificar nas jovens o espírito de iniciativa, o bom senso, o senso das responsabilidades da mulher diante da família; considera-se que as mulheres assim educadas, por sua vez, se tornariam educadoras, e teriam por sua autoridade moral e pela maternidade um ativo papel social; esse feminismo é uma contraposição ao papel subordinado que está se delineando para as mulheres e é, também, uma resposta às tendências expressas por um feminismo de cunho libertário, que Michel chama de aristocrático. Consideramos problemática essa categorização por colocar num mesmo plano correntes que não têm um caráter homogêneo. Nem todo feminismo libertário é de cunho aristocrático. Com efeito, se as posições de Fourier, Infantin, Saint-Simon, Démar, Sand, etc. têm em comum o fato de predicarem a liberdade sexual para as mulheres, a liberdade de opção quanto a casar-se ou não, opção quanto à maternidade, etc., contudo, mantêm divergências de princípios e não são expressão exclusiva de uma posição aristocrática.

³⁷ Ferrière, Théophile. *Les romans et le mariage*. Apud, Michel: 1975, p. 180.

³⁸ Ver a respeito, entre outros: Klejman e Rochefort, 1989; Perrot, 1986/1987; Perrot et alii, 1987; Planté, 1988; Riot-Sarcey, 1988; Scott, 1990; Varikas, 1987/1989; Kappeli, 1991.

A nosso ver, Balzac se insere nesse debate, menos como defensor de uma ou outra posição e sim como um analista das condições contraditórias que permeiam a realidade da vida das mulheres, no caso, aristocratas. Mas sua análise muitas vezes extrapola a dimensão de classe, principalmente quando discute experiências e vivências subjetivas femininas dadas por sua constituição biológica e quando discute uma normalização social que diz respeito ao conjunto das mulheres. Esses planos de análise são permanentemente confrontados, recorrentemente questionados.

A impressão que se tem é que Balzac a si mesmo se interroga e busca responder, sobre o que seria cultural, histórico e contingente, e o que seria “natural” na constituição da feminilidade. Isto se evidencia particularmente na discussão de dois aspectos da realidade da vida das mulheres que guardam referência a uma pretensa “ordem natural” — a sexualidade e a maternidade. Assim, analisará de forma minuciosa os sentimentos, sensações, angústias concernentes à maternidade — “o fato mais natural e mais surpreendente em nós”, conforme expressão de Renata — e à sexualidade, presumidamente um instinto “natural”: “Há não sei que apetite em mim para as coisas desconhecidas ou, se quiseses, proibidas, que me inquieta e me revela, no meu íntimo, um combate entre as leis das sociedades e as da natureza. Não sei se em mim a natureza é mais forte do que a sociedade, mas surpreendo-me a fazer transações entre essas potências”, dirá Luísa (p. 270). Vejamos um e outro aspecto da questão.

A discussão a respeito da sexualidade em Balzac está estritamente ligada à discussão sobre o amor e a paixão. Se a forma elementar do desejo, “princípio de todas as paixões”,³⁹ é de conteúdo sexual, o amor e as paixões são em si mesmo as metamorfoses do desejo, na sua conotação mais ampla de fruição e desenvolvimento de todos os sentidos humanos: “*O amor é o acordo da necessidade e do sentimento, (...) é a poesia dos sentidos. Tem o destino de tudo quanto é grande no homem, de tudo o que procede de seu pensamento. Ou é sublime, ou não*”, dirá ele em *Fisiologia do casamento*. Balzac atribui uma dupla dimensão à sexualidade: um substrato biológico, chega mesmo a dizer, um caráter de necessidade, comum e

³⁹ Prefácio à *A comédia humana*, p. 677.

vital tanto para homens quanto para as mulheres; ao mesmo tempo, amplia essa dimensão, dando-lhe uma conotação pulsional que perpassará todas as manifestações da criatividade e da sociabilidade humana: “A paixão é toda a humanidade. Sem ela, a história, o romance, a arte seriam inúteis”.⁴⁰ “Matar as paixões, seria matar a sociedade.”⁴¹

Um pequeno parêntese. Para Barbéris (1973) é toda a obra de Balzac que explica e ilustra essa frase. As paixões n’*A comédia humana* são apresentadas sob uma dupla conotação — como motor e valor. São elas que fazem a humanidade se agitar, sonhar, mover, agir e pois que definem também um modo de vida, uma intensidade criadora que ainda que possam levar a desilusões e a desenlaces trágicos (e são inúmeros n’*A comédia humana*), não perdem, contudo, o caráter de uma tentativa humana de superar as próprias limitações. A importância de que se revestem as paixões em Balzac, e não só as paixões amorosas, mas as paixões pelo estudo, pela arte, pelo dinheiro, etc., as quais são apresentadas como de um mesmo conteúdo que as paixões amorosas (sublimadas, poderíamos dizer), não passa despercebida a quase nenhum de seus analistas.⁴² Torna-se irresistível, a partir dessas premissas de Balzac, não estabelecer associações entre suas formulações e o desenvolvimento que lhe dará um outro grande pensador — Freud. Contudo, esse é outro trabalho. Limitamo-nos agora apresentar alguns elementos do pensamento de Balzac.

Pode-se dizer que a questão da sexualidade perpassa toda *A comédia humana*. Muitas vezes, para as mulheres, sobretudo na forma de impasses, dramas da incompreensão, do desacordo, do desencontro amoroso. Alguns exemplos: Dinah Piédfer (*A musa do departamento*) emagrece, fenece, perde a vivacidade, pois seu marido, “quase um inseto”, é impotente; os desequilíbrios de Mme. Mortsauf (*O lírio do vale*) têm a mesma origem, e sua morte, por anorexia nervosa, tem o sentido simbólico de expressar os paroxismos da sua recusa, por motivos religiosos e sociais, a uma entrega

⁴⁰ Prefácio à *A comédia humana*, p. 674.

⁴¹ *A casa nucingem*, p. 618.

⁴² A bibliografia nesse sentido é extensíssima. Ver, sobretudo, Hourdin, 1955; Belessort, 1936; Barbéris, 1973.

amorosa; Veronique Graslin (*O cura da aldeia*), que casou-se com um velho avarento e brutal, só reencontra vida, quando se apaixona pelo operário Tascheron; Rose Cormon (*A solteirona*), uma inocente *vieille fille*, que não sabe como se fazem filhos, sonha com uma paixão, que ela não chega nem a objetivar, e em função desse sonho ela casar-se-á com um homem despótico, que a anulará; etc... Esses dramas ou estas dissonâncias não são naturais, mas resultados da vivência social.

Se a sexualidade é um “sentimento” e uma necessidade “natural” entre homens e mulheres, entretanto, é socialmente que se manifesta e é construída e o é denotando hierarquização entre os sexos. É dessa forma que Balzac parte do pressuposto que, em princípio, homens e mulheres jovens têm as mesmas necessidades, e isso os iguala; na medida em que se inserem no mundo social, começam a se diferenciarem, e em função principalmente da vivência da sexualidade: “O jovem é puro; os infortúnios nascem do antagonismo desconhecido que produzem as leis sociais entre os mais naturais desejos e os mais imperativos anelos de nossos instintos em todo seu vigor (...).”⁴³ Se as necessidades são iguais e “imperativas”, as vivências não serão as mesmas; o controle à manifestação da sexualidade entre os jovens já determina assimetrias — para os homens, a vivência sexual nem sempre com o amor (sentimentos); para as mulheres, a vivência do amor (sentimentos) frequentemente sem sexo; para ambos, uma sensação de não-plenitude. A necessidade de uma plenitude, contudo, subsiste. É na busca de satisfazê-la que se instauram novas assimetrias. Nesse sentido a reflexão sobre a sexualidade em Balzac é, também, uma reflexão sobre o poder, no nível das relações entre homens e mulheres. Um poder que subverte os termos em que estão a se pautar as relações entre os sexos e mesmo as relações sociais: “A mulher leva a desordem à sociedade pela paixão” (*Ilusões perdidas*, p. 199). Parece ser pelos sentimentos que as mulheres adquirem força, sobrepõem-se aos homens e, contraditoriamente, também se fragilizam agir. Um fenômeno de ordem subjetiva se relaciona às possibilidades do agir feminino nessa emergente sociedade:

⁴³ Davin e Balzac, *op. cit.*, p. 1.146.

O homem conta com sua força e o exercício de seu poder: age, mexe-se, trabalha, pensa, abarca o futuro e nele encontra consolos. (...) Mas a mulher fica parada, face a face com o infortúnio do qual nada a distrai, desce ao fundo do abismo que ele abriu (...). Sentir, amar, sofrer, dedicar-se será sempre o texto da vida das mulheres.⁴⁴

Socialmente, atribui-se aos homens a hegemonia da ação e às mulheres a hegemonia dos sentimentos. Sua colocação remete a formulações de Mme. de Staël, em *De la Influence des Passions*, sobre o amor e sua diferente dimensão na vida de homens e mulheres:

A natureza e a sociedade deserdaram a metade da espécie humana; força, coragem, gênio, independência, tudo pertence aos homens; e se eles cercam de homenagens os anos de nossa juventude, é para se dar o prazer de derrubar um trono (...). É verdade, *o amor que inspiram dá às mulheres um momento de poder absoluto*; mas é no conjunto da vida, no curso mesmo de um sentimento que seu destino retoma seu inevitável império. *O amor é a única paixão das mulheres*; a ambição, o amor da glória lhe trazem tanto mal, que com razão um número muito pequeno delas se ocupam. (...) *O amor é a história da vida das mulheres; é um episódio na vida dos homens*: reputação, honra, felicidade, estima, tudo depende da conduta que a esse respeito as mulheres mantiveram; enquanto *as leis da própria moralidade (...) parecem suspensas nas relações dos homens com as mulheres* (...).⁴⁵

Balzac tem presente e confirma, em parte, essas teses de Staël; se o poder, como expressão de força e independência, etc., parece estar do lado dos homens (e não são essas qualidades naturais, mas atributos que podem ser desenvolvidos), têm as mulheres, entretanto, um “poder absoluto” quando amadas. Isto nos remete a ter que refletir sobre qual a natureza desse poder, em que ele é natural, em que ele é construído. Vejamos alguns de seus aspectos. O texto de Staël sugere inicialmente juventude; poderíamos pensar, da mesma forma, em beleza, pois Balzac não nega ser a beleza e a juventude

⁴⁴ Eugénie Grandet, p. 325.

⁴⁵ Staël, 1796/1979, pp. 142/143.

um dos atributos “naturais”, responsáveis pelo fascínio, pelo poder que as mulheres exercem sobre os homens; mas beleza e juventude não são atributos exclusivamente femininos; ele dirá que o mesmo fascínio, o mesmo poder, ocorre na relação das mulheres com homens jovens e belos. Para Balzac, isto explica o jugo a que se submetem algumas mulheres a homens muitas vezes fátuos, oportunistas. Dirá uma personagem (Lady Dudley), galantemente, ao amante belo:

Perguntei-me se ao amar-te cometia um crime, se violava as leis divinas, e descobri que nada é mais religioso nem mais moral do que isso. Por que Deus criaria seres mais belos do que os outros, senão para indicar-nos que devemos adorá-los? Não te amar é que seria um crime. Acaso não és um anjo? (...) Poderá ele querer mal a uma pobre mulher por sentir apetite pelas coisas divinas?⁴⁶

Os atributos de beleza e juventude conferem a quem os possui um domínio momentâneo, limitado no tempo, tal como o diz Staël; portanto, para se mantê-lo, se o quiser, há que se produzi-lo. A questão da “produção” da beleza, principalmente, é uma das constantes n’*A comédia humana* e está ligada à discussão relativa à arte, aos costumes femininos, à moda, aos jogos de sedução, etc. Vejamos um momento elucidativo:

Até a idade dos trinta anos, as belas mulheres de Paris nada mais pedem à *toilette* do que um vestuário; mas ao passar pelo pórtico fatal daquela idade, elas buscam armas, seduções, embelezamentos nas coisas da moda; com elas compõem graciosidades, nelas encontram meios, tomam ali um caráter, rejuvenescem-se, estudam os mais insignificantes acessórios, passando, enfim, da natureza à arte.⁴⁷

Acentuando o caráter cultural e artificialmente produzido do processo e capacidade de sedução, e não unicamente pela beleza — um atributo muitas vezes natural —, Balzac desenvolve o engraçado

⁴⁶ *O lírio do vale*, p. 417.

⁴⁷ *Beatriz*, p. 368.

argumento de serem os feios os que mais inspiram amor, pois, pela beleza que é “inata”, homens e mulheres são “naturalmente” amados, enquanto os feios para se fazerem amar têm que produzir em si algo que produza o sentimento no outro. Essas questões, disseminadas n’*A comédia humana*, são particularmente discutidas em *César Birotteau* e *A procura do absoluto*, em que ele dirá:

(...) a mulher torta a quem o marido acha ereta, a mulher coxa a quem um homem não quer de outra forma, ou a mulher idosa que parece moça, não são elas as mais felizes criaturas do mundo feminino?... A paixão humana não poderia ir mais longe. (...) Esquecer que uma mulher coxa não caminha direito é a fascinação de um momento; amá-la, porém, porque manqueja, é a deificação de seu defeito. Dever-se-ia talvez gravar no Evangelho das mulheres esta sentença: “Bem-aventuradas as imperfeitas, porque a elas pertence o reino do amor”.⁴⁸

Retomando questões. A sexualidade teria uma conotação de algo absoluto, complexo, que transcende e, ao mesmo tempo, confirma o seu estatuto social; transcende, mas ao mesmo tempo confirma seu estatuto biológico. É expressão do eu e expressão de uma subjetividade em sociedade. Ao incorporar a dimensão do sonho, da imaginação, questiona os seus limites físicos: “A imaginação não tem limites e os prazeres os têm. Dize-me, caro doutor de saias, como conciliar esses dois termos da existência da mulher” (*Memória de duas jovens esposas*, p. 274). Como manifestação do eu, mantém referência a uma dimensão social à medida que implica uma relação de alteridade, uma relação com o outro:

O homem obedece a dois princípios. Há nele a necessidade e o sentimento. Os seres inferiores ou fracos tomam a necessidade por sentimento, ao passo que os seres superiores disfarçam a necessidade sob os admiráveis ouropéis do sentimento, (...) ele, ouve, adivinha, compreende a mulher; ele a ergue nas asas de seu desejo, (...) Por isso quando a inteligência, o coração e os sentidos,

⁴⁸ *A procura do absoluto*, p. 498.

todos eles inebriados, nos arrastam, não se cai sobre a terra. (...) Felipe é um anjo. (...) *Sem figura de retórica ele é um outro eu.*⁴⁹

A vivência da sexualidade enquanto realização do *eu*, permite transcender a própria subjetividade e se relacionar com o outro, como *um outro eu*; possibilita o estabelecer uma relação de igualdade. “Existe, entre amantes, uma igualdade, que, a meu ver, jamais deve existir entre marido e mulher, sob pena de subversão social (...)” (*Idem*, p. 260).

O *eu* só se realiza em sociedade, outro axioma. Dirá Luísa, sem se dar conta que, contraditoriamente, antes afirmava que o “prazer não tem necessidade de religião, de pompa, nem de palavras altíssimas”:

Há, realmente, nesse concerto de desejos e de admiração tão constante satisfação da vaidade, que agora compreendo os gastos excessivos que fazem as mulheres, para gozar essas frágeis e passageiras vantagens. *Esse triunfo inebria o orgulho, a vaidade, o amor-próprio, enfim todos os sentimentos do eu.* Essa perpétua divinização embriaga tão violentamente que não me admiro mais de ver as mulheres se tornarem egoístas, esquecidas e levianas no meio dessa festa. *A sociedade sobe à cabeça.* (...) Sabe-se quanto esse comércio é custoso, sabe-se que nele se é roubado, mas assim mesmo nós o fazemos.⁵⁰

Ou seja, realizar o seu *eu*, para uma aristocrata, é realizar-se como portadora de todo um estilo de vida característico de uma determinada classe. Nesse sentido, a manifestação da sexualidade como manifestação do *eu* assumiria características diferentes conforme as classes sociais? Contudo, sem respondermos de imediato a essa questão, o que procuraremos desenvolver nos capítulos subsequentes, diríamos que as aristocratas balzaquianas se advogam amar mais e melhor que as mulheres burguesas e serem mais capazes de sacrifícios e de ousadias pela preservação do que consideram um atributo de sua classe. Nada melhor delinea essa ousadia do que o compor-

⁴⁹ *Memórias de duas jovens esposas*, p. 292.

⁵⁰ *Memórias de duas jovens esposas*, p. 309.

tamento de Diane de Maufrigneuse, célebre por sua intensa vida amorosa: “Sobre uma mesa brilhava um álbum do mais alto valor, que nenhuma das burguesas que atualmente pompeiam na nossa sociedade industrial e irrequieta ousaria exhibir. *Essa audácia pintava admiravelmente a mulher*. O álbum continha retratos, entre os quais havia uns trinta de amigos íntimos que o mundo chamara de amantes dela. Esse número era uma calúnia; mas relativamente a uma dezena, seria talvez, no dizer da Marquesa d’Espard, apenas uma bela e boa maledicência.”⁵¹ Na evocação dessa superioridade, as aristocratas buscam marcar diferenças de classe:

(...) confesse — dizia-me ela — que *nos nossos vulgares costumes modernos, a aristocracia não pode se destacar senão pela originalidade dos sentimentos*. Como poderei demonstrar aos burgueses que o sangue de minhas veias não se assemelha ao seu (...)? Mulheres sem origem nobre podem ter diamantes, finos vestidos, cavalos e até os brasões que nos deveriam ser reservados, porque pode-se comprar um nome! Mas, amar com a cabeça erguida, contrariamente à lei, morrer pelo ídolo escolhido (...), submetendo o mundo e o céu a um homem (...) Eis as grandezas inacessíveis às mulheres vulgares.⁵²

Se Balzac apresenta as aristocratas reivindicando para si uma pretensa superioridade em termos de sensibilidade, não partilha irrestritamente dessas suas presunções. Enfatiza, isso sim, o quanto a sensibilidade está, sob diferentes perspectivas, estritamente ligada a um processo civilizatório, a exacerbação dos afetos, a *originalidade dos sentimentos*, tanto uma forma subjetiva de reelaboração de uma perda real de *status*, para a aristocracia, a esse momento, quanto resultado de um processo histórico-cultural e ainda paradigmático para a sociedade. E assim, outra dimensão da sexualidade é enfatizada, relacionando-a à fruição e mesmo ao impulsionamento do desenvolvimento das benesses da sociedade, de suas manifestações artísticas e produtivas, enfim, a todas as manifestações da cultura. É dessa forma que, a seu ver, as paixões suscitam, entre outras

⁵¹ *Os segredos da princesa de Cadignan*, p. 498

⁵² *O lírio do vale*, p. 390.

coisas: os cuidados com o próprio corpo, com o requinte dos ambientes e das *toilettes*; o aprimoramento das maneiras; o desenvolvimento do “espírito” e da sensibilidade, etc... Estas manifestações, enriquecedoras da vida social e enriquecedoras da própria subjetividade. Balzac tem presente que estas manifestações não são um atributo exclusivamente feminino, nem aristocrático, e da mesma forma não atribui a esse culto um caráter negativo; todos *dandys*, todos *parvenus*, todos “espíritos superiores”, todos os apaixonados, sejam eles homens ou mulheres d’*A comédia humana*, as cultuam.⁵³

Instigantemente, e de forma bastante original, Balzac articula a questão da sexualidade a todo o movimento social. Essas questões são retomadas em muitas de suas obras, ora de forma mais, ora de forma menos explícita. Em *Fisiologia do casamento*, Balzac elabora, ironicamente, uma pseudo-“estatística” para demonstrar que o dinheiro que é despendido com roupas luxuosas, presentes, teatro, etc., custos, enfim, que uma paixão suscita — à sua época e num determinado círculo social — movimentam todo o tecido social:

Realmente, uma paixão consome uma quantidade prodigiosa de mantos, gravatas, vestidos, necessitados pelo “coquetismo”; porque há um imenso prestígio ligado à brancura das meias, ao brilho de um lenço de pescoço e de um colete, às pregas artisticamente feitas de uma camisa de homem, à graça de sua gravata e de seu colarinho. (...) Como provamos, pelos cálculos de nossa estatística conjugal (...), que havia em França uma massa flutuante de pelo menos um milhão e quinhentas mil paixões ilegítimas, segue-se: Que as “conversações criminosas” do terço da população francesa contribuem com uma quantia perto de três milhares de milhões para o vasto movimento circulatório do dinheiro, verdadeiro *sangue social*, cujo coração é o orçamento.⁵⁴

⁵³ É extremamente delicada, por exemplo, a forma como Balzac apresenta Eugênia Grandet apaixonada: seus gestos, primeiros, de vaidade; a vontade de modificar o seu paupérrimo ambiente; a vontade de proporcionar o que considera luxo ao primo pelo qual se enamorou; a sutileza de seus sentimentos; a coragem para enfrentar um pai despótico, etc...

⁵⁴ *Fisiologia do casamento*, p. 505.

Chama-nos a atenção que essas suas formulações são muito próximas às da economia política clássica quanto à discussão do luxo como um fator de desenvolvimento das forças produtivas. Principalmente às formulações de Mandeville, em *The fable of the Bees*, o qual coloca a questão em uma frase lapidar: “Private Vices, Public Benefits” (Os vícios privados fazem a prosperidade pública). Essa perspectiva de análise possibilita conectar um fenômeno considerado de ordem subjetiva a fenômenos de ordem histórico-social e ampliar o entendimento das complexas relações entre subjetividade e sociabilidade.

Retornando às nossas questões iniciais quanto à feminilidade, vemos que, se tomarmos como parâmetro a sexualidade, tal como a entende Balzac, podemos dizer que ela joga um papel decisivo na vida das mulheres, e não só das aristocratas. Permite entender como se engendram socialmente determinados papéis, determinadas necessidades, determinadas manifestações de feminilidade (e, também, de masculinidade). Isto nos conduz a analisar o segundo aspecto “natural” da feminilidade — a maternidade.

Vejamus primeiramente as articulações entre sexualidade e maternidade. A maternidade é um substitutivo da sexualidade? Os argumentos de Renata são fundamentais. Grávida, ela quer acreditar que sim, e ao mesmo tempo, duvida:

Alegrando-me com teu feliz casamento (e por que não te confessarei tudo?), invejando-o com todas as minhas forças, senti o primeiro movimento de meu filho, (...) — Dedicção! a mim mesma perguntei — *não serás tu mais do que o amor? Não és tu a mais profunda volúpia, por seres uma volúpia abstrata, a volúpia geradora?*⁵⁵

Nessa sua perspectiva, a maternidade, como “volúpia geradora”, suplantaria o amor: “O amor é o mais lindo furto que a Sociedade soube fazer à Natureza; mas a maternidade não é a Natureza na sua felicidade?” (*Idem*, p. 296). No entanto, se pergunta, se a maternidade é um fato natural e de tão alta transcendência na vida das mulhe-

⁵⁵ *Memórias de duas jovens esposas*, p. 296. grifos nossos.

res, o natural seria a experimentação dessa vivência, com todas suas exaltações, já na gravidez, e ela se inquieta que tal não ocorra:

Ai de mim! eu nada sinto e não me animo a confessar o estado de insensibilidade perfeita em que estou. (...) Como contigo me é permitido ser franca, confesso-te que na crise em que me acho, *a maternidade começa apenas na imaginação*.⁵⁶

Indicar que a maternidade começa na imaginação questiona uma interpretação estritamente biológica da gravidez; na sua imaginação estão presentes as angústias decorrentes da forma pela qual foi socialmente induzida a se tornar mãe; é a angústia por saber que seu filho não fora gerado por amor, não fora “planejado”, é um filho do “acaso e do dever”.

As angústias de Renata ganham legibilidade pelas trajetórias de outras personagens — Júlia d’Aiglemont (*A mulher de 30 anos*) e Honorina (*Honorina*); ambas têm um filho de maridos a quem não amam e com quem têm incompatibilidades; socialmente se espera — e elas próprias assumem tal valor — que devam amar seus filhos; no íntimo, contudo, sabem que tal não se dá, mesmo que “socialmente falando, sejam irrepreensíveis”: “Sou mãe só pela metade, e antes não o fosse em nada”, dirá Júlia.⁵⁷ Dessa forma, têm em relação a seus filhos uma contínua relação de culpa, de insatisfação moral que as anulam como pessoa. A figura da “mãe culpada”, outro *tipo* criado por Balzac, questiona o contra-senso que representa na vida das mulheres o conferir à maternidade, baseado numa contingência biológica, o atributo de ser o espaço possível à sua realização, quando as contingências sociais podem, ao mesmo tempo, negar as possibilidades dessa realização. Balzac ao relatar todos os indícios fisiológicos, biológicos e mesmo emocionais da gravidez de Renata acentua o que são esses “sofrimentos desconhecidos”, que não têm visibilidade social:

Nesse momento minha vida é uma vida de espera e de mistério, na qual o mais nauseabundo sofrimento habitua, sem dúvida, a

⁵⁶ *Idem*, p. 297

⁵⁷ *A mulher de trinta anos*, p. 598.

mulher a outros sofrimentos. Observo-me. (...) Tenho vagas inquietações, às quais se misturam os enjôos, as perturbações, os singulares desejos da gravidez. (...) Estou excessivamente curiosa por saber em que *momento da vida* começa o *sentimento materno*. Não pode ser no instante das pavorosas dores que eu temo.⁵⁸

Essa mesma angústia persiste imediatamente após o parto: “Tornei a deitar-me, muito desolada, por me sentir tão pouco mãe.(...) O pequeno monstro tomou meu seio e sugou-o: eis o *fiat lux!* Senti-me subitamente mãe. (...) Dar a vida nada é, mas amamentar é dar a vida a todo o momento.”⁵⁹

Se a amamentação pode nos levar a pensar que persiste ainda um substrato biológico na construção do “sentimento materno”, Balzac, fazendo falar Renata, paulatinamente vai nos conduzindo a ampliar esses pressupostos, tendendo a demonstrar que a maternidade é construída socialmente. Nesse sentido a sua tese é bastante atual. São muitas as pesquisas recentes que vêm questionando uma interpretação estritamente biológica da maternidade:

A fim de tomar seriamente o gênero como uma categoria sociocultural, precisamos acima de tudo acabar com a categoria sociocultural “biologia” e abandonar as noções ligadas a ela. Em primeiro lugar, precisamos refutar o rótulo sexo ou gênero como “biológico” e perceber o corpo feminino, sexualidade e órgãos envolvidos, ou amamentação, parto, e maternidade como “biologia”.(Bock,1988, p. 15).⁶⁰

Temos que dizer que não só a maternidade, mas também a paternidade é discutida por Balzac sob essa mesma perspectiva, sobretudo nas obras *A vendeta*, *A procura do absoluto*, *César Birotteau*, *A menina dos olhos de ouro* e *O pai Goriot*. Vejamos uma pequena passagem, que é muito correlata quanto ao que estamos discutindo:

E também possível (...) que os pais só amem os filhos com os quais possuem intimidade; convicção essa da maior importância

⁵⁸ *Memórias de duas jovens esposas*, p. 297.

⁵⁹ *Idem*, p. 304.

⁶⁰ Ver também, entre outros, Perrot. 1987; Ferrand, 1989.

para a estabilidade das famílias, (...) por provar que *a paternidade é sentimento cultivado em estufa pela mulher, pelos costumes, pelas leis*. O pobre Henrique de Marsay só encontrou pai naquele dentre os dois que não era obrigado a sê-lo (ele não fora criado pelo pai). Naturalmente, a paternidade do Sr. de Marsay foi muito incompleta. As crianças, na ordem natural, só têm pai por poucos instantes; e o fidalgo imitou a natureza.⁶¹

O sentimento materno, para Balzac, é uma decorrência das contínuas e renovadas relações que se estabelecem entre mãe e filho. Por meio do relato de Renata, sabemos que o cotidiano se modifica e as relações familiares se solidificam. “Luís teve uma mudança para melhor, estuda agora mais do que antes. A criança duplicou a ambição do pai”. E ela própria religa sua vivência pessoal de mãe a uma vivência social, reiterando seus valores aristocráticos:

*Nisto a Sociedade enriqueceu a Natureza, pois aumentou o sentimento materno com o espírito de família, a continuidade de nome, do sangue, da fortuna. De que amor uma mulher não deverá cercar o querido ser que, primeiro que todos, lhe fez conhecer semelhante felicidade, lhe fez desenvolver as forças de sua alma, e lhe ensinou a grande arte da maternidade? O direito de primogenitura (...) não me parece passível de discussão. Ah! quanta coisa um filho ensina à sua mãe.*⁶²

É comovente e extremamente elucidativa dos costumes da época a descrição de todos os percalços e trabalhos por que passa Renata: as dificuldades de amamentação dos filhos, as doenças infantis, os projetos de educação (educação pública ou doméstica?), etc., que a levam a dizer: “A maternidade comporta uma série de poesias suaves ou terríveis”. Nos permitimos um parêntese. Para Balzac, só o processo de criação artística e intelectual, como trabalho, e, nesse sentido, “volúpia abstrata, volúpia geradora”, guarda semelhança e/ou é da mesma natureza da maternidade:

⁶¹ *A menina dos olhos de ouro*, p. 259.

⁶² *Memórias de duas jovens esposas*, p. 306.

Pensar, sonhar, conceber belas obras é uma ocupação deliciosa. (...) A obra surge então na graça da infância, na alegria louca da criação (...). Tal é a concepção e seus prazeres. Quem pode, com a palavra, esboçar seu plano já é tido na conta de homem extraordinário. Esta faculdade, todos os artistas e escritores a possuem. Mas produzir, dar à luz, cuidar laboriosamente da criança, deitá-la farta de leite, vesti-la cem vezes com as mais lindas roupas, que ela incessantemente rasga; não se aborrecer com as convulsões desta vida maluca e fazer dela a obra-prima que a todos fala como *escultura*, a todas as inteligências como *literatura*, a todas as recordações como *pintura*, a todos os corações como *música* isto é a *execução* e seus *trabalhos*. (...) Esse hábito de criação, *esse amor infatigável da maternidade* que faz a mãe (obra-prima natural, que Rafael tão bem compreendeu!), enfim, essa *maternidade cerebral* tão difícil de conquistar, perde-se com prodigiosa facilidade.⁶³

Em nome do sentimento materno vivenciado em toda sua complexidade, do desejo de garantir um futuro seguro aos filhos, que Renata impulsionará o marido a se fazer eleger deputado, a obter o título de conde, a se engajar em disputa para garantir cargos na administração pública⁶⁴ e, enfim, a abrir mão de um projeto aristocrático, aderindo à Revolução de Julho de 1830: “Esses sábios cálculos determinaram em nossa casa a aceitação da nova ordem de coisas” (*Idem*, p. 295).

Se uma parcela da aristocracia adere à “nova ordem de coisas”, o que ocorre com os que não aderem? A trajetória de Luísa, nesse sentido, ganha legibilidade, talvez metafórica. O seu primeiro casamento permite-lhe ficar rica, a seu pai tornar-se embaixador, a sua mãe manter o domínio sobre o amante (à medida que lhe garante um

⁶³ A *prima Bete*, p.205.

⁶⁴ Tal como o faz um grande número de aristocratas nesse momento, este é um dos elementos que acirrará a indisposição da burguesia: “Vendo a violência de compressão que os recém-chegados da Restauração executaram nas repartições públicas e, sobretudo, a volta da antiga sociedade que espezinhava a burguesia, Brígida compreendeu (...) a crise social em que se extinguíam as esperanças comuns de ambos. Não havia mais possibilidade de sucesso para o belo Thuiller junto aos nobres que sucediam aos plebeus do Império”. *Os pequenos burgueses*, Vol. XI, p. 382.

posto na carreira diplomática), a seu irmão ser, enfim, “alguma coisa no Estado”. Em termos pessoais, ela viverá conforme sonhou: uma intensa vida amorosa e social que reitera e “restaura” um padrão aristocrático, caracterizado por ser mais frutivo do que produtivo e reafirmará a importância das precauções e clarividências paternas: “Meu pai tinha cem vezes razão. Sem a minha fortuna, nada disso teria acontecido”. Se como indivíduos todos parecem ter se saído bem, como família aristocrática, na aceção que lhe dava seu pai, o mesmo parece não ter ocorrido, pois não assegurava a continuidade e/ou a hegemonia do poder da nobreza.

Ainda que um fortuito casamento de amor tenha garantido sua permanência no círculo da alta aristocracia e tenha permitido que cumprisse o seu papel social de assegurar a preservação da existência de sua família, mesmo assim, Luísa sente não ter se realizado em plenitude. Balzac, parece sugerir o próprio esvaziamento a que se viu reduzida a aristocracia sob a nova ordem social. Algo não dá certo. A vida social começa a cansá-la e ela experimenta um certo vazio: “Afinal de contas, a magnificência é tediosa” (*Idem*, p. 269); quer ser mãe e não o consegue, o que acentua a sua sensação de uma vida incompleta: “Pela primeira vez na vida, querida Renata, chorei sozinha. (...) Tua fecundidade fez com que eu, que não tenho filhos, depois de três anos de casamento, me recolhesse em mim mesma. (...) Oh, doutorzinho de saias, viste bem a vida. De resto, a esterilidade é horrível sob todos os pontos de vista (...)” (*Idem* pp. 326/327). O seu marido viverá apenas quatro anos depois de casado: “Matei-o”, confessará ela, “com minhas exigências, com minhas ciúmeiras inoportunas, com minhas cruéis pirraças. (...) não podes imaginar até que ponto esse querido escravo levava a obediência (...) E nenhum filho dele!” (*Idem*, p. 336).

As cartas se interrompem e passam-se três anos sem que se tenha notícia de Luísa. Nesse período, numa simbólica correlação, cai a monarquia legítima. Luísa reaparece, anunciando à amiga ter encontrado o “verdadeiro amor”. Um segundo casamento, com um rapaz belo e mais jovem do que ela, levá-la-á a querer conhecer “(...) o belo ideal da alma e o da forma. Em Felipe a alma dominava o corpo e o transformava, em Gastão o coração, o espírito e a beleza rivalizam” (*Idem*, p. 318); levá-la-á a experimentar a sensação de ser

“dominada”: “Sim, finalmente sinto o prazer da paixão experimentada. (...) Sinto em mim por Gastão a adoração que eu inspirava ao meu pobre Felipe! Não sou senhora de mim (...). Enfim, amo mais do que sou amada” (*Idem*, p. 341).

A sua vivência de experimentar ser “dominada” é artificialmente produzida, pois é ela a estabelecer as condições da relação; não só se casa por saber seu amor correspondido, por ser ele um aristocrata e homem “superior” (ainda que pobre), como materialmente é ela a conduzir os termos do casamento: separação de bens, destinando uma parte da sua fortuna ao marido, para que ele não trabalhasse e pudesse viver só para ela: “Calculo quase tão bem quanto teu reicidã. Sabes o que pode dar essa sabedoria algébrica a uma mulher? O amor!” (*Idem*, p. 339). Ela criará, com todo requinte, um espaço que é um convite à exaltação da sensualidade; espaço isolado, para que não sejam perturbados pela vida social — os tempos estão mais para *femme comme il faut* do que para *grande dame*: “Esse amor entre esposos que, pareceria, em Paris, um insulto à sociedade, só é permitido entre amantes, no fundo dos bosques”.

No entanto, tantos cuidados não a preservam da insegurança; paulatinamente introduzem-se os ciúmes, o medo de perder o amante, o temor de envelhecer: “Coração novo num corpo velho, (...) ser enfim uma mulher respeitável”; levanta dúvidas de que seu casamento fosse mesmo por amor, pois nada lhe garante que num mundo em que os sentimentos são tão pouco valorizados, que o amor do seu marido não passasse por interesse, sobretudo, por ser ela a detentora da riqueza. Teme pelo desgaste cotidiano, pois, se a “imaginação não tem limites, os prazeres os têm”. São essas dúvidas, esses temores, essas inseguranças, que a levam a procurar morte.

Balzac deixa-nos com uma sensação de algo em suspensão, uma certa incompreensibilidade, por um desfecho sem muitas explicações. Isto nos leva a recolocar questões. Há uma condenação do casamento que tenha por base a paixão e uma apologia do casamento de conveniência? Maternidade e sexualidade são dimensões contrapostas e excludentes na vida das mulheres? Quem se manteve como aristocrata, quem se aburguesou? A riqueza, o poder, o casamento, a maternidade asseguram a realização da mulher aristocrata na “nova ordem de coisas”?

Pensamos que as respostas são muito mais sutis e complexas do que parecem à primeira vista. Balzac inverte os termos que ele pró-

prio inicialmente coloca, subverte o discurso; parece ser Renata a bem-sucedida: bem-casada, três filhos, constituiu uma família ascendente; o arrependimento de Luísa, ao final confirmaria a impossibilidade de concordância no casamento do sentimento com a instituição: “Minha morte (...) traz consigo uma cruel lição. (...) o casamento não pode ter por base a paixão, nem mesmo o amor. Tua vida é nobre e bela, caminhaste na vida, querendo cada vez mais ao teu Luís, ao passo que começando a vida conjugal com um amor extremo, este não pode senão decrescer.” Contudo, como conciliar essa interpretação com o desespero e angústia expressa nas últimas palavras que encerram o livro, ditas por Renata, que exprimem um vazio perante a vida: “Oh! quero ver os meus filhos! Os meus filhos! Traze-me os meus filhos a meu encontro.” (*Idem*, p. 373). Isso indicaria que ambas fracassaram? No entanto, ambas defendem suas opções de vida. Luísa, defende até o fim o estilo de vida que escolheu; conhece duas paixões e, sutileza maior, o seu arrependimento não é por ter se casado, mas que, para vivenciar as paixões, ela não deveria tê-lo feito, defendendo uma liberdade sexual independente de sua institucionalização, o que é mais radical do que o parece à primeira vista.

Argumenta-se que, em última instância, Balzac recoloca o debate entre a paixão associada ao sonho e o casamento associado à vida. Pode se conciliar, no interior do casamento, a liberdade que pressupõe uma paixão com as amarras do cotidiano? A paixão amorosa, enquanto exaltação de um sentimento libertário, não colocaria em risco a coesão do grupo social que lhe opõe a rigidez das instituições, no caso o casamento? Paixão e casamento não recoloca a oposição — imaginação (que na acepção prosaica do termo é percebida como tendência a introduzir no cotidiano a dimensão de sonho, de fantasia) e razão. “*Das duas eu sou um pouco a Razão como tu és a Imaginação; eu sou o grave Dever como tu és o louco Amor*”. (*Idem*, p. 314). Mas Balzac subverte os termos: Luísa apaixonada, raciocina, calcula; Renata, a racional, é inconfessadamente uma sonhadora: “Somos daquelas que querem tudo”. A paixão de Luísa e a abnegação de Renata, fundada uma sobre a “razão”, e a outra sobre a “imaginação” não são bem uma mesma e única potência, explicitando diferentes dimensões da feminilidade? A primeira concentra-se sobre si, ainda que, às vezes, de forma estéril e destrutiva; a segunda volta-se ao exterior, à família, ao mundo, e é produtiva. Não são

dimensões que se equilibrariam num outro contexto e não dimensões excludentes?

Um outro nível de análise. Dizíamos anteriormente que a trajetória das personagens tem um sentido metafórico. A nosso ver, esse desfecho guarda um duplo sentido, não isento de ambivalência: a trajetória de Luísa parece ser o de canto de cisne de uma classe, que morre no auge do que parece ser seu esplendor. O desejo que manifesta em mais de uma passagem de que quer morrer jovem, bela, *íntegra*, tem sido interpretado como o desejo de uma classe que não quer *transigir*, que quer permanecer inteira, não se engajando numa política de compromisso com a burguesia. E o consegue, mas isso não lhe garante a sua existência social e ela como uma parcela da aristocracia, e não casualmente, se isola no campo. Essa política de não compromisso é, também, a política de uma aristocracia que abdica da formulação de um projeto social, e que quer da vida a *fruição* e, nesse sentido, é não-produtiva; a esterilidade de Luísa, evidentemente simbólica, tem como referência a esterilidade de uma classe que não mais consegue se reproduzir como tal. Nesse sentido a comparação entre os dois destinos é fundamental. Uma ascende socialmente, sobrevive como aristocrata se aburguesando, à custa de concessões, mas, enfim, uma vida produtiva, signo da emergência de uma nova forma social. Luísa alheia-se, não quer perder sua “integridade”. Condena-se à morte. Esse desfecho parece ter, também, o sentido de anulação de uma forma de feminilidade e dos impasses da condição de ser mulher:

(...) Morro como tantas vezes desejei: aos trinta anos, jovem, bela, íntegra. (...) Estou quite com a vida. Há seres que têm sessenta anos de serviço nos registros da terra e que de fato não viveram dois anos e inversamente eu pareço ter apenas trinta, mas na realidade tenho sessenta anos de amor (...) Quanto a *nós duas* é outra história (...) Meu exemplo seria fatal; sou uma *exceção*.⁶⁵

Se individualmente ela sente ter se realizado, sabe, contudo, ser uma *exceção* e o “quanto a *nós duas*” remete a pensar na condição das que não se realizaram.

⁶⁵ *Memórias de duas jovens esposas*, p. 373.

Capítulo 3

Amar, conquistar, essa dupla face da mesma idéia

Oh sanza brama sicura ricchezza!¹

Vejamos o mundo burguês. Se Balzac em todo o de correr d'*A comédia humana* permanentemente fala de burgueses e de burguesas, sempre o faz num con texto relacional; um indivíduo o é em relação a sua classe e uma classe o é em relação às outras classes; e as relações entre as classes, nesse momento, estão a indicar uma recomposição social. Como o assinala Balzac, as classes não têm os contornos que as caracterizavam no passado. Aí a nossa dificuldade de também delimitar, de uma forma que não comporte ambigüidades, o que é ser burguesa. E de qual burguesia falar. A indicação de algumas trajetórias explicita essa nossa dificuldade. Delfina Nucingen (*O pai Goriot, A Casa Nucingen*), filha de um fabricante de massas, casa-se com um banqueiro e por meio desse casamento vem a se tornar baronesa. Cesarina Birotteau (*César Birotteau*), filha de um pequeno comerciante, educada para se tornar uma alta burguesa, trabalhará como balconista quando o pai vai à falência; casar-se-á, o marido enriquece, torna-se ministro de Estado, e ela, enfim, passa a pertencer à alta burguesia. Dinah Piédfer (*A musa do departamento*) é uma burguesa pobre que se casa com um pequeno

¹ *A divina comédia*, Paraíso, Canto XXVII. “(Possuir) sem inquietação, riquezas seguras.”

fidalgo de província que faz da busca de ascensão o móvel de sua vida; seu sucesso garante-lhe a obtenção de um título de nobreza e Dinah tornar-se-á condessa. Brígida Thuiller (*Os pequenos burgueses*), filha de pequenos burgueses, torna-se operária (costureira de sacos para embalar dinheiro); à custa de esforços e economia alcança ser pequena empresária, o que lhe garante uma situação estável e de domínio sobre toda a família. Os exemplos poderiam se estender. Aachamos que são suficientes para delinear algumas de nossas questões.

A dificuldade está em apreender como se conforma o pertencer a uma determinada classe, quando convivem, num mesmo cenário, múltiplas e mutáveis relações que lutam para se manter como hegemônicas. O ser burguesa se define somente pela origem de classe? Pela particular inserção num quadro social? Por partilhar determinados valores? Sem dar uma resposta definitiva, diríamos, contudo, que é uma origem de classe, uma forma particular de inserção social, o partilhar determinados valores que caracterizam seu *status*. Desse modo, a título de simplificação e com todo cuidado que isto requer, consideraremos, sem muita rigidez, que a condição de ser burguesa se conforma com um modo de existência social que tem no nascimento e no casamento seus mais expressivos paradigmas.

Isto nos conduz a analisar quem são esses pais e esses maridos que pertencem à burguesia, o que fazem, o que pensam. E aí nos deparamos com a mesma dificuldade de se saber quem é e quem não é burguês. E de qual burguesia falar. Uma falta de limites definidos entre as classes e uma certa indiferenciação caracteriza esse momento social:

Hoje o nível legado à Carta pela Revolução passou sua linha de igualdade sobre todas posições sociais, e à exceção de algumas casas históricas ou de famílias investidas de Pariato, as diversas profissões e estados adquiriram os mesmos hábitos, uma roupa-gem uniforme dá, à primeira vista, uma *mesma aparência* aos indivíduos. (...) A cada dia vê-se a perda destas nuances que antes distinguiam tão fortemente as classes da sociedade (...) Hoje não existem três mulheres de farmacêuticos que não tenham um colar de pérolas ornado de uma cruz de diamante e que não o usem ao baile; o mais humilde merceeiro de Paris quer o acaju para decorar seu quarto nupcial (...). Um par de França saúda seu

livreiro e algumas vezes janta em sua casa; um advogado vai ao baile de um nobre duque; a mais altiva e a mais elegante princesa vê seu vestido portado por uma rica modista. (...) ²

Nesse sentido, o próprio Balzac exprime sua dificuldade de “pintar” essa nova situação, comparando sua tarefa à de Walter Scott, um escritor inglês, conhecido por seus romances históricos:

Outrora tudo estava em relevo; hoje tudo está vazio. A arte *muudou*. No país onde a hipocrisia dos costumes chegou a seu mais alto grau, Walter Scott percebeu bem esta modificação social, quando se aplicou a pintar as figuras tão vigorosas do tempo antigo. *Ao pintar o novo*, Balzac encontrou a tarefa mais difícil, mas não menos poética. O romancista histórico tem a grande vantagem de encontrar personagens, roupas e interiores que seduzem pela originalidade que lhes imprimiram os costumes de antigamente, onde o camponês, o burguês, o artesão, o soldado, o magistrado, o clérigo, o nobre e o príncipe tinham existências definidas e claramente delineadas. Mas quantas penas aguardam o historiador de hoje, se ele quiser fazer sobressair as imperceptíveis diferenças de nossas habitações e de nossos interiores, aos quais a moda, a igualdade da fortuna, o tom da época tendem a dar a mesma fisionomia; quanta dificuldade para apreender em que as figuras e as ações desses homens que a sociedade atira todas num mesmo molde são mais ou menos originais. ³

Balzac não recua diante dessa dificuldade, e faz dela seu desafio. Procurará captar os traços fugidios que delineiam indivíduos, tipos, situações e, por meio desses retratos, nos leva a perceber um complexo todo social. É como o diz Sennet:

A arte de Balzac está em nos fazer acreditar no capitalismo apenas suscitando a credibilidade de indivíduos capitalistas; fazer-nos analisar o “artista de Paris” apenas nos mostrando cada detalhe e artistas específicos, trabalhando em momentos específicos,

² *Gloire e Malheur*; primeiro esboço de *Ao “Chat-qui-pelote”*. Pléiade, 1993, Vol. I, p. 1.180 (grifos nossos).

³ Davin e Balzac (1834/1993), p. 1.151 (grifos nossos).

em lugares específicos da cidade. Dessa maneira, as categorias sociais suscitam a credibilidade apenas enquanto as observamos como imanentes à vida de uma pessoa em particular. Que ela suscita uma tal crença é a marca de Balzac, como grande artista; mas a expectativa de que a vida social só é crível dentro desses termos torna Balzac um representante de uma nova e mais ampla mentalidade.⁴

A análise de Barbéris (1973), ao pretender caracterizar as diferentes classes sociais a esse momento, vai num sentido semelhante. Perguntando quem são os burgueses n' *A comédia humana*, dirá esse autor que estes não aparecem com a grandiosidade que se espera de uma classe que está a determinar profundas mudanças sociais. Balzac não retrata nem grandes empresários, nem grandes industriais, nem construtores de estradas de ferro, nem magnatas do comércio colonial. César Birotteau é um fabricante de perfumes e cosméticos; Charles Mignon, ex-nobre, enriquece-se, presume-se, com o comércio de ópio nas Índias; Goriot é um fabricante de massas; os Guillaume são vendedores de tecidos; etc. Os exemplos poderiam se estender. Os únicos “grandes” seriam os banqueiros: Nucingen, Keller, Du Tillet, etc. quase todos de origem obscura e que ascenderam socialmente por meios mais ou menos escusos.

No vasto painel social que serve de introdução para *A menina dos olhos de ouro*, Balzac nos apresenta a burguesia como a “sociedade que possui algo”. Explicita as suas diferentes frações: de um lado, a pequena burguesia: “(...) os atacadistas e os seus rapazes, os empregados, o pessoal dos pequenos bancos de grande probidade, (...) os membros agentes, pensantes, especulantes dessa pequena burguesia que cuida dos negócios de Paris e vigia os seus interesses, monopoliza os gêneros, armazena os produtos fabricados pelos proletários, acondiciona as frutas do Sul (...)”;⁵ por outro, a alta burguesia, mais restrita em número, um “círculo social, espécie de ventre parisiense onde se digerem os interesses da cidade e onde eles se condensam sob a forma chamada *negócios*; move-se, agita-se (...) a multidão dos procuradores, médicos, notários, advogados, homens

⁴ Sennet: 1989, p. 199.

⁵ *A menina dos olhos de ouro*, p. 250.

de negócios, banqueiros, grandes comerciantes, especuladores e magistrados.(...)”⁶

Dessa forma, configuram-se situações diferenciadas quer se trate de um ou outro segmento dessa classe. Mas essas diferenças perdem nitidez, se turvam, quando se considera que os indivíduos dessa classe não têm um único projeto político-partidário que os identifiquem, sem ambigüidades, como burgueses; César Birotteau é realista, prosaicamente, porque com o fim do *Ancien Régime*, diminui-se o consumo de pó-de-arroz, *rouge*, etc., enfim, o consumo de cosméticos, o que afetou sobremaneira o seu comércio, daí se engajar num projeto de volta da monarquia; Nucingen alia-se ora ao partido aristocrático, ora ao partido liberal, dependendo de qual fração, circunstancialmente, favoreça melhor seus negócios; Rabourdin (*Os funcionários*), um alto burocrata, é monarquista e se empenha em modernizar o aparato administrativo numa forma que visa à racionalidade e significa, na prática, a extinção de velhas relações; Keller (*A Casa Nucingen; César Birotteau; O deputado de Arcis*), um banqueiro, um burguês liberal republicano, é “o grande orador da esquerda”. E por aí vai...

No conjunto, a burguesia balzaquiana aparece como um fervilhar contínuo de ambições maldelineadas e maldefinidas que se desenvolvem por meios múltiplos, uma classe que está adquirindo contornos que a diferencia da sua posição no passado; ela não se resume em figuras simbólicas, como a nobreza poderia e queria se resumir em figuras como a Duquesa de Langeais, Luísa de Chaulieu, o Marquês d’Espard, etc. A burguesia nos é apresentada sem nenhuma grandeza, num contínuo movimento que Balzac compara ao de moléculas observadas sob microscópio; algo muito próximo a um movimento browniano, ao qual parece faltar idéias que o animem; com efeito, o que parece impulsionar esses indivíduos são pequenas ou grandes vaidades, pequenas ou grandes ambições, interesses pessoais, sem que nenhum ideal superior se formule como uma proposta coletiva, antes se apresentando como valores expressos por indivíduos particulares. No entanto, como apreender que tais valores acabem por se tornar impulsionadores de toda uma sociedade? Como

⁶ *Idem*, p. 252.

entender que é essa classe que está a dar forma ao “nosso grande século XIX (...) com suas magnificências coletivas (...) seus esforços de renovação de todos os gêneros, suas imensas tentativas e quase todas à medida do gigante que embalou nas suas bandeiras a infância desse século (...)”⁷

De um ponto de vista mais de geral, o que parece se colocar para a burguesia é a necessidade de ascensão; é uma classe “inconformada” com sua própria sorte; ela quer preservar e ampliar as conquistas da Revolução, buscando romper com o papel subordinado que desempenhara no Antigo Regime. É neste contexto que a questão da *igualdade* lhe é vital. Tocqueville, chega mesmo a entender que o “espírito de igualdade é a alma da França”; diz isso confirmando a análise de M. Bulwer:

(...) M.B. acentua com justiça que não há por assim dizer aristocracia na França e ele afirma com toda razão que seria impossível criar uma nova. Ele concebe a importância deste espírito entre os franceses; mas ele não se apercebe de uma maneira completa sua potência irresistível. O espírito de igualdade é a *alma* da França.”⁸

Sob o influxo da palavra de ordem de *igualdade*, desenvolveu-se a luta contra o Antigo Regime e em torno dela está se instituindo uma “nova ordem de coisas”. Contudo, os ideais igualitários da burguesia mantém referência à aristocracia; a burguesia quer se igualar, mas quer fazê-lo por cima. É assim que a sua aspiração de igualdade se transmuda em *necessidade de ascensão*. Tal como o faz Tocqueville com relação à igualdade, Balzac quer ver nesse traço da burguesia, a expressão de um sentimento nacional:

O francês, mais que qualquer outro homem, não conclui jamais no que está abaixo dele, sobe do degrau em que está para o degrau superior: raramente lamenta os infelizes acima dos quais se coloca; geme sempre por ver tanta gente feliz acima dele e, ainda

⁷ Beatriz, p. 246.

⁸ Tocqueville: 1954, p. 322.

que tenha demasiado coração, prefere as mais das vezes ouvir o seu próprio espírito.⁹

Dizer que a necessidade de ascensão é um traço marcante do “espírito” francês que foi apropriado pela burguesia, ou por ela expresso de uma forma mais acabada, por ela acentuado, de forma a se tornar um de seus traços definidores, implica admitir que ele preexistia à ascensão política da burguesia; para Balzac, ela já estava contida, como “instinto nacional”, na história anterior:

“Esse *instinto nacional*, que faz os franceses andarem para a frente, essa vaidade que lhes rói a fortuna e os rege tão absolutamente (...) domina há três séculos a nobreza, que neste particular foi eminentemente *francesa*.”¹⁰

Esse “instinto nacional” é um dos elementos a justificar a força aglutinadora e, ao mesmo tempo, dissolvente, que os ideais de ascensão da burguesia estão a imprimir à sociedade. Os que resistem a assumir, em toda sua extensão, esse ideário, isto é, os burgueses que pautam sua vida nos moldes do Antigo Regime, e os aristocratas que não acompanham as mudanças sociais, estes personagens sociais que submergirão no movimento social.

Dessa forma, Balzac opõe, tal como o faz com a aristocracia, duas frações da burguesia — a antiga e a nova; tais frações, por sua vez, absorvem no seu interior indivíduos da alta e da pequena burguesia, da burguesia de Paris e a da província, etc. É a ascendente burguesia que está a definir novos valores sociais; a busca incessante para consolidar-se socialmente lhe dá uma insatisfação permanente e lhe dá, também, uma grande energia. Nesse sentido, ela está sempre procurando sair da sua esfera, o que explica sua mobilidade e a mobilidade social de uma forma geral. São essas peculiaridades que fazem com que seus interesses e aspirações se dirijam num sentido de dominação política e social e se tornem paradigmáticos para uma parcela da aristocracia e mesmo para outras classes sociais, como o veremos. Daí advém sua capacidade de incorporar/absorver em seus quadros elementos de diferentes camadas sociais.

⁹ A *Duquesa de Langeais*, p. 150.

¹⁰ *Idem*, p. 150.

É sob uma fórmula metafórica que Balzac apresenta o que singulariza esse movimento que a burguesia imprime à sociedade, animado, aparentemente, por uma única idéia:

Em Paris, sentimento algum resiste ao fluxo dos acontecimentos, cuja corrente obriga a uma luta que desarma as paixões; o amor é nela um desejo e o ódio uma veledade; não há nela parente mais verdadeiro do que uma nota de mil francos. (...) Essa indiferença geral produz seus frutos; e nos salões, como nas ruas, ninguém está demais, ninguém é absolutamente útil nem absolutamente prejudicial. (...) Tudo ali se tolera; o governo e a guilhotina, a religião e a cólera. Em tal sociedade todos cabem sempre e ninguém faz falta. Quem então domina nessas paragens sem costumes, sem crenças, sem sentimento algum, mas de onde partem e aonde vão ter todos os sentimentos, todas as crenças e todos os costumes? *O prazer e o ouro*. Tomem-se essas duas palavras como uma lanterna (...) e siga-se o serpentear do pensamento que a agita, que a conduz, que a trabalha.¹¹

Ainda na introdução d’*A menina dos olhos de ouro*, Balzac dirá de toda uma sociedade organizada sob a forma de “esferas sociais” e movendo-se sob o impulso dessa dupla idéia — *ouro e prazer*. A primeira esfera, o proletariado — “os que nada têm”; segue-se: a pequena burguesia, a alta burguesia, os artistas, a aristocracia. Enquanto as primeiras esferas trabalham, dilapidam sua força vital em busca do atendimento a essas necessidades — “para obedecer a esse senhor universal, o prazer ou o ouro, é preciso devorar o tempo, apressar o tempo, arranjar mais de vinte e quatro horas no dia e na noite” — a aristocracia se beneficia de todo esse esforço: “O ouro, sob a forma de dotes ou de sucessões, trazido por mãos de jovens noivas ou por mãos ossudas de velhos, *flui* para a gente aristocrática em cujas mãos vai reluzir, ostentar-se, jorrar.” (*Idem*, pp. 251/255). Uns produzem, outros consomem. Opor consumo à produção não é só uma outra maneira de recolocar as diferenças entre a aristocracia e as demais “esferas sociais”, ou apontar a “injustiça” dessas diferenças, mas de explicitar as contraditórias relações que estão a movimentar a sociedade: “Uma aristocracia é, de certo modo, o pensa-

¹¹ *A menina dos olhos de ouro*, p. 246.

mento de uma sociedade, tal como a burguesia e o proletariado são-lhe o organismo e a ação. Daí a necessidade de sedes diferentes para essas forças, e do seu antagonismo resulta uma antipatia aparente que produz a diversidade de movimentos que se exercem, não obstante para um fim comum.”¹²

Ainda persistindo nesse raciocínio, dirá Balzac que o “*despotismo do eu quero* aristocrático”,¹³ impulsiona a que se produza: “Todas as classes inferiores acocoram-se diante dos ricos e lhes espreitam os gostos para deles fazerem vícios e os explorarem”. (*idem*, pp. 255/256). De outra forma, dirá a mesma coisa, em *Sur L’Ouvrier*: “A necessidade chama a produção; a produção responde com admirável fidelidade à Encomenda”.¹⁴ Se o consumo aristocrático, historicamente, foi um dos elementos a impulsionar a produção social desde o início da época moderna, foi no processo de produzir e atendendo a “Encomenda”, no entanto, que outra classe — a burguesia — se enriqueceu. A riqueza não se detém somente em mãos aristocráticas; ela circula. Para se consumir, há que se pagar pela produção e pelo consumo, o que enriquece a outros.¹⁵ E o processo de enriquecer, o querer enriquecer, o querer usufruir de riquezas, vai se conformando paradigmático para a sociedade.

Dizer que *ouro e prazer* é o que está a impulsionar a ação dos indivíduos nesse momento poderia nos induzir a pensar numa dicotomia; *prazer* como uma necessidade individual e *ouro* como uma necessidade social. No entanto, Balzac não dicotomiza, apresentando, ao contrário, a estrita ligação entre os dois termos, e mesmo a subordinação de um termo a outro: o ouro, como universalização das necessidades humanas, tudo possibilita, inclusive o prazer:

O senhor crê em tudo, eu não creio em nada. Guarde as suas ilusões se puder. Vou fazer-lhe uma resenha da vida. (...) Para

¹² A *Duquesa de Langeais*, p. 146.

¹³ A *menina dos olhos de ouro*, p. 250.

¹⁴ *Sur L’Ouvrier*. In *Oeuvres Complètes*, Vol. XXVII, p. 242.

¹⁵ Não nos deteremos no âmbito desse trabalho a analisar o complexo processo pelo qual, desde o Antigo Regime, a um gradual empobrecimento da aristocracia, concomitantemente, se dá um enriquecimento da burguesia. Ver a respeito, entre outros: Tocqueville, 1967/1980; Sombart, 1979.

quem se viu forçado a se meter em todos os moldes sociais, as convicções e as morais nada mais são do que palavras ocas. A única coisa que nos fica é (...) o instinto de conservação. Nas vossas sociedades européias, esse instinto chama *interesse pessoal*. Se o senhor tivesse vivido tanto quanto eu, saberia que só existe uma coisa material, cujo valor é bastante certo para que um homem se preocupe com ela. Essa coisa... é o *ouro*. O ouro representa todas as *forças* humanas. (...) por toda parte os prazeres são os mesmos, pois os sentidos se esgotam, e somente um sentimento sobrevive: a *vaidade*! A vaidade é sempre o *eu*. Ela não se satisfaz senão com torrentes de ouro. Nossas fantasias exigem tempo, meios físicos e cuidados. Pois bem! o ouro contém tudo em germe, dá tudo *realizado*.¹⁶

Ligar esses dois pólos é uma forma metafórica de apresentar como se entranham nos indivíduos determinados valores, determinadas idéias, como determinadas necessidades vão se tornando dominantes à medida que são partilhadas por pelas mais diferentes “esferas” do mundo social: “Se a ambição do operário é a mesma do pequeno-burguês, nesse caso são ainda iguais as paixões. Em Paris a vaidade resume todas as ambições”.¹⁷ É dessa forma que — por meio de episódios singulares do desenvolvimento da vida social, elaborando-os, mostrando-os em sua evolução histórica e nas formas específicas que elas assumem nos indivíduos, analisando as relações entre homens e mulheres — consegue dar expressão às forças que estão a determinar o sentido da evolução social.

Nos diferentes momentos históricos que caracterizam a sociedade francesa pós-1789, tais valores estão em jogo e no período que sucede à Revolução de 1830 eles se explicitam com mais vigor. O cenário que melhor enquadra esse fervilhar de ambições, como o diz e reitera Balzac, é Paris:

(...) Uma capital era o único quadro possível para essas pinturas de uma época climatérica, onde as enfermidades não afligem menos o coração do que o corpo (...). Aqui, os sentimentos verdadeiros são as exceções e são quebrados pelo jogo de interes-

¹⁶ *Gobseck*, p. 485

¹⁷ *A menina dos olhos de ouro*, p. 254.

ses, esmagados entre as engrenagens desse mundo mecânico; (...) tudo se sublima, se analisa, se vende, se compra; é um bazar onde tudo é cotado; os cálculos se fazem às claras e sem pudor, a humanidade não tem mais que duas formas, o trapaceador e o trapaceado; (...) a morte dos pais é aguardada, o homem honesto é um tolo, as idéias generosas são os meios, a religião é julgada como uma necessidade de governo, a probidade torna-se uma posição; (...) o jovem tem cem anos, e insulta a velhice.¹⁸

Portanto, é nesse todo complexo que procuraremos situar como se conforma a condição das burguesas, ou seja, das filhas ou esposas daqueles que pertencem à “sociedade dos que possuem algo”. Porque se amalgamam intrincadas relações, não restringimos a análise apenas à condição da burguesa, mas a relacionamos às dimensões de vida de outras mulheres. Podemos dizer que às burguesas não são estranhos os projetos de ascensão de pais e maridos e em geral participam deles. Como toda regra, essa também comporta exceções, e tais exceções dizem da recusa, desconhecimento ou negação dos valores vigentes. Também o casamento, tal como para as aristocratas e, principalmente, o momento que envolve a escolha do cônjuge é o quadro onde mais se expressam as ambigüidades do momento. Delineiam-se situações de conflito, de desilusão, submissão e situações em que as mulheres assumem ativamente o papel de impulsionadora de um projeto de ascensão. Essas condições ganham nuances diferenciadas conforme o segmento ao qual pertençam as mulheres. Assim, se o casamento para a burguesia, em geral, responde a uma estratégia de ascensão, de afirmação, de consolidação de sua hegemonia social, é entre a alta burguesia que essa estratégia se mostra em toda sua nudez: “Escuta, meu caro. Tem-se atacado muito o casamento nos últimos tempos; como, porém, além da vantagem de ser a única maneira de estabelecer as heranças, ele oferece aos belos rapazes sem dinheiro o único meio de fazer fortuna em dois meses, ele resiste a todos os seus inconvenientes!”¹⁹

¹⁸ Davin e Balzac (1834/1993), p. 1.147.

¹⁹ *A musa do departamento*, p. 431.

Assim o expressa um outro personagem: “A alta burguesia — disse Dutocq a Thuiller — vai se conduzir como a aristocracia se conduziu outrora... a nobreza queria raparigas de dinheiro para *estrumar suas terras*; nossos burgueses de hoje, chegados repentinamente às altas posições, querem dotes para *viver com luxo e fazer seu pé-de-meia...*”²⁰

Mais um “depoimento:” “Como o Tempo,²¹ a Finança devora seus filhos. Para poder subsistir, o banqueiro precisa tornar-se nobre, fundar uma dinastia (...). A *Finança busca a nobreza por instinto de conservação*, e talvez sem o saber.”²²

A linguagem é direta; simbolicamente, expressa a forma como estão se pautando as relações sociais e como estão sendo vistas as mulheres: um meio para se atingir um objetivo, qual seja, “fazer fortuna”. Um título nobiliárquico, um dote, ou o poder para articular relações, confere às mulheres valor, e, sob esse ponto de vista, para grande parte dos homens, tornam-se secundárias ou praticamente indiferentes as suas qualidades individuais: “(...) filha de uma duquesa, nunca é feia para nós, principalmente quando ela traz o título de marquês e um posto na diplomacia.”²³

“ — Bem, mas quanto a mim, amo por muitas outras razões. Ela é marquesa d’Espard, é Blamont-Chauvry, está na moda, tem alma, (...) tem talvez cem mil francos de renda é possível que eu venha desposá-la um dia! (...)”²⁴

“Hoje, em França, senhor duque — disse o poeta —, ninguém é suficientemente rico para praticar a loucura de desposar uma mulher por seu valor pessoal, por suas graças, seu caráter e sua beleza....”²⁵

Beleza, juventude, inteligência, probidade, quaisquer outros atributos que se queira conferir às mulheres, como valores que justificariam o serem desejadas, aceitas como esposas, submergem diante dessa tríplice aliança, a qual tem no dinheiro o seu epicentro.

²⁰ *Os pequenos burgueses*, p. 406.

²¹ Alusão à lenda de Cronos (“Tempo”), que, segundo a mitologia grega, (...) teve de devorar seus próprios filhos. (Nota do T.)

²² *A Casa Nucingen*, Vol. VIII, p. 582.

²³ *A Casa Nucingen*, p. 89.

²⁴ *A interdição*, p. 324.

²⁵ *Modesta Mignon*, p. 562.

Nos permitimos um parênteses para mostrar como essa é uma idéia que parece se disseminar por toda a sociedade. Na obra *O avesso da história contemporânea*, um rapaz, estudante pobre, sem dinheiro, procura uma pensão modesta e a dona da pensão é uma mulher de sessenta anos (uma aristocrata que se dedica, com outros aristocratas, a fazer caridade); numa situação desesperadora, o rapaz busca ajuda junto a um banqueiro, amigo de seu pai; e, por *acaso*, reencontra essa mesma mulher no banco, e, por *acaso*, toma conhecimento que ela tem um alto valor em crédito. O rapaz, diz Balzac, como todo rapaz de seu tempo, começa a olhar com outros olhos a mulher:

Durante o curto momento em que tivera o braço da Sra. de la Chanterie no seu e em que caminharam juntos, Godofredo não pudera dissipar a auréola que as palavras “sua conta ascende a um milhão e seiscentos mil francos”, ditas por Luís Mongenod, conferiam àquela mulher cuja vida se passava no fundo do claustro de Nôtre-Dame. O pensamento “ela deve ser rica!” mudava completamente seu modo de ver. — Que idade poderá ela ter? — perguntava-se. E entreviu um romance (...) Na nossa época, entre mil rapazes na situação de Godofredo, novecentos e noventa e nove teriam tido a idéia de desposar aquela mulher.²⁶

Diante de mulheres ricas, os homens calculam. Tais mulheres representam a possibilidade de ascensão social; na verdade o que seduz é o dinheiro, não a mulher; mas, para se obtê-lo, há que se passar por um relacionamento com quem o detém — e, então, são duas individualidades a se defrontarem; contudo, não são as características individuais de quem porta a riqueza, os elementos a considerar nessa relação. O dinheiro representa a possibilidade de estabelecer uma equivalência entre o que é desigual; com dinheiro, as mulheres parecem ser a mesma coisa, parecem ter o mesmo valor; com dinheiro, mantêm seu apelo de se constituírem objeto de desejo, sendo indiferentes a sua origem, a aparência, a idade que tenham, os seus traços de personalidade, etc.; com dinheiro, as mulheres podem ser (e o são) confrontadas umas às outras, como sendo a mesma coisa. Contudo, essa igualização, estabelecida socialmente, não im-

²⁶ *O avesso da história contemporânea*. p. 556.

plica uma anulação da individualidade, da subjetividade; as diferenças individuais, as subjetividades subsistem, se mantêm, independentemente do uso social que se faça delas. Se as mulheres vêm sendo usadas socialmente pelos homens com o objetivo de ascensão, não se exclui que não percebam disso, não se exclui que não se insurjam contra esse uso, mesmo que esse insurgir se expresse como um sofrimento interior:

Para meu marido, sou o cabide de seu luxo, a tabuleta de suas ambições, uma das suas vaidosas satisfações. Não tem por mim nem verdadeira afeição nem confiança. (...) Tudo o que eu peço para mim mesma é recusado de antemão; mas quanto ao que o lisonjeia e proclama sua fortuna, nem preciso desejar; ele decora meus aposentos, gasta quantias exorbitantes para minha mesa. Minha criadagem, meus camarotes no teatro, tudo que é exterior, é do mais requintado gosto. Sua vaidade nada poupa, botará renda nas fraldas dos filhos, mas não lhe ouvirá os gritos, nem adivinhará suas necessidades. Compreendes-me? Vou à corte coberta de diamantes, na cidade, uso as mais ricas bagatelas, mas não disponho de um vintém. A Sra. Du Tillet, que talvez desperte inveja, que parece nadar em ouro, não tem de seu cem francos.(...) Ah! ele me fez duramente sentir que me havia comprado, e que minha fortuna pessoal, da qual não disponho, lhe foi arrancada. (...) No meio dessa opulência maldita, (...) nesta casa suntuosa, estou no meio de um deserto.²⁷

A dimensão subjetiva do sofrimento feminino diz da dificuldade de aceitar todas as implicações de um projeto no qual as mulheres se sentem como participantes, ainda que, muitas vezes, involuntariamente. O que vale dizer que isso não exclui que, pela própria vontade, algumas mulheres assumam claramente se engajar num projeto de ascensão, aceitando as conseqüências de sua opção, inclusive, se propondo a jogar uma política silenciosa na perspectiva de ser essa uma etapa necessária para se atingir os objetivos propostos; essa política pode passar por submissão, astúcia, dissimulação, etc. e não significa que os homens não possam ser, também, manipu-

²⁷ *Uma filha de Eva*, p. 529.

lados. E o são. Se o cálculo está se tornando um elemento estruturador das relações interpessoais, implica dizer que não só as mulheres são socialmente usadas pelos homens; também os homens o são pelas mulheres; o são em circunstâncias diferenciadas, com níveis de intensidade diferentes.

Vejam, contudo, algumas conseqüências de tais cálculos sobre a vida das mulheres, particularmente, das burguesas. Por um lado, se elas não dispõem de um dote atrativo, não se casam; por outro, se se casam, o que menos se conta na relação conjugal são suas qualidades e necessidades pessoais. Engels, numa passagem já citada, diz como, em toda *A comédia humana*, a aristocrata cede lugar à burguesa “que adquiriu o marido em troca do dinheiro” e em torno dessa idéia Balzac “tece uma história completa da sociedade francesa”. Temos que dizer que as relações interpessoais configuram um quadro multiforme: são burgueses enriquecidos, ambiciosos, a querer títulos e mais riqueza; são aristocratas empobrecidos em busca de riqueza, são burguesas querendo se aristocratizar ou simplesmente casar suas filhas, são aristocratas pretendendo manter-se enquanto tal, são jovens em busca de enriquecimento e reconhecimento pessoal, etc.

A vida conjugal burguesa é modelada pelos cálculos de interesse e responde a estratégias de ascensão e/ou composição de uma nova classe dirigente; nesse sentido, a burguesia ainda mantém uma imbricação com a aristocracia; dessa forma, não só a riqueza, mas o fato de as aristocratas manterem ainda um certo domínio social as torna objeto de desejo:

Eu preferiria sempre para esposa uma Marquesa d’Espard à mais casta, à mais recatada, à mais amorosa criatura da Terra. (...) *a esposa de um político é uma máquina de governar* (...) — é o principal, o mais fiel dos instrumentos de que se serve um ambicioso; (...) *Tua esposa amorosa não serve para nada; uma esposa sociável serve para tudo, é um diamante com o qual o homem corta todas as vidraças, quando não tem a chave de ouro com a qual se abrem as portas.*²⁸

²⁸ *A interdicação*, p. 327.

Uma aristocrata, mesmo sem dinheiro, pode manejar situações que facilitam projetos de ascensão social. É, por seu estilo de vida, pela sua formação, pelas relações que ela e sua família mantêm, que a aristocrata, mais do que a burguesa, pode jogar um papel que ganha relevo na cena política e social. No entanto, para jogar esse papel, a mulher aristocrata que não traz para o casamento dinheiro tem que partilhar com o marido (ou amante) os seus ideais de ascensão, ou seja, tem que “se aburguesar”; as mulheres que não entendem isso, e que colocam outros ideais num casamento (ou numa relação extraconjugal), são anuladas, tal como o é a princesa de Granville (*Uma filha de Eva, A Casa Nucingen*) nas mãos do banqueiro Tillet, que fantasiava uma realização amorosa, quando este só vê no casamento a possibilidade de ascender nas altas rodas.

À época, a política se fazia não só nos espaços públicos; chegasse mesmo a dizer que a política se fazia muito mais nos *salons* do que nas Câmaras, e que foram célebres alguns salões femininos por fazerem e desfazerem ministérios.²⁹ É desse modo que algumas aristocratas e mulheres da alta burguesia, sobretudo as mais experientes, assumem um papel importante na cena social.³⁰ Vemos, assim,

²⁹ A título de explicitar a importância política dos *salons*, Fortassier (1973), por exemplo, cita Mme. de Récamier, Mme. de Boigne, Mme. de Castellane, Mme. de Lieven, e Mme. Dosne como as conselheiras e articuladoras das carreiras políticas de Chateaubriand, Pasquier, Molé, Guizot e Thiers, respectivamente.

³⁰ Balzac, em várias obras, insiste no fato de que são sobretudo as mulheres maduras a se lançarem na política. A colocação dessa questão não é casual, pois se trata de mulheres que vivenciaram vários momentos da política francesa: velhas aristocratas, mantêm vivos os acontecimentos de 1789; mais novas, têm por traz de si todo o período do Império e da Restauração. Entretanto, é de uma forma brincalhona que ele apresenta a questão e o faz de forma semelhante a seus contemporâneos, dizendo que as mulheres ao envelhecerem e desinteressarem pelas conquistas amorosas, se lançam na política. “A literatura e a política são hoje para as mulheres o que outrora era a devoção, o último asilo das suas pretensões.” *Os segredos da Princesa de Cadignan*, Vol. IX, p. 500;. Essa era uma idéia disseminada à época. Como o indica Marie d’Agoult, nas suas memórias: “O *salon* era agora (...) a ambição suprema da parisiense, a consolação de sua maturidade, a glória de sua velhice”; Sophie Gay, na obra *Salons Célebres*, dirá das dificuldades de se manter um *salon* e enumera as condições que deve preencher a mulher que pretenda fundar um: é preciso “que ela tenha passado o momento no qual só se fala de sua beleza”: que ela esteja numa idade onde “o espírito de

que se as mulheres gradativamente foram sendo afastadas dos centros formuladores de estratégias políticas e do cenário político, num sentido de assumirem cargos, de serem eleitas, etc., contudo, não deixam de questionar essa exclusão e, nos bastidores, dão a nota de sua capacidade de articulação, enfim, de seu domínio, que se manifesta, sobretudo, mediante sua influência junto aos homens que efetivamente estão a deter e/ou a aspirar ao poder. São as *mulheres da moda*, as *mulheres políticas*, as *mulheres superiores* os tipos que, sobretudo, jogam esse papel. *Dux femina facti*, expressão revivificada por Balzac,³¹ diz muito da sua forma de ver a participação feminina nesse universo político. Um papel complementar, não de primeiro plano, se o quisermos, mas decisivo na vida masculina.

Como uma mulher aristocrata ou da alta burguesia pode servir a uma carreira ou se inserir na política? Fortassier (1973) apresenta algumas fórmulas: tornando-se auxiliar do marido por sua habilidade em recepcionar e estabelecer relações, como o faz Mme. Roubourdin (*Os funcionários*); obtendo encontros com pessoas influentes, como o faz Mme. d'Espard (*Esplendores e misérias das cortesãs*); impondo seus caprichos e vontades a políticos, como o faz Mme. Sérizy: "As fantasias de uma mulher reagem sobre todo o Estado";³² e fundando um *salon* político. Vejamos mais de perto esse último aspecto. Desempenhar o papel de *femme administrateure* de um salão, segundo expressão de Mme. de Girardim, em *Lettres Parisiennes*, requer um engajamento, uma dedicação, demanda uma tal disponibilidade da mulher, que se chamará de "heróico" a esse papel. Marie d'Agoult, não sem ironia, nos dá uma pequena dimensão do seu significado:

uma mulher obtém mais do amor-próprio dos homens do que seus atrativos e sua juventude obtiveram de seu coração"; que o dono da casa seja polido, nulo ou ausente; que a dona da casa seja exclusivista na escolha das pessoas admitidas; a posição social e a fortuna não são indispensáveis para se tornar uma dessas "abelhas-rainhas da alta sociedade". *Apud*. Fortassier, 1973, pp. 323/325.

³¹ "O chefe da empresa é uma mulher". Verso de *Eneida*, de Virgílio (Livro I, verso 364).

³² *Esplendores e misérias das cortesãs*, p. 655.

(no salão) ela aplicava toda sua inteligência, aí sacrificava todos seus outros gostos; não se permitia, desde o momento em que concebera seu projeto, nenhuma outra idéia, nem distração, nem ligações, nem doença, nem tristeza. Ela não era mais esposa, nem mãe, nem amante, a não ser secundariamente. Ela não podia mais ter em amizade que uma única preferência: a preferência pelo homem mais considerável, o mais influente, o mais ilustre (...). Por isso, para o atrair, para o expor, para lhe fazer a honra, era preciso renunciar a si mesma, se devotar toda inteira ao culto do *grand homme* ³³

Esse um papel restrito a algumas mulheres da aristocracia e mulheres da alta burguesia, mas sobretudo desempenhado pelas primeiras. A aristocrata tem por traz de si uma tradição de modelos femininos que tiveram expressiva participação política sob o Antigo Regime, foram socializadas nessa perspectiva por uma geração em que a política se amalgamava à própria vida em sociedade.³⁴ O mesmo já não ocorre com a burguesa ou se ocorre é de forma fortuita; a sua inserção na política é recente; o seu conhecimento da vida social é de certa forma mais restrito do que o da aristocrata. Balzac, contudo, não circunscreve a influência política das mulheres somente às aristocratas; a forma dessa influência será diferente, os papéis a serem desempenhados serão diferentes, como o veremos. Agora, assinalaríamos outra questão.

Ao mesmo tempo em que sublinha o potencial e a capacidade política de algumas mulheres, coloca, contudo, como axioma, que é imperativo, para que um homem possa vencer, contar com o apoio feminino. E, assim, são outros os papéis que também desempenha-

³³ Agoult, Marie d'. *Memoires*, p. 347, *apud* Fortassier: 1974, p. 323. Dirá Luísa de Chaulieu, em *Memórias de duas jovens esposas*, “é impossível ser dama de sociedade e mãe”, tanto a vida em sociedade é extenuante e absorvente.

³⁴ Pensar nos papéis que efetivamente desempenharam na cena política do Antigo Regime, Catarina de Medicis, Mme. du Barry, Mme. Maintenon, Maria Antonieta, etc... Mme. d' Espard, uma das personagens que jogam decisivamente um papel político n'A *comédia humana*, é filha da princesa Blamont-Chauvry, que Balzac chama de “Talleyrand mulher”, por sua perspicácia e capacidade de articulação política. Ver, sobretudo, *A interdição*; *A Duquesa de Langeais*, *Esplendores e misérias das cortesãs*, *Os segredos da Princesa de Cadignan*.

rão as mulheres, sejam essas esposas, mães, amantes ou amigas, junto aos homens que aspiram à ascensão social: são introdutoras dos homens na sociedade, formadoras de seu senso estético e intelectual, articuladoras de redes de relacionamento, mediadoras no julgamento que a sociedade faz a seu respeito; e nesse último sentido é particularmente decisivo o apoio, mesmo que tácito, da própria mulher: “(...) Um particular tem em França, bem menos ação que sua mulher sobre a sociedade; depende só desta ridicularizá-lo ou não”, sublinhará Balzac em *Fisiologia do casamento*. Ou seja, o julgamento da mulher sobre o homem conta como elemento decisivo na opinião que a sociedade formará sobre ele: “(...) antes de julgar um homem, a sociedade examina o que a esposa pensa dele, e pede assim o que os genoveses chamam um *préavis*.”³⁵

Isto o leva a dizer que, entre a alta burguesia, a mulher, solteira, representa um degrau para se ascender socialmente, e, casada, é levada a ser expressão do grau de riqueza alcançado pelo marido. Seu papel parece restrito a acompanhá-lo na sua vida pública; um acessório a compor um quadro previamente delineado, um papel secundário, contudo *indispensável*:

— Conheces bem Nucingen — disse Bixiou; nos primeiros tempos Delfina e De Rastignac (amante da mulher) achavam-no *bom*; uma mulher parecia ser para ele, em casa, uma jóia, um ornamento. E aí está o que, para mim, torna esse homem tão sólido de base como de altura: Nucingen não faz cerimônia para dizer *que sua mulher é a representação de sua fortuna, uma coisa indispensável, porém secundária*, na vida de alta pressão dos homens políticos e dos grandes financistas. Ele disse diante de mim que Bonaparte fora idiota como um burguês nas suas primeiras relações com Josefina, e que, depois de ter tido a coragem de tomá-la como um degrau, fora ridículo ao querer fazer dela uma companheira.³⁶

Nessa passagem, explicitam-se alguns valores da alta burguesia diante das mulheres e como se apresentam as relações entre os se-

³⁵ *Os funcionários*, p. 110.

³⁶ *A Casa Nucingen*, p. 575 (grifos nossos).

xos. Chama-nos a atenção o caráter de subordinação, mas ao mesmo tempo o de *indispensabilidade* do papel da mulher no casamento. É indispensável, porque é por intermédio dela que a sociedade forma um julgamento sobre o marido; esse julgamento não é só moral, embora também o seja, mas um julgamento econômico; e esse julgamento é essencial no mundo dos negócios; é pela aparência, maneiras, modo de vida da mulher, sobretudo, que se deposita ou não confiança num homem. Não se estabelecem relações de negócios com quem não mostra, nem sequer aparentemente, indícios de riqueza.³⁷ Assim, a questão da vaidade, do requinte, da moda, etc., frequentemente associados a necessidades estritamente femininas, mostram contudo a sua vinculação a necessidades também masculinas, a imperiosas necessidades sociais.

Um pequeno parênteses. A questão do *parecer ser* é vital em toda *A comédia humana*; particularmente, para os que não o são. São principalmente jovens pobres, tais como Rastignac, (*O Pai Goriot*); Luciano de Rubempré, (*Ilusões perdidas*); Rafael (*A pele de Onagro*) que explicitam essa necessidade, se angustiando com a própria aparência e intuindo que uma elegância ampliaria as suas possibilidades de inserção social:

Os ricos que jamais conheceram tal espécie de sofrimento encontrarão certamente aqui algo de mesquinho e de incrível, mas as angústias dos desgraçados não merecem menos atenção que as crises que revolucionam a vida dos poderosos e dos privilegiados da terra. Mudai apenas os termos: em lugar de uma roupa mais ou menos bem-feita, colocai uma fita, uma distinção, um título. Essas coisas aparentemente tão pequenas não atormentaram acaso as mais brilhantes existências? O problema da indumentária é, aliás, enorme para aqueles que desejam aparen-

³⁷ Dirá um personagem, aconselhando Mme. de Bargeton — ainda marcada por valores provincianos, assustada com o luxo parisiense. “meticulosa nas contas”, com medo de não ter “o bastante e fazer dívidas” — a se comportar em sociedade: “(...) Uma senhora que vai freqüentar a alta sociedade não se poderia instalar de outra maneira. Se pretende fazer do Sr. Bargeton um recebedor geral ou lhe obter um lugar na casa do rei, não deve mostrar aparências de miséria. Aqui não se dá senão aos ricos.” *Ilusões perdidas*, p. 152.

tar o que não têm, porque é quase sempre o melhor meio de vir a possuí-lo mais tarde.³⁸

Voltemos à fala de Nucingen. Uma outra questão, nessa fala, diz respeito ao casamento. Tal como entre a aristocracia, o casamento não é o espaço de realização afetiva nem para os homens, nem para as mulheres; o adultério é o antídoto contra casamentos baseados unicamente em interesses; convivem num mesmo espaço a instituição e a transgressão, ou seja, o casamento e o adultério; persiste o “elegante divórcio”; as relações entre marido e mulher se pautam pela indiferença mútua. No entanto, se entre a aristocracia essa indiferença responde à necessidade de preservação dos respectivos espaços pessoais e carrega consigo um certo cunho de respeito mútuo que marcava uma tradição aristocrática, entre a alta burguesia a indiferença é sinal de manipulação de certos interesses. É dessa forma, que acompanhando o casamento de Delfina e Nucingen, como um dos modelos do casamento na alta burguesia, que vemos Nucingen se utilizar dos amantes da mulher, não só para conseguir proveito nos negócios, como para contornar pequenos problemas na esfera doméstica:

— *O barão fundiu as doutrinas orientais e ocidentais numa encantadora doutrina parisiense. Tinha horror a De Marsay, que não era manejável, mas De Rastignac lhe agradou muito, e ele o explorou, sem que De Rastignac o percebesse: deixou-lhe toda a carga de sua casa. De Rastignac endossou todos os caprichos de Delfina, levava-a ao Bosque, acompanhava-a ao teatro. Esse pequeno grande homem político de hoje durante muito tempo passou a vida a ler e a escrever lindas cartinhas. No começo, Eugênio era ralhado por nada; ele se alegrava com Delfina, quando ela estava alegre, entristecia, quando ela estava triste, suportava o peso de suas enxaquecas, das suas confidências, dava-lhe todo o seu tempo, suas horas, sua preciosa mocidade para encher o vazio da ociosidade daquela parisiense. Delfina e ele tinham grandes conferências sobre os adornos que melhor sentavam; ele suportava o fogo das cóleras e o chuveiro dos dichotes, ao passo*

³⁸ *Ilusões perdidas*, pp. 158/159.

que, em compensação ela se mostrava encantadora com o barão. Este ria interiormente; depois, *quando via De Rastignac vergando sob o peso dos seus encargos, fingia suspeitar alguma coisa, e unia os dois amantes por um medo comum*³⁹

Se o adultério feminino é conhecido e aceito, são as mulheres obrigadas, contudo, aos “jesuíticos *mezzo termine*”. Como, de outra forma, explicar o “medo comum”? O medo é a expressão de quem não controla uma situação. Está nas mãos dos maridos o controle das condições do casamento e este se baseia num estrito *domínio* e estrito *cálculo*. Nucingen casa-se com Delfina porque ela é rica, condição que lhe dava, quando solteira, uma certa liberdade de opções; mas, uma vez casada, está sob o domínio do marido, que faz uso de sua riqueza e de sua vida como bem lhe apraz.⁴⁰ O *cálculo* está implícito numa política de casamento e nas relações entre os sexos; Delfina também se casa por interesse e não por amor; é em função de interesses que não rompe com o marido. Se tanto para homens, como para as mulheres, as relações matrimoniais respondem a uma necessidade de ascensão, e/ou de manutenção de um *status*, para os homens elas significam dominação e para as mulheres submissão. Mas também a submissão não escapa a um *cálculo*, e vemos assim diferentes conotações para uma mesma palavra. Balzac explicita como um casamento é feito de uma duplicidade de interesses. Nesse sentido, a condição da mulher da alta burguesia é muito próxima da aristocrata; tomamos como exemplo do que significa “calcular” a submissão, nos reportando aos aristocráticos conselhos da mãe de Luísa Chaulieu, quando esta vai se casar:

Em primeiro lugar não esperes demasiado do casamento, ele te daria talvez mais aborrecimentos do que alegrias. Tua felicidade exige ser tão cultivada quanto o exigiu o seu amor. Enfim, se por acaso perdesse o amante, ficar-te-ia o pai de teus filhos. Aí, filha minha, *aí está toda a vida social*. Sacrifica tudo ao homem cujo

³⁹ *A Casa Nucingen*, p. 575.

⁴⁰ E ela será obrigada a mil estratégias para manter seu espaço de liberdade, espaço esse que ela só consegue manter enquanto tenha dinheiro e é dessa forma que Delfina dilapidará a fortuna do pai. Ver *O Pai Goriot*; *A Casa Nucingen*.

nome é o teu, cuja honra e consideração não podem sofrer o menor ataque que não produza em ti um enorme abalo. *Tudo sacrificar ao marido não é somente um dever absoluto para as mulheres de nossa posição social, é também o cálculo mais hábil.* (...) Naquelas simples palavras, ela pusera o resumo dos ensinamentos que a sua vida e a sua experiência lhe venderam, talvez tão caro.⁴¹

Não esperar “demasiado do casamento” é dizer que se no casamento não se realiza amorosamente, tem-se, contudo, outras alternativas; mas essas alternativas implicam uma transgressão; contudo, é uma transgressão admitida, desde que se aceite determinadas imposições sociais; e essas imposições implicam o não-questionamento público da autoridade masculina. Poderíamos pensar numa oposição entre vida pública e vida privada?

Vimos no Capítulo 1, rapidamente, o que significa para as mulheres a transgressão das leis sociais e por que as mulheres se submetem a tornarem-se as “escravas” do lar, para evitar tornarem-se “coisa”. Vejamos, de outra forma, o que isso significa. Os conselhos da mãe de Luísa, entendemos, são muito menos no sentido de “ensinar” a submissão, do que explicitar o que é “vida social”; a vida social comporta ambigüidades; se no aparato legal as mulheres são o pólo dominado, no nível dos costumes prevê-se um espaço de liberdade; saber fazer uso desse espaço implica *calcular*, implica não agir impulsiva, espontaneamente. É muito freqüente em Balzac o uso da expressão “a vida como ela é”. Os personagens (homens e mulheres) que não entendem o que é a “vida”, estão sujeitos a serem anulados; conhecê-la, dá a possibilidade de não se deixar dominar e submergir na voragem social. As relações entre os indivíduos — amorosas, conjugais, sexuais — no que elas têm de mais imediatamente revelador e íntimo não se subtraem a essas injunções. Não se existe a não ser se assegurando um certo domínio de uma situação, ainda que, por meio do silêncio, cálculo, astúcia, etc.; mesmo que, aparentemente, isso possa ser visto, às vezes, como submissão, às vezes como dissimulação, às vezes como prepotência, etc... É assim

⁴¹ *Memórias de duas jovens esposas*, p. 288.

que mulheres vão elaborando “códigos femininos” de valores e condutas entre si, para si, e os expressam nas suas relações com os homens:

Queixar-se! Que grande tolice das mulheres! (...) — Muitas vezes ouvi miseráveis pequenas criaturas lamentarem por serem mulheres, quererem ser homens; (...) Se eu tivesse de optar, preferiria ainda ser mulher. Grande vantagem a de dever seus triunfos à força, a todos os poderes que lhes dão as leis feitas pelos senhores! Mas quando os vemos a nossos pés, dizendo e fazendo besteiras, não é uma felicidade embriagadora o sentir em nós a fraqueza que triunfa? Quando alcançamos nossos fins, devemos, portanto, ficar caladas, sob pena de perdermos nosso domínio. Vencidas, as mulheres devem também conservar-se silenciosas por orgulho. *O silêncio do escravo apavora o senhor.*⁴²

É dessa forma que, compreendemos, ganham expressão personagens femininas que não se deixam levar pelas circunstâncias — Diane de Maufrigneuse,⁴³ Mme. Camusot,⁴⁴ Mme. Marneffe (*A prima Bete*), Mme. d’Espard,⁴⁵ etc. — apresentadas pelos comentaristas como frias, calculistas, dissimuladas, etc., ganham relevo e tornam compreensíveis e justificáveis os papéis que jogam, pois agem sob o influxo de exigências sociais. Numa carta à Mme. Hanska, Balzac apresenta e justifica a necessidade de alguns comportamen-

⁴² *Os segredos da Princesa de Cadignan*, p. 524.

⁴³ Personagem principal de *Os segredos da Princesa de Cadignan*, célebre por sua beleza, inteligência, elegância e pelo fascínio que exerce sobre os homens; reaparece em muitas outras obras, dentre as quais destacaríamos: *O gabinete das antiguidades*, *Esplendores e misérias das cortesãs*, *Modesta mignon*, *Ursula Mrouët*, *A Duquesa de Langeais*, *O Pai Goriot*, *Ilusões perdidas*.

⁴⁴ Personagem burguesa que busca tenazmente impulsionar a carreira do marido como magistrado (*O gabinete das antiguidades*); reaparece em *A interdição* e *O primo Pons*, onde a vemos lançar mão de vários expedientes (muitos excusos) para casar (bem) a filha.

⁴⁵ Sua história é particularmente contada em *A interdição*, quando articula um processo contra o marido, a fim de “interditá-lo”, isto é, destituí-lo do uso e administração da riqueza familiar. Personagem que reaparece em quase todas as obras das *Cenas da vida parisiense*.

tos de personagens, à primeira vista, reprováveis e aparentemente injustificáveis; é assim que ele se refere a *Os segredos da Princesa de Cadignan*:

“É a maior comédia moral que existe, (...) é um amontoado de mentiras pelas quais uma mulher de 30 anos, a Duquesa de Maufrigneuse, tornada, por sucessão, Princesa de Cadignan, chega a se fazer passar por santa, uma virtuosa, uma pudica moça aos olhos de seu décimo admirador (...). A obra-prima consiste em haver feito ver as mentiras como *justas, necessárias*, e havê-las justificado pelo amor”.⁴⁶

Espontaneidade, obediência a impulsos no domínio da vida social, é erro; erro fundado sobre a ilusão de que as relações individuais seriam diferentes do que são as relações sociais dominantes; quem se subtrai a esse jogo social, lançando-se sem reserva em projetos que privilegiam as paixões, os sentimentos, a afetividade, a coerência de princípios, ou seja, algumas dimensões subjetivas de auto-realização, tende a se tornar objeto e/ou se expor a sanções. Quais são algumas dessas sanções para as mulheres? Explicitamo-las, retomando argumentos utilizados por parentes da Duquesa de Langeais, quando esta se predispõem a assumir publicamente um amante:

Queridinha — disse a princesa (...) — sê feliz se puderes. Não se trata de *perturbar* tua felicidade, mas de pô-la de acordo com os costumes. Nós todos sabemos que o casamento é uma instituição defeituosa (...) *Calculemos um pouco*. (...) *Langeais é muito avaro*, diabolicamente egoísta; *separar-se-á da senhora, embolsará sua fortuna, a deixará pobre, e, conseqüentemente, sem consideração*. As cem mil libras de rendas que a senhora ultimamente herdou (...) passarão a pagar os prazeres das amantes dele. E a *senhora ficará algemada, garroteada pelas leis*, obrigada a dizer amém a tais arranjos. E se Montriveau (o amante) a abandona? (...) *Trate, pois, dos seus interesses* (...) Mas admitindo que seja sempre amada e venturosa, (...) *se*, por felicidade ou desgraça, *tiver filhos? Que nome lhes dará?* O de Montriveau? Mesmo

⁴⁶ *Lettres a Mme. Hanska*. Vol. I, p. 651.

assim, *não herdarão toda a fortuna do pai*. A senhora há de querer dar-lhes toda a sua e o pai há de querer fazer o mesmo. (...) *Mas a lei estará contra a senhora e ele! Quantos processos não se vêem, promovidos pelos herdeiros legítimos contra os filhos do amor*. (...) De qualquer modo, os seus filhos serão sacrificados às fantasias do seu coração e privados de sua condição social. (...) ⁴⁷

Novamente vemos um aparato, sobretudo legal, circunscrever uma situação coercitiva às mulheres; transgredir regras sociais não afeta simplesmente a sua condição de esposa, mas, também, todos os outros papéis que desempenha na vida social. Novamente o cálculo tornando-se um elemento estruturador das relações pessoais, se reencontrando, assim, no nível da vida privada.

Vejamos, contudo, ao que parecem aspirar essas mulheres; elas querem o reconhecimento social, querem usufruir as benesses sociais, e querem a realização amorosa. E o que se delinea é a dificuldade dessa conciliação. Já analisamos as aspirações de felicidade entre as jovens; vimos que são direcionadas ao casamento, e que este se apresenta, freqüentemente, como um espaço de frustração dessas aspirações. Nos perguntamos se as relações extramatrimoniais seriam diferentes:

“Uma das mais agradáveis lisonjas que as mulheres se dirigem a si mesmas não é a convicção de representar alguma coisa na vida dum homem superior escolhido por elas com conhecimento de causa, como uma réplica a seu casamento, em que seus caprichos foram pouco consultados?” ⁴⁸

As relações extramatrimoniais parecem ser o espaço em que se manifesta uma certa liberdade feminina; entretanto, não negam a forma como estão se estabelecendo as relações entre os sexos. Jovens, os homens se utilizam das amantes para serem sustentados, manterem um alto padrão de vida e serem iniciados na vida social; adultos, lançam mão da influência das mulheres, para se projetarem socialmente — a amante é, também, signo de ostentação, é também um “degrau”. Dessa forma, configura-se para as mulheres um novo

⁴⁷ *A Duquesa de Langeais*, pp. 226/227.

⁴⁸ *A musa do departamento*, p. 336.

quadro de não-realização, com toda carga de insatisfação, angústias, culpa e medo. A Condessa de Restaud, irmã de Delfina Nucingen, dilapida a sua fortuna e a da família, se submete ao jugo de usurários para sustentar o amante: “Assim é a existência da metade das mulheres de Paris: luxo exterior e angústias cruéis na alma”;⁴⁹ Mme. Béauseant (*O Pai Goriot; A mulher abandonada*), por duas vezes é abandonada pelos amantes, pois estes irão se casar com mulheres mais ricas; Diná de Piédfer é submetida a uma “indigência secreta” pelo marido, pois o abandona por um amante, e terá que trabalhar para sustentarem-se: “Já fui fidalga bastante tempo, agora vou ser burguesa e sustentar a casa”.⁵⁰ Os exemplos são muitos, e indicam uma não-realização feminina, que, por sua vez, conduz a uma exacerbação de sentimentos, a uma exacerbação de desejos, a uma exacerbação de sofrimentos. Assim, tanto no casamento como nas relações extraconjugais, não se deixam abater somente as mulheres que elaboram estratégias de resistência ou que opõem aos homens uma necessidade de ascensão maior, jogando o mesmo jogo masculino.⁵¹

Se as mulheres da alta burguesia têm um papel de certa forma restrito, mais ativo o é o das mulheres da pequena burguesia. Estas, participam, trabalham nos projetos dos maridos, buscando se inserir na cena pública, construindo redes de relacionamentos, se engajando em ajustes matrimoniais, etc. Os seus interesses se confundem. Mme. Baudoyer (*Os pequenos burgueses; Os funcionários*) é um dos exemplos mais eloquentes dessa atuação: pela manipulação de situações, armando uma rede de intrigas, ela consegue fazer de um burocrata medíocre um alto funcionário.

Um dado que diferencia, sobremaneira, a condição das mulheres da alta burguesia da condição das pequenas burguesas é que estas últimas, em geral, trabalham: “O casamento causa a uma rapariga profundas perturbações morais e físicas; mas ao casar-se nas condições burguesas da classe média, deve ainda estudar interesses

⁴⁹ *O Pai Goriot*, p. 132.

⁵⁰ *A musa do departamento*, p. 395.

⁵¹ Os exemplos mais radicais são, no casamento, o caso de Mme. Camusot, que domina de uma forma autocrática o marido e, nas relações extraconjugais, o caso de Mme. Marneffe (*A prima Bete*), que se utiliza ostensivamente dos amantes, se prostitui para ascender socialmente e fazer ascender a seu marido.

inteiramente novos, e iniciar-se em negócios (...).”⁵² A maioria das mulheres da pequena burguesia trabalha lado a lado com os maridos, às vezes ajudadas por filhas e por filhos; o local de trabalho (lojas, armazéns, pequenas indústrias, etc.) quase sempre é contíguo à casa, quando não é a própria casa. O que é esse cotidiano? Vejamos “uma de suas fórmulas”:

Certos tolos admiram-se da dança de São Guido, de que parecem atacadas as mônadas que o microscópio permite dividir-se numa gota d’água; mas que diria o *Gargântua* de Rabelais, (...) se se divertisse a contemplar o movimento dessa segunda esfera parisiense? Eis uma de suas fórmulas: quem não viu ainda uma dessas barraquinhas, frias no verão, sem outro aquecimento no inverno que o de um fogareiro de brasas, colocadas sob a vasta calota metálica que cobre o mercado de trigo? Madame lá está desde manhã cedo, pois que é comissária da feira e ganha nesse ofício, ao que dizem, doze mil francos por ano. O marido, quando a madame se levanta, passa para um escuro gabinete, onde faz empréstimos usurários aos comerciantes do bairro. As nove, encontra-se na seção dos passaportes, de que é um dos subchefes. À noite, está na caixa do teatro dos italianos (...). Os filhos são entregues a uma ama e só voltam para serem enviados à escola ou a um internato. O casal reside num terceiro andar, tem apenas uma cozinheira (...); mas tem cento e cinquenta mil francos para o dote da filha e se retira dos negócios aos cinquenta anos (...). Estimados na zona, prezados pelo governo, aliados à alta burguesia, o marido obtém aos sessenta e cinco anos a cruz da Legião de Honra, e o pai de seu genro, *maire* de um distrito, convida-o para os seus saraus.⁵³

É no sentido de que a família leva uma vida extremamente ocupada e prática que, sobretudo, as mulheres não têm tempo para dedicação ao cultivo da sensibilidade, para grandes exaltações amorosas, para o cultivo do “espírito”, para nos utilizarmos de uma expressão de Balzac. O retrato de Constança Birotteau dá a medida do que é esse universo:

⁵² *Ilusões perdidas*, p. 435.

⁵³ *A menina dos olhos de ouro*, pp. 251/252.

De inteligência estreita, Constança era o tipo da pequeno-burguesa que vive a se queixar do trabalho, que começa recusando o que deseja e se zanga quando é apanhada pela palavra, cuja atividade inquieta abrange a cozinha e a caixa, os mais sérios negócios e os invisíveis remendos a fazer na roupa interior; que ama resmungando, não concebe senão as idéias mais simples, o dinheiro miúdo do espírito, raciocina sobre tudo, tem medo de tudo, calcula tudo e sempre está pensando no futuro.⁵⁴

Na relação conjugal se explicita a filosofia e o ideal de vida pequeno-burguesa. Nesse sentido, a relação de César com a esposa é elucidativa; ele, filho de camponeses, torna-se um burguês, dono de uma perfumaria; ela, quando solteira, era balconista de uma “loja de novidades”, embrião das grandes lojas de departamento — “(...) preços fixos, fitas de papel, cartazes, ilusões e efeitos de ótica levados a tal grau de aperfeiçoamento que as fachadas das lojas se transformaram em poemas comerciais”⁵⁵; casada trabalha na pequena loja com o marido; são sonhos de César — lançar-se nas altas rodas, projetar-se na política e casar bem a filha. Constança compartilha dos planos e incertezas do marido, mas o julga ambicioso demais; não é que também não o seja, mas receia perder o que já conquistou; nesse sentido ela é pausada, sensata:

Olha Birotteau, sabes que é que eu penso, ao ouvir-te? Tenho a impressão que estás procurando sarna para te coçares. (...) Para desempenhar um papel político, é necessário dinheiro; nós o temos? Como! Queres queimar tua tabuleta e renunciar à Rainha das Rosas, à tua verdadeira glória? Deixa que os outros sejam ambiciosos. Quem mete a mão no fogo se queima, não é verdade? E a política atualmente está queimando. (...) Se queres aumentar tua fortuna, age agora como em 1793. (...) Compra títulos, terás dez mil francos de rendimento. Aproveita essa reviravolta para casar nossa filha (...). Se me amas, deixa-me ser feliz à minha maneira. Nem tu nem eu recebemos educação; não sabemos falar nem bancar o capacho, como fazem as pessoas da alta sociedade, e como queres que tenhamos êxito nos postos governamen-

⁵⁴ César Birotteau, p. 338.

⁵⁵ César Birotteau, p. 336.

tais? (...) Que necessidade teremos em querer esmagar os outros? Nossa fortuna atual não nos basta? Quando fores milionário, jantarás duas vezes por dia? Precisas de outra mulher além de mim?⁵⁶

A sua insegurança é, também, toda a insegurança de uma burguesia que enriqueceu à custa de muito trabalho e em situações mais ou menos fortuitas e políticas. Se a sua riqueza não lhe adveio exclusivamente de especulação, a condição que permitiu a César comprar a perfumaria, que lhes proporcionava a riqueza atual, foi fruto da especulação com títulos públicos, em 1794. Aliás, há que se ressaltar que essa especulação possibilitou o enriquecimento de grande parcela da burguesia a esse momento. É dessa forma que a pequena burguesia mantém com relação à política uma ambivalência; algo a que se aspira, mas que também se teme, pois, se a mudança na sua forma de vida, a sua ascensão, se explica pelos acontecimentos políticos — e a lembrança do período das convulsões revolucionárias está presente em suas cabeças —, por outro lado, colocar-se no seu centro, quando a sua situação individual parece estável, pode trazer mudanças indesejáveis; é assim que essa pequena burguesia ascendente é pausada, sensata, diríamos, mesmo, conservadora, ainda que insatisfeita, inquieta: “O burguês essencialmente amigo da ordem é sempre rebelado contra o poder” (*Idem*, p. 378). E sempre quer preservar, seja a riqueza, seja o *status*.

A preservação dessa existência social impulsiona a que se projete nos filhos a continuidade de suas aspirações. O sentimento da família é cultivado entre a pequena burguesia; é pela família, pelos filhos, que ela se joga no trabalho, luta por ascender e imprime um ritmo a toda a sociedade:

Tais trabalhos de uma vida inteira aproveitam, assim, aos filhos que essa pequena burguesia tende fatalmente a elevar para a alta. Cada esfera atira, assim, a sua prole à esfera superior. O filho do rico vendeiro faz-se notário, o filho do lenheiro torna-se magistrado. Não falta um único dente para se engranzar na ranhura e tudo estimula o movimento ascensional do dinheiro.⁵⁷

⁵⁶ César Birotteau, p. 325.

⁵⁷ *A menina dos olhos de ouro*, p. 252.

São muitas as análises que associam o sentimento da família como uma particularidade da burguesia.⁵⁸ Para compreendermos melhor esse aspecto da vida entre a pequena burguesia, é necessário nos reportarmos ao casamento nas altas rodas, sobretudo as aristocráticas; este se caracteriza, essencialmente, pela frieza, a separação dos cônjuges, a ausência do lar; o amor e o casamento são dissociados. É dessa forma que se chega a admitir que “o casamento pequeno-burguês, ao contrário do aristocrático, que não traz realização para o casal, é desenvolvimento e progresso”. (Barbérís, 1973, p. 302). Concordamos parcialmente com essa argumentação, pois, para fazê-la, não se considera as formas mais exacerbadas a que leva o desenvolvimento das premissas em que estão a se fundar o casamento burguês:

Deixemos de lado as formas mais primitivas, ou as mais avançadas no sentido de decomposição. O ilotismo ao qual Grandet reduz sua mulher e a podridão do casal Manerffe são dois extremos que não poderiam ter valor de exemplo. O caso Grandet é o de uma humanidade ainda pouco evoluída, próxima à terra e de seus trabalhos grosseiros; a mulher não é lá mais do que uma máquina, e a natureza dos trabalhos é tal que ela não poderia ser outra coisa que uma escrava, de forma alguma uma colaboradora. (...) Os Manerffes, por outro lado, são os parasitas, os bastardos, os subprodutos. Eles não participam em nada do movimento ascensional da burguesia. Por eles mesmos, eles não são nada. É preciso dar conta dos burgueses que estão no *elã* de sua classe, os fundadores, os pioneiros.⁵⁹

Não entendemos que os casos Grandet e Mannerffe sejam os pólos “primitivos” ou “decadentes” do casamento burguês, e sim o desenvolvimento, levado às últimas conseqüências, das premissas em que este se baseia; a anulação de Mme. Grandet na vida representa o contra-senso que é a submissão feminina, implícita nas cláusulas matrimoniais, levada às últimas conseqüências. A autoridade masculina é fomentada? Grandet a leva ao limite, não permitindo à

⁵⁸ Ver sobretudo Perrot, 1991; Hunt, 1991; Macfarlane, 1990; Barbérís: 1971/1973.

⁵⁹ Barbérís: 1973, pp. 302/303.

mulher nem mesmo o acesso às chaves da despensa. A submissão da mulher é esperada? Mme. Grandet o cumpre ao pé da letra. O objetivo do casamento é a formação de um patrimônio? Grandet será um açambarcador, um avaro e em função desses pressupostos pauta sua vida familiar. O mesmo se dá com os Manerffes; a prostituição explícita, assumida, consentida de Mme. Manerffe é o exemplo, por exacerbção, das condições que estão sendo impostas às jovens, ao momento do casamento, no qual presidem jogos de interesses; dirá uma personagem: “*O casamento, tal como hoje se pratica, parece-me uma prostituição legal*”.⁶⁰ Ainda nos reportando ao caso Grandet; a sua relação com a filha Eugênia mostra que a sua maior inquietação não são seus sentimentos, a sua sexualidade, a forma como ela os vivencia, enfim, uma moralidade, mas sabê-la não sucessora de sua paixão na vida:

Mas onde já se viu tamanha teimosia e tamanho semelhante roubo!, disse Grandet, numa voz que foi crescendo e aos poucos retumbando pela casa. — Como! Aqui na minha própria casa, alguém terá tirado o teu ouro, o único ouro que havia! E eu não poderei saber quem foi? O ouro é uma coisa cara. *As moças mais honestas podem cometer erros, dar não sei o quê. Isso se vê nas casas das pessoas ilustres e mesmo entre os burgueses. Mas dar ouro...*⁶¹

É em função da preservação da riqueza, e esta só se preserva se ampliada, que estão se fundando as relações sociais; os desenvolvimentos-limites dessa premissa conduzem a paroxismos. Todavia, a Balzac não escapa as nuances, os meios-termos. E é a pequena burguesia, principalmente a “antiga”, a portadora desses valores.

É assim que Balzac opõe praticamente dois segmentos na conformação da pequena burguesia pós-revolucionária; segmentos esses que convivem lado a lado, ora de modo menos, ora de modo mais conflitivo. Tais segmentos podem ser caracterizados de muitas

⁶⁰ *A mulher de trinta anos*, p. 596. Claire Démar, uma das precursoras do feminismo francês, em *Ma Loi d’Avenir* (1834), diz a mesma frase e desenvolve um raciocínio semelhante.

⁶¹ *Eugenia Grandet*, pp. 333/334.

formas, mas em que essencialmente se diferenciam é quanto ao ritmo que imprimem no processo de enriquecer e por um código moral diante desse processo. Em momentos distintos da vida francesa é um ou outro segmento que é mais significativo. No período compreendido entre o Império e a Restauração se destaca a parcela da pequena burguesia “antiga”; aquela que persiste num trabalho que vinha propiciando um enriquecimento lento, gradual desde o *Ancien Régime*, voltada ao comércio, à produção agrícola, à pequena produção industrial, etc...; e uma pequena burguesia que ascende das camadas populares durante o processo revolucionário e cujas aspirações circunscrevem-se à manutenção de um certo estilo de vida, conseguido a duras penas. Balzac evoca a constituição dessa burguesia desde o século XVI, sobretudo, em *Sobre Catarina de Médicis* e *Ao “Chat-qui-pelote”*. Essa uma pequena burguesia que coloca a honestidade, a retidão nos negócios, como pressupostos num projeto de ascensão.

Com essa pequena burguesia convive e/ou se opõe e acaba por suceder uma pequena burguesia ávida de ascensão, que se joga inescrupulosamente na disputa por cargos públicos e políticos, que se empenha em enriquecer rapidamente, não medindo meios para fazê-lo. Nesse sentido, está sempre em luta tanto com a aristocracia como com outros segmentos da própria burguesia. É essa parcela da pequena burguesia que irá se sobressair, sobretudo, sob a Monarquia de Julho.

Vejamos outros pontos que a diferencia, particularmente, no que concerne às relações entre os sexos e o casamento. Entre a pequena burguesia “antiga”, busca-se equilibrar as exigências materiais com os sentimentos. O casamento se mantém a igual distância de dois extremos — o passional e a pura associação de interesses: “Eis o que foi a sorte desse casal, constantemente venturoso pelos sentimentos e agitado unicamente pelas ansiedades comerciais.”⁶² Ele une o desejo de realização afetiva ao desejo da segurança material, da fortuna a legar aos filhos. O casamento é visto como uma etapa importante no decorrer de uma carreira ou de uma vida, o acordo sobre o

⁶² *César Birotteau*, p. 339.

essencial da vida burguesa e que pode muito bem se acompanhar de uma afeição real. É, por sua vez, um negócio e uma união:

Ambos haviam aceitado a vida como uma empresa comercial em que se tratava, antes de tudo, de fazer face aos compromissos. A mulher, não tendo encontrado no marido um amor excessivo, aplicava-se em fazê-lo nascer. Levado insensivelmente a estimar, a querer Virgínia, o tempo empregado pela felicidade para desabrochar foi, para José Lebas e sua mulher, um penhor de duração.⁶³

As mulheres desempenham nesse projeto de vida um papel central, seja pelos sentimentos que inspiram, seja pelo trabalho, seja por se sentirem participantes de um projeto de ascensão, seja pela forma como induzem um julgamento sobre o marido. Nesse sentido, nos reportamos novamente, a título de exemplo, ao casamento Birotteau:

(...) ela representava, naquela união, a parte sagaz e previdente, a dúvida, a oposição, o receio, como César representava a audácia, a ambição, a ação, o gosto pela aventura. A despeito das aparências, o comerciante era medroso, ao passo que a esposa possuía, na realidade, paciência e coragem. Assim, um homem pusilânime, medíocre, sem instrução, sem idéias, sem conhecimentos, sem energia, destinado a fracassar em qualquer iniciativa, conseguiu, graças à habilidade, (...) ao amor pela única mulher que possuiu, passar por um homem notável, corajoso e resoluto. O público via apenas os resultados. (...) As pessoas de suas relações conheciam-no apenas superficialmente e não podiam formar um juízo exato a seu respeito; por outro lado, os vinte ou trinta amigos que compunham sua sociedade se diziam as mesmas tolices, repetiam os mesmos lugares-comuns, consideravam-se todos criaturas superiores em suas esferas. As mulheres faziam alarde de bons jantares e de vestidos e resumiam sua palestra numa frase desdenhosa sobre o marido; a Sra. Birotteau era a única que tinha o bom senso de tratar o seu com dignidade e respeito em público; via nele o homem que, apesar de suas

⁶³ Ao "Chat-qui-pelote" pp. 117/118.

*secretas incapacidades, ganhara fortuna que possuíam e de cuja consideração participava.*⁶⁴

Balzac confere à Constança (e geralmente às mulheres da pequena burguesia) uma superioridade com relação ao marido; superioridade relativa, pois não deixa de acentuar uma certa limitação generalizada. Superioridade por Constança pressentida, por ela percebida, mas silenciada: “Apenas se indagava, às vezes, que seria do mundo se todos os homens superiores fossem iguais a seu marido.”⁶⁵ Esse silenciamento diz do seu “bom senso” em entender que o casamento comporta renúncia e, nesse sentido, se aplica a uma burguesa uma frase dita pela aristocrática Renata d’Estorade: “O viático do casamento está contido nestas palavras: resignação e devotamento!”⁶⁶

As relações no casamento pequeno-burguês levam a que se abduquem a certas fantasias, mas conduzem “ao sólido, à vida material”.⁶⁷ Depois de ter se casado, “Constança renunciou definitivamente aos brilhantes destinos aos quais, como todas as lojistas, sonhara algumas vezes; ela quis ser uma mulher honesta, uma boa dona-de-casa e adotou uma existência de acordo com o religioso programa da classe média”.⁶⁸ “Para que o brilhante, o fatural, para que isto que se nomeia em Paris o espírito”, acrescenta mais tarde Balzac, a propósito de Cesarina Birotteau, “numa classe onde o elemento principal da felicidade é o bom senso e a virtude”? (*Idem*, p. 376.) O “bom-senso e a virtude” presidem os matrimônios e, dessa forma, o ideal do casamento pequeno-burguês é que este se faça entre iguais. E, assim, é com suspeição que se vê o casamento de indivíduos de classes diferentes:

Naquela época singular (referência ao período napoleônico), o comércio e as finanças tinham mais do que nunca a tresloucada mania de aliar-se a grandes senhores (...). O senhor Guillaume

⁶⁴ *César Birotteau*, p. 346.

⁶⁵ *Idem*, p. 346.

⁶⁶ *Memórias de duas jovens esposas*, p. 232.

⁶⁷ *A Casa Nucingen*, p. 587.

⁶⁸ *César Birotteau*, p. 337.

erguia-se com veemência contra essa deplorável paixão. *Seus axiomas favoritos eram que uma mulher para ser feliz devia casar-se com um homem de sua classe; cedo ou tarde a gente era castigada por ter querido elevar-se demasiado alto; o amor resistia tão pouco aos atritos domésticos que para ser-se feliz era preciso encontrar num e noutro qualidades bastante sólidas; era preciso que um dos cônjuges não soubesse mais do que o outro, porque antes de mais nada devia haver compreensão mútua. Inventara essa espécie de provérbio de que um marido que falasse grego e a mulher latim corriam o risco de morrer de fome. (...)*⁶⁹

O se pautar o casamento entre iguais de forma alguma exclui assimetrias nos relacionamentos, mas se conformam também situações mais igualitárias. A família pequeno-burguesa antiga se pretende, e parece ser, um equilíbrio; a imagem com que Balzac mais freqüentemente a evoca é a de interiores de quadros flamengos: uma calma felicidade, a tranqüilidade da afeição, a segurança material, uma ordem, sem exagero dos sentimentos, nem extremadas manobras de interesse. Para Barbéris (1973), Balzac elabora o mito do casamento burguês, mito da felicidade e do repouso: “Ao lado dos que se jogam a perseguir a paixão, ele viu casais tranqüilos que tiraram de seu modo de vida (...) uma sabedoria nova.” Ressalva que Balzac não se deixou levar pelas miragens de uma tese a defender, não sucumbiu às tentativas de um esquematismo nulo. “Muito humanamente, ele sentiu tudo o que o casamento ‘razoável’ poderia comportar de renúncia a sonhos inconfessáveis, a perspectivas brilhantes. (Barbéris, 1973, p. 305.) Apesar da sutileza dessa análise, achamos que não dá conta que esse “quadro” se insere num cenário que está precisamente a questionar esses valores. Esse quadro ao qual falta o movimento. E o movimento quem o dá é a sociedade que, ao imprimir esse movimento, o faz dissolvendo as características iniciais do quadro. Balzac fixa uma imagem para mostrar que é uma imagem que está se desfazendo e ele o diz como ela se desfaz, como ela se transforma, como ela se metamorfoseia. À medida que as relações sociais se desenvolvem, essa burguesia não permanece a mesma: uns ascendem, outros tendem a desaparecer; a falência de

⁶⁹ Ao “*Chat-qui-pelote*”, pp. 109/110.

Birotteau nesse sentido é metafórica, e diz do “poema das vicissitudes burguesas a que nenhuma voz deu até agora importância porque parecem destituídas de grandeza quando por isso mesmo são imensas: não se trata aqui apenas de um homem, mas toda uma multidão de aflições”.⁷⁰

Na medida em que progride e se desenvolve, a pequena burguesia vai incorporando outros valores sociais, os papéis no interior da família se transformam, ela própria se torna mais aguerrida, inclusive, como uma forma de sobrevivência social. Mesmo que o queira, ela não consegue se manter enquanto tal. Mais rica, ela não se conforma em permanecer na sua esfera. Mais ricos os dotes, mais cobiçados por indivíduos de outras classes e dessa forma prevalece a tendência de os casamentos não se manterem entre iguais. As estratégias matrimoniais se diversificam e se complexificam. Os pais “investem” na educação dos filhos e assim despertam neles novas necessidades sociais.⁷¹ Etc. Tais transformações afetam a sorte dessas mulheres, e elas, querendo ou não, acabam por se enredarem na malha social:

Tentai, pois, pobres mulheres de França, permanecer incógnitas, tecer o mais pequeno romance no meio de uma civilização que anota, na praça pública, a hora da partida e chegada dos fiacres, que conta as cartas, (...) que breve possuirá todo o território representado nas mínimas parcelas, sobre as vastas folhas do cadastro (...). Tentai, pois, subtrair-vos, não à polícia, mas à tagarelice incessante, que no mais afastado burgo (...) procura

⁷⁰ César Birotteau, p. 355.

⁷¹ Balzac insiste na idéia de como a burguesia valoriza a educação dos filhos, na crença de ser esse um fator que permitirá a ascensão social; insiste também na idéia de como, ao mesmo tempo, a educação alimenta a ingratidão filial, acabando por funcionar como um fator de incompatibilidade entre pais e filhos, pois que esses, mais educados, tendem a negar sua origem familiar. Também os custos dessa educação nem sempre garantem ascensão: “Na expectativa de fazer fortuna, o farmacêutico em nada negligenciara a educação do filho e de uma filha, de modo que a manutenção da família devorara invariavelmente o que produzia a farmácia. Deixou, assim, não só os filhos na miséria, mas, o que é pior, educara-os na esperança de destinos brilhantes que com ele se extinguíram”. *Ilusões perdidas*, p. 42.

*ouvir o ouro no momento em que a mão da economia o atira no tesouro, e que todas as noites (...) avalia o total das fortunas da localidade, da cidade, do departamento!*⁷²

É assim que essas mulheres ingressam em outros meios; o fato de se casarem em outras esferas, muitas vezes ascendendo socialmente, não lhes garante, contudo, uma auto-realização. Além dos motivos já evocados, que se referem a jogos de interesse, etc., há uma situação em que se defrontam individualidades com experiências muito diversas e essa situação é quase sempre muito carregada de insegurança, de um certo deslocamento, que o expressa, por exemplo, Augustina Guillaume, que se casando por amor com um artista aristocrata que também a amava se vê marginalizada nesse meio e em função disso acaba preterida pelo marido. Daí a sua angústia:

Augustina fechou-se numa dor sombria e silenciosa. Estes sentimentos secretos estenderam-se entre os dois esposos um véu que devia espessar-se dia a dia. (...) Resolveu permanecer corajosamente no círculo dos seus deveres, na esperança de que esse procedimento generoso lhe restituísse, mais cedo ou mais tarde, o amor do marido. Tal, porém, não aconteceu. (...) Sentindo-se infeliz no meio da sociedade e de suas festas para ela desertas, a pobre pequena não mais compreendeu a admiração que inspirava nem a inveja que despertava. (...) Algumas palavras de desdém proferidas descuidadamente pelo marido causaram-lhe incrível desespero. Um clarão fatal lhe fez entrever as faltas de contato que, em consequência da mesquinhez de sua educação, impediam a união de sua alma com a de Teodoro (...). Chorou lágrimas de sangue e reconheceu demasiado tarde que há uniões desiguais de espíritos, da mesma forma que as há de costumes e posição social.⁷³

A ascensão social, o casamento em outras esferas, não garante a essas mulheres felicidade, mas elas aspiram à felicidade e almejam

⁷² *Modesta mignon*, p. 423; Benjamin, 1989, comenta essa passagem ao discutir o processo de centralização administrativa iniciado no período napoleônico e suas repercussões na vida privada.

⁷³ Ao "*Chat-qui-pelote*", pp. 115/116.

ascender. Sobretudo as mulheres da nova burguesia — que está a impor seus valores e que se diferencia em muito da antiga.

As diferenças entre a pequena burguesia se acentuam à medida que a própria política vai se transformando, incorporando outros conteúdos. Sobretudo sob a Monarquia de Julho, em que, na expressão de Tocqueville, a política assume o “ar de indústria privada”:

Senhora de tudo, como não o tinha sido e não será jamais nenhuma aristocracia, a classe média, que precisa ser chamada de classe governamental, tendo-se aquartelado no poder e logo depois no seu egoísmo, adquiriu um ar de indústria privada, onde cada um de seus membros não pensava nos assuntos públicos senão para canalizá-los em benefício de seus interesses privados, esquecendo facilmente em seu pequeno bem-estar as pessoas do povo.⁷⁴

A esse momento, emergem na cena social as mulheres da pequena burguesia; algumas delas, inclusive, se sobrepõem aos maridos quanto a impulsionar projetos de ascensão, a criarem redes de relacionamento que facilitam os próprios negócios e, como os negócios particulares estão vinculados à ordem política, elas atuam politicamente — é uma política miúda, de detalhes, em que os interesses privados se sobrepõem aos interesses públicos. A Balzac, particularmente, não agrada esse encaminhamento político. Ele o constata, o admite, talvez como necessário, mas não se estimula e questiona mesmo essa política. Também, é com uma certa inquietude que vê que as mulheres da pequena burguesia estão a assumir no interior da família um papel de dominação, dominação que não é negadora dos valores vigentes nem da autoridade masculina, mas que se estrutura em torno da imposição de um código de moral cerrado.⁷⁵ A sua leitura é crítica com relação esse fenômeno. Contudo, Balzac tem presente que — e não o nega — se as mulheres não assumem com extrema energia a direção de suas vidas estão sujeitas a serem domi-

⁷⁴ Tocqueville. 1978, p. 40.

⁷⁵ Outras análises apontam essa mesma tendência, ao apresentar a constituição de uma nova moralidade da família no século XIX. Ver, sobretudo, os extensos trabalhos de Perrot, 1991; Michel, 1975.

nadas. É dessa forma que ele carrega nas tintas, contrapondo dois extremos: à mulher submissa, os sofrimentos, a opressão, a anulação pessoal; à mulher ativa, as táticas diversas de resistência a uma possível dominação, um certo despotismo que Arlette Michel chamará de “imperialismo feminino burguês”.

As relações conjugais pequeno-burguesas, sob esse prisma, também estão se transformando num sentido de reproduzir os impasses já indicados, quando analisamos as condições das mulheres das classes altas. Nesse sentido, parecem mostrar, pela exacerbação, a que podem levar tais impasses. O espaço familiar está se tornando uma arena em que se digladiam “pequenas misérias” — masculinas e femininas —, em que a disputa pelo poder se desenvolve lembrando em tudo uma “guerra conjugal”. Acompanhar alguns subtítulos das obras *Fisiologia do casamento* e *Pequenas misérias da vida conjugal* não deixam dúvidas de que a sua leitura do casamento burguês é uma leitura política: “A Miséria dentro da Miséria”; “O Dezoito de Brumário dos casais”; “A Mulher toma o Governo do Lar”; “A Campanha da França”; “O Tirano Doméstico”; “Dos Meios de Defesa no Interior e no Exterior”; “Tratado de Política Marital”; “Das Revoluções Conjugais”; “Da Guerra Civil”; “Dos Manifestos”; “Princípios de Estratégia”; “Da Paz Conjugal”, etc. Essas obras mantêm entre si uma continuidade e se complementam. Se em *Fisiologia do casamento*, publicada em 1829, é a alta burguesia que é colocada em foco, em *Pequenas misérias da vida conjugal*, publicada em 1845, emerge a pequena burguesia. Nessa última obra, seguindo o rastro do sucesso alcançado com a *Fisiologia*, Balzac apresenta pequenos quadros, em que um casal — sempre com o mesmo nome, mas que não são sempre os mesmos personagens — se digladiam diante dos pequenos acontecimentos, pequenas disputas que perpassam a vida conjugal: as mútuas frustrações, os sonhos incompatíveis, as vaidades colocadas em xeque, o amesquinamento do cotidiano fazem o pano de fundo dos relatos. A imagem que melhor evoca no que estão se transformando as relações conjugais é um clima infernal: “Para um diabo, uma diaba; o inferno é de todos os gêneros”.⁷⁶

⁷⁶ *Pequenas misérias da vida conjugal*, p. 625.

Capítulo 4

Observações sobre o trabalho das mulheres “Antípoda da poesia”

Para um homem viver com delícias, é forçoso que trabalhem sem descanso outros cem. Se se mete na cabeça de uma mulher apresentar-se com este ou aquele traje, já é mister que não durmam cinquenta artistas, nem tenham tempo para comer nem beber: ela manda, e é obedecida mais prestamente do que o seria o nosso monarca, porque o monarca mais poderoso da terra é o interesse.¹

Uma certa identidade de sentimentos, uma certa confluência de problemas/impasses nas condições de vida de aristocratas e burguesas poderiam nos induzir a uma síntese generalizante e talvez prematura; por isso, pensamos em estender a análise para outras classes sociais. Pensamos e recuamos. Com efeito, como dar conta de *Os camponeses*, uma obra que Balzac reputa como sua melhor produção, e que procura captar o movimento da sociedade francesa em suas mais complexas e controversas relações, analisando-as, e analisando a inserção do campesinato como na configuração da moderna história francesa? Como apreender em toda sua riqueza *A prima Bete*, um painel minucioso, alucinado, de uma sociedade que se dilacera, que dilacera todas as relações e no qual a principal personagem, Lisbeth Fischer — que conjuga uma

¹ Montesquieu, *Cartas persas*, p. 190.

origem camponesa com uma vivência de operária e de diretora de produção de uma fábrica; uma personagem que diz ter energia para “assaltar o paraíso e empregá-la à procura de pão, água, farrapos e uma mansarda”² — uma personagem tanto mais forte, pois movida pelo sentimento da inveja, aparente e basicamente, de uma prima rica, mas uma inveja na qual Balzac vê a “inveja” das classes inferiores com relação às classes superiores, a surda oposição que se delineia entre as diferentes classes? Pode-se objetar, e concordamos com a objeção, de que não é a questão da mulher camponesa e da mulher trabalhadora que é tratada nessas obras.

No entanto, se pensamos que a feminilidade se constitui no âmbito das relações sociais, não poderíamos ignorar, também, essas complexas manifestações. Entretanto, como esgotar essas questões, no âmbito de um capítulo, que não fosse de forma perfunctória? Desse modo, procuramos restringir a análise e acompanhar apenas algumas manifestações que dizem respeito à temática que vimos desenvolvendo, buscando apreender que novos elementos Balzac nos apresenta sobre o feminino ao apresentar o mundo do trabalho no contexto da emergente sociedade burguesa.

Chama a atenção de analistas d’*A comédia humana* que o personagem-trabalhador/trabalhadora não apareça enquanto personagem de primeiro plano nessa obra literária.³ Soa paradoxal, pois Balzac se pretende um “enumerador de profissões”, um “secretário” de sua época. Tais críticos tendem a justificar essa omissão, argumentando que *A comédia humana* é escrita num momento em que as classes trabalhadoras modernas, particularmente o proletariado, estão se formando. No entanto, como ignorar, sobretudo, *Os camponeses*, obra na qual o principal personagem é “esse Robespierre de uma só cabeça, e vinte milhões de braços”⁴ Concordamos que efetivamente não são delineados personagens individuais de trabalhadores/trabalhadoras com a mesma densidade psicológica que pauta a construção de personagens da aristocracia e burguesia. Isso parece conferir

² *A prima Bete*, p. 116.

³ Ver a respeito, entre outros: Mozet, 1977; Barbéris, 1973; Donnard, 1961; Guyon, 1967.

⁴ *Os camponeses*, p. 24.

à sua análise um sentido de exterioridade, o que não é um traço característico de sua criação literária. Daí, sobretudo, a estranheza. Pois é, quase sempre, por meio de personagens que Balzac deixa entrever o contexto social. No entanto, ora ao privilegiar o conjunto de uma classe (como a camponesa), ora ao se referir a segmentos das classes trabalhadoras, ora quando cria personagens secundários e estabelece pequenos comentários sobre as condições de vida de trabalhadores e trabalhadoras, desvenda e exterioriza a mobilidade social no interior das classes trabalhadoras e na própria sociedade e nos dá alguns elementos para se apreender o processo de conformação moderna dessas classes; assim, ao falar delas, apresenta-as como ainda não tendo um projeto autônomo e próprio, se movendo no âmbito da luta entre a aristocracia e a burguesia. Balzac não ignora que, sobretudo, a “questão operária” paulatinamente vai incorporando outros conteúdos, assumindo um caráter de confronto com a burguesia. Pode-se constatar isso nos seus últimos escritos políticos, em particular, na correspondência com Mme. Hanska e em *Sur la Profession de Foi de Balzac en 1848, Lettres sur le Travail, e Sur l'Ouvrier*⁵ Contudo, no decorrer d'*A comédia humana* Balzac apresenta o processo de dissolução da aristocracia e a concomitante emergência da hegemonia burguesa, como a questão fundamental a direcionar o movimento histórico-social. Em outros escritos, apenas complementa essa análise, reiterando e situando os impasses das classes trabalhadoras no interior desse processo:

Napoleão e a Restauração tentaram combater por paliativos o funesto efeito da repartição igualitária dos bens instituída pelo Código Civil, que é uma *fábrica constante de proletários* ou de ambições insaciáveis, uma perpétua causa de mediocridade de fortuna. *A questão dos operários está lá*, eu vou demonstrar. Não há mais fortuna em condição de pagar as belas obras o que elas

⁵ A correspondência referente ao período de 1847 a 1848 (sobretudo o volume IV de *Lettres à Mme. Hanska*) é uma documentação extremamente importante, seja para se conhecer a posição de Balzac em relação à Revolução de 1848, seja como documentação que complementa outras análises sobre esse período, em particular, *O Dezoito Brumário* de Marx e *Souvenir* de Tocqueville. Sobre os escritos políticos, ver *Oeuvres Complètes*, Tomo XXVII.

valem; tudo está diminuindo, reduzido a migalhas sob a lei revolucionária, que divide e pulveriza tudo sob seu pilão, e que não dá às empresas, às construções, aos móveis de uma família a não ser um proveito em proporção com a duração da vida humana. Ah! Vocês sentem a *necessidade* das grandes fortunas como as dos Rothschild, dos Aguados, etc. E os escritores radicais as vêem como roubo. Aprendam que, quando M. Rothschild encomenda um pêndulo de 30 mil francos, vasos de 40 mil francos, se encontra ainda, em Paris, artistas para os fazer e os executar, tão bem ou melhor do que nos tempos onde a arte reinava sob a proteção dos soberanos e da aristocracia que não morriam a cada geração. A necessidade chama a produção. A produção responde com *admirável* fidelidade à encomenda.⁶

As “aristocracias” do momento tendem a “morrer”, a cada geração, sob o influxo da divisão dos bens:

Todas as fortunas vão diminuindo, as produções das artes mecânicas diminuem. Demolem-se palácios para fazerem-se casas. O pintor faz pequenos quadros para pequenos apartamentos. Aluga-se um livro por dois *sous* em lugar de o comprar. (...) Nós assistimos ao cortejo fúnebre, ofício e enterro das grandes fortunas. Existem pessoas que dizem: “Tanto melhor”. Elas dizem agora *adeus* à civilização.

Mas o que ocorrerá com essas fortunas? Quanto mais avançamos, mais elas serão difíceis, para não dizer impossíveis. Onde estão os corpos constituídos (...) que ordenavam trabalhos seculares? (...) *Le bon marché* eis doravante a lei francesa. As fortunas se nivelam com uma funesta rapidez. As pessoas com cem mil libras de renda se contam. (...) Pois bem, num período de cinquenta anos, serão as fortunas de vinte e cinco mil libras de renda que vocês contarão. Pois um dia, vocês terão uma espantosa armada de proprietários de um *arpent* ou de uma casa. “*Eis o futuro da França, os grandes salários, as grandes fortunas momentâneas da indústria formarão a aristocracia, que será ameaçada pelas massas esfomeadas.*”⁷

⁶ *Sur l'Ouvrier*. Oeuvres Complètes, Tomo XXVII, pp. 241/242.

⁷ *Sur l'Ouvrier*. Oeuvres Complètes, Tomo XXVII, pp. 241/242.

A dissolução de uma forma social é, também, a emergência de uma nova forma a qual mostra sua especificidade e ganha tanto mais força quanto mais energia emprega na dissolução da antiga. São formas histórico-sociais de natureza diferentes subsistindo de comum a necessidade da “encomenda”. Mas natureza dessas tais “encomendas” é também diferente. A metáfora e a contraposição — demolição/construção; palácios/casas — não são fortuitas, mas alegorias que explicitam o conteúdo do confronto de duas formas históricas. No Antigo Regime se *constroem palácios*, na moderna sociedade *casas*. Mas para se *construir* casas, há que se *demolir* palácios. E palácios são demolidos. Numa forma “trabalhos seculares”; na outra “*le Bon Marche*” (O barato!). Numa forma são *poucos* a dirigir a “encomenda”, na outra são *muitos* — em outros termos, se recoloca a oposição aristocracia x democracia. Não são só os produtos e a forma de produzi-los que não guardam semelhança com o passado; os próprios produtores se transformam nesse processo: “Ao trabalhar para as massas, a *Indústria moderna vai destruindo as criações da Arte antiga*, cujos trabalhos eram inteiramente pessoais tanto para o consumidor como para o artesão. Hoje temos *produtos*, não temos mais *obras*.”⁸

Essas metamorfoses nas demandas, nas formas de produção e de consumo permearão todas as manifestações da cultura. O exemplo da construção arquitetônica é especialmente interessante: “Se algum dia foi demonstrada a verdade que diz ser a arquitetura expressão dos costumes, não se daria isso a partir da Insurreição de 1830, sob o reinado da casa de Orléans? Pois, restringindo-se todas as fortunas na França, os majestosos palácios de nossos pais estão sendo incessantemente demolidos e substituídos por uma espécie de falanstério onde o par de França, de Julho, mora no terceiro andar, acima de um empírico enriquecido. Os estilos são empregados confusamente. Como não existe mais corte, nem nobreza para dar o tom, não se vê nenhuma harmonia nas produções da arte. Por sua vez, nunca a arquitetura descobriu tão numerosos recursos econômicos para macaquear o verdadeiro e o sólido, nem desenvolver tanta ciên-

⁸ *Beatriz*, p. 188, (grifos nossos).

cia, tanto gênio nas distribuições. Ofereci a um artista a orla do jardim de um velho palácio demolido, e ele vos construirá um pequeno Louvre, abarrotado de ornamentos; nele encontrareis um pátio, cocheiras e, se fizerdes questão, também um jardim; no interior ele acumulará tantas saletas e tantos corredores, saberá tão bem enganar a vista, que vos sentireis a vontade. Enfim, abundam de tal modo os aposentos, que uma família ducal faz suas evoluções na antiga casa de forno de um presidente togado. (...) Um filantropo corrido da Inglaterra erguera aquela jóia arquitetônica (...) O fecundo, hábil, e rápido operário de Paris esculpira-lhes as portas e janelas. (...) Devido aos motins, o custo dessa loucura não excedeu a um milhão e cem mil francos. Para um inglês, foi de graça. Todo aquele luxo, classificado de principesco, por gente que não mais sabe o que é um verdadeiro príncipe, cabia no antigo jardim do palácio de um fornecedor, um dos Cresos da revolução (...) *O milagre da fada chamada Arquitetura é tornar tudo grande, num terreno limitado.*”⁹

O processo de dissolução da forma aristocrática de vida, que vinha se manifestando desde o Antigo Regime, implica um agravamento das condições econômicas de classes/segmentos de classes que eram subsidiárias à sua reprodução (camponeses, artífices, etc.); nos reportamos novamente aos relatos de Young em sua viagem pela França às vésperas da Revolução de 1789; relatos que explicitam que as condições de vida de segmentos das classes trabalhadoras expressam, também, o empobrecimento de uma classe dominante; empobrecimento que compromete sua reprodução e a das relações que seu domínio supõe. Assim, Young, referindo-se às manufaturas em Lyon, denuncia que:

(...) todas as pessoas com quem conversei, representam o estado das manufaturas sob as mais sombrias cores. *Há vinte mil pessoas alimentadas pela caridade, e conseqüentemente malnutridas; e a miséria de todos os gêneros na classe baixa da sociedade é maior que nunca e ultrapassa mesmo a imaginação* (Young, 1930, p. 189).

⁹ *A falsa amante*, pp. 443/445

E retrata o agravamento das condições de vida do campesinato, em decorrência dos impostos feudais, pagamentos em espécies, etc., a partir das queixas de uma miserável camponesa:

Essa mulher, de perto parecia ter 60 ou 70 anos: estava tão curvada e o trabalho havia de tal forma enrugado seu rosto — e no entanto ela me disse não ter mais de 28 anos. Um inglês que não tenha viajado, não pode imaginar *as figuras da maior parte das camponesas na França; elas anunciam trabalhos duros e penosos*; eu penso que elas trabalham mais duramente que os homens, e isto, junto ao trabalho mais miserável de colocar no mundo uma raça de escravos, destrói absolutamente toda a simetria de suas pessoas e toda aparência de mulher (*Idem*, p. 131, grifos nossos).

No século XIX, em função de uma legislação inovadora, tal como o é o Código napoleônico, o processo de repartição igualitária dos bens é um dos fatores a impulsionar um “empobrecimento” progressivo, não só da aristocracia antiga, mas também de outras camadas da população. A riqueza da moderna “aristocracia” que está se formando é relativa e corre o risco da transitoriedade, pois sujeita a esfacelamento sob o influxo da divisão dos bens e sob a ameaça das “massas esfomeadas” — um “fantasma” que está a rondar as cabeças. O processo de divisão sucessiva dos bens tende a tornar “iguais” as condições de vida de parcelas da população, tende a diluir as acentuadas diferenças que no Antigo Regime distinguem as classes umas das outras. Marcando Balzac essas tendências presentes na nova forma social, sabe-as relativas, porque estão se reinstituindo, também, “novas aristocracias”, pois, ao processo de nivelamento, os indivíduos reagem e buscam restabelecer e afirmar as *diferenças*:

*Hoje, mais que nunca, reina o fanatismo da individualidade. Quanto mais nossas leis tendam para uma possível igualdade, mais dela nos afastaremos pelos costumes. Desse modo, as pessoas ricas começam, na França, a se tornar mais exclusivas nos seus gostos e nas coisas que lhes pertencem do que eram há trinta anos.*¹⁰

¹⁰ *História dos Treze: Ferragus*, p. 72.

É nesse contraditório processo — que nega/reafirma as *diferenças*, que nega/reafirma a *igualdade* — que se formulam novas necessidades sociais que impulsionarão o desenvolvimento da indústria do luxo, da moda, da produção em larga escala, etc., enfim, o desenvolvimento de uma forma social na qual se “erguem tantas barricadas nos costumes como nas ruas”.¹¹ É nesse contraditório processo que se emerge e se acentua o individualismo, tornando rego o “cada um por si”:

A igualdade moderna, exageradamente desenvolvida nos nossos dias, despertou forçosamente na vida privada, numa linha paralela à vida política, o orgulho, o amor-próprio, a vaidade, as três grandes divisões do *eu* social. (...) Assim que uma nação abateu muito impoliticamente as superioridades sociais reconhecidas, abre diques por onde se precipita uma torrente de ambições secundárias, das quais a menor quer assim mesmo preponderar; tinha na sua aristocracia um mal, no dizer dos democratas, mas um mal definido, circunscrito; troca-o por dez aristocracias rivais e armadas, a pior das situações. Ao proclamar a igualdade de todos, foi promulgada a *Declaração dos direitos da Inveja*. Gozamos hoje das saturnais da revolução, da indústria, e da política (...)¹²

Essa “inclinação do espírito público atual” é expressão dos antagonísticos interesses entre as diferentes classes da sociedade, processo que está definindo os contornos das classes trabalhadoras. É dessa forma que Balzac apresenta as classes trabalhadoras, tal como toda quase toda a sociedade a esse momento, enredada em busca do *ouro e prazer*:

Examinemos (...) o mundo dos que nada têm: o trabalhador, o proletário, o homem que move os pés, as mãos, a língua, o dorso, o braço único, os cinco dedos para viver; pois bem! Esse que deveria ser o primeiro a economizar o princípio vital, ultrapassa as próprias forças, atrela a mulher a uma máquina qualquer, pega do filho e o amarra a uma engrenagem. (...) Então esses

¹¹ *A Casa Nucingem*, p. 590.

¹² *Beatriz*, p. 435.

quadrúmanos puseram-se a velar, a sofrer, a trabalhar, a praguejar, a jejuar e a andar: *excederam-se todos para ganhar o ouro que os fascina. E descuidados do futuro, ávidos de prazeres, (...) atiram, grandes senhores de um dia, seu dinheiro às segundas-feiras nas tabernas, (...) onde se perde, como no jogo, a fortuna periódica dessa gente tão feroz no prazer como resignada no trabalho. Durante cinco dias, não há repouso para essa parte ativa de Paris. Entrega-se a movimentos que fazem torcer-se, inchar, emagrecer, empalidecer, borbulhar em mil jatos de vontade criadora.* Depois, o seu prazer, o seu repouso é uma fatigante devassidão (...) que não dura mais de dois dias, mas que rouba o pão do futuro, a sopa da semana, os vestidos da mulher, os cueiros dos filhos esfarrapados.¹³

Nesta passagem, as questões são mais insinuadas do que explicitadas. Nesse mundo não é difícil supor que as relações entre os sexos não sejam as mais tranqüilas, nem as mais delicadas: “Atrelar a mulher a uma máquina” não é propriamente um gesto de carinho, mas diz da necessidade de a mulher também trabalhar; o trabalho desenfreado na semana e o prazer na taberna nos repousos semanais em detrimento da “sopa da semana”, dos “cueiros dos filhos esfarrapados” e dos “vestidos da mulher” deixam entrever as dificuldades, senão impossibilidade de uma vida doméstica, de uma vida familiar.

Em *Facino Cane*, Balzac descreve cenas de suas observações de costumes de trabalhadores, evocando seu hábito de observá-los e acompanhá-los, sobretudo à noite, quando casais voltavam de teatros populares:

Essa boa gente falava a princípio da peça que tinham visto; *passavam de um assunto a outro, chegavam eles aos seus negócios; a mãe puxava o filho pela mão sem ouvir suas queixas nem seus pedidos; os dois esposos computavam o dinheiro que lhes seria pago no dia seguinte e gastavam-no de vinte modos diferentes.* Eram então pormenores domésticos, lamentações sobre o preço excessivo da batata, (...) explicações enérgicas sobre a conta do padeiro; *enfim, discussões que se envenenavam, e nas quais cada um deles exibia seu caráter em termos pitorescos.* (...) Não pode-

¹³ *A menina dos olhos de ouro*, p. 217.

rão imaginar quantas aventuras perdidas, quantos dramas esquecidos nessa cidade da dor!¹⁴

Dizer da precariedade das condições de vida e da desagregação dos vínculos familiares entre as classes trabalhadoras no século XIX não é propriamente original, como o indicam outras obras que abordam o problema; original, no entanto, é a forma como Balzac as vincula. Uma passagem de *Pequenas misérias da vida conjugal* fala mais da influência das condições de moradia sobre a vida familiar e íntima do que se apresentássemos dados sobre as condições de moradia dos trabalhadores à época:

Ora, em Paris, a menos que se more num palacete próprio, situado em centro de terreno, todas as existências são conjugadas com outras. Em cada pavimento de um edifício, uma família encontra outra no prédio fronteiro. Todos mergulham o olhar à vontade na residência do vizinho. Há uma servidão de mútua observação, um direito de visita comum, aos quais ninguém pode se furtar. Em dado momento, pela manhã, você se levanta cedo, a criada do vizinho arruma o apartamento, deixa as janelas abertas, e os tapetes sobre os parapeitos, você adivinha então uma infinidade de coisas, e reciprocamente. (...) Oh! onde está a *santa* vida privada? Paris é uma cidade que se mostra quase nua a todas as horas, uma cidade essencialmente cortesã e sem castidade. Para que nela tenha pudor uma existência, deve possuir cem mil francos de renda. As virtudes são aí mais caras do que os vícios.¹⁵

Para as classes trabalhadoras prevalecem relações pautadas por um certo embrutecimento. São essas condições de vida que a tornam uma classe potencialmente perigosa:

Esses homens, nascidos, sem dúvida, para serem belos, (...) arregimentaram-se desde a infância sob o comando da força, sob o império do martelo, das tesouras ou da fiação, e pronta-

¹⁴ *Facino Cane*, pp. 551/552.

¹⁵ *Pequenas misérias da vida conjugal*, p. 578. Sobre as condições de moradia das classes trabalhadoras francesas no século XI, ver sobretudo o capítulo "Maneiras de morar", pp. 318/320, em Perrot, 1991.

mente se *vulcanizaram*... Vulcano, com a sua deformidade e a sua força, não é acaso o símbolo desta nação disforme e forte, sublime de inteligência mecânica, paciente todo o tempo, terrível um dia por século, inflamável como a pólvora e preparada para o incêndio revolucionário pelo álcool, bastante espiritual enfim para prender fogo a um mote capcioso que para ela significa sempre: *ouro e prazer?* (...) Sem as tabernas, o governo não seria derrubado todas as terças-feiras? Felizmente na terça, essa gente toda se acha entorpecida, coze o seu prazer, não tem mais vintém e volta ao trabalho, estimulada por uma necessidade material de procriação que para ela se tornou hábito¹⁶

Não nos cabe no decorrer desse nosso estudo desenvolver o papel que efetivamente desempenharam, ou deveriam ter desempenhado, os trabalhadores/as nos múltiplos confrontos e mesmo revoluções no século XIX. Louis Chevalier, em classes *travailleuses*, classes *dangeureuses*, analisa como a mera existência de emergentes classes trabalhadoras no século XIX, por si só um fenômeno a despertar inquietação e temor de recrudescimento de lutas revolucionárias. São clássicos outros escritos, tais como os de Marx, Tocqueville, Engels, que não eludem sobre o caráter opositivo das relações entre as classes. Ressaltaríamos outras questões. São homens que “nasceram para serem belos”, no entanto a vida social os deforma; a questão não é simplesmente estética, mas diz de como socialmente se constrói a desigualdade. Balzac persegue essa questão e ela não é de somenos importância para a temática geral que vimos desenvolvendo. Dirá Balzac em outro momento:

O que distingue Napoleão dum aguadeiro só tem importância para a sociedade, não significa nada para a natureza, e isto prova que *a desigualdade de condições é uma necessidade social*. Também, a democracia (que não admite a desigualdade de condições) volta sempre à natureza.¹⁷

¹⁶ *A menina dos olhos de ouro*, p. 248.

¹⁷ *Oeuvres Complètes*, Tomo XXVII, p. 708. Um argumento semelhante é usado em *A musa do departamento*, p. 356.

Ou seja, na natureza, num pretense estado natural, os seres humanos, seriam iguais. Evocar um “estado natural” é negar o estado social vigente reprodutor da desigualdade; essa uma das bandeiras de luta da burguesia, da “democracia”, que no seu aã revolucionário colocava a *igualdade* como a condição da existência humana; a bandeira da igualdade entre os seres humanos é uma arma contra a velha ordem, considerada contrária à existência humana, ao “estado natural”, no sentido de que se baseava numa hierarquização das relações. Sob o regime burguês, as relações que estão a se estabelecer tendem a reiterar e a produzir a desigualdade, a diferença, e respondendo a necessidades sociais. Nesse sentido, Balzac acentua que até em termos de semelhanças físicas as desigualdades vão se acentuando, levando que uns se *vulcanizem*, se desumanizem, percam as suas características de “serem belos” e que outros não o reconheçam como seu semelhante, como seu igual e, um homem não reconheça na mulher, principalmente, na mulher trabalhadora, um ser humano. É dessa forma, que ao falar da mulher trabalhadora, para ressaltar a sua desumanização, que compara o que é ser *mulher* e o que é ser *mulher trabalhadora*, para um burguês ou aristocrata:

Para nós e para aqueles a quem este livro é destinado, a mulher é uma variedade rara no gênero humano, cujos principais caracteres fisiológicos são os seguintes: *Essa espécie é devida aos cuidados particulares que os homens puderam dar à sua cultura, graças ao poder do ouro e ao calor moral da civilização*. Reconhece-se pela alvura, delicadeza e maciez de sua pele. Tem grande propensão para uma delicada limpeza. Seus dedos têm horror de tocar outra coisa que não sejam objetos delicados, macios, perfumados. (...) Tem na voz uma suavidade penetrante, seus movimentos são graciosos. Fala com maravilhosa facilidade. Nunca se entrega a trabalhos penosos (...). Evita o brilho do sol, preservando-se dele por meios engenhosos. Andar, para ela, é uma fadiga. Come? É um mistério. Compartilha das necessidades das outras espécies? É um problema. (...) O seu espírito leva incessantemente a procurar o desconhecido. Amar é a sua religião (...). Também pensa nos meios de brilhar, move-se só no meio de uma esfera de graça e de elegância; é para ela que a jovem indígena fia o macio pêlo das cabras do Tibete, que Tarare tece os seus véus transparentes, que Bruxelas exporta navios carregados do mais puro e fino linho, que Visapur disputa às entranhas da terra seixos brilhantes, e que Sèvres doura a sua branca

argila...(...) Apresenta-se brilhante e saudável aos desconhecidos, cujas homenagens a encantam, embora aqueles lhe sejam indiferentes. As horas roubadas aos cuidados de si mesma e à voluptuosidade, ela as emprega em cantar as árias mais belas; é para ela que a França e a Itália inventam deliciosos concertos e Nápoles dá às cordas uma alma harmoniosa. Teme o matrimônio porque acaba por lhe deformar o corpo, mas aceita-o porque lhe promete a felicidade. Se tem filhos, é por mero acaso, e, quando são grandes, esconde-os.¹⁸

É diante desse auge de civilização, de requinte, que ganha força a descrição das trabalhadoras:

Estes traços, tomados casualmente entre mil, encontram-se por acaso nessas criaturas, cujas mãos são negras como as dos macacos, e cuja pele é curtida como os velhos pergaminhos de um olim, cujo rosto é queimado pelo sol e o pescoço enrugado como o dos perus; que andam cobertas de andrajos, cuja voz é rouca, a inteligência nula, o cheiro insuportável, que só pensam na arca do pão, que estão incessantemente curvadas para a terra, que cavam, gradam, segam, respigam, ceifam, amassam o pão, gramam o cânhamo; que misturadas com os animais, as crianças e os homens habitam casebres mal cobertos de palha às quais, enfim, importa pouco de onde chovem as crianças? Produzir muitas para entregar à miséria e ao trabalho, é toda a sua tarefa; e se o seu amor não é um labor como o dos campos, é pelo menos uma especulação. Ah! se há pelo mundo mercadoras assentadas todo o dia entre a candeia e o mascavado, rendeiras que ordenham vacas, infelizes que nas manufaturas servem de besta de carga, ou que levam o cesto, a enxada e a giga; se há desgraçadamente muitas criaturas vulgares para quem a vida da alma, os benefícios da educação, as deliciosas tempestades do coração são um paraíso inacessível, e se a natureza quis que elas tivessem uma apófise coracóide, um osso hióide e trinta e duas vértebras (...) o homem de sentimentos, o filósofo de alcova, apesar de comer sempre o pão semeado e amassado por aquelas criaturas, hão de lançá-las, como nós fazemos, fora do gênero Mulher.¹⁹

¹⁸ *Fisiologia do casamento*, p. 255.

¹⁹ *Fisiologia do casamento*, p. 254.

Não vejamos nessa forma de apresentar a condição da mulher trabalhadora, em contraposição à mulher da alta sociedade, só o desejo de *épatter*; o que Balzac busca explicitar é como “o gênero Mulher” se formula na cabeça desses homens e se formula socialmente, excluindo um universo feminino, reafirmando as diferenças e não só isso, mas também destituindo-o de atributos de feminilidade; é reiterando o caráter social dessa construção que ele dirá que as semelhanças biológicas não explicam as sensíveis diferenças entre as mulheres das diferentes classes. Dizer que o *luxo*, o *requinte*, a *educação*, ou seja, produtos da cultura, da civilização moderna sejam características *fisiológicas* do gênero mulher, se apresentam como um contra-senso, um paradoxo, como a nos alertar sobre o caráter social, e não fisiológico das diferenças. A sua colocação tem o sentido de denúncia; as condições de vida das mulheres trabalhadoras as desumanizam: marcadas pelo trabalho, gastas pelas maternidades sucessivas; a sexualidade em suas vidas manifesta-se somente na sua forma física e o casamento responde a uma estratégia de sobrevivência. É nesse sentido que tais mulheres parecem destituídas de feminilidade; particularmente, para homens de outras classes, ou seja, àqueles “a quem este livro é destinado”: “Os ociosos, os que têm tempo e espírito para amar, os ricos que compraram a propriedade das paixões, e as inteligências que conquistaram o monopólio das quimeras” (*Idem*, p. 257). Essa não é uma questão de somenos importância, pois é negando, ou reafirmando a dimensão da sexualidade feminina que se estabelecem as relações dos “homens superiores” com as mulheres de outras classes:

Contudo faremos observar que *esses nove milhões de párias femininos* produzem em diversas partes milhares de camponesas que, por circunstâncias singulares, são lindas como os amores; e que chegam a Paris ou às grandes cidades e acabam por subir ao número das mulheres distintas; por estas duas ou três mil criaturas privilegiadas, há outras cem mil que ficam servas ou se entregam a desordens horrorosas.²⁰

²⁰ *Idem*, p. 257.

Há pontos interessantes a serem indicados: a miséria associada à prostituição e como é pela prostituição que as mulheres das classes trabalhadoras ganham visibilidade para outras classes. Joan Scott, analisando a condição das mulheres trabalhadoras no século XIX — tal como apresentada na economia política francesa da época nos escritos de autores do *Journal des Economistes* (dentre esses, Jean Batiste Say, Jules Simon, Julie Daublié, esta última se auto-intitulando “economista-feminista”) — enfatiza como se reiteram nesses escritos a associação da miséria das classes trabalhadoras com um não controle da sexualidade feminina e o trabalho feminino, lado a lado com homens, identificado com uma perda de feminilidade. É dessa forma, segundo essa autora, que a personagem da operária será utilizada de duas maneiras; por um lado, como tema explícito nos debates sobre a pobreza, os salários, os trabalhos e a família; por outro, como símbolo da desordem social: “*Pêle-mêle* era o termo sem cessar utilizado para designar o não conforme, esta dispersão aleatória que desafiava as hierarquias e as separações naturais, impedindo de distinguir entre o local de trabalho e o lar, e que destruía o sentido das diferenças entre homens e mulheres” (Scott, 1991, p. 9). A autora prossegue, aprofundando a questão: “A desordem de uma sexualidade sem restrição desabrocha onde as fronteiras sociais ligadas à diferença sexual foram desfeitas. Se é verdade que a ausência de demarcação entre os sexos assinalava uma “grave desordem” disso decorria que a amoralização da classe operária exigia que a diferença sexual fosse articulada e imposta. Por outro lado, a sexualidade da mulher servia para colocar o problema de uma classe operária ameaçando a ordem estabelecida” (*Idem*, p. 9).

O sentido da colocação de Balzac não exclui essa perspectiva de análise, mas a insere num sentido mais amplo de conformação de uma mentalidade que pressupõe a necessidade de ascensão como paradigma. Assim, Balzac dá forma ao desejo dessas mulheres de se evadirem desse mundo e as possibilidades de o fazerem. Também os homens trabalhadores têm o mesmo desejo e as mesmas possibilidades. Para ambos, amplos desejos e estritas possibilidades. A dificuldade de ascensão é uma das barreiras que se coloca para as classes trabalhadoras de forma geral, para os homens, vencida sobretudo por uma extrema força de vontade e pelo *acaso*:

*Tem esse povo, entretanto, seus fenômenos de virtude, seus homens completos, seus Napoleões desconhecidos (...). Se o acaso tornou econômico um operário, se o acaso o presenteou com uma idéia, se pôde lançar olhos ao futuro, se encontrou uma mulher e viu-se pai, depois de anos de duras privações abre um pequeno armazinho, estabelece uma loja. E se nem a doença nem o vício o fazem parar no caminho, se pôde prosperar, eis o quadro completo dessa vida normal. Saudemos, enfim, o irrepreensível acumulador. (...)*²¹

Se são pouco os que ascendem, são, contudo, muitos os que aspiram fazê-lo; e nesse sentido as mulheres de sua classe são importantes em suas vidas; seja porque trabalham e, dessa forma, contribuem para o orçamento familiar, seja porque entre as mulheres há, também, “fenômenos de virtudes”: criadas e operárias econômicas que conseguiram amealhar uma certa fortuna tais como Nanon, a submissa empregada dos Grandet; a enérgica tipógrafa Marion, etc. Dirá Nanon:

Se eu tivesse um homem que fosse meu, eu o teria... seguido até o inferno. (...) Enfim, eu teria querido morrer por ele. Morrerei sem saber o que é a vida. A senhorita acredita que esse velho Cornoiller, que é um homem bom apesar de tudo, anda rodeando a minha saia por causa do meu dinheiro, como esses que vêm aqui farejar a fortuna do patrão fazendo-lhe a corte? Vejo isso, porque sou fina apesar de grossa como uma torre. Pois bem, senhorita, isso me agrada, embora não seja amor.²²

O argumento apresentado em *As ilusões perdidas* vai num sentido semelhante:

Kolb (...) se enamorou da robusta Marion, em quem descobriu todas as qualidades que um homem da sua classe exige das mulheres: a vigorosa saúde que brune as faces, a força masculina que permitia a Marion erguer facilmente uma caixa de tipos, a religiosa probidade (...), esse devotamento aos patrões que reve-

²¹ *A menina dos olhos de ouro*, p. 248.

²² *Eugenia Grandet*, p. 327.

la um bom caráter e finalmente essa economia a que devia um capitalzinho de mil francos (...).²³

Os exemplos confirmam análises atuais: “As criadas ou operárias sérias são muito valorizadas; com as economias delas, os jovens operários pagam suas dívidas ou tentam se estabelecer (...). *As mulheres são as cadernetas de poupança dos meios populares*” (Perrot, 1991, p. 136). Contudo, nem só pelas “virtudes” se fazem as economias das classes trabalhadoras, e isso como uma decorrência, inclusive, do desenvolvimento da luta social:

Qual a dona de casa que não experimentou, a partir de 1838, os funestos resultados das doutrinas anti-sociais difundidas no seio das classes inferiores por escritores incendiados? Em todos os lares, a chaga dos empregados domésticos é hoje a mais viva de todas as chagas financeiras. Com muito raras exceções (...) um cozinheiro e uma cozinheira são ladrões assalariados (...) dos quais o governo complacentemente se tornou receptador, estimulando-lhes a propensão para o furto, quase autorizada entre as cozinheiras pela antiga pilhéria da *asa do cesto*. (Roubar nas contas da despesa diária.) Essas mulheres outrora pediam quarenta *sous* para jogar na loteria e hoje querem cinquenta francos para depositar na caixa econômica.²⁴

É dessa forma, que essas mulheres, assim “enriquecidas”, casam-se:

A estatística não revela o número espantoso de operários de vinte anos que se casam com cozinheiras de quarenta, cinquenta anos, enriquecidas pelo roubo. Estremecemos ao pensar nas consequências de semelhantes uniões, do triplo ponto de vista da criminalidade, do abastardamento da raça e dos lares desajustados.²⁵

²³ *As ilusões perdidas*, p. 437.

²⁴ *A prima Bete*, p. 163.

²⁵ *Idem*, p. 163.

Se Balzac levanta essas questões, contudo não as aprofunda. Tende a assinalar a maior liberdade que têm as mulheres trabalhadoras em efetuar suas escolhas matrimoniais, pois que o dote feminino, ainda que desejado, não é a condição indispensável a prevalecer nos casamentos entre as classes trabalhadoras. Indica, também, como as condições sociais de vida das classes trabalhadoras, sobretudo desses *Napoleões desconhecidos*, levam-nos a aspirar partilhar valores de uma vida pequeno-burguesa:

Feliz da sua mulher, pois que ele não tem tempo de ser ciumento; é mais homem de ação que de sentimento (Segue-se o seu cotidiano, marcado por múltiplos trabalhos). À meia noite volta a ser bom marido, humano, pai amoroso, desliza no leito conjugal com a imaginação ainda repleta das formas sedutoras das ninfas da Ópera, e faz assim reverter, em proveito do amor conjugal, as depravações da sociedade e as voluptuosas curvas das pernas da Taglioni. Se dorme, enfim, dorme rapidamente, e gasta o sono como gasta a vida. *Não é ele o movimento feito homem, o espaço em pessoa, o Proteu da civilização?* Esse homem resume tudo: história, literatura, política, administração, religião, arte militar. Não é uma enciclopédia viva, um atlas grotesco, incessantemente em marcha, como Paris, e que jamais repousa? (...) *De seus oito ofícios, de suas espáduas, de sua garganta, de suas mãos, de sua mulher e de seu comércio este retira, como de outras tantas granjas, filhos, alguns milhares de francos e a mais trabalhosa felicidade que já tenha alegrado o coração de homem. Tal fortuna e tais filhos, ou só os filhos, que resumem tudo para ele, são encaminhados para uma posição superior; a ela conduz seus escudos e sua filha, ou seu filho educado no colégio, o qual, mais instruído que o pai, lança mais longe suas vistas ambiciosas. E quantas vezes o benjamim (o caçula) de um modesto retalhista quer ser algo no Estado.*²⁶

Quanto às trabalhadoras, quais são seus *oito ofícios* e quais suas possibilidades de ascensão? Vejamos primeiramente os seus *oito ofícios*. Além dos trabalhos tradicionais na área rural como camponesas e na área urbana como criadas e empregadas domésticas,

²⁶ *A menina dos olhos de ouro*, p. 249.

mercadoras, vendedoras ambulantes, artesãs, porteiras, donas de pensão,²⁷ etc., Balzac apresenta o trabalho feminino estritamente ligado às transformações sociais que estão se dando na sociedade, remetendo às “*pequenas revoluções parciais* que foram como que o redemoinho da tormenta de 1789 e que os historiadores dos grandes movimentos sociais deixam de examinar, se bem que, em última análise, elas tivessem tornado nossos costumes o que eles são.”²⁸ Ainda que essa passagem não se refira imediatamente ao trabalho feminino, nos diz, contudo, da acuidade com que Balzac tratará dessas “*pequenas revoluções parciais*” e, em que medida recolocam a necessidade do trabalho feminino. Citemos algumas: é a emergência da imprensa e de um movimento editorial intenso,²⁹ é o aparecimento da propaganda,³⁰ a emergência da moda como um fenômeno social.³¹ É, dessa forma, que as profissões femininas estão ligadas a essas crescentes demandas sociais, sobretudo as que se vinculam à satisfação de necessidades do “eu social”: *o orgulho, o amor próprio, a vaidade*.

As mulheres trabalham, principalmente, como costureiras, chapeleiras, modistas, floristas, bordadeiras, operárias em confec-

²⁷ É particularmente famosa Mme. Vauquer, que se pretende burguesa, dona da pensão que leva seu nome e sua pretensões: “Casa Vauquer, pensão burguesa para os dois sexos e outros.” *O Pai Goriot*, p. 25.

²⁸ *Os funcionários*, p. 112.

²⁹ Essas temáticas são largamente abordadas em *Ilusões perdidas* e *A musa do departamento*, mas também em artigos publicados na imprensa. Em *Lettres aux Écrivains Français* (Oeuvres Complètes, Tomo XXVII) e *De la Mode en Littérature* (Oeuvres Complètes, Tomo XXVI), Balzac discute a intensificação do movimento editorial, que leva a que editores e escritores se especializem na produção em larga escala de livros destinados a públicos específicos: literatura para adultos, para jovens, para mulheres, literatura política, etc.; essa oferta responde aos desejos de “80 milhões de olhos” ávidos pelo consumo.

³⁰ Como o indicam vários comentaristas, Balzac é um dos primeiros autores a se dar conta da importância da propaganda na vida moderna, temática que discute, sobretudo, em *César Birotteau* e *Gaudissart*.

³¹ Essa questão perpassa quase toda *A comédia humana* e é tratada também em artigos publicados na imprensa (revistas e jornais *La Mode*, *La Silhouette*, *Le Voleur*, *La Modiste*, etc.) e outros escritos de cunho satírico: *Tratado da vida elegante*; *Fisiologia da toilette*; *Estudos de costumes pelas luvas*, etc.

ção de roupas brancas, lavadeiras de roupas finas, operárias na confecção de calçados, operárias na confecção de espartilhos, etc.. Tais trabalhos são desenvolvidos em pequenas fábricas e a domicílio. Balzac não nos fala diretamente das condições de trabalho nas fábricas, mas deixa entrever quais sejam elas e deixa entrever, também, quais outros trabalhos que as mulheres vêm assumindo (tapeceiras, ilustradoras de livros e prospectos, tipógrafas,³² etc.); o faz, ao falar do trabalho de uma aristocrata, que por sua própria opção trabalhará como florista:

A condessa tinha poetizado, por assim dizer, o que é o *antípoda da poesia, uma fábrica*. De todos os trabalhos que uma mulher possa fazer, as flores artificiais talvez sejam aqueles cujos detalhes possam oferecer maior oportunidade à graça feminina. Para *colorir*, uma mulher deve permanecer inclinada sobre uma mesa e aplicar-se, com certa atenção a essa semipintura. A *tapeçaria*, feita como deve ser por uma operária que quer ganhar a vida, é *causa de pneumonia e de desvio da espinha dorsal*. A *gravura das pranchas de música é um dos trabalhos mais tirânicos* pela minúcia, pelo cuidado, pela compreensão que exige. A *costura e o bordado dão uma miséria por dia*. Mas o trabalho em flores e em modas compõem-se de uma multidão de movimentos, de gestos, e até de idéias que deixam uma mulher linda em seu ambiente. Ela continua sendo ela mesma, pode conversar, rir, cantar ou pensar. Certamente havia um *sentimento de arte* pela qual a condessa distribuía sobre uma longa mesa (...) as miríades de pétalas coloridas que serviam para fazer as flores (...)³³

Toda a situação é colocada como um contraste, como uma antítese. Uma aristocrata e uma operária estão em posição oposta na escala social; uma assume o trabalho, nesse caso específico, como espaço de possível realização pessoal; a outra como necessidade de

³² “Marion era uma gorda filha da roça, indispensável à exploração da tipografia: molhava o papel e o aparava, fazia recados e tratava da cozinha, lavava a roupa, descarregava as carroças de papel, cobrava contas e limpava tampões. Se Marion soubesse ler, o velho Sêchard já a teria posto na composição”. *Ilusões perdidas*, p. 39.

³³ *Honorina*, p. 145. (grifos nossos).

sobrevivência; é por meio de um trabalho que possibilita mover-se, pensar, conversar, cantar, criar, continuar a ser ela mesma, que se entrevê as condições que presidem outros trabalhos femininos (coloristas, tapeceiras, gravadoras, costureiras, bordadeiras, etc.) que não só são malremunerados,³⁴ causam doenças, como subtraem “oportunidades à graça feminina”, quais sejam, a sociabilidade e a auto-expressão. A questão não é, evidentemente, fazer apologia de um trabalho em particular, no caso flores e modas, nem do trabalho em geral, nem de uma opção assumida por uma aristocrata, mas apontar a possibilidade de os trabalhos femininos poderem incorporar uma dimensão de criação, de liberdade, e não só de desumanização e opressão.

Já que estamos apontando contrastes, e mencionamos a questão do trabalho feminino remunerado numa outra classe social que não se caracteriza por sua inserção social na produção, é importante fazer referência que as trabalhadoras o são não só por terem “nascido na miséria”, mas por terem, às vezes, “decaído de um passado de esplendor”. Outro contraste: se a fábrica é o *antípoda da poesia*, o é, também, o trabalho a domicílio que se opõe ao espaço público que é uma fábrica? Busquemos resposta por meio de uma trajetória, em que se conciliam esses dois contrastes. Mme. Crochard, antiga figurante da Ópera, que teve um “passado de esplendor” e vive como bordadeira, tal como sua filha Carolina:

Desde o despertar do dia até o anoitecer, excetuando-se os momentos em que preparava as refeições e aqueles em que, carregada com um cesto, se ausentava para ir buscar mantimentos, essa velha permanecia (...) em frente à última janela diante de uma

³⁴ Olympe Bijou, uma personagem secundária em *A prima Bete*, é operária bordadeira. Trabalhava 16 horas por dia e ganhava um *sous*. Aos 16 anos se faz amante do barão Hulot que lhe compra um ateliê de bordados, o que lhe permite ascender socialmente. Eva Chardon, quando solteira, “trabalhava em lavandeira fina, (...) e ganhava quinze *sous* por dia. Dirigia as operárias e gozava na oficina certa supremacia que lhe permitia sobressair um pouco da classe das *grisettes*”. *Ilusões perdidas*, p. 43. A “supremacia” decorre de sua origem de classe, pois é filha de uma aristocrata empobrecida, que presta serviços como enfermeira em casas nobres. A necessidade de trabalharem explicita dimensões da mobilidade social.

moça. (...) *A qualquer hora do dia, os passantes entreviam aquela jovem obreira, sentada numa velha poltrona (...) trabalhando com ardor. Sua mãe tinha no regaço um tambor verde e se ocupava em fazer tule; seus dedos, porém, moviam com dificuldade as bobinas; tinha a vista enfraquecida. (...) À noite, essas duas laboriosas criaturas colocavam entre si uma lâmpada, cuja luz (...) projetava sobre seu trabalho uma forte claridade, que permitia, a uma delas, ver os fios mais finos fornecidos pelas bobinas do tambor, e, à outra, os mais delicados desenhos traçados sobre a fazenda que bordava. (...) Diante do aspecto fortuito daquele interior, o mais egoísta passante levava consigo uma imagem completa da vida da classe operária em Paris (...). Muitas pessoas não alcançavam o Torniquete sem se perguntar a si mesmas como podia uma moça conservar suas cores vivendo naquele porão. Se um estudante passava por ali, rumo ao Quartier Latin, sua imaginação fantasiosa comparava aquela vida obscura e vegetativa à da hera que forra frias muralhas ou a daqueles camponeses voltados ao trabalho, que nascem, lavram e morrem, ignorados do mundo que alimentaram. Um capitalista depois de examinar a casa com olhos de proprietário diria: “Que será dessas duas mulheres se o bordado sair da moda?”*³⁵

“Uma vida obscura e vegetativa”, em espaços em que se impede as moças de “conservar suas cores” são condições que levam as mulheres trabalhadoras a desejarem escapar desse mundo; motivações individuais as mais variadas não faltam; e apelos sociais, também. A título de exemplificação, prosseguimos com as mesmas personagens:

Como minha pobre amiguinha — exclamou Rogério — nunca desejou a riqueza e os gozos do luxo? Não deseja, por vezes vestir as belas *toilettes* que borda?

— Eu lhe mentiria, se lhe dissesse que não penso na felicidade que os ricos desfrutam. Ah! sim, penso muitas vezes, sobretudo quando adormeço, no prazer que teria de ver minha mãe não ser obrigada a ir, por pior que seja o tempo, buscar nossas pequenas provisões, com a idade que ela tem. (...) Ela gosta de ler ro-

³⁵ *Uma dupla família*, pp. 339/340.

mance, a pobre, pois eu bem *preferia vê-la cansar os olhos nas suas leituras favoritas a vê-la mexer bobinas da manhã à noite.* (...) Enfim, quisera vê-la feliz (...)! Quanto a mim não posso sentir a falta de delícias que não conheci, e *só peço a Deus uma coisa...(...) Que as mulheres usem sempre tule para que assim nunca me falte trabalho.*³⁶

É interessante notar como são intrincadas as relações que alimentam o desejo — que não é simplesmente de ascensão, mas que com ele acaba por se identificar — de romper com o cotidiano. Nesse caso particular, Carolina Crochard — projetando as necessidades que presente na mãe (que por seu passado, tem necessidades, inclusive intelectuais, que cotidianamente são insatisfeitas); explicitando suas duras condições de vida; explicitando a instabilidade que caracteriza o seu trabalho (instabilidade real, pois que as modas são passageiras)³⁷ — a si mesma se coloca, no mínimo, manter-se como operária, não suprimindo, no entanto, a dimensão de sonho de uma outra vida.

As possibilidades de ascensão para as mulheres das classes trabalhadoras são mediadas, sobretudo, por relacionamentos amorosos com homens de outras classes — como amantes ou como prostitutas, raramente por meio do próprio trabalho ou casamento.³⁸ Se é, particularmente, pela sexualidade que as mulheres das classes trabalhadoras se inserem em outros espaços sociais, contudo, à medida que o fazem, gradativamente, vão lhes sendo colocadas outras exigências.

Isso se evidencia, sobretudo, na condição da cortesã, pois que, não dá para se falar das possibilidades de ascensão feminina sem se falar da prostituição, e não dá para se falar da prostituição feminina

³⁶ *Idem*, pp. 350/351.

³⁷ Lisbeth Fischer (*A prima Bete*) vê ir por terra sua promissora carreira ligada a bordados de passamanarias e dragonas militares, quando da queda de Napoleão; Mme. Poulain se vê reduzida à miséria, pois, trabalhando com alfaiataria de calças de montaria e artigos de montaria (polainas, suspensórios, cintos, etc.), vê esse negócio decrescer, quando essa moda passa. (*O primo Pons*).

³⁸ N'A *comédia humana* são poucas as personagens de trabalhadoras cuja ascensão se deve ao casamento. Dentre essas a Sra. Derville (Gobseck) em solteira Jenny Malvault, operária em confecção de roupas íntimas, casa-se com um advogado, que se apaixona por ela por suas virtudes.

sem se referir à cortesã. No século XIX, as cortesãs — uma instituição da cultura francesa desde o início da era moderna — já não têm a mesma origem de classe nem o mesmo *status* social de quando surge o termo para designar as mulheres nobres, antes confinadas nos velhos castelos da paisagem feudal e que passam a viver nas cortes. As cortes que então começam a se estruturar é um fenômeno que marca decisivamente novas formas de sociabilidade.³⁹ Balzac analisa extensivamente como as cortesãs no século XIX têm, em geral, uma origem popular e conjugam uma vivência de prostituição de luxo a uma atividade artística (sobretudo dança, canto, teatro). Balzac enfatiza essa dimensão do trabalho na vida dessas mulheres, que implica toda uma disciplina, um treinamento, um aprendizado, etc.⁴⁰ São muitas as personagens de Balzac que encarnam esses trabalhos. Se é por suas atividades artísticas que elas se tornam conhecidas do grande público, não é, contudo, por meio delas que, às vezes, se enriquecem, que podem, às vezes, manter um alto padrão de vida. E sim, por suas relações amorosas com homens das classes altas, com os quais algumas delas chegam, eventualmente, a se casar; mas, em geral, o seu *status* é marcado por uma instabilidade.

Estes trabalhos dão a dimensão da participação dessas mulheres, não só ao satisfazer as crescentes necessidades da sociabilidade moderna — teatro, espetáculos, bailes, etc.; se inserem, também, em projetos de ascensão de amantes e namorados — para uns como signo de ostentação, para outros como impulsionadoras de carreiras. É pelos esforços e, muitas vezes, sacrifícios dessas mulheres que se apoiam aspirações de ascensão de namorados, amantes, que na maioria das vezes as abandonam quando conseguem subir um degrau na escala social. Participar desses projetos não lhes confere reconhecimento social e elas, em geral, silenciam sobre esse papel social que jogam; a insistência em tornar pública uma ligação em que são elas

³⁹ A respeito do papel da cortesã na cultura francesa, ver sobretudo Sombart, 1979 e Elias, 1992.

⁴⁰ É extremamente interessante, por exemplo, o extenuante treinamento, desde a infância, das bailarinas que integrarão o corpo de baile da Ópera; os ensaios e estudos de peças de teatro, etc. Ver sobretudo, *Ilusões perdidas, Uma filha de Eva, A falsa amante, Um conchego de solteirão, Esplendores e misérias das cortesãs*.

a sustentarem o “amante do coração” não só as marginalizam como ao próprio amante.

Se os homens nasceram para “serem belos”, as cortesãs o são, mas tendem a deixar de sê-lo. O seu desgaste é dado não só pelas duras exigências do trabalho artístico, como pelos diferenciados papéis que são induzidas a assumir. Os “desregramentos” advêm, sobretudo, da necessidade de manter uma intensa vida social, tanto para satisfazer as necessidades de ostentação de um amante aristocrata, ou *parvenu*, quanto pela necessidade de manutenção de uma rede de relacionamentos que produza ou assegure o seu sucesso artístico. Esse sucesso não depende só de seu desempenho e qualidades profissionais, mas de relações com o mundo da imprensa, críticos de arte, donos de teatros, empresários de espetáculos, escritores, etc. Da cortesã-artista é exigido para ter êxito não só beleza, mas sagacidade, inteligência, astúcia. Tais qualidades são imprescindíveis para o seu desempenho artístico; mas o são, também, aos meios a empregar para sustentar um luxo próprio e sustentar as vaidades e necessidades de toda uma rede com a qual se relaciona, o que não exclui o amante que escolhe e que ama.

Dessa forma, as suas relações com os homens são diferenciadas: nas relações com o amante que as mantém prevalecem os interesses, o cálculo, a dissimulação, um certo despotismo — a sagacidade e a astúcia são qualidades vitais a empregar com o fim de obter proveitos para si e às suas relações; nas relações com amigos e profissionais mostra o brilho, a inteligência, enfim, o “espírito”; já nas relações com o “amante de coração” vivencia o amor, a abnegação e a submissão. Podemos ver que das cortesãs são exigidas, tal como para aristocratas e burguesas, qualidades não biológicas, mas socialmente produzidas. A questão da cortesã exigiria maior aprofundamento. Contudo, não o faremos; tomamos uma deixa do próprio Balzac: “A cortesã é uma instituição, e é uma necessidade. Esta questão está erigida de tantos *ses* e *mas*, que a legamos aos nossos descendentes; convém deixar-lhes alguma coisa em que se entretendam.”⁴¹

⁴¹ *Fisiologia do casamento*, pp. 275/276.

Capítulo 5

Aos acontecimentos as suas lições...

(...) as mulheres foram, através destes grandes acontecimentos, como o algodão introduzido nas caixas de porcelana; avaliados em nada, mas tudo quebrar-se-ia sem ele.¹



esses capítulos anteriores nos demonstram que a feminilidade pode ser analisada, não só em termos de grupos sociais. Feminilidade é bem mais do que isso. Sabemos nós e o sabia com certeza Balzac. Ressaltando a transversalidade de questões que dizem respeito a todas as mulheres, optamos por continuar a discussão, privilegiando aspectos da feminilidade sob o casamento e em relação a outras manifestações de sociabilidade e subjetividade. O casamento no século XIX — uma das instituições fundamentais na estruturação social e uma dimensão importante na trajetória de vida de homens e mulheres — está se fundando numa antinomia em que as relações estritamente interpessoais e dimensões subjetivas de auto-realização vêm sendo subordinadas a outras necessidades — transmissão da propriedade, reprodução da espécie, manutenção de determinados valores sociais (ascensão, o poderio econômico; a hegemonia política, etc.). A questão não é só essa situação, uma fonte de dissensão entre homens e mulheres e reprodutora da clássica e enfadonha guerra entre os sexos, mas o importante fato de que o casamento, uma das instituições congregadoras das rela-

¹ Mme. Necker, *apud*. Balzac. *Fisiologia do casamento*, p. 330.

ções humanas, está se transformando no seu contrário, com prejuízo para o próprio processo civilizatório ao qual em princípio ele visa dar sustentação. Essas proposições são formuladas por Balzac particularmente em *Fisiologia do casamento*. Acompanhar sua argumentação é interessante no sentido de ver como desde o início de sua carreira literária, Balzac persegue coerentemente determinadas questões que terão desdobramentos subseqüentes: a sensibilidade e a sensualidade feminina; inquietações relacionadas à liberdade e igualdade nas relações entre os sexos; a contraposição entre leis e costumes; as relações entre sexualidade, cultura e emancipação feminina.

Com efeito, *Fisiologia do casamento*, publicada em 1829, é a primeira obra que Balzac assume como sendo sua. Antes, publicara uma série de livros assinados com pseudônimos, obras contestadas por seu valor literário e escritas explicitamente com objetivo comercial. É a partir dessa obra que Balzac tem seu primeiro sucesso editorial e inicia um intenso diálogo com suas leitoras; em princípio, estas se indignam com o caráter polêmico e controverso da obra, pois já de início, em epígrafe provocativa, Balzac diz ser o livro vedado às mulheres, argumentando que conhecem melhor seu conteúdo do que o próprio autor. O seu discurso aparentemente dirigido a homens e numa pretensa linguagem científica, induz a uma dupla cumplicidade: com as mulheres, porque “conhecem seu conteúdo”, e com os homens, porque é a eles que se fala. Instigar um debate é um dos seus objetivos e, sob esse aspecto, exige uma leitura que tenha presente que as suas idéias são apresentadas sob a forma de ironias, provocações, paradoxos, etc... O ter ciência do caráter polêmico das teses que desenvolve não o exime de se justificar, não só respondendo as muitas cartas de mulheres (Mme. Castries, Zulma Carraud, Mme. de Girardin, dentre as mais conhecidas de suas interlocutoras) mas, também por meio da imprensa, dizendo que a obra é “uma tentativa feita para retornar à literatura fina, viva, zombeteira e alegre do século XVIII”. E acrescenta: “Se o público condena os esforços dos escritores que tentam recolocar em honra a literatura franca de nossos antepassados, seria de se desejar um dilúvio de bárbaros, a combustão das bibliotecas e uma nova Idade Média.(...)” (Balzac, *Des Artistes* (1830), *apud* Barbéris, 1973, p. 103).

Primeiro contra-senso: ao se propor analisar o casamento, o faz da perspectiva do adultério,

uma dessas chagas inerentes ao estado social”,² indicando como essa “transgressão”, sobretudo o adultério feminino, é um sinal que acusa as contradições implícitas na forma como está se constituindo o casamento. Lançando mão de um argumento de Napoleão quando da instituição do Código Civil, propugna por uma transformação nos seus termos: “*‘Não provém o casamento da natureza. (...) As leis são feitas para os costumes, e os costumes variam.’ (...) Pode, portanto, o casamento sofrer o aperfeiçoamento gradual ao qual todas as coisas humanas parecem submetidas*”³.

Acompanhemos Balzac, desde quando inicia sua argumentação e apresenta uma “estatística conjugal”, ou seja, um levantamento sobre o número de mulheres casadas, condição em tese, segundo ele, necessária e suficiente para configurar uma inclinação ao adultério. Toda sua “estatística”, escrita com um humor ferino, é no sentido de demonstrar que, na França, de 18 milhões de mulheres, procedidas a todas as exclusões — crianças, mulheres idosas, doentes, etc... — resta um número restrito de mulheres sujeitas a serem “disputadas” pelos celibatários e esse grupo é o da “mulher honesta”. De uma forma brincalhona, “prova” com sua estatística que a “mulher honesta” é aquela que é casada, jovem, bonita, rica, educada, etc... Em síntese, essa categoria define-se não por valores éticos, mas por condicionantes sociais:

Para que uma mulher não cozinhe, tenha recebido uma educação brilhante, tenha o sentimento da faceirice, tenha o direito de passar horas inteiras numa alcova, deitada num divã, e viva a vida da alma, necessita pelo menos de seis mil francos na província ou de vinte mil libras em Paris. Estes dois termos de fortuna nos indicam o número provável das mulheres honestas que se encontram no milhão, produto bruto da nossa estatística. (*Fisiologia do casamento*, p. 265.)

² *Honorina*, p. 125.

³ *Fisiologia do casamento*, p. 237.

A riqueza é o parâmetro dessa elite feminina “que domina os costumes na França”. Ironicamente, Balzac acentua as “dificuldades” de se saber quem são as “honestas”. Dois amigos discutem a respeito de uma mulher pela qual um deles está apaixonado:

— Podes dizer-me como ela se chama? Ou mostrá-la? — Oh! não. É uma *mulher honesta*. Quando um estudante é amado por uma taverneira, diz o nome dela com orgulho e leva os amigos a almoçar em casa dela. Se um jovem ama uma mulher cujo marido se aplica ao comércio de gêneros de primeira necessidade, responderá corando: — É uma roupeira, é a mulher de um papeleiro, de um chapeleiro, de um negociante de fazendas, de um caixeiro, etc. Mas essa confissão de um amor subalterno, nascido no meio dos pacotes, dos pães de açúcar, ou dos coletes de flanela, é sempre acompanhada de um pomposo elogio da fortuna da dama. (...) Em suma, nunca faltam a um jovem excelentes razões para provar que a sua amante se vai tornar muito em breve uma mulher honesta, se já não o é. (*Idem*, p. 263).

Considerar que é, sobretudo, entre as altas rodas que se dissemina o adultério o leva a perguntar: quem são esses homens “superiores”, sujeitos a serem “minotaurizados, enfim, os “predestinados”? Nova “estatística”, “provando” haver um maior número de homens do que de mulheres no mercado sexual. E isto por vários motivos, motivos esses que indicam que os “costumes modernos” engendraram essa desproporção; ainda que os homens se casassem mais tarde que as mulheres, vivenciavam, todavia, a sua sexualidade enquanto solteiros, não sendo essa a regra entre as mulheres; socialmente aceitava-se que um homem mais velho se casasse ou se relacionasse com uma jovem; não se admitindo, com a mesma tranquilidade tal fato, se se tratasse de uma mulher; tanto para os homens quanto para as mulheres, o amor não era a tônica das relações conjugais, daí a busca de satisfação fora do casamento, etc. Homens e mulheres têm as mesmas necessidades de realização afetivo-sexual, mas a forma como estão se estruturando as relações entre os sexos tende a reproduzir uma assimetria nos relacionamentos, privilegiando determinadas necessidades sociais em detrimento de necessidades subjetivas de auto-realização. Tais necessidades subjetivas, como o casamento, “não provêm da natureza”, são também resultado da vivência

social: “(...) *Hoje a sensibilidade está mais desenvolvida que em qualquer época*; em tempo algum houve tantos costumes, porque nunca se sentiu tão bem que o prazer vem do coração.”⁴

Ou seja, o próprio acréscimo de necessidades sociais engendra outras tantas e engendra novos costumes. A sensibilidade é o resultado de um processo cultural. Sob essa perspectiva, a sociedade de seu tempo deveria, em tese, privilegiar o desenvolvimento da sensibilidade, expressa particularmente pelas mulheres, e não obstaculizá-lo. É claro que sensibilidade é uma metáfora a indicar as mais complexas manifestações culturais humanas, de uma perspectiva, se assim podemos nos exprimir, pulsional. Seu esforço é no sentido de apreender o que melhor já se produziu em sociedade, e não abrir mão dessa produção, quando as relações humanas passam por uma transformação. Ao explicitar inquietações femininas, Balzac caracteriza uma época em que novas exigências subjetivas são postas em primeiro plano:

A maior parte dos homens só teve em vista com o casamento a reprodução, a propriedade ou o filho, mas nem a reprodução, nem a propriedade, nem o filho constituem a felicidade. O *crescite et multiplicamini* não implica o amor. Exigir de uma jovem que se viu catorze vezes em quinze dias, amor, em nome da lei, do rei e da justiça, é um absurdo digno da maior parte dos predestinados!⁵

As mulheres vêm colocando dimensões de realização que a instituição não vem atendendo. O casamento, enquanto legitimação social das relações sexuais, regula a reprodução da espécie, a transmissão das propriedades e a manutenção de vínculos sociais; o amor, a sensualidade, a afetividade, respondem a outras necessidades, também sociais:

A palavra *amor*, aplicada à reprodução da espécie, é a mais odiosa blasfêmia que os costumes modernos ensinaram a proferir. Elevando-nos a natureza acima dos brutos pela divina dádiva do

⁴ *Idem*, p. 287.

⁵ *Idem*, p. 287.

pensamento, tornou-nos aptos a experimentar sensações e sentimentos, necessidades e paixões. Esta dupla natureza criou no homem o animal e o amante. Essa distinção vai elucidar o problema social de que estamos tratando. (...) *O casamento pode ser considerado* política, civil e moralmente, *como uma lei, como um contrato e como uma instituição*: lei é a reprodução das espécies; contrato é a transmissão das propriedades; instituição é uma garantia cujas obrigações interessam a todos os homens; eles têm pai e mãe, hão de ter filhos. (...). A sociedade somente pôde considerar estas sumidades que, para ela, dominam a questão social.⁶

O casamento, considerado como um dos *locus* privilegiado para reprodução das relações sociais, acaba sendo o *locus* de reprodução das insatisfações pessoais; e, nesse sentido, obstaculizador do próprio desenvolvimento social. Essa situação explica a mútua insatisfação e a mútua recriminação entre o sexes — Balzac se faz portavoz dessas insatisfações. Na verdade, a sua acusação mais funda é endereçada aos homens; alerta-os sobre os riscos de persistirem na valorização destas “sumidades (...) que dominam a questão social” e indiretamente impulsiona-os à mudança. As mulheres são, a seu ver, tal como os homens a fizeram. Pode-se argumentar que as mulheres estão sendo vistas como objetos nas mãos dos homens; Balzac não elude o problema e é quanto a isso que dirige sua acusação, advogando que essas sejam consideradas como sujeitos, e não só isso, mas sujeitos produtivos. Posição burguesa? Com certeza.

O casamento sob a nova ordem, tal como outras manifestações de sociabilidade que estão a se instituir na época, representa uma ruptura com relação ao modelo de casamento aristocrático, eufemisticamente definido como um “elegante divórcio”: homens e mulheres cada qual com seu espaço íntimo de vida; não casualmente grande número das aristocratas têm uma certa autonomia de movimentos que não se coaduna, a um olhar contemporâneo e de certa forma moralista, com o fato de serem casadas. A instituição-amante é extremamente forte; e, como o diz Marceau (1955), nunca se vê uma aristocrata apavorada como o ficaria uma burguesa ao ser surpreendida com o amante — “Céus! O meu marido!”. Os maridos simulam

⁶ *Fisiologia do casamento*, p. 496.

não saber dos amantes de suas mulheres, estas simulam não saber das amantes de seus maridos, e assim a vida vai. Um personagem balzaquiano, o Cavaleiro de Valois, velho aristocrata, evoca com uma certa ingenuidade e nostalgia os costumes conjugais do *Ancien Régime*:

(...) a sociedade está se transformando. As mulheres, tanto quanto a nobreza, são vítimas da pavorosa desordem que se prepara. Depois da confusão política, vem a confusão nos costumes. Ai de nós! Em breve a mulher terá deixado de existir (...); vai perder muito lançando-se no sentimento; vai ficar com os nervos retorcidos, e nunca mais terá aquele prazer bom do nosso tempo, desejado sem constrangimento, aceito sem afetação (...) Enfim, o casamento se tornará uma coisa (...) aborrecida, e era tão alegre no meu tempo!⁷

Os ciúmes e a posse não entravam nos cálculos do casamento aristocrático; este não era o espaço para o desenvolvimento das relações amorosas, e quando estas ocorriam era de forma fortuita, não como a sua condição necessária. Sombart, analisando a evolução do casamento aristocrático, desde a Idade Média, enfatiza que entre a aristocracia sempre foi visto com muita suspeição o casamento por amor, no qual pressupunha-se ser seu objetivo o prazer; já o “verdadeiro” casamento era considerado na realidade uma instituição social para o cumprimento de outros fins — procriação, transmissão de propriedades, etc... Essa dicotomização ganhou uma tal radicalidade que se chegou a admitir como necessário que o amor não entrasse no casamento. Segundo esse autor, quase todos os pensadores que problematizaram sobre essa questão no decorrer do Antigo Regime colocavam o problema da conciliação de duas coisas que percebiam como heterogêneas — *o amor e a ordem*; diz ainda que a concepção de Montaigne sobre casamento é uma das mais acabadas expressões das tentativas de pensar essa dicotomia: “(...) se o amor é gozo e o casamento é uma instituição social ou canônica, para o cumprimento de elevados fins (Montaigne fala sempre do casamento com grande respeito e justamente pela alta opinião que tem do casamento é

⁷ *A solteirona*, p. 496.

que chega à sua doutrina radical sobre a relação entre o amor e o matrimônio), então não só a realização do anelo amoroso é independente do casamento, mas que *o amor e o casamento se excluem*.

Montaigne baseia seu conceito nas seguintes razões; o verdadeiro, o único amor, odeia todo motivo que não seja o próprio amor, não quer ter nada de comum com relações que surjam de outras fontes. No casamento, entretanto, influem não só o encanto e a beleza, mas a posição social, a fortuna, etc. Se se dirige ao casamento, não é por amor, mas para ter uma descendência, criar uma família. É, pois, por assim dizê-lo, uma profanação do laço conjugal introduzir nele os caprichos da paixão. *Um bom casamento rechaça a companhia do amor e só apetece os gozos da amizade.*” (Sombart, 1979, pp. 52/53, grifos nossos).

É muito interessante toda a argumentação de Montaigne sobre essa questão, sobretudo a que desenvolve no seu Livro III, dos *Ensaíos*. Gostaríamos de apresentar uma passagem elucidativa do que está por trás da concepção do casamento aristocrático: “*O amor aborrece toda união contratada sem sua intervenção exclusiva e só participa discretamente dos embates que decorrem de outros interesses, como é o caso do casamento, porquanto este se prende natural e justamente a considerações de família, de situação e de dinheiro*. Ninguém se casa só por seu prazer e vontade; casamo-nos também, se não mais, por causa da família e da posteridade, pois as condições em que se realiza o casamento interessam à raça bem mais do que a nós mesmos. (...) Daí constituir um como que incesto entregar-se alguém às violências e extravagâncias da paixão (...) no decurso das relações veneráveis e sagradas entre marido e mulher, e que visam a procriação. É preciso (...) aproximar-se de sua esposa com decência e calma, a fim de que carícias por demais lascivas não despertem nela um prazer excessivo capaz de desviá-la do caminho certo. (...) *Um bom casamento, se é que existe, recusa-se ao amor; deve antes visar a uma boa amizade*” (Montaigne, 1980, pp. 387/388).

Em termos de se pensar o desenvolvimento da cultura, o importante foi o fato de a sociedade feudal ter convivido por vários séculos com esses princípios, estabelecendo em certas classes sociais, sobretudo entre a aristocracia, uma separação evidente entre o amor e o casamento, “como duas coisas independentes e igualmente

justificadas”. E dessa forma a conviver num mesmo espaço conjugal (e social) — de forma ora mais, ora menos conflitiva, de forma ora mais, ora menos explícita — as “instituições” da cortesã e do marido traído, amplamente evocadas na literatura francesa, sobretudo nos Séculos XVII e XVIII. Assim, se o amor não estava incluído nas cláusulas do casamento, não era, contudo, excluído das relações sociais e, nesse sentido, tem certa razão o personagem Cavaleiro de Valois de que o casamento antigo não excluía o “prazer bom (...) desejado sem constrangimento, aceito sem afetação”. Da mesma forma entendemos os conselhos de Mme. de Listomère, uma velha aristocrata, a Júlia d’Aiglemont sobre inconveniência de explicitar publicamente suas desilusões: “ — Se, quando estamos à mesa, uma iguaria não nos agrada, não devemos enjoar os outros, minha filha — tornou a marquesa com bonomia —, principalmente porque, desde Eva até nossos dias, o casamento sempre tem sido encarado como uma coisa excelente...”⁸

Sob a nova forma social, sob amparo de um aparato legal, pressupõe-se que o casamento deva absorver no seu interior uma dimensão de auto-realização sobretudo sexual. Balzac, cético com relação a soluções fáceis, diz que exatamente isso é o que não acontece — a sexualidade no interior do casamento, como regra geral, ou não é vivenciada, ou o é com traumas, insatisfações, etc., e fora dele, vivenciada com culpa, medo, etc... Balzac chega ao exagero de afirmar, ainda que de forma jocosa, que o casamento está se tornando tão ambíguo, tão assexuado, que não é algo nem masculino, nem feminino, e ele o compara ao “sexo” de seu livro:

Até aqui, todas estas misérias são misérias infligidas unicamente pela mulher ao homem. Por conseguinte, você viu apenas o *lado masculino* do livro.(...) Eis agora o *lado feminino* do livro; porque para se parecer perfeitamente com o matrimônio, este livro deve ser mais ou menos *andrógino*.⁹

Diante dessa situação, “a ordem social é como as crianças que tapam os ouvidos nos espetáculos para não ouvirem o estampido dos

⁸ *A mulher de trinta anos*, p. 554.

⁹ *Pequenas misérias da vida conjugal*, p. 588 (grifos nossos).

tiros”. Os adultérios um dos ruídos a acusar o aguçamento do caráter contraditório do casamento. Também o são “sintomas” femininos:

(...) o primeiro diagnóstico é uma grande excentricidade. (...) finalmente, realiza o *varium et mutabile femina* que tivemos até aqui a tolice de atribuir à sua constituição. Diderot, no desejo de explicar estas variações quase atmosféricas da mulher, chegou até a fazê-las provir do que ele intitula a *besta feroz*; mas nunca observaremos estas frequentes anomalias numa mulher feliz.¹⁰

As mulheres vêm expressando necessidades e aspirações não atendidas no casamento, sobretudo, as relacionadas à realização amorosa. É assim que ganham expressão os sofrimentos e queixas femininas; tais como as verbalizadas por Augustine Guillaume, quando procura a amante do marido, a Duquesa de Carigliano, para pedir-lhe conselhos sobre como reconquistá-lo (*Ao “Chat-qui-pelote”*). Se perguntar o que fazem as amantes é uma tônica entre mulheres que intuem dimensões nos relacionamentos amorosos que elas as muitas vezes ignoram:

Ora, espicaçada pelas curiosidades que surgem nas mulheres puras, ela a si mesma perguntava que segredos diabólicos possuiriam essas filhas de Baal para tanto seduzir os homens e fazê-los esquecer mãe, família, pais, interesse. Por vezes chegava a ter desejo de encontrar aquela mulher a fim de julgá-la de modo são. Media a extensão dos estragos que o espírito inovador do século (...) devia causar no seu filho único, até aquela época tão puro como uma jovem inocente (...).¹¹

Este também o caso de Mme. Hulot, que leva o seu amor ao limite do devotamento e sacrifício a um marido, que é um contumaz

¹⁰ *Fisiologia do casamento*, p. 306. Balzac remete imediatamente ao polêmico texto de Diderot (1713/1784) “Sur les femmes”, o qual estabelece possíveis relações entre a constituição física e a emocionalidade feminina. Esse texto dá origem a um interessante debate entre Galiani (1728/1787) e Mme. d’Épinay (1726/1783) sobre o que seria natural e o que seria cultural na constituição da feminilidade. Ver a respeito, entre outros: Galiani, 1980; Diderot, 1946; Macchiocchi, 1978; Badinter, 1987.

¹¹ *Beatriz*, p. 219.

libertino: “— Fica conosco, meu caro Heitor. Diz-me o que elas fazem, essas mulheres, para te prender assim; eu farei tudo... Por que razão não fizeste de mim uma mulher a teu gosto?”¹²

Por que são raras as mulheres que conjugam a mesma mestria no *amor* e no *prazer*? As respostas não são tão simples. Entre outros motivos: as mulheres são induzidas a se expressarem mais pelos sentimentos do que pelo prazer e os homens colocam em pessoas distintas a satisfação dessas necessidades. E essa dissociação se expressa nas instituições — casamento e adultério; casamento e prostituição. Ao primeiro, os deveres, “os trabalhos árduos e os seus infortúnios”; ao segundo os prazeres, os “objetos de fantasias e das paixões”:

Muitas mulheres casadas, presas aos deveres e aos maridos, poderão, a esta altura, perguntar a si mesmas *por que tais homens, tão fortes e bons generosos com as Sras. Marneffe, não tornam suas esposas (...) o objeto de suas fantasias e de suas paixões*. Isto se relaciona com os mais profundos mistérios da organização humana. *O amor, libertinagem imensa da razão, (...) e o prazer, vulgaridade vendida na praça, são duas faces do mesmo fato*. A mulher que satisfaz esses dois vastos apetites das duas naturezas é tão rara, no sexo, quanto o grande general, o grande escritor, o grande artista, o grande inventor no seio de uma nação. O homem superior como o imbecil (...) sentem igualmente a necessidade do ideal e do prazer; todos estão procurando este misterioso andrógino, esta raridade, que, na maioria dos casos, se verifica ser uma obra em dois volumes. Tal procura é uma depravação da sociedade. Sem dúvida, *o casamento deve ser aceito como uma tarefa; é a vida com seus trabalhos e os seus infortúnios igualmente feitos dos dois lados*.¹³

Também para as mulheres subsiste a necessidade do “ideal e do prazer”. A reprodução da espécie legitima as relações sexuais mas não é condição necessária e suficiente para despertar o amor e assegurar a felicidade: “O amor é o acordo da necessidade e do sentimento; *a felicidade matrimonial resulta de uma perfeita harmonia de almas entre os cônjuges*.”

¹² A *prima Bete*, p. 271.

¹³ *Idem*, p. 271.

Resulta daqui que um homem para ser feliz tem de se sujeitar a certas regras de honra e de delicadeza. Depois de ter usado da lei social que consagra a necessidade, deve obedecer às leis secretas da natureza, que fazem desabrochar os sentimentos.”¹⁴ Conselho seu aos homens: Vocês querem suas esposas escravas? Prendam-nas pelo prazer! ¹⁵ É evidente que não é a submissão da mulher que está em jogo, mas o desenvolvimento de uma relação entre iguais: “(...) por que é tão raro um casamento feliz? (...) Uma paixão durável é um drama sublime representado por dois *atores iguais em talento* (...). Ora, como se poderá encontrar muitas vezes, neste tropel de bímanos a que se chama uma nação, um homem e uma mulher que possuam no mesmo grau o gênio do amor (...)?”¹⁶

A *igualdade em talento* pressupõe uma igualdade de oportunidades no acesso ao desenvolvimento dessa qualidade. Essa uma qualidade não natural, mas produzida. As possibilidades de evolução das mulheres são limitadas já antes do casamento, configurando uma situação de desigualdade diante dos homens; enquanto a castidade feminina é fomentada, a castidade masculina é estigmatizada:

Mas apareça no seio do salão mais jansenista possível um jovem de 28 anos que tenha guardado preciosamente a sua inocência e que seja tão virgem como os galos selvagens com que se banqueteam os glutões; não vêem que a mais austera mulher virtuosa lhe dirigirá um cumprimento um tanto irônico devido a sua coragem, o mais severo magistrado abanará a cabeça sorrindo, e todas as damas se esconderão para que eles não lhes ouça as risa-

¹⁴ *Fisiologia do casamento*, p. 287.

¹⁵ E nesse sentido Balzac desenvolve uma série de aforismos, um “Catecismo Conjugual”, fazendo apologia da sensualidade humana, num estilo absolutamente livre. Por exemplo: “Sendo o prazer causado pela aliança das sensações e de um sentimento, pode pretender-se ousadamente que os prazeres são espécies de idéias materiais. Combinam-se as idéias até ao infinito, o mesmo se deve dar com os prazeres.” (...) “Não comece o casamento por uma violação.” (...) “Fazer nascer um desejo, nutri-lo, desenvolvê-lo, engrandecê-lo, irritá-lo, satisfazê-lo é um poema completo.” (...) “A ordem dos prazeres é do dístico ao quarteto, do quarteto ao soneto, do soneto à balada, da balada à ode, da ode à cantata, da cantata ao ditrambo; marido que começa pelo ditrambo é tolo”. *Idem*, pp. 288/292.

¹⁶ *Idem*, p. 296 (grifos nossos).

das? Quando a heróica e rara vítima se retira do salão, que dilúvio de gracejos chove sobre a cabeça inocente!... Quantos insultos! Que haverá de mais vergonhoso em França do que a impotência, a frieza, ausência de toda a paixão, a needade?¹⁷

Outras ambigüidades e assimetrias: o adultério masculino é socialmente aceito enquanto o adultério feminino é julgado crime;¹⁸ ao contrário do que ocorre com os homens, as jovens tendem a fantasiar casamento como o espaço de sua realização social e afetiva:

*É muito fácil acusar uma mulher por se deixar seduzir pelo desejo de escapar a todo o custo do estado de solteira, mas isso só é verdade na situação atual dos nossos costumes. Hoje, uma jovem não conhece a sedução nem as suas ciladas; apóia-se somente sobre a sua fraqueza, e a sua capciosa imaginação, desembrulhando as cômodas máximas do mundo elegante e governada pelos desejos que tudo fortificam (...)*¹⁹

Ou seja, paira sobre as suas necessidades (desejos, fantasias, imaginação) o silêncio, a repressão, a indiferença, a ignorância:

Os nossos costumes desenvolvem nas jovens solteiras de que fazemos nossas esposas uma curiosidade naturalmente excessiva;

¹⁷ *Fisiologia do casamento*, p. 277.

¹⁸ As primeiras sancões estabelecidas pelo Código Civil em que intervêm diferenças entre o homem e a mulher concernem ao adultério. Este é considerado crime, comportando as seguintes particularidades, que manifestam uma atitude consideravelmente mais dura para a mulher do que para o homem — o adultério da mulher só pode ser denunciado pelo marido, exceto se ele mesmo é culpado de adultério; uma mulher adúltera sofrerá uma pena de prisão de 3 meses a 2 anos, podendo o marido suspender essa condenação, se a aceita novamente; o cúmplice da mulher pode ter a mesma pena de prisão e uma multa de 100 a 2.000 francos, mas não há nada de semelhante com relação ao marido adúltero e sua cúmplice; o marido só pode ser julgado culpado, caso tenha mantido uma amante no próprio lar, situação em que será submetido a uma multa de 100 a 200 francos. A razão dessas diferenças entre as penas incorridas pelo marido e a mulher referem-se às consequências do adultério: não deve haver dúvida quanto à filiação. O Código se advoga “proteger” a família e sua sucessão. Ver a respeito entre outros: Faille, 1968; Arnaud-Duc, 1991.

¹⁹ *Fisiologia do casamento*, p. 302

(...) Uma ignorância profunda dos mistérios do matrimônio encobre a esta criatura, tão ingênua como astuta, o conhecimento dos perigos de que ele é seguido; e *sendo-lhes o casamento incessantemente apresentado como uma época de tirania e de liberdade*, de gozo e de soberania, os seus desejos são acrescidos de todos os interesses da existência por satisfazer: para ela, *casar é ser chamada do nada à vida*. (...) ²⁰

Indicar que para as mulheres casar-se é “ser chamada do nada à vida” não significa, simplesmente, que é por intermédio dos maridos que a mulheres se realizam; mas, que o casamento é o meio socialmente reconhecido por meio do qual as mulheres (principalmente das altas rodas) têm acesso ao mundo social. Adolescentes, a sua inserção nos espaços sociais tem como objetivo precípua serem apresentadas aos pretendentes e para isso são educadas para manter o decoro, determinadas regras de conduta, etc... Solteiras, as mulheres das altas rodas e mesmo da burguesia, não podem receber, organizar um círculo de convivência social, fazer festas, manter *salons*, etc., ou seja, participar ativamente de manifestações de sociabilidade próprias à época. Casadas, admite-se que possam realizar tudo isso. As mulheres sonham com mais: o seu círculo de convivência pode se ampliar, podem gozar de maior espaço de liberdade, podendo inclusive se relacionar com outros homens, e *last, but not least*, podem vivenciar sua sexualidade, no interior ou fora do casamento. Nesse sentido, se o casamento pode ter os inconvenientes da *tirania*, pode ter, também, seu componente de *liberdade*. Provável *tirania* no espaço doméstico e provável *liberdade* no espaço social. Esse um dos motivos pelos quais as mulheres tendem a desenvolver toda uma *fantasia* em torno do casamento, e a jogar nele suas aspirações de auto-realização; tais fantasias decorrem, e são sinais, das estritas possibilidades sociais de evolução e de atuação acenadas para as mulheres. Por esses motivos, o casamento se mantém para elas como paradigma; por esses motivos que, sobretudo, no seu interior se esboçam movimentos de rupturas e transgressões; por esses motivos que, quando as mulheres vivenciam outras oportunidades, mostram outros gestos:

²⁰ *Idem*, p. 306 (grifos nossos).

acostumada a dirigir-se por si mesma, Felicidade *familiarizou-se cedo com a ação* que parece exclusivamente um atributo masculino. (...) *Ignorava o casamento*, concebia-o somente pelo pensamento, julgava-o nas suas causas ao invés de o ver nos seus efeitos, e *não lhe percebia senão inconvenientes*. Seu espírito superior recusava-se a abdição pela qual a mulher casada começa a vida; ela *sentia vivamente o valor da independência* e não achava senão aborrecimento nos cuidados da maternidade (...). *Colocada entre o casamento e a paixão, ela quis conservar-se livre*; mas não foi indiferente às homenagens que a cercavam.(...)²¹

Recusar-se a papéis tradicionalmente instituídos, tal como o faz Felicidade de Touches, é algo novo. Simpático a essa imagem de mulher independente, economicamente ativa e livre nas suas escolhas amorosas, Balzac não deixa, entretanto, de assinalar como “anormalias” seu comportamento, pois as condições que garantem sua independência não são as que presidem a vida de outras mulheres da época, pois nem todas podem cedo “familiarizar-se com a ação”; nem todas são ricas; nem todas podem optar entre o “casamento e a paixão”; sua educação não é convencional e, embora fruto do *acaso*, é superior à “educação fútil” dada às mulheres:

A educação de sua pupila foi inteiramente entregue ao *Deus dará*. (...) lia o que lhe agradava ler. Ela não conheceu nem pai, nem mãe, e foi sua própria mestra desde a infância; (...) *o acaso atirou-a no domínio da ciência e da imaginação*, no mundo literário, *ao invés de a manter no círculo traçado pela educação fútil dada às mulheres*, pelos ensinamentos maternos sobre a toalette, sobre a decência hipócrita, sobre a graciosidade caçadora do sexo. Por isso, muito tempo antes de ela tornar-se célebre, via-se logo à primeira vista que ela jamais se prestaria ao papel de boneca.²²

Colocar a questão da educação como essencial para explicar o espírito de independência e a superioridade dessa personagem, criticando a educação normalmente ministrada às mulheres por excluir o

²¹ *Beatriz*, p. 232.

²² *Beatriz*, p. 232.

domínio da ciência e da imaginação e ter o *acaso* como um elemento importante na definição de sua vida, obriga que nos detenhamos. Se essa personagem é excepcional, o seu gesto, embora mais expressivo, não é o único. Vejamos como ele se reproduz, enquanto vivência íntima, em outra personagem, Dinah de Piédfer:

*Ela alongava o olhar para Paris, aspirava à glória e voltava a cair no seu buraco de la Baudraye, nas discussões cotidianas com seu marido, no seu círculo de amigos, onde os temperamentos, as intenções e as palestras eram demasiado conhecidos para que, com o correr do tempo, não se tornassem tediosos. (...) Se ela encontrou, em suas atividades literárias, uma distração para seus dissabores, (...) a literatura, também, inspirou-lhe ódio pela obscura e pesada atmosfera da província.*²³

Todas as personagens que se colocam dimensões de auto-realização que transcendem papéis e comportamentos socialmente o fazem a partir de inquietações intelectuais, por sua vez, fruto de estudos autodidatas, leituras anárquicas e de uma educação “*ao Deus dará*”. Chega a ser impressionante como Balzac enfatiza a dimensão dessa educação construída pelas próprias mulheres, como um dos elementos impulsionadores de suas vontades de romper com amarras sociais e superar um cotidiano muitas vezes sufocante.²⁴ Balzac não nega a legitimidade e a importância dessa educação e estudos; não nega a legitimidade nem julga a dimensão dos sonhos. Quanto aos sonhos, nega os paroxismos a que conduzem, por que insatisfeitos. Muitos deles se vinculam à realização amorosa; maiores fantasias, maiores frustrações; maiores frustrações, maiores sofrimentos sobretudo psíquicos e maiores dissensões nas relações entre homens

²³ *A musa do departamento*, p. 344.

²⁴ Jovens modernas e cheias de vida como Modesta Mignon (*Modesta Mignon*). Ginesta de Piombo (*A Vendeta*), que querem elas próprias conduzir suas vidas; Luísa e Renata (*Memórias de duas jovens esposas*), sonhando alto; mulheres de província querendo escapar à mediocridade de um meio que acaba por estiolá-las, tal como Dinah de Piédfer (*A musa do departamento*) e Mme. Bargeton (*Ilusões perdidas*): as angústias e extremos esforços intelectuais de Augustina Guillaume (*Ao "Chat-qui-pelote"*) e da Sra. Claës (*A procura do absoluto*); para manter e reconquistar o amor de seus maridos — uma buscando ter “espírito”; outra com “ciúmes da ciência” que lhe rouba o marido, etc...

e mulheres. Balzac amalgama e relaciona a questão da educação, à liberdade sexual feminina e à felicidade conjugal:

*(...) não haveria tantos casamentos infelizes se os homens esposassem as suas amantes. A educação das jovens deveria então sofrer importantes modificações em França. Até aqui as leis e os costumes franceses, colocados entre um delito e um crime a prevenir, favoreceram o crime.*²⁵

Aos argumentos de que essa liberalização acarretaria a dissolução dos costumes, que as jovens seriam enganadas, enfim, todo um discurso moralizador, etc., Balzac contra-argumenta: “*Mas de boa-fé a emancipação das jovens encerra tantos perigos? (...) Se ela fosse livre, uma educação isenta de preconceitos armá-la-ia contra o amor do primeiro que aparecesse. Seria como todos muito mais forte contra os perigos conhecidos do que contra aqueles cuja extensão é oculta.*”²⁶ Ainda segundo Balzac, qual mulher não faz um *cálculo* em suas relações? E afinal de contas, diz, está se predicando a liberdade para uma minoria de mulheres diante do conjunto da população feminina, porque o casamento para mulheres de outras classes, que não as da alta classe, já vem incorporando outros conteúdos:

Os dezoito milhões de seres que pusemos fora de questão casam-se segundo o sistema que procuramos fazer prevalecer nos nossos costumes; e, quanto às classes intermediárias, (...) o número das crianças expostas que estas classes semi-abastadas entregam à desgraça iria num crescendo desde a paz (...). Ora, a que chaga profunda não daremos remédio se pensarmos na multiplicidade dos bastardos que nos denuncia a estatística, e nos infortúnios que os nossos cálculos fazem suspeitar na alta sociedade!

Remeter às condições de que presidem o casamento entre outras classes é recolocar as dimensões econômicas de uma política matrimonial: “*Não se casa a maior parte dos homens como se comprasse um título de renda na Bolsa?*”²⁷

²⁵ *Fisiologia do casamento*, 301 (grifos nossos).

²⁶ *Idem*, p. 303.

²⁷ *Idem*, p. 300.

Os casamentos vêm sendo presididos por cálculos de interesses, vistos como *investimentos* e, como todo investimento, tem seu caráter de *risco*. São tais cálculos, sobretudo, os responsáveis pelas mazelas no interior dos casamentos, pelos sofrimentos mútuos que se infringem homens e mulheres, enfim, um fator limitativo do desenvolvimento pessoal não só das mulheres, mas dos próprios homens. Mas são, sobretudo, as mulheres que mais sentem a coarctação que isso significa em suas vidas:

Os senhores infamam as pobres criaturas que se vendem por alguns escudos a um homem que passa: a fome e a necessidade absolvem essas uniões efêmeras; enquanto a sociedade tolera, encoraja a união imediata, bem mais horrível, duma rapariga cândida e dum homem que ela conhece há apenas três meses. Essa é vendida para toda a vida. É verdade que o preço é elevado! (...) *Tal o nosso destino, visto sob suas duas faces: uma prostituição pública e a vergonha, uma prostituição secreta e a infelicidade.* Quanto às pobres moças sem dote, essas endoidecem, morrem, para elas, nenhuma piedade! A beleza, a virtude não constituem valor nesse nosso bazar humano, e chama sociedade a esse antro de egoísmo. Mas deserdem as mulheres! Ao menos terão cumprido com isso uma lei da natureza, escolhendo suas companheiras, desposando-as conforme os ditames do coração.²⁸

No decorrer desse trabalho, julgamos ter reunido elementos suficientes sobre o quanto a questão dos dotes interfere na vida das mulheres, para que nos detenhamos agora a reanalísá-lo. Em torno da supressão do dote feminino, da modificação dos termos do “contrato” do casamento que Balzac apresenta o segundo ponto a se transformar nessa instituição, reiterando uma perspectiva de emancipação feminina:

Este sistema (o da liberdade sexual das jovens) assentaria sobre bases muito mais largas e mais francas, se as jovens fossem submetidas a uma deserdção sabiamente calculada; ou, se para constranger os homens a não se determinarem na sua escolha senão em favor daquelas que lhes ofereçam garantias de felicidade pe-

²⁸ *A mulher de trinta anos*, p. 601.

las suas virtudes, seu caráter ou seus talentos, elas se casassem, como nos Estados Unidos, sem dote.²⁹

Procedamos a uma pequena síntese, retomando as propostas que emergem de sua análise: que no casamento se compatibilizem as necessidades sociais e pessoais; que o casamento se faça em bases igualitárias: iguais sentimentos, iguais experiências, iguais direitos, etc.; defesa da emancipação feminina como condição do desenvolvimento das relações conjugais; defesa da liberdade sexual pré-matrimonial para ambos os sexos; mudança nos termos da educação que é administrada às mulheres; defesa da supressão da instituição dotal, como pressuposto para que mulheres e homens tenham liberdade de escolha quanto aos parceiros/as. Todavia, Balzac tem presente que essas suas proposições esbarram num sistema jurídico que conflui no sentido de criar uma malha coartadora não só à mulheres, mas aos próprios homens:

Quanto a mim, pertenço à massa. (...) Eu, por exemplo, gosto dessa constante e doce volubilidade da vida e quero essa boa existência em que a gente encontra sempre uma mulher a seu lado. (...) — Ah! Queres casar-te para ter uma mulher? Em outras palavras, *queres resolver favoravelmente em teu benefício o mais difícil dos problemas que atualmente apresentam os costumes burgueses criados pela Revolução Francesa.* (...) Tu, que te queres casar e que te casarás, já meditaste sobre o Código Civil? (...) *O Código, meu caro, colocou a mulher sob tutela, considerou-a como um menor, como uma criança. Ora, como é que governam as crianças? Pelo temor.* (...) Vê se podes te disfarçar em tirano, tu, tão meigo, tão bom amigo, tão confiante (...).³⁰

²⁹ *Fisiologia do casamento*, p. 332. Tocqueville, em *A democracia na América*, discute essas mesmas questões e compara a “superioridade” do casamento americano em relação ao francês, dizendo que na América as mulheres são muito mais livres para efetuarem suas escolhas conjugais, e dessa forma os casamentos são muito menos conturbados, as famílias muito mais harmoniosas, etc. Ver, sobretudo, a Terceira Parte dessa obra: “Influência da Democracia sobre os costumes propriamente ditos”.

³⁰ *O contrato de casamento*, pp. 399/401.

Um aparato legal prescreve aos homens determinados papéis, modelados de forma a satisfazer exigências sociais, às quais provavelmente, individualmente, pouco contribuíram para engendrar; tal como as mulheres. As exigências dirigidas a uns e outros criam uma situação que não atende às necessidades individuais: às mulheres se exige obediência, submissão; aos homens, arrojo, intrepidez, etc.

“A obediência é nela sempre uma necessidade se não for uma virtude; porque ela espera tudo de nós; *imediatamente as sociedades consagram a escravidão da mulher, e se ela não mostra desejos de se libertar, é porque se sente fraca e ignorante.*”³¹

A uma primeira vista, as condições são mais favoráveis aos homens; além de todas as vantagens legais, detêm o domínio do conhecimento sexual: “Finalmente, para facilitar o nosso belo triunfo, lançamos mão dela no momento em que a natureza solicita muitas vezes com energia os prazeres de que somos os dispensadores. Como São Pedro, temos a chave do paraíso.”³² No entanto, tantas “vantagens” conferidas aos homens também são forma de perdê-los:

Pergunto agora a qualquer criatura razoável; um demônio reuniria em torno de um anjo, cuja perda tivesse jurado, os elementos de sua desgraça com tanta solícitude como os bons costumes empregam em conspirar a desgraça de um marido?... Não somos como reis rodeados de adutores?³³

Tal como super-heróis, os homens têm que satisfazer a mil exigências. Mas como são simplesmente humanos, a frustração não tarda a aparecer, e as mulheres de submissas passam a se contrapor a essa situação:

Nesta esquisita situação em que as leis sociais e as da natureza estão em oposição, uma jovem obedece, abandona-se, sofre e cala-se por seu próprio interesse. A sua obediência é uma especulação; (...). Será vítima dos nossos caprichos enquanto não os compreende; suportará o nosso caráter até o ter estudado; sacrifi-

³¹ *Fisiologia do casamento*, p. 307 (grifos nossos).

³² *Idem*, p. 304.

³³ *Idem*, p. 307.

car-se-á sem amar, porque crê no simulacro de paixão que nos dá o primeiro momento da sua posse; *não mais se calará desde o dia em que reconhecer a inutilidade dos seus sacrifícios*.³⁴

Dessa forma a condição feminina sob o casamento comporta uma duplicidade — *opressão e insubordinação*:

Obedecer à sociedade? — tornou a marquesa deixando escapar um gesto de horror. — Ora, senhor, todos os nossos males provêm disso. (...) *Nós, mulheres, somos mais maltratadas pela civilização do que pela natureza*. A natureza nos impôs penas físicas que os homens não suavizaram, e a civilização desenvolveu sentimentos que eles burlam incessantemente. (...) *O casamento, instituição sobre a qual se apóia hoje a sociedade, só a nós faz sentir todo o seu peso: para o homem a liberdade, para as mulheres deveres*. (...) ³⁵

A delimitação social do espaço do casamento, como o espaço por excelência de realização feminina, as mulheres respondem com gestos carregados de simbolismos que denotam que as mulheres vêm se colocando e experimentando outros projetos. Gestos reveladores da potencialidade do agir feminino, potencialidade abafada, dilapidada em sofrimentos individuais quando socialmente, poderiam ter outros desdobramentos:

Lucrécia escreveu com seu sangue e seu punhal a primeira palavra da carta dos direitos das mulheres: *Liberdade!* (...) Vendi por cem francos as flores e as toucas que eu fiz essa semana!, disse-me alegremente Honorina (...); a condessa fazia tilintar na sua mão as cinco moedas de ouro dum suposto negociante de fantasias (...) *Ganhar a vida* entretendo-se (...) *ser livre quando os homens, armados de suas leis, nos querem escravas!* Oh! todos os sábados tenho acessos de orgulho (...).³⁶

³⁴ *Idem*, p. 307 (grifos nossos).

³⁵ *A mulher de trinta anos*, p. 596.

³⁶ *Honorina*, p. 149 (grifos nossos).

Motivações individuais diferenciadas, trajetórias de vida múltiplas, dizem da vontade e do ensaiar a possibilidade de transcender limites socialmente construídos. Honorina (*Honorina*) por meio de uma atividade produtiva, procura superar insatisfações pessoais; Verônica Graslin (*O cura da aldeia*) se engaja num programa de beneficiar uma comunidade pobre, liderando proficuamente um projeto de desenvolvimento de toda uma região, para reparar a culpa por um crime de que fora involuntariamente a causa; as ações silenciosas de Mme. Mortsauf (*O lírio do vale*) têm resultado similar e significa o crescimento produtivo e conquista de melhorias para toda uma população.

As diferentes trajetórias, e já apresentamos muitas outras, explicitam que as mulheres vêm experimentando a vivência de novos papéis e novos sentimentos. Expressam formas de feminilidade que colocam elementos do debate em torno da emancipação feminina, ao apontar para questionamentos de uma condição econômica e/ou sexual e/ou intelectual e/ou profissional. Tais questionamentos, como processo, não têm um sentido único, pois muitas vezes a mesma mulher que ganha espaço num determinado nível das relações sociais é também cerceada e compelida a abrir mão de outras realizações. Não são caminhos percorridos sem dificuldades, nem se caracterizam por serem inerentes a uma determinada classe social; envolvem códigos de conduta e de valores reelaborados para atender às novas necessidades individuais e sociais. É assim que as mulheres não deixam de se perguntar também: “— *Indago-me como é que uma mulher pode dominar a sociedade*. — Há duas maneiras para isso: ser Madame de Stael ou ter duzentos mil francos de renda”.³⁷

É no interior da discussão da questão quanto ao poder que Balzac situa outras dimensões relacionadas à emancipação feminina. Neste curto diálogo entre os amantes — Dinah de Piédfer e Lousteau —, apresentam-se, de um lado, a inquietação feminina sobre como “dominar a sociedade”; e, por outro, a resposta masculina, bem pé no chão, direta, que não deixa dúvidas quanto ao seu conteúdo — ser rica ou ter “espírito”. São esses os paradigmas de emancipação fe-

³⁷ *A musa do departamento*, p. 438.

minina em Balzac? Vamos protelar um pouco a resposta, encaminhando de outra forma a discussão.

Privilegiar a questão da emancipação, em termos políticos, é remeter às transformações que estão se dando na sociedade, às “pequenas revoluções parciais” e, entre essas, manifestações de feminismos e emergência de uma literatura feminina e feminista. Tais manifestações serão evocadas, não como movimentos organizados, ainda que não os ignore, mas nos efeitos que produzem em indivíduos particulares:

O mundo ao qual ela pertencia, não tendo podido se reconstituir durante o triunfo inesperado dos quinze anos de Restauração, ir-se-ia em migalhas sob os golpes de aríete movimentado pela burguesia. Essa grande sentença do Sr. Lainé: “os reis se vão!”, fora ouvida por ela. Essa opinião, creio eu, não deixou de influenciar o seu procedimento. *Ela tomou parte intelectual nas novas doutrinas que pulularam durante três anos, depois de julho, como moscardos ao sol, e que destroçaram alguns cérebros femininos*; mas, como todos os nobres, embora achasse essas novidades soberbas, ela queria salvar a nobreza. Não vendo mais lugar para as superioridades pessoais, vendo a alta nobreza recomeçar a oposição muda que ela fizera a Napoleão, o que constituía seu único papel sob o império da ação, mas que numa época moral equivalia dar a sua demissão, *ela preferiu a sua felicidade a esse mutismo*.³⁸

A discussão quanto à emancipação feminina esboçada anteriormente atinge contornos diferenciados a partir da Revolução de 30, que revitaliza uma questão essencial posta pela Revolução de 1789 — a natureza do poder. Ser rei, ter poder, não é mais um direito divino, mas um fato decidido entre homens; o poder, ainda que monárquico, passa, contudo, pelo direito, por um jogo de forças reais e estratégias freqüentemente formuladas por indivíduos que não têm nenhum atributo que não seja o fato de serem cidadãos, ou seja, uma condição que se define socialmente. Não é, então, surpreendente que, nesse período, se multipliquem doutrinas sobre o papel social da

³⁸ *Beatriz*, p. 255 (grifos nossos).

mulher, escritos feministas que contêm quase sempre uma reflexão sobre os fundamentos da sociedade e que problematizam uma hierarquização social. Balzac, ainda que com certo distanciamento, não é insensível para não se dar conta da novidade que isto representa:

Quando, após a Revolução de 30, a glória de George Sand se irradiou sobre o Berri, muitas cidades invejaram à Châtre o privilégio de ter visto nascer uma rival de Madame de Stael, de Camilo Maupin, e mostraram-se muito dispostas a honrar os menores talentos femininos. (...) *Estranhas doutrinas divulgavam-se, então, sobre o papel que as mulheres deviam desempenhar na sociedade.* (...) Passou-se a admitir que as mulheres exprimissem idéias, professassem sentimentos que elas não teriam confessado alguns anos antes.³⁹

Reafirmando seu método de “romancista-historiador”, Balzac articula diferentes dimensões de uma mesma realidade: fala que o sucesso já alcançado por algumas escritoras serve como paradigma para que outras se lancem numa “aparência de glória”; aponta que a receptividade e valorização de uma literatura feminina, em toda a França, passa por uma disputa provinciana; indica o caráter nacional da disseminação de escritos femininos e feministas; apresenta a literatura, “essa viva expressão das sociedades”,⁴⁰ como um dos veículos de explicitação das inquietações femininas.

É circunscrevendo a discussão nessa tríplice conformação — o jogo político; a não-delimitação de um único espaço social; e suas expressões literárias — que ele situará o debate e criará personagens que expressam essas inquietudes femininas modernas.

Destacamos personagens já apresentadas — Felicidade de Touches (*Beatriz*) e Dinah de Piédfer (*A musa do departamento*) e acrescentamos alguns aspectos na sua caracterização, relacionando-os à nossa discussão. Além de serem escritoras, há outros pontos de contato, de simetrias, mas, principalmente, de dissonâncias entre uma e outra personagem. A ação dos dois romances em que são person-

³⁹ *A musa do departamento*, p. 313 (grifos nossos).

⁴⁰ *A Duquesa de Langeais*, p. 375.

gens de primeiro plano se passa e se articula entre Paris e província. Se Paris é o pólo para onde converge a ação e guarda uma uniformidade de desafios para as duas personagens, o situar as ações em regiões diferentes explicita as especificidades que um meio e outro colocam para cada uma delas. Felicidade se movimenta, na província, na região da Bretanha, onde por mais tempo a aristocracia se mostrou refratária à Revolução Francesa e onde os costumes do Antigo Regime ainda persistiram por um bom tempo depois da Revolução. (temáticas desenvolvidas particularmente em *A Bretanha em 1799, Les Chouans.*) Em contraposição, Dinah, quando na província, mora em Sancerre, região submetida ao “jugo dos *justemilieu*” (termo utilizado para indicar os liberais, partidários de Luís LVIII e da Revolução de 30). Felicidade tem origem e se move num meio aristocrático e Dinah é de origem e se move num meio burguês. Uma é rica, outra quer sê-lo.⁴¹ Ambas são extremamente inquietas intelectualmente.⁴² Dinah é casada, Felicidade é “livre”. Ambas são “monstros”.⁴³ Uma é famosa, a outra o pretende. Uma é “mulher

⁴¹ Educada num pensionato aristocrático, Dinah sobressai entre as colegas por suas qualidades, mas sente-se “sobrepujada por moças nobres, ricas e que deviam representar na sociedade um papel muito mais belo do que o duma plebéia cuja mãe estava à espera dos resultados da liquidação Piédfer. Após ter conseguido elevar-se momentaneamente acima de suas companheiras, Dinah *quis também alçar-se ao mesmo nível delas na vida*”. *Idem*, p. 319.

⁴² Balzac destaca esses traços dominantes nessas personagens. Em Felicidade: “Sua instrução, *excitada pela paixão da leitura* e servida por uma bela memória, tornou-se surpreendente. (...) Aos 21 anos, uma rapariga com tal força de vontade era a igual de um homem de 30 anos. Seu espírito adquirira uma vastidão enorme, e hábitos de crítica permitiam-lhe julgar sensatamente os homens, as artes, as coisas e a política.” *Beatriz*, pp. 229/231. Quanto à Dinah “*Sedenta de saber (...)* leu tudo, até livros de medicina, de estatística, de ciência, de jurisprudência (...)”. *A musa do departamento*, p. 329.

⁴³ “Chegou-se, por fim, até a negar a uma superioridade, puramente relativa, aliás, que fazia ressaltar as ignorâncias e não lhes concedia perdão. *Onde todos são corcundas, o corpo esbelto constitui uma monstruosidade*: Dinah foi, pois, considerada como *monstruosa e perigosa* e se fez um deserto em torno de si” (*A musa do departamento*, p. 326). Balzac assim justifica por que delinquia tão detalhadamente a personagem Felicité: “Explicar porque encadeamento de circunstâncias se efetuou a encarnação masculina de uma moça (...): porque, mais feliz do que Mme. de Stael, permaneceu *livre* (...) Não será isso satisfazer muitas curiosidades e justificar uma dessas *monstruosidades* que se erguem na

de gênio”, a outra é “mulher superior”. Fiquemos por aqui. Não pretendemos aprofundar todas as questões que a construção dessas personagens nos suscitam, mas buscar dimensionar por que Balzac lhes confere destaque e apresenta-as vinculadas a manifestações literárias. Para isso nos reportamos às suas considerações sobre o papel social da literatura, o papel dos escritores e o seu próprio papel, que se traduzem em exigências para consigo mesmo:

A lei do escritor, o que faz que ele o seja, o que, não temo dizê-lo, *o torna igual e talvez superior ao homem de Estado, é uma decisão qualquer sobre as coisas humanas*, uma dedicação absoluta a princípios. “Um escritor deve ter em moral e política opiniões definidas, deve *considerar-se como preceptor de homens*; porquanto os homens não necessitam de mestres para duvidar”, disse Bonald. Cedo adotei como regra essas grandes palavras, que são a lei do escritor monárquico, tanto quanto a do escritor democrático⁴⁴.

Não ignorando todas as controvérsias que têm suscitado essa argumentação, muito citada quando se discute a posição política de Balzac,⁴⁵ ressaltaríamos outros elementos. Literatura para Balzac, independente de qual a posição a ser defendida, exige uma “*decisão qualquer sobre as coisas humanas*”. A exigência de uma *decisão qualquer*; o absoluto são *as coisas humanas*. Literatura é uma forma de condução de mentalidade, uma forma de pedagogia — ser “preceptor de homens” —, o que implica se definir uma posição e se tornar uma voz: “De resto a hora da imparcialidade ainda não sou para a mim” (*Idem*, p. 17). Assim, entende-se que apresente os

humanidade como monumentos e cuja glória é favorecida pela *raridade*? (...). Por isso, (...) como representa um papel na história literária de nossa época, ninguém lamentará por se ter detido diante desta figura mais tempo que o permitido pela poética moderna” (*Beatriz*, p. 213). A “monstruosidade” tem um duplo sentido; é tanto excepcionalidade, quanto monumentalidade, e sempre em relação ao ambiente social a que se vincula. Ressaltar a dimensão de excepcionalidade é remeter ao que discute Planté (1989): “Excepcional com relação a que regras?”.

⁴⁴ *Idem*, p. 15.

⁴⁵ Ver, entre outros, Lucaks, Gribb, Barbéris, Faguet, Guyon.

escritores, especificamente os dos Séculos das Luzes e seus próprios contemporâneos, como “conquistadores”, como elementos vinculados à “construção” de uma nova realidade, construção que passa por uma “des-construção”:

(...) tem-se escritores como conquistadores; impressionam pelos males que eles são obrigados a fazer para obter grandes resultados. Voltaire, Rousseau, todos os enciclopedistas foram profundamente imorais aos olhos do poder, da religião de seu tempo; e entretanto eles são os pais do século XIX. Todos os sucessores, Bonald, Béranges, Victor Hugo, Lamartine, George Sand, até Paul de Kock, Pigault-Lebrun e eu, somos os pedreiros: (...) todos os escritores deste tempo são os trabalhadores braçais de um futuro oculto por uma cortina de chumbo. (...).⁴⁶

Para Balzac a sua sociedade lança desafios e diante deles propugna que as relações humanas se redefinam; essa redefinição coloca em primeiro plano a exigência de constituição de uma moderna classe dirigente. Defendendo a consolidação dessa nova classe dirigente advoga a participação e a incorporação das “superioridades sociais reconhecidas”, ou seja, a “aristocracia” econômica, intelectual e científica: “*Os tempos estão mudados e também as armas. (...) A arte, a ciência e o dinheiro formam o triângulo social onde se inscreve o escudo do poder e de onde deve sair a moderna aristocracia.*”⁴⁷

Balzac não exclui, antes pleiteia, a participação das mulheres nesse projeto que defende. É em função desses pressupostos que entendemos por que delineia com tanta minúcia suas personagens escritoras; absorve e problematiza a emergência de manifestações femininas literárias, artísticas, produtivas, etc.; incorpora e explicita novas formas de feminilidade; enfatiza a questão da educação feminina.

Balzac não prescreve um “modelo”; ele apresenta, discute as mais diferentes manifestações que estão emergindo. Essa sua postura mostra-se particularmente significativa, quando discute a questão

⁴⁶ *Oeuvres Completes*, Vol. XXVIII, p. 495.

⁴⁷ *A Duquesa de Langeais*, p. 155.

da educação feminina. Modelos de educação existiam, assim como inúmeras propostas para sua transformação; mas nos induz a pensar que não se trata simplesmente de produzir ou reproduzir modelos educacionais, e sim de absorver as manifestações diferenciadas que apontam para formas inovadoras de responder aos desafios sociais. É assim que deparando-se com ricas manifestações — que despontam como obra do *acaso* (como tal, sem continuidade) e que expresam necessidades femininas — convence-se que é mister que sejam *produzidas sistematicamente*. Enfatizar a questão da educação é apostar na possibilidade de que educar-se, é construir-se de forma diferente; é uma exigência num sentido de igualização quanto de restabelecimento de diferenciação. Resistir a essa necessidade social é não só manter a subjugação feminina como mesmo a negação do desenvolvimento social: “Abaixo a civilização!... Abaixo o pensamento!... eis o grito de vocês. Devem ter horror à instrução das mulheres, pela razão, tão provada na Espanha, de que é mais fácil governar um povo de idiotas do que um povo de sábios”.⁴⁸

Sua análise comporta dois momentos: um que se constitui a formulação de seu projeto político e outro, em que explicita, por meio de situações concretas, as ambigüidades para levá-lo à frente.

O quadro social, em que estão se delineando rupturas que as mulheres estão assumindo de forma ora mais ora menos intensa, conflui no sentido de indicar situações de ambivalência mais do que situações resolvidas. Situações em que as mulheres, ao assumirem uma política ativa, ganham espaço no cenário social; mas, também situações em que se apresentam coartadas para agir. Para Balzac, essas situações não são circunstanciais, mas se inscrevem mesmo na forma como se conformou a feminilidade na cultura francesa, tendo como pano de fundo a oposição entre leis e costumes.

A sua insistência em situar a gênese dos impasses na condição das mulheres e dos impasses a que chegaram as relações entre os sexos parte da constatação de que os costumes franceses estão defasados quando confrontados com as necessidades da moderna sociedade: “O sistema de leis e costumes que rege hoje as mulheres em França é fruto de antigas crenças e de tradições que já não se relacio-

⁴⁸ *Fisiologia do casamento*. p. 340

nam com os princípios (...) desenvolvidos pela grande Revolução de 1789.⁴⁹ Ressalta que a França contemporânea é o resultado de uma tríplice confluência: o confronto de duas “civilizações” — a greco-romana e franco-gaulesa — às quais se acresce o cristianismo. É nesse particular processo civilizatório que se constitui a feminilidade francesa a carregar consigo as ambigüidades dessas influências culturais. A civilização greco-romana traz consigo um aparato legal, com seu ideal de mulher austera, subordinada à família, confinada ao espaço doméstico, “aos mármore dos Gineceus”:

(...) Roma, tendo ido pedir à Grécia os princípios de uma legislação (...), imprimiu na fronte da mulher casada o ferrete de uma *completa servidão*. O senado compreendeu a importância da virtude numa república, e obteve a severidade nos costumes por um desenvolvimento excessivo do poder marital e paternal. *A dependência da mulher estava escrita por toda a parte. A reclusão (...) tornou-se um dever, uma obrigação moral, uma virtude*. Daí os templos elevados ao Pudor e os templos consagrados à santidade do casamento; daí os censores, a instituição dotal, as leis suntuárias, o respeito pelas matronas, e todas as disposições do Direito romano.⁵⁰

Importante apontar que, segundo essa perspectiva, a feminilidade se conforma e é conformadora das relações sociais, perpassando todas as manifestações da sociabilidade: política, direito, arte, arquitetura, etc... É a preservação de determinadas relações e organizações sociais, que parece levar a que se estabeleçam as relações entre os gêneros. Isto, até certo ponto, pode explicar por que um povo que vive da conquista e da escravidão, como é o caso dos romanos, institui que as mulheres se encarreguem do lar, do cuidado dos filhos, etc., visando a preservação dessa forma de vida. Ou dito de outra forma: para a preservação de determinados vínculos sociais se estabelece uma divisão de trabalho entre homens e mulheres, divisão essa que implica, no caso, a exclusão das mulheres da esfera pública; as mulheres são *soberanas*, mas soberanas no espaço priva-

⁴⁹ *Fisiologia do casamento*, p. 327

⁵⁰ *Idem*, p. 327.

do: “(...) Estas ilustres romanas, *condenadas a ser apenas esposas e mães, passaram a vida no retiro, ocupadas em educar os senhores do mundo*”.⁵¹

Essas necessidades não parecem se colocar da mesma forma para povos nômades, tais como o são, em geral, os bárbaros. Os homens, as mulheres, as crianças, etc., enfim, toda a comunidade se desloca, não tem um território delimitado. Não há a necessidade imperiosa, nem condições, de a mulher ficar reclusa; é o que o leva a contrapor ao aparato legal dos romanos os costumes dos gauleses: “Conquistadas as Gálias, os romanos impuseram as suas leis aos vencidos; porém foram impotentes para destruir tanto o profundo respeito dos nossos antepassados pelas mulheres”.⁵² Durante esse “combate das leis contra os costumes” dá-se a invasão da Gália pelos francos, que trazem consigo outros costumes: “(...) em suas casas aquelas criaturas, quase divinizadas, acalentavam a vida privada com a eloquência dos seus sentimentos. (...)”⁵³ Tais tendências são decisivas na conformação da feminilidade francesa a qual carrega as ambigüidades de um e outro processo civilizatório: “*Ao Oriente*, pois, *a paixão e o seu delírio*, (...), às divindades amorosas, as pompas, a poesia e os monumentos. *Ao Ocidente*, *a liberdade das mulheres*, (...), a galanteria, as fadas, as feiticeiras, os profundos êxtases da alma, as mansas emoções da melancolia e os grandes amores.”⁵⁴

O cristianismo, em princípio, poderia superar essa ambivalência, à medida que predica uma igualdade entre os seres humanos. Mas pela forma como se insere na sociedade francesa, acaba por fortalecê-la, pois uma coisa são os princípios religiosos, outra totalmente diferente é sua instituição — Igreja. Esta paulatinamente vai se confundindo com instituições feudais que reiteram os princípios do antigo Direito Romano: “*Os dois princípios da servidão e da soberania*

⁵¹ *Idem*, p. 327.

⁵² *Idem*, p. 327. Há indicações de que no decorrer da Revolução de 1789 apareceram vários escritos, com teor feminista, que predicavam a volta aos costumes primitivos dos gauleses, evocando nostalgicamente seus costumes diante das mulheres. Ver, sobretudo, Faille: 1968.

⁵³ *Fisiologia do casamento*, pp. 327/328.

⁵⁴ *Idem*, p. 328.

*das mulheres ficaram, pois, em presença, enriquecidos um e outro de armas novas.*⁵⁵

Balzac desenvolve o fundamento da ambigüidade da condição da mulher francesa: de um lado mitificada, respeitada pelos costumes, aceita sua liberdade; de outro, excluída muitas vezes das esferas de decisão. Examinando os diferentes momentos da história da França, “teatro de muitas convulsões” — o Feudalismo, as Cruzadas, a Reforma, a luta da realeza e da aristocracia, o despotismo e o sacerdócio —, Balzac afirma que tais circunstâncias “têm-na oprimido tão fortemente com suas garras, que a mulher ficou exposta a contradições exóticas”⁵⁶; relegada a segundo plano numa sociedade permanentemente ameaçada por crises políticas e sociais: não justifica esse fato, nem a omissão dos homens diante da duplicidade de papéis que se circunscrevem às mulheres:

*As contradições produzidas pela luta dos dois princípios irromperam então na ordem social, nesta desenhando milhares de extravagâncias. Sendo então a mulher pouco conhecida fisicamente, qualquer doença que ela tivesse imaginava-se um prodígio, uma feitiçaria ou o cúmulo da maleficência. Então estas criaturas, tratadas pelas leis como filhos pródigos e tuteladas, eram deificadas pelos costumes. Semelhantes aos libertos dos imperadores, dispunham das coroas, das batalhas, das fortunas, dos golpes de Estado, dos crimes, das virtudes, só por uma cintilação dos olhos, e não possuíam nada, nem sequer a si próprias. Foram igualmente felizes (...); acusadas de ignorância e privadas de educação; nem completamente mães, nem completamente esposas. Tendo todo o tempo para alimentar paixões e desenvolvê-las, obedeciam à galanteria dos francos, enquanto deviam, como as romanas, ficar no recinto dos castelos para educar os guerreiros. (...) Eram criaturas tão incompletas como as leis que as governavam. (...) Como podia existir nos costumes a unidade que faltava nas instituições políticas? A mulher foi pois o que as circunstâncias e os homens a fizeram.(...) Qualquer homem instruído pode matizar este quadro; nós pedimos aos acontecimentos as suas lições e não a sua poesia.*⁵⁷

⁵⁵ *Fisiologia do casamento*, p. 329 (grifos nossos).

⁵⁶ *Fisiologia do casamento*, p. 329.

⁵⁷ *Fisiologia do casamento*, p. 330 (grifos nossos).

Sem *matizar* o quadro e não sem ironia, Balzac diz dos principais feitos da Revolução de 79 quanto à condição social, política e jurídica da mulher:

A Revolução estava muito ocupada em demolir e edificar, tinha muitos adversários, (...) para poder examinar o lugar que a mulher deve ocupar na ordem social. *Os homens notáveis que elevaram o monumento imortal dos nossos códigos eram quase todos antigos legistas impressionados com a importância das leis romanas; e, além disso, não fundavam instituições políticas.* Filhos da Revolução, acreditaram, com ela, que a lei do divórcio, sabiamente restrita, e a faculdade das submissões respeitadas eram melhoramentos suficientes. Perante as recordações da antiga ordem de cousas, estas instituições novas pareceram imensas.⁵⁸

Balzac não é o único a ter como insuficientes as “conquistas” revolucionárias para as mulheres, como já o indicamos no decorrer desse trabalho. A originalidade de sua análise está em nos mostrar os vínculos que se estabeleceram entre uma legislação, sob muitos aspectos inovadora, como já o vimos, e o seu caráter de reiteração dos princípios de exclusão política feminina e subordinação social (expressa, particularmente, num aparato legal), que não têm nenhum caráter de novidade. Balzac não torna a-histórico seu enfoque. Se na sociedade moderna se reiteram princípios de subordinação social da mulher, se engendram, contudo, condições de sua superação. A questão da emancipação feminina emerge na nova sociedade como essencial para o próprio desenvolvimento social, exigindo uma “mudança radical” para encaminhá-la em bases inovadoras:

As mulheres e o matrimônio só serão respeitados em França pela *mudança radical que imploramos.* (...) Entretanto, (...) se a mulher é mais um ornamento de salão, um manequim de modas, um cabide, do que um ente cujas funções, na ordem política, se possam coordenar com a prosperidade de um país, (...); do que uma criatura cujos cuidados possam lutar utilmente com os dos homens, (...) confesso que toda esta teoria e longas considerações desapareceriam perante tão importantes destinos!...⁵⁹

⁵⁸ *Fisiologia do casamento*, p. 330.

⁵⁹ *Fisiologia do casamento*, p. 332.

Explicita dessa forma qual deve ser o papel da mulher na sociedade contemporânea — “um ente cujas funções, na ordem política, se possam coordenar com a prosperidade de um país, (...) uma criatura cujos cuidados possam lutar utilmente com os dos homens” — e advoga uma complementaridade de papéis entre homens e mulheres. Tendo dado o recado, se permite retomar o ar brincalhão e irônico:

Mas já temos espremido bastante o bagaço dos acontecimentos passados para tirar deles uma gota de filosofia, já sacrificamos bastante à paixão dominante da época atual pelo *histórico*: voltamos os olhos para os costumes presentes. Retomemos o barrete de guizos e o bastão de que Rabelais fez outrora um cetro, e prossigamos o curso desta análise, sem dar a um gracejo mais gravidade do que ele pode ter, sem empregar nas coisas graves mais gracejos que ela comporta.⁶⁰

Se ele se permite falar de coisas sérias brincando e “não dando a um gracejo mais gravidade do que ele pode ter”, por que não falarmos do seu conhecido argumento, de que “emancipar as mulheres é corrompê-las.”⁶¹ Concordamos com a interpretação que usualmente se dá quanto a ser essa afirmação uma brincadeira. E realmente o é, mas, isoladamente, quem garante não ser uma provocação? Se é uma provocação a quem se quer provocar? E uma provocação não tem o efeito de questionar uma interpretação simplista? Balzac não simplifica ao vincular a questão da emancipação a todo movimento civilizatório em curso. Quer-se desenvolver as relações sociais? Impossível fazê-lo sem “emancipar as mulheres”. Emancipá-las é ter que dar conta de todas as transformações que isso acarreta nos costumes, nos valores, na legislação, em síntese, em todos os aspectos da vida cultural. Nesse sentido, não prescreve nem normatiza quanto ao conteúdo específico dessa emancipação, mas diz de se incorporar todas as manifestações e necessidades que vêm sendo expressas particularmente pelas mulheres, compatibilizando-as com o nível

⁶⁰ *Idem*, p. 333.

⁶¹ *A mulher de trinta anos*, p. 610.

do desenvolvimento sociocultural já alcançado. Não se trata de abrir mão desse nível, mas permanentemente estimular o avanço de outras conquistas. É isso que o leva a dizer que, sem a emancipação das mulheres, paradoxalmente, o grau de civilização manter-se-ia nos limites da barbárie: “A reclusão outrora imposta à mulher na Grécia, no Oriente (...) é a única salvaguarda da moral doméstica; mas, sob o império desse sistema, desaparecem os encantos da sociedade; nem o convívio, nem a polidez, nem a elegância dos costumes são mais possíveis. As nações deverão escolher”.⁶²

⁶² *Idem*, p. 615.

Reflexões finais

On veut moins étudier et connaître le passé que flatter le present.
Nous ne demandons pas au temps de nous instruire; c'est nous
qui prétendons lui donner des leçons; nous jugeons rarements
les générations d'autrefois avec leurs idées, et volontiers
nous leur reprocherions de ne pas partager les nôtres.¹

Sem nenhuma pretensão de exaurir o assunto, tomamos essas palavras para iniciarmos estas reflexões que têm o caráter de expressar inquietações, retomar e acentuar algumas idéias suscitadas ao longo de nossa argumentação. Dizem da forma como propusemos esse trabalho ao nos alertar sobre a tendência de que quando nos defrontamos com o passado, com muita naturalidade, incorporamos um ar professoral e nos colocamos como perspectiva “dar lições”. Não é essa outra, senão a mesma idéia, entender ser o presente superior ao passado, eludindo ser este um complexo que se constitui em sua riqueza e problemática, em si mesmo, nem superior, nem inferior ao presente, apenas diferente. Pedimos ao tempo que nos instruisse. Refletir sobre a dimensão de historicidade da feminilidade foi nossa perspectiva, o que não comporta, assim o entendemos, uma postura anacrônica.

A literatura é uma forma particularmente profícua e prazerosa para se debater essas questões. Sobretudo, porque sugerindo e deixando entrever um cenário social. Sobretudo, porque uma de suas especificidades é apresentar a emergência do novo. O novo que muitas

¹ “(...) Se quer menos estudar o passado do que lisonjear o presente. Não pedimos ao tempo que nos instrua; somos nós que pretendemos dar-lhe lições; raramente julgamos as gerações de outrora com suas idéias e com muita facilidade as reprovamos por não partilhar as nossas.” De Broc, 1895.

vezes são novos personagens a expressar as sutis relações que agrihoam os indivíduos a um contexto e a um discurso histórico-cultural; personagens que se insinua quase sem mediações, quase sem véus, em flexíveis movimentos de sua vida interior e exterior — essa uma mesma vida! Assim, pode representar os matizes, os conflitos, as alegrias, as ilusões perdidas, os sonhos, as paixões da vida íntima e social, e, sob essa perspectiva, oferece um campo significativo à investigação.

Balzac não é o único autor que permite essa abordagem, com certeza não é o mais fácil, nem o mais simples e, por isso mesmo, nos é importante. Balzac nos estimula pela riqueza como apresenta seu mundo social, pela riqueza com que nesse mundo apresenta o mundo feminino, pela riqueza como constrói personagens e discute a feminilidade; mas, sobretudo, pelo modo como o faz, o que decorre de sua particular visão de relações histórico-sociais.

Ao falar d'*A comédia humana*, Balzac evoca a imagem de um quadro, um quadro que busca evocar, por sua vez, uma realidade. Gostamos desse recurso. Tal como um quadro, segundo pressupostos da pintura clássica, *A comédia humana* tem suas linhas definidoras, seus traços mais expressivos, seus claros-escuros, seus personagens de primeiro e segundo planos, suas cores dominantes, seus matizes, suas nuances, seu *décor*, etc. A imagem de quadro é particularmente fértil, pois Balzac se propõe e alcança pintar uma *sociedade em movimento*.

A idéia de movimento não se coaduna, a uma primeira vista, com as dos gestos congelados de uma pintura, com os estreitos limites de uma moldura. Contudo, tal como uma boa pintura, o movimento extravasa e chega até nós; suas imagens nos comunicam seus gestos, nos passam suas inquietações, nos remetem às nossas próprias questões. Balzac produz sua obra de forma a transcender sua época, e nesse sentido a quer clássica; quer clássicas suas personagens, tais como outras personagens da literatura que subsistem através dos séculos: “Quase todas essas personagens cuja existência se torna mais longa, mais autêntica do que as das gerações em meio às quais as fizeram nascer, *não vivem, senão com a condição de serem uma grande imagem do presente*. Concebidas nas entranhas de seu século, todo o coração humano se agita sob seu invólucro (...)”² Subsís-

² Prefácio.

tem, sobretudo, por sua historicidade. Sem esse pano de fundo no qual se movem — “as entranhas dos séculos” — essas perdem vida, não lhe compreendemos os gestos; gestos no vácuo, gestos abstratos, facilmente passíveis de serem interpretados como eternos, eternidade essa que se identifica, muitas vezes, como universalidade. Contudo, são personagens universais. O são enquanto expressão de momentos de luta de homens e mulheres na busca de configurar e preservar sua existência social, e nesse sentido, e só nesse, precisam o seu conteúdo de universalidade e contemporaneidade.

A questão torna-se tanto mais instigante, quando temos presente que o grande personagem d’ *A comédia humana* é a sociedade francesa da primeira metade do Século XIX. Balzac se propõe falar de uma sociedade que se define por um intenso movimento, uma sociedade que busca romper decisivamente com as amarras do passado, configurando novas relações sociais. Para apreendê-la e a essas relações, caminha em vários sentidos, se volta a outras sociedades e a outros momentos históricos. A partir desses percursos concebe as sociedades como o resultado das múltiplas e intrincadas relações que entre si estabelecem homens e mulheres para configurar sua existência no mundo. Retomamos argumentos apresentados no Prefácio À *comédia humana*, quando Balzac define seus próprios pressupostos para dar conta de relações uma realidade em ação: “Assim, pois, a obra a empreender devia ter uma tríplice forma: os homens, as mulheres e as coisas, isto é, as pessoas e a representação material que elas dão de seu pensamento, em resumo, o homem e a vida”. Esse engendrar de relações conforma-se diferentemente no espaço e no tempo; conforma situações e circunstâncias que são questionadas e modificadas. Sempre o são — em épocas de transformação social, sob o “império da ação”³ esse um processo acelerado, mesmo traumático; em outras, os questionamentos são cotidianos, as mudanças quase imperceptíveis, consubstanciam “pequenas revoluções parciais”.⁴ Balzac permanentemente trabalha com situações de rupturas, está sempre jogando com situações relacionais para entender esse processo de transformação. Dizer que as sociedades são o resultado das múltiplas e intrincadas relações que entre si estabele-

³ *Beatriz* (Cap. V).

⁴ *Os funcionários* (Cap. IV e V).

cem homens e mulheres pode não ser considerado, em si mesmo, uma novidade. Mas fazer desse pressuposto o objeto de sua construção teórico-literária e ser conseqüente com esse pressuposto nos remete ao debate contemporâneo que questiona a tendência quanto à des-historicização dos estudos sobre a sociabilidade humana e a sua apresentação sob uma pretensa universalidade que exclui as dimensões e as vivências diferenciadas de feminilidade e de masculinidade. Discute-se que a vivência social humana, apesar de se constituir um processo do qual participam homens e mulheres, aparece como uma história abstrata, na qual não emergem a não ser alguns nomes, esses sim considerados históricos. Diz-se que essa conceptualização é, em si mesma, expressão da hierarquização das relações entre os sexos, pois que, essa “história dos homens”, encobre uma falácia: ser ela mesma uma “história masculina”, da qual as mulheres são excluídas. Problematiza-se, também, que a busca de entender essa hierarquização tem privilegiado interpretações que se baseiam nas diferenças biológicas entre homens e mulheres. Estão em jogo não uma, mas várias concepções de relações histórico-sociais. A reflexão de Balzac, sob outros pressupostos e outras perspectivas, nos apresenta pistas interessantes, sem que se ponha bizantinamente a discutir o sexo da história.

Balzac se propõe entender a vida de homens e mulheres em sociedade. Não simplifica e se interroga sobre a natureza dessas relações. Temos que dizer que as formas como discute trazem a marca de seu tempo. Nós, com inquietações novas, recuperamos essa dimensão de sua obra com outra linguagem, mas procurando entender os termos em que ele próprio a coloca. Balzac apresenta homens e mulheres buscando redefinir suas relações e dar uma nova natureza à sua existência social. Tais momentos são particularmente ricos, pois nesse processo os indivíduos a si mesmos se modificam, se produzem de forma diferente do que o eram, e, ao se modificarem, ao modificarem a forma de suas relações, se estranham a si mesmos se perguntam o que são, qual é a sua verdadeira natureza, pergunta que se transmuda num sentido ontológico, se o quisermos, na questão sobre o que é a natureza humana. Não é fruto do acaso a evocação dessas questões nos escritos desse período, nem a multiplicidade de respostas. Não é fruto do acaso que Balzac diga do seu sacrifício

“à paixão dominante da época atual pelo histórico”⁵. Remeter a questão ao histórico é circunscrevê-la como algo mutável, imerso em temporalidade.

Essas discussões são desdobramentos de idéias que perpassaram o ideário iluminista. Delineamos, agora, apenas alguns pontos desse nada simples debate, buscando apreender suas linhas mais acentuadas. Podemos dizer que o ideário do século XVIII, que dará conteúdo às palavras de ordem de Igualdade, Fraternidade e Liberdade, se formula e se conforma, sobretudo, discutindo as relações — natureza x natureza humana x natureza social; conflui no sentido de identificar a natureza humana com a natureza e, esta, contraposta à natureza social.

Em outros termos, dá conteúdo e apresenta como opositiva a relação natureza e cultura. É assim, por exemplo, que Rousseau evocará uma ordem natural na qual os seres humanos teriam sido ou poderiam ser iguais. Remeter ao conceito universal de igualdade é questionar todas as circunstâncias onde a desigualdade concretamente se manifestava — a desigualdade dos indivíduos entre si, a desigualdade entre homens e mulheres, a desigualdade entre as classes, etc... Partir do pressuposto de que indivíduos são por sua intrínseca natureza iguais é negar que a diferença, a desigualdade, seja natural. Nesse contexto, a evocação de uma “ordem natural” é ela própria uma abstração, necessária como forma de luta, das relações sociais então vigentes. Porquanto não se poderia identificá-la com o Antigo Regime uma sociedade que, segundo uma expressão da época, não permitia a realização da natureza humana, antes a negava. Sob o influxo desse ideário, ele mesmo uma formulação histórica, se mobilizou toda uma sociedade em busca de modificar o conteúdo de suas relações, processo que culmina, mas não se estanca com a Revolução de 1789.

Essas questões se recortam e se modificam nos debates posteriores. Michelet (1989), um único exemplo, o famoso historiador e um autor muito revisitado nesse debate, concebe a história a partir das relações opositivas entre os gêneros, tornando a mulher a expressão da natureza, de um mundo instintivo, e o homem expressão

⁵ *Fisiologia do casamento*.

da natureza social, de um mundo cultural. Em função desses pressupostos, desenvolve sua concepção do processo civilizatório e histórico, entendendo-o como o domínio do homem sobre a natureza, enfim, domínio do homem sobre a mulher.

Balzac, ao reinterpretar a ruptura revolucionária e repensar o próprio ideário subjacente a essa ruptura, parte de homens e mulheres reais, homens e mulheres em sociedade: “A sociedade não se inquieta do que tenham sido os homens no estado da natureza, mas a que eles lhe podem servir”.⁶ Sua questão não é demonstrar que homens e mulheres foram ou poderiam ter sido uma ou outra coisa, mas partir de como estão se conformando e não só isso, mas também transformando, as relações na sua sociedade. Numa oposição direta à concepção rousseauniana de que os indivíduos nascem bons e que a sociedade os deforma, Balzac acentuará o caráter civilizatório da vida em comum: “O homem não nasce bom nem mau. A sociedade antes de depravá-lo o aperfeiçoa. (...) Eu não acredito num progresso indefinido da sociedade. Eu acredito no potencial do indivíduo.” (*idem*) Questionar uma idéia moral de progresso social é dizer que as sociedades não são em si mesmas nem boas nem más, nem superiores, nem inferiores umas às outras. São, sim, formas históricas de relacionamento humano e, nesse sentido, passíveis de redefinição. Insistir na potencialidade dos indivíduos e não na idéia abstrata de progresso futuro da sociedade é indicar a necessidade de transformação de todas as formas de relações que obstaculizam o desenvolvimento no presente. O que está em primeiro plano são os próprios sujeitos dessa transformação, sujeitos que estão se produzindo de forma que ora negam, ora reafirmam a igualdade; ora negam, ora reafirmam a desigualdade. Essa duplicidade de movimentos se explicita nas mais variadas manifestações de sociabilidade — nas relações entre homens e mulheres, nas relações entre as classes, nas relações dos homens entre si, nas relações das mulheres entre si. Balzac persegue essa questão e não é casual a extensiva análise e apresentação de diferentes mecanismos pelos quais se pode produzir tanto uma igualização quanto uma diferenciação.

⁶ *Oeuvres Complètes*. Vol. XXVII, p. 715.

De Balzac poder-se-ia dizer que nada do que é humano lhe é estranho e nada do que é humano é eterno. É nesse sentido que a discussão relacionando feminilidade e cultura ganha outros relevos. Tantas são as formas que lançará mão para discutir tal questão — abordando múltiplas manifestações da sociabilidade e vivências humanas: arte, moda, educação, sexualidade, política, economia, etc... — que muitas vezes se tem a impressão de que Balzac a si mesmo se interroga e busca responder, sobre o que seria social, cultural, histórico e contingente, e o que seria “natural” na constituição da feminilidade: “Uma das glórias da sociedade é de ter criado *a mulher* onde a natureza criou uma fêmea, é a de ter criado a perpetuidade do desejo onde a natureza não pensou senão na perpetuidade da espécie.”⁷

Sob essa mesma perspectiva, Balzac insistirá sobre o caráter hierarquizado das relações humanas e insistirá que esse não é processo natural. Somente dadas relações entre os indivíduos explica a igualdade e a desigualdade. Balzac não abstrai as relações vigentes, entendendo que são relações históricas. E se muitas vezes se refere a manifestações subjetivas — tais como o desejo, as paixões, os interesses, os sonhos, as fantasias, os instintos, etc. — como pertencentes à “ordem natural”, à “natureza”, o faz num sentido baconiano, de uma natureza transformada, humanizada.: “Aqui a natureza, verã, a natureza social, que é uma natureza na natureza (...)”.⁸

Para Balzac, os indivíduos só o são em sociedade e só em sociedade se apreende qual sua verdadeira natureza — social, histórica. *O eu é um eu social*.⁹ A natureza humana é tal como é produzida. Os seres humanos são iguais se se produzem enquanto tais; são diferentes, pela mesma razão, o que implica dizer, que o que se produz como diferença, pode se produzir, também, como igualdade.

Sob esse aspecto, suas formulações são particularmente interessantes na discussão feminista contemporânea. O feminismo, como expressão de rupturas, se definiu como busca de igualdade entre homens e mulheres. Vem se redefinindo, reafirmando a necessidade da igualdade nos direitos, reivindicando, contudo, espaço às dife-

⁷ *Segredos da Princesa de Cadignan*.

⁸ *Modesta Mignon*.

⁹ Ver, sobretudo, Cap. I, II e IV.

renças. Ao se referir à condição das mulheres, Balzac extensivamente discute como está se instituindo um aparato, sobretudo político e jurídico, que reitera uma subordinação social que não advém das diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas uma subordinação construída. Indicar o fenômeno da construção é dar a pista também da desconstrução, fenômeno também analisado e apresentado sob a forma de inúmeros e variados gestos, em que as mulheres delineiam movimentos diferenciados de busca de afirmação de modelos de feminilidade e de realização social: familiar, política, profissional, amorosa, etc. As mulheres vêm demonstrando que podem se produzir, não só com as mesmas potencialidades que os homens, e, nesse sentido, como iguais, mas, também como superiores, também como diferentes. Tais gestos dizem que as relações das mulheres com os homens não são só de subordinação, mas de afirmação, de rebeldia, de consentimento, de sofrimento, de dissimulação, de amor, de sedução, etc. Tais gestos dizem não existir uma mulher, em particular, que expresse todo conteúdo da feminilidade; esta, continuamente, mantém referência ao contexto no qual ela mesma é construída. Tais gestos dizem que a nova ordem social vem se configurando, reduzindo as potencialidades de realização; as potencialidades do ser feminino, nesse sentido, não vêm respondendo às necessidades que ela própria suscita. Tais potencialidades não prévias nem exteriores à existência social. Só em sociedade se manifestaram, se desenvolveram e em decorrência da transformação das relações anteriores.

Podemos dizer que dessa forma a feminilidade não só se imbrica com toda a tessitura social como é apresentada como a sua própria imagem. Ao contrapor como “inimigos” — ordem natural e sociedade — e apresentar as mulheres como “o terreno em que se digladiam”,¹⁰ Balzac faz delas, mulheres em carne e osso, a expressão de uma sociedade em luta consigo mesmo. Uma sociedade que acena com inúmeras possibilidades e reluta em desenvolvê-las. A imagem feminina da sociedade tal como a de uma mulher caprichosa que evoca mil sonhos, fantasias, e não os atende — “Foedora é a sociedade”¹¹ — não é isenta de pressupostos e é sempre uma imagem

¹⁰ *Memória de duas jovens esposas* (Cap.II).

sempre muito sedutora: “A mulher leva a desordem à sociedade pela paixão”.¹²

Poderíamos dizer que as relações na sociedade moderna vêm se conformando, negando as potencialidades que afirma, e o que vem sendo particularmente negado são os próprios seres humanos. Assim, Balzac coloca em xeque uma idéia ética de progresso e reafirma que formas históricas de relacionamento humano não são, em si mesmas, nem boas nem más, nem superiores, nem inferiores umas às outras. São *diferentes*. Insistir na diferença é dizer que questões humanas se redefinem historicamente. Não são eternas. São eternas enquanto duram. E duram enquanto não sejam recriadas. Não o fazê-lo é comprazer-se com as “pequenas misérias”, é condenar-se, uma condenação com muitas ressonâncias: “Matar as paixões, seria matar a sociedade.”¹³ É nesses termos que Balzac coloca em pauta a emancipação feminina. Não nos prescreve fórmulas, nem dá receitas. São as mulheres, respondendo às questões de sua época que formulam seus conteúdos, os quais, já no século XIX, estão postos nesses termos: “Somos daquelas que querem tudo.”¹⁴

Dissemos no início desse trabalho que nos interessava analisar como uma época formula e responde às suas próprias inquietações. Balzac enfrenta esse desafio, formula e responde, formula muito e responde muito, não é monotônico. Seja a formulação das inquietações, sejam as respostas que são dadas, são expressões de um momento de luta. Implicam ênfases diferenciadas. Que as suas respostas particulares a questões particulares não sejam as mesmas que, provavelmente, daríamos hoje, é ignorar que as relações sociais tenham se transformado desde então. Não nos assusta admitir, por exemplo, que Balzac faça do “orgulho, amor-próprio e vaidade” os sentimentos do *eu*, nem nos cabe julgar se essa sua formulação é verdadeira, correta; nos recusamos, nesse contexto, a “dar lições”. Assusta, sim, admitir como eternas formas históricas de expressão de subjetividade. Que Balzac tenha dimensionado como questão

¹¹ *A pele de Onagro*.

¹² *Ilusões perdidas* (Cap. II).

¹³ *A Casa Nucingem* (Cap. II).

¹⁴ *Memória de duas jovens esposas* (Cap. II).

central a condição da mulher do seu tempo, que a tenha entrelaçado à vida de toda sociedade, dá a marca da sua sensibilidade em apreender que a própria sociedade tinha posto como condição para o seu desenvolvimento, a sua emancipação.

Gostamos dessa imagem e achamos que tem muito a ver com tudo o que discutimos: “ (...) quand le premier pas est fait, on a le pied levé pour en faire un second, et puis on va son chemin...”¹⁵ Balzac, se é que o entendemos, diria espalhafatosamente: — Vá em frente!

“É isso um desenlace? Sim, para as pessoas de espírito; não para os que querem saber tudo.”¹⁶

¹⁵ “(...) quando se dá o primeiro passo, se tem o pé levantado para fazer um segundo, e, depois, segue-se seu caminho...” Marivaux, *Le Paysan Parvenu*, p. 19.

¹⁶ *Segredos da Princesa de Cadignan*.

Bibliografia

Obras de Honoré de Balzac

- BALZAC, Honoré de. *La Comédie Humaine. Texte établi et préfacé par Marcel Bouteron*. 11 Vol. Paris, Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, 1940/1959.
- . *La Comédie Humaine. Édition publiée sous la direction de Pierre-Georges Castex*. 13 Vol. Paris, Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, 1976/1990.
- . *A comédia humana*. Prefácios, notas e orientação de Paulo Rónai. 17 Vol. Trad. de Vidal de Oliveira (*et alii*) Porto Alegre, Biblioteca dos Séculos, Ed. Globo, 1946/1959.
- . *A comédia humana*. Orientação, introduções e notas. 17 Vol. (previstos). Trad. de Vidal de Oliveira (*et alii*). São Paulo, Ed. Globo, 1989.
- . *Oeuvres Complètes. Édition nouvelle établie par La Société des Études Balzaciennes, sous la direction de Maurice Bardèche*. 28 Vol. Paris. Club de l'Honnête Homme, 1956/1963.
- . *L'Oeuvre de Balzac. Publiée dans un ordre nouveau sous la direction d'Albert Béguin et de Jean A. Ducorneau, présentée par des écrivains d'aujourd'hui; notes et clairissements de Henry Evans*. Paris, Le Club Français de Livre, 1962.
- . *Contes Drolatiques. Précédés de la Comédie Humaine (oeuvres ébauchés, II - Préfaces). Établissement du texte, notices et notes par Roger Pierrot. Index de la Comédie Humaine par Fernand Lotte*. Paris, Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, 1959.

- . *Oeuvres complètes de M. de Balzac. Fantaisies et œuvres historiques*. Tome XXVI. *Les Bibliophiles de L'Originale*. Paris, 1976.
- . *Correspondance. Textes réunis, classés et annotés par Roger Pierrot*. 5 Vol. Paris, Edition Garnier Frères, 1960/1969.
- . *Lettres à Madame Hanska. Textes réunis, classés e annotés par Roger Pierrot*. 4 vol. Paris, Les Éditions de Delta, 1967/1971.
- . *Lettres à L'Étrangère. Tome I (1833-1842). Tome II (1842-1844)*. Paris, Calman Levy, 1906.
- . *Correspondance avec Zulma Carraud. Édition revue et augmentée. Notes et commentaire par Marcel Bouteron*. Paris, Gallimard, 8 ed., 1951.
- . *Curiosités Littéraires et pages inconnues: Traité de la vie élégante; Physiologie du rentier de Paris; Physiologie de l'employé; Les boulevards de Paris. Préface et Notes par L. Lumet*. Paris, Bibliopolis, s.d.
- . *Morceau choisies. Avec une notice biographique et littéraire par MERLANT, J.* Paris, H. Didier, 3 ème. ed., 1927.
- . *Critique littéraire. Introduction le Louis Lumet*. Paris, Albert Messein Éditeur, 1912.
- . *Les femmes de H. de Balzac. Types, caractères et Portraits. Precedés d'une Notice Biographique par le Bibliophile Jacob et illustrés de Quatorze Magnifiques Portraits gravés sur acier d'après les dessins de G. Staal*. Paris. Mme. Ve. Louis Janet, Libraire Editeur. Sd.

Outras obras

- ALLEMAND, André. *Unité et Struture de l'Univers Balzacien*. Paris, Plon, 1965.
- AMOSSY, Ruth e HARQUE, Dina. “Éternel féminin et condition de la femme dans *Les Chouans de Balzac*.” Presses de l'Université d'Angers, 1986. pp. 331-342.
- ANDRÉOLI, Max. “Un roman épistolaire: *Les Memoires de deux jeunes mariées*”. AB: 1987. pp. 255-295.

- ANOUILH, Albert. “Balzac, la mode, la presse et les femmes.” *Annales*. Tome VII, fasc. 2. Toulouse Université de Toulouse. Le Mirail, 1971. pp. 15/20.
- ARNAUD-DUC, Nicole. “Les Contradictions du Droit”. *Histoire des Femmes en Occident. Le XIXe. Siècle. Sous la Direction de George DUBY et Michelle PERROT*. Tome IV. Paris, Plon, 1991.
- ARRAULT, A. *Mme. de Berny, éducatrice de Balzac*. Tours, Arrault e Cie. 1945.
- ARRIGON, L. J. *Les années romantiques de Balzac*. Paris, Librairie Academique Perrin et Cie., 1927.
- ARRU, Angiolina et alii. “Quattro domande sulla storia politica”. *Memoria. Rivista di storia delle donne*. Torino, 1991 (3): pp. 5/39.
- AUBER, Françoise. Les femmes doivent-elles apprendre à lire? Une polémique, em 1801, autour du ‘Projet d’une loi portant défense d’apprendre à lire au femmes’ de Sylvain Marechal. Em: Rosso, C. et alii. *Studi sull’uguaglianza. Contributi alla storia e alla tipologia critica di un’ideia nell’area francese*. Pisa, Editrice Libreria Goliardica, 1973.
- BALDENSPERGER, Fernand. *Orientations Étrangères chez Honoré de Balzac*. Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, 1927.
- . “Balzac escritor universal”. Trad. Berenice Xavier. *A comédia humana*, Vol. IV, p. VI.
- BANVILLE, Théodore de. “Honoré de Balzac”. Trad. Berenice Xavier. *A comédia humana*. Vol. II, p. XV.
- BARBERIS, Pierre. *Balzac et le Mal du siècle. Contribution à une physiologie du monde moderne*. 2 Vol. Paris, Gallimard, 1970.
- . *Mythes Balzaciens*. Paris, A. Colin, 1971.
- . *Le Monde de Balzac*. Paris, Arthaud, 1973.
- BAROJA, Pio. “Elogio e Sátira de Balzac”. Trad. Maurício Rosemblat. *A comédia humana*, Vol. XVI, p. XXIII. 1946/1959.
- BARTHES, R., LEFEBVRE, H. e GOLDMANN, L. *Literatura e sociedade. Problemas de metodologia en Sociologia de la literatura*. Barcelona, Ediciones Martines Roca, S.A., 2 ed., 1971.
- BASSET, Nathalie. “Les phisiologies au XIXe: siècle et la mode. De la poésie comique à la critique.” AB:1984. pp. 158/172.

- . “La *Physiologie du mariage* est-elle une physiologie?.”
AB:1986, pp. 101/114.
- BATTAGLIOLA, Françoise *et alii*. *À propos des rapports Sociaux de Sexe. Parcours Epistémologiques*. Paris, CSU, 1990.
- BEGUIN, Albert. *Balzac visionnaire*. Genève, Skira, 1946.
- BELLESSERT, André. *Balzac et son oeuvre*. Paris, Librairie Académique Perrin, 10^{ème} ed. 1936.
- BÉJAR, H. *El ambito intimo, privacidad, individualismo y modernidad*. Barcelona. Alianza Universidad, 1988.
- BENHABIH, Seyla e CORNELL, Drucilla. Coord. *Feminismo como crítica da modernidade*. Trad. de Nathanael da Costa Caixeiro. Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos Tempos, 1990.
- BENJAMIN, W. *Sociologia*. Org. Flávio R. Kothe. São Paulo, Ática, 1985.
- . *Paris, Capitale du XIX Siècle. Les Livres des Passages. Traduit de l'allemand par Jean Lacoste d'après l'édition originale établie par Rolf Tiedemann*. Les Éditions du CERF, Paris, 1989.
- BERTAUT, Jules *et alii*. *Balzac*. Paris, Lib. Hachette, 1959.
- BERTAUT, Philippe. *Balzac: l'homme et l'oeuvre*. Paris, Hatier Boivin, 1946.
- BILLY, André. *La vie de Balzac*. Paris, Flammarion, 1944.
- BLAY, Eva A. *et alii*. *Relações sociais de gênero e relações de sexo*. Departamento de Sociologia. Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero. USP, SP, 1989.
- BOCK, Gisela. *History, Women's History, Gender History*. European University Institute, Florence, Italy, 1987.
- BOCK, G. e JAMES, S. *Beyond Equality and Difference. Citizenship, Feminist Politics and Female Subjectivity*. University of Cambridge, 1992.
- BOLSTER, Richard. *Sthendal, Balzac et le feminisme romantique*. Paris, Minard, 1970.
- BONHEUR, Charles. “Balzac et les femmes”. *Extrait de la Revue Moderne Politique et Littéraire*, (10) janeiro, 1988, pp. 9-17.
- BOREL, J. *Proust et Balzac*. Paris, Librairie Jose Corti, 1975.
- BORY, Jean Louis. “Balzac dévoille le dessous des cartes”. Em: BERTAUT, J. *et alli*. *Balzac*. Paris, Lib. Hachette, 1959, pp. 95/135.

- BOURDIEU, Pierre. "Le champ Littéraire". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, Setembro. 1991 (89), pp. 3/47.
- BOURGOIS, Nicolas. *Balzac Historien Français et Écrivain Régionaliste*. Librairie Bloud et Gay. Paris, 1925.
- BOURGET, Paul. "Balzac e o *primo Pons*". Trad. Berenice Xavier. *A comédia humana*, Vol. X, 1946/1955.
- BOÛTERON, M. *Lettres de femmes adressées à Balzac (1832-1836)*. Ed. Cité des livres, 1924.
- . *Lettres de femmes adressés à Balzac (1837-1840)*. Ed Lapine, 1927.
- . *Études Balzaciennes*. Jouves, Paris, 1954.
- . "Balzac et la Comédie Humaine". *La Comédie Humaine*. Paris, Bibliothèque de la Pleiade, Gallimard, Vol. I, 1940.
- . "Balzac e os 'irmãos da consolação'". Trad. Bernardo Gersen. *A comédia humana*. Vol. XI, p. 494. 1946/1955.
- BRAGA, Teófilo. "Balzac e o naturalismo no romance". *A comédia humana*, Vol. VI, p. XIII, 1946/1955.
- BRANDES, G. "Balzac". Trad. Berenice Xavier. *A comédia humana*. Vol. IX, p. XI, 1946/1955.
- BRAVO, Gian Mario. "Introduzioni". Em SAINT-SIMON. *Nuovo cristianesimo*. Editori Riuniti, 1974.
- BRISACH, Anne Céline. *L'image d'auteur: D'épuiement et analyse d'un dossier (en partie inédit) de lettres de lectrices à Honoré de Balzac* (Chantilly, Bibliothèque Lovenjoul, A 318). Sous la direction de Nicole Mozet. Juin 1977. (mimeo)
- BRISVILLE, J. "Balzac le mal-aimé". Em: BERTAUT, J. *Balzac*. Paris, Lib. Hachette, 1959, pp. 43/64.
- BRUNETIÈRE, Ferdinand. *Honoré de Balzac (1799-1850)*. Paris, Calmann Levy, 1906.
- BUTLER, Ronnie. "La noblesse d'Empire dans La Comédie Humaine". AB:1983.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo, Ed. Nacional, 7 ed., 1985.
- CAPPELLIN GIULIANI, Paola. "Silenciosas e combativas: as contribuições das mulheres na estrutura sindical no Nordeste 1976/1986". Em COSTA, Albertina de Oliveira, BRUSCHINI, Cristina. *Rebeldia e Submissão: Estudos sobre condição feminina*. Orgs. São Paulo, Vértice Editora/ Fundação Carlos Chagas, 1989.

- CARROL, Berenice. *Liberating Womens's History. Theoretical and Critical Essays*. U.S.A., University of Illinois Press, 1976.
- CARVALHO, Ronald de. "A Humanidade vista por Balzac". *A comédia humana*, Vol. XIII, p. XXV, 1946/1955.
- CASTEX, Pierre Georges. "Preface". Em BALZAC, H. de. *La Comédie Humaine*. Presentation et notes de Pierre Citron. Éditions du Seuil, 1965.
- CERFBEN, Anatole e CHRISTOPHE, Jules. *Repertoire de la Comédie Humaine, avec un Introduction de Paul Bourget*. Calmann-Levy. Paris, s.d.
- CESARI, Paul. *Études critique des passions dans l'oeuvre de Balzac*. Paris, *Les Éditions des Presses Modernes*, s.d.
- CHEVALIER, LOUIS. *Classes labourieuses et classes dangereuses*. Paris, Hachette, 1984.
- CITRON, Pierre. *Dans Balzac*. Paris, Seuil, 1986.
- CLIBERT. *Femmes d'artistes*. Presses de la Renaissance. Paris, 1989.
- CODE CIVIL. Paris. *Jurisprudence Général Dalloz*, 1981.
- COMBA, Letizia. "Il sesso delle antenate". *Inchiesta*. Outubro-Dezembro 1988, pp. 7/20.
- CRAMPE-CASNABET, Michèle. "Saisie dans les oeuvres philosophiques (XVIII Siècle)". *Histoire des Femmes en Occident. XVI -XVIII Siècles. Sous la Direction de George DUBY e Michelle PERROT*. Tomo III. Paris, Plon, 1991.
- CROCE, B. "Balzac". Trad. Paulo Rónai. *A comédia humana*. Vol. XIV, p. XI.
- CURTIUS, Ernst R. *Balzac. Traduit de l'allemand par Henry Jourdan*. Paris, Grasset, 1935.
- . "A influência de Balzac". Trad. Nora Q. M. da Cunha. *A comédia humana*. Vol. XV, p. XIII.
- DAUDET, Mme. Alphonse. "Les femmes dans l'oeuvre de Balzac". *Journal de l'Universié des Annales*. Tomo 4, nº 23. 1914.
- DE BROC, Le Vicomte. *La Vie en France sous le Premier Empire*. Paris. Libraire Plon, 1895.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300 - 1800: uma cidade sitiada*. Trad. de Maria Lúcia Machado; Trad. das notas de Heloísa Jahn. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- DÉMAR, Claire. *L'affranchissement des femmes (1832-1833)*. Paris, Payot, 1976.

- DI STEFANO PALERMO, ROSA MARIA. *Mondo economico nella narrativa de Balzac*. Sortino, 1980.
- DIAZ, F e GUERCI, L. "Preliminari". Em GALIANI, F. *Croquis d'un Dialogue sur les Femmes*. Milano R. Ricciardi Editore, 1980.
- DIDEROT. "Sur les femmes". *Oeuvres. Texte établi et annoté par André Billy*. Bibliothèque de la Pléiade. Gallimard, Paris, 1946.
- . *Oeuvres romanesques. Texte établi, avec présentation et notes par Henri Bénac*. Édition Garnier Frères. Paris, 1962.
- DONNARD, Jean-Hervé. *Les réalités économiques et sociales dans la Comédie Humaine*. Paris, Colin, 1961.
- DUBY, G. e MANDROU, R. *Historia de la Civilizacion Francesa*. México. Fondo de Cultura Economica, 1966.
- DUBY, G. e PERROT, M. Orgs. *Histoire des Femmes en Occident*. 4 Tomos. Paris, Plon, 1991.
- ELIAS, N. (1939/1992). *O processo civilizador. Uma história dos costumes*. 2 Vol. Apresentação e Notas de Renato Janine Ribeiro. Rio, Zahar, 1992.
- DUHET, Paule-Marie. *Les femmes et la Révolution (1789-1794)*. Paris, Collection Archives, 1977.
- DULONG, Claude. "De la conversation à la création". *Histoire des Femmes en Occident. XVI -XVIII Siècles*. Sous la Direction de George Duby et Michelle Perrot. Tomo III. Paris, Plon, 1991.
- DUPUIS, Danielle. "La poésie de la toilette féminine chez Balzac et quelques-unes de ses implications". AB:1984. pp. 173/195.
- . "Variations sur le thème des bijoux dans La Comédie Humaine". AB:1984. pp. 157/221.
- . "Toilette féminine et réalisme balzacien." AB:1986. pp. 115/138.
- . "Ruptures et continuité des Révolutions et de la Mode." AB:1990. pp. 307/316.
- FAGUET, Émile. *Balzac*. Paris, Lib. Hachette, 3^a ed., 1913.
- . *Dix-neuvième siècle. Études Littéraires*. Paris, Boivin et Cie éditeurs, sd.
- . "Balzac". *A comédia humana*, vol. VII, p. XIII, 1946/1955.
- FAILLE, Marie Henriette. *La femme et le Code Civil dans la Comédie Humaine*. Lyon, Didier, 1968.

- FARGEAUD, Madeleine. *Balzac et la Recherche de l'Absolu*. Paris, Hachette, 1968.
- FAURÉ, Cristine. "Donne e política in Francia". *Memoria. Rivista di storia delle donne*. Torino, 1991 (3):73/79.
- FERNANDEZ, Ramon. "O método de Balzac". Trad. Valdemar Cavalcanti. *A comédia humana*, Vol. XIII, p. XI.
- FERRAND, Michèle. "Relações Sociais de Sexo, Maternidade e Paternidade". Em BLAY, Eva A. et alii. *Relações sociais de gênero e relações de sexo*. Departamento de Sociologia. Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero. USP, SP, 1989(a).
- . "Reflexões metodológicas sobre uma abordagem em termos de relações sociais de sexo." XIII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1989, pp. 1/10. mimeo.
- FLAX, Jane. "Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista". *Pós-modernismo e política*. Org. Heloísa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro, Rocco, 1991.
- FLOYD, Juanita H. *Les femmes dans la vie de Balzac*. Paris, Plon, 1926.
- FORTASSIER, Rose. *Les mondains de la Comédie Humaine. Etude historique et psychologique*. Klincksieck, 1974.
- FOURIER, Charles. (1772-1837). *Textes choisis*. Paris, Éditions Sociales, 1953.
- . *L'armonia universale. Introduzione de Mirella Larizza*. Roma, Editori Riuniti, 1978.
- Fraisse, Geneviève e PERROT, Michelle, Org. *Histoire des Femmes en Occident. Le XIXe. Siècle. Sous la Direction de George Duby et Michelle Perrot*. Tomo IV. Paris, Plon, 1991.
- . "Ordres et Libertés". *Histoire des Femmes en Occident. Le XIXe. Siècle*, 1991.
- . "La femme civile, publique et privée". *Histoire des Femmes en Occident. Le XIX Siècle*, 1991.
- FRAISSE, Geneviève. "De la destination ou destin: histoire philosophique de la différence des sexes". *Histoire des Femmes en Occident. Le XIXe. Siècle. Sous la Direction de George Duby et Michelle Perrot*. Tomo IV. Paris, Plon, 1991.
- FRANCE, Anatole. "Balzac". Trad. Berenice Xavier. *A comédia humana*. Vol. IV, p. XIII.

- FRAPPIER-MAZUR, L. "Balzac et l'androgynie". AB, 1973.
- FURET, François e OZOUF, Mona. *Dicionário crítico da Revolução Francesa*. Trad. Henrique Mesquita. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989.
- FURET, François. *Penser la Révolution française*. Paris, Gallimard, 1985.
- GALIANI, F. F. "Croquis d'un Dialogue sur les Femmes". *Opere. A cura di Furio Diaz e Luciano Guerci*. Milano, R. Ricciardi Editore. 1980.
- Girard, René. "De La Divine Comédie à la Sociologie du Roman". *Revue de L'Institut de Sociologie*. Bruxelles, 1963 (2):263-9, 1963.
- GIRARDIM, Mme. de. *Lettres Parisiennes du Vicomte de Launay par Madame de Girardim. Texte présenté et annoté par Anne Martin Fugier. Tome I et II*. Mercure de France. Paris, 1986.
- . *Croniques Parisiennes - 1836-1848. Une édition de Jean-louis Vissière*. Paris, Édition Des femmes, 1986.
- . *La Canne de M. de Balzac*. Collection Gallia. Paris, J. M. Dent et fils. sd.
- . *A bengala de Balzac*. Trad. de Romeu de Avelar. Rio de Janeiro, Editora Pan-Americana, 1942.
- GODINEAU, Dominique. "Filles des la liberté et citoyennes révolutionnaires". *Histoire des Femmes en Occident. Le XIXe. Siècle. Sous la Direction de George Duby et Michelle Perrot*. Tomo IV. Paris, Plon, 1991.
- GOLDMANN, L. *Sociologia do romance*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.
- . *Crítica e dogmatismo na cultura moderna*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973.
- . "Introduction aux Problèmes d'une Sociologie du Roman". *Revue de L'Institut de Sociologie*. Bruxelles, 1963 (2):225-242, 1963.
- GONCOURT, Edmond et Jules de. *La femme aux dix-huitième siècle (1862). Nouvelle édition, reuvue, augmentée par Dujardin*. Paris, Librairie de Firmin-didot et Cie, 1887.
- Gourges, Olympe de. *Oeuvres*. Présentées par Benoitte Groult. Paris, Mercure de France, 1986.

- GRASSEL, Georges. *Les inspiratrices de Balzac, Stendhal, Merimée*. Paris, Dujarric, 1902.
- GRIB, V. "Balzac. Uma análise marxista". Trad. Bernardo Gersen. *A comédia humana*. Vol. X, p. XXI, 1946/1955.
- GUISE, René. "Balzac et la presse de son temps". AB:1981.
- . "Balzac et la presse de son temps: le romancier devant la critique féminine". AB:1982.
- . *Balzac. La société. L'Individu*. 2 Volumes. Paris. Thema Antropologie. 1973.
- GUYION, Bernard. *La pensée politique et sociale de Balzac*. Paris Librairie Armand Colin, 1967.
- GUYONT Françoise ROSSUM e VAN BREDERODE, Michel. *Balzac et les parents pauvres. Études reunies et présentées par Françoise Van Rossum Guyont et Michel Van Brederode*. Société d'Édition D'Enseignement Supérieur. 1981.
- HOFFMANNH, Paul. *La Femme dans la pensée des Lumières*. Paris, Ophrys, 1977.
- HOFMANNSTHAL, Hugo von. "Sobre caracteres no romance e no drama. Palestra entre Balzac e Hammer-Purgstall num Jardim de Dobling em 1842". Trad. Paulo Rónai. *A comédia humana*, Vol. XI, p. XIII, 1946/1955.
- HOURLIN, George. *Balzac Romancier des Passions*. Paris, Temps Present, 1950.
- HUGO, Victor. "Balzac" (Discurso pronunciado no funeral do escritor). Trad. Paulo Rónai. *A comédia humana*, Vol III, p. IX, 1946/1955.
- HUNT, Lynn. "Revolução Francesa e vida privada". *Histoire des Femmes en Occident. Le XIXe. Siècle. Sous la Direction de George Duby et Michelle Perrot*. Tomo IV. Paris, Plon, 1991.
- JAMES, Henry. "Balzac". Trad. Berenice Xavier. *A comédia humana*. Vol XVII, p. XI, 1946/1955.
- KAPPELI, Anne-Marie. *Scènes Féministes. Histoire des Femmes en Occident. Le XIXe. Siècle. Sous la Direction de George Duby et Michelle Perrot*. Tome IV. Paris, Plon, 1991.
- KLEINERT, Anne Marie. "Balzac et la presse de son temps: ses oeuvres et son ativité vues para le *Journal des Dames et des Modes*." AB:1988.

- KLEJMAN, Laurence e ROCHEFORT, Florence. *L'égalité en Marche. Le féminisme sous la Troisième République. Préface de Michèle Perrot. Paris, Presses de la Fondation Nationale de Sciences Politiques. Éditions des Femmes, 1989.*
- LA FONTAINE. *Fables. Nouvelle Edition. Revue par Edmond Pilon et Fernand Dauphin. Paris, Classiques Garnier, 1950.*
- LABOURET-GRARE, Mireille. "L'aristocrate balzacienne et sa toilette". AB:1982.
- LAROCHE-GISSEROT, Florence. "Pratiques de la dot en France au XIXe. Siècle (Scènes de la vie privée. Le père Goriot)", *Annales*, nov-dec 1988, pp. 1433-1452.
- LASCAR. "La première ébauche de *La Maison du chat-qui-pelote*." AB:1988, pp. 8/106.
- LE BRETON, André. *Balzac. L'homme et l'oeuvre. Paris, Librairie Armand Colin, 1905.*
- LEBRUN. "Le souvenir de la duchesse d'Abrantes dans le *Mémoires de deux jeunes mariées*." AB:1988, pp. 219/232.
- LECOUR, Charles. *Les personnages de la Comédie Humaine. Avec 33 tableaux généalogiques dépliant. Paris, Librairie philosophique J. Vrin, 1966.*
- LÉGER, Charles. *Balzac mis à nu et les dessous de la société romantique. Préface et notes para Charles Léger. Paris, C. Gaillandre, 1928.*
- LONGAUD, Félix. *Dictionnaire de Balzac. Paris, Librairie Larousse, 1969.*
- LORANT, André. "Pulsions oedipiennes dans le *Lys dans la vallée*". AB:1982.
- LORAUX, Nicole. "Notes sur un impossible sujet de l'histoire". *Genre de l'histoire. Paris, Ed. Tierce, Les Cahiers du Grif, 37/38, 1988, pp. 113/123.*
- LOTTE, Fernand. *Dictionnaire biographique des personnages fictifs de la Comédie Humaine. Avec un avant-propos de Marcel Bouteron. Paris, Librairie José Corti, 1952.*
- LUKACS, Georg. *Ensayos sobre el realismo. Buenos Aires, Ed. Siglo Veinte, s/d.*
- . *La Théorie du roman. Suíça. Editions Gonthier, 1963.*
- . *Arte e Società. Roma. Ed. Riuniti, 1972.*

- . *Sociologia de la literatura*. Ed. original preparada por Peter Ludz. Barcelona, Éd. Península, 1973. L.
- LUMET, LOUIS. "Balzac inconnu". Em Balzac, H. de. *Curiosités littéraires et pages inconues*. Paris, Bibliopolis, s/d.
- MAC CORMACK, Carol. *Nature, Culture and Gender: a Critique*. *Nature, Culture and Gender*. Cambridge, Cambridge University Press, 1980.
- MACCIOCCHI, Maria Antonieta. *Les femmes et leurs maitres*. Textes rassemblés par Jacqueline Aubenas Bastie. Paris, Cristian Bourgois Editeur, 1978.
- MACFARLANE, Alan. *História do casamento e do amor*. Trad. de Paulo Neves. São Paulo. Companhia das Letras, 1990.
- MACKINNON, Catharine A. "Feminism, marxism, method, and the State: An Agenda for Theory". *Feminist Theory - A Critique of Ideology*. Nanerl O. Keohane, M. Z. Rosaldo, B. C. Gelpi (eds). The University of Chicago Press, 1982.
- MANDEVILLE, Bernard. *La Fabula de las Abejas o los Vicios Privados hacen la prosperidad pública*. Comentário crítico, histórico e explicativo de F. B. Kaye. México, Fundo de Cultura Económica, 1982.
- MARCEAU, Félicien. *Balzac et son monde*. Paris, Gallimard, 12 ed., 1955.
- MARIVAUX. *Le paysan parvenu. Texte établi, avec introduction bibliographie, chonologie, notes et glossaire, par Frédéric Deloffre*. Classiques Garnier. Paris, 1959.
- MARTINEZ ESTRADA, E. "Realidad y fantasia en Balzac". *Cuadernos del Sur*. Universidad Nacional del Sur, Bahia Blanca, Argentina, 1964.
- MARTY, Gabriel e RAYNAUD, Pierre. *Droit Civil. Les Personnes*. 3 ed. Sirey, Paris, 1976.
- MARX, K. e ENGELS, F. *Sobre literatura e arte*. São Paulo, Global Editora, 2 ed., 1980.
- MARX, K. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. Tradução revista por Leandro Konder. São Paulo, Editora Abril. Os Pensadores, 1974.
- . *As lutas de classe na França de 1848 a 1850*. Textos, Vol. III. São Paulo, Edições Sociais, 1977.
- MAUROIS, André. *Prométhée ou la vie de Balzac*. Paris, Librairie Hachette, 1965.

- MAYER, Gilbert. *La qualification affective dans le roman d'Honoré de Balzac*. Librairie E. Droz, 1940.
- MAYEUR, Françoise. "L'éducation des filles: le modèle laïque. *Histoire des Femmes en Occident. Le XIXe. Siècle. Sous la Direction de George Duby et Michelle Perrot*. Tomo IV. Paris, Plon, 1991.
- MCCORMICK, Diane Festa. *Les nouvelles de Balzac*. Paris, Librairie Nizet, 1973.
- MEHTA, Brenda. *Representer la Femme dans le Roman Balzacien: une Esthétique*. Brown University, 1988.
- MEININGER, Anne Marie. "Histoire des Scènes de la vie de province". AB:1989.
- MERLANT, Joachin. "Notice biographique et littéraire". Em Balzac, H. de. *Morceau Choisis*. Paris, H. Didier, 3^{ème}, 1927.
- MICHEL, Arlette. *Le mariage chez Honoré de Balzac. Amour et féminisme*. Société d'Édition "Les Belles Lettres". Paris, 1978.
- . *Le mariage et l'amour dans l'oeuvre romanesque d'Honoré de Balzac. Thèse présentée devant l'Université de Paris IV*. 1975. Librairie Honoré Champion. Paris, 1976.
- MICHELET, Jules. *Le donne della rivoluzione. Prefazione de Lucio Villari*. Milano, Tascabili Bompiani, 1989.
- MILLE, Pierre. "Balzac". Trad. Wilson Lousada. *A comédia humana*, Vol. XII, p. XXI.
- MITCHELL, J. "Four structures in a Complex Unity". Em Carrol, B. *Liberating Women's History. Theoretical and Critical Essays*. U.S.A., University of Illinois Press, 1976.
- MONTAIGNE, M. *Ensaïos*. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- MONTESQUIEU. *Cartas persas*. Trad. de Mário Barreto. Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, 1960.
- MORTIMER, R. "Introdução a Balzac". Trad. João Henrique Chaves Lopes. *A comédia humana*, Vol. XII, p. XXI.
- MOZET, Nicole. *Balzac au pluriel*. Paris, Seuil, 1982.
- . "La Cousine Bette, Roman du pouvoir féminin?". *Balzac et les parents pauvres. Études réunies et pressentées para Françoise van Rossum-Guyon et Michel van Brederode*. Société d'Édition d'Enseignement Supérieur. Paris, 1981.
- . "Le cas étrange des Touches (Béatrix)". *Revue des Sciences Humaines*. Tomo XLIV. 168. Oct-Dec. Lille, 1977.

- NESCI, Catherine. "Étude drolatique des femmes. Figures et fonctions de la féminité dans les *Contes Drolatiques*." AB:1985, pp. 265/284.
- . "Des révolutions conjugales: Le récit restauré dans la 'Physiologie du Mariage'".
- PELOSSE, Valentin. "Symbolique groupale et idéologie féministe saint-simoniennes". Em DéMar, Claire. *L'affranchissement des femmes*. Paris, Payot, 1976. pp. 169/226.
- PERROD, P. A. "Balzac et les majorats". Paris, AB: 1968, pp. 211-240.
- PERROT, Michele. "Quinze ans d'histoire des femmes". *Dossier Femmes: universalité et exclusions*. Sources. Travaux historique, n° 12, 1987.
- . "Preface". Em Klejman, Laurence e Rochefort, Florence. *L'égalité en Marche. Le féminisme sous la Troisième République*. Paris, Presses de la Fondation Nationale de Sciences Politiques. Éditions des Femmes, 1989, pp. 13/19.
- PERROT, Michelle et alii. *Histoire de la Vie Privée. Sous la direction de Philippe Ariès et de George Duby. Tome 4. De la Révolution à la Grande Guerre. Volume dirigé par Michelle Perrot*. Paris, Seuil, 1987.
- . *História da vida privada, Volume 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad. de Denise Bottmann e Bernardo Jóffily. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- . *Une histoire des femmes est-elle possible?*. Paris, Rivages, 1986.
- PICON, Gaetan. *Balzac écrivain de toujours*. Paris, Seuil, 1983.
- . *Balzac par lui même*. Paris, Seuil, sd.
- PLANTÉ, Cristine. "Écrire des vies de femmes". *Genre de l'histoire*. Paris, Ed. Tierce, Les Cahiers du Grif, 37/38, 1988, pp. 57/75.
- . "Femmes exceptionnelles: des exceptions pour quelle règle". *Genre de l'histoire*. Paris, Ed. Tierce, Les Cahiers du Grif, 37/38, 1988, pp. 91/111.
- PRADALIÉ, Georges. *Balzac historien. Préface de M. Pierre Jourdan*. Presses Universitaires de France, 1955.
- PRESTON, Ethel. *Recherches sur la Technique de Balzac. Le retour systématique des personnages dans la Comédie Humaine. Preface de Marcel Bouteron*. Paris, Les Presses Françaises, 1926.

- PROUST, Marcel. *Contre Sainte-Beuve. Notas sobre crítica e literatura*. São Paulo, Ed. Iluminura, 1988.
- . “O caso Lemoine num romance de Balzac”. Trad. Berenice Xavier. *A comédia humana*, Vol. XIV, p. VI, 1946/1955.
- PUGH, A. *Balzac's Recurring Characters*. Toronto University Press, 1975.
- RAYMOND, Jean. *La Litterature et le Réel*. Paris, Ed. Albin Michel, 1965.
- RIOT-SARCEY, M. e VARIKAS, E. “Réflexions sur la notion d'exceptionnalité”. *Genre de l'histoire*. Paris, Ed. Tierce, Les Cahiers du Grif, 37/38, 1988, pp. 77/89.
- . “Feminist Consciousness in the 19th century: a pariah consciousness?”. *Praxis International*, 54, 1986.
- RIOT-SARCEY, Michèle. “Les sources du pouvoir: L'événement en question”. *Genre de l'histoire*. Paris, Ed. Tierce, Les Cahiers du Grif, 37/38, 1988, pp. 25/39
- RIOT-SARCEY, Michelle *et alii*. “Femmes sujets de discours, sujets de l'histoire”. *Genre de l'histoire*. Paris, Ed. Tierce, Les Cahiers du Grif, 37/38, 1988, pp. 21/23.
- ROBIQUET, Jean. *La Vie Quotidienne au Temps de Napoléon*. Paris, Librairie Hachette. 1942.
- ROBB, G. *Balzac: uma biografia*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- RONAI, Paulo. *Balzac e A comédia humana*. Livraria do Globo. Porto Alegre, 1947.
- . *Pois é: ensaios*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- . “A vida de Balzac”. *A comédia humana*, Vol I, p. XIII, 1946/1955.
- . Notas introdutórias às obras de Balzac e dos ensaios nas edições brasileiras de *A comédia humana*.
- ROSALDO, Michelle Z. *et alii*. *Woman, Culture and Society*. Stanford, California Stanford University Press, Editado por Michelle Z. Rosaldo e Louise Lamphere, 1974.
- ROSSO, Corrado *et alii*. *Studi sull'uguaglianza. Contributi alla storia e alla tipologia critica di un'ideia nell'area francese*. Pisa, Editrice Libreria Goliardica, 1973.
- ROWBOTHAM, Sheila. *Beyond the fragment*. Londres, Merlin Press, 1980.

- ROYCE, William Hobart. *A Balzac Bibliography. Writings relative to the Life and Works of Honoré de Balzac*. University of Chicago, Illinois, 1928/1929. 2 vol. em 80.
- SAINT PAULIEN. *Napoléon Balzac et l'empire de la Comédie Humaine. Preface de Armand Lanoux*. Paris, Ed. Albin Michel, 1979.
- SAINT-SIMON. *Nuovo cristianesimo*. A cura de Gian Mario Bravo. Roma, editori Riuniti, 1974.
- SAINTE BEUVE. "Balzac". Trad. Joaquim Novais Teixeira. *A comédia humana*: Vol. V, p. XIII, 1946/1955.
- SANDAY, Peggy Reeves. *Female power and male dominance. On the origins of sexual inequality*. Cambridge, Cambridge University Press, 1981.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo — Machado de Assis*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1990.
- . *Ao vencedor as batatas*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 3ª ed., 1988.
- . *A sereia e o desconfiado*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- SCOTT, Joan W. "La travailleuse". *Histoire des Femmes en Occident. Le XIXe. Siècle. Sous la Direction de George Duby et Michelle Perrot*. Tomo IV. Paris, Plon, 1991.
- . "'L'Ouvrière, mot impie, sordide...'. Les discours de l'économie politique française sur les ouvrières (1840-1860)". *Paris, éditions de Minuit. Actes de la Recherche en Sciences Sociales*:. 83/Juin 1990, pp. 2/15.
- . "Genre: une catégorie utile d'analyse historique". *Genre de l'histoire*. Paris, Ed. Tierce, Les Cahiers du Grif, 37/38, 1988, pp. 125/151.
- SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Trad. de Lygia A. Watanabe. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- SIGAUX, Gilbert. "Balzac enfant et père du siècle." Em Bertaut, Jules *et alli. Balzac*. Paris, Lib. Hachette, 1959, pp. 65/93.
- SIMONS, Madeleine A. "Le génie au féminin ou les paradoxes dela princesse de Cadignan." AB:1988.
- SLEDZIEWSKI, Elisabeth G. *Révolutions du Sujet*. Meridiens Klincksieck, Paris, 1989.

- . “Révolution Française”. *Histoire des Femmes en Occident. Le XIXe. Siècle. Sous la Direction de George Duby et Michelle Perrot*. Tomo IV. Paris, Plon, 1991.
- SMITH, Hilda. “Feminism and the Methodology of women’s History”. Em Carrol, Berenice. *Liberating women’s History*. U.S.A. Illinois Press, 1976.
- SOBOUL, A. *Camponeses, sans-cullottes e jacobinos*. Lisboa, Seara Nova, 1974.
- SOMBART, Werner. *Lujo e Capitalismo*. Madri. Alianza Editorial. 1979.
- SONNET, Martine. “Une fille à éduquer”. *Histoire des Femmes en Occident. XVI-XVIII Siècles. Sous la Direction de George Duby et Michelle Perrot*. Tomo III. Paris, Plon, 1991.
- SOUZA, G. de Mello e. *O espírito das roupas, a moda no século XIX*. Companhia das Letras, São Paulo, 1987.
- SOUZA LOBO, Elizabeth. *A classe operária tem dois sexos. Trabalho, dominação e resistência*. Apresentação de Helena Hirata. São Paulo. Brasiliense, 1990.
- . “Os usos do gênero”. Em Blay, Eva A. et alii. *Relações sociais de gênero e relações de sexo*. Departamento de Sociologia. Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero. USP, SP, 1989.
- STAEL, Madame de. *De L’Allemagne. Chronologie et Introduction par Simone Balayé*. Paris, Garnier Flammarion, 1968.
- . *Corinne ou L’Italie. Édition présentée, établie et annotée par Simone Balayé*. Paris, Gallimard, 1985.
- . *Essai sur les Fictions suivi De l’Influence des Passions*. Présenté par Michel Tournier. Paris, Editions Ramsay, 1979.
- . *Considerations sur la Révolution Française. Ouvrage posthume publié en 1818 par M. le Duc de Broglie e M. Le Baron de Stael. Nouvelle Édition*. Paris, Charpentier Libraire Éditeur, 1862.
- STUART, Mill. *La esclavitud feminina*. Introd. por Pablo Lucas Verdi. Madri, Ed. Tecnos, S.A., 1965.
- TAINE, H. “Balzac”. Trad. Joaquim Novais Teixeira. *A comédia humana*. Vol II, p. XIII, 1946/1955
- TETU, Jean-François. “Remarques sur le statut juridique de la femme au XIXe. Siècle”. Em Faille, Marie Henriette. *La femme et le Code Civil dans la Comédie Humaine*. Lyon, Didier, 1968.

- TILLY, Louise A. e SCOTT, Joan W. *Les femmes, le travail et la famille*. Traduit de l'américain par Monique Lebaillly. Paris, Rivages/Histoire, 1987.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *Voyages en Angleterre et en Irlande*. Édité par J. P. Mayer. Paris, Gallimard, 1982.
- . *De la Démocratie en Amérique. Biografie, Préface et Bibliographie par François Furet*. Paris, Flammarion, 1981.
- . *A democracia na América*. Trad. de Neil Ribeiro da Silva. 2 ed. São Paulo, EDUSP/Ed. Itatiaia, 1977.
- . *Souvenirs. Préface de Fernand Braudel*. Paris, Gallimard, 1978.
- . *L'Ancien Régime et la Révolution*. Édité par J. P. Mayer, Paris, Gallimard, 1967.
- . *Oeuvres Complètes. Tome VI. Correspondance Anglaise*. Paris, Gallimard, 2eme. éd., 1954.
- . *L'Ancien Régime et la Révolution. Fragments et notes inédites sur la Révolution. Texte établi et annoté par André Jardin*. Paris, Gallimard, 1980.
- TRISTAN, Flora. *The worker's union. Translated with an introduction by Beverly Livingston*. U.S.A., University of Illinois Press, s/d.
- TURIN, Yvonne. *Femmes et religieuses au XIXème siècle. Le féminisme "en religion"*. Paris, Nouvelle Cité, 1989. 375 p.
- VARIKAS, Eleni. "L'approche biographique dans l'histoire des femmes". *Genre de l'histoire*. Paris, Ed. Tierce, Les Cahiers du Grif, 37/38, 1988, pp. 41/55.
- . "Pária: uma metáfora da exclusão das mulheres". Trad. de M. Stella Bresciani. São Paulo. *Revista brasileira de história*. (9):19/28. ago. 89/set.89.
- . "L'Égalité et ses Exclu(e)s." *Dossier Femmes: universalité et exclusions*. 1987.
- . "Jornal das Damas, feminismo no século XIX na Grécia". Em BLAY, Eva A. et alii. *Relações sociais de gênero e relações de sexo*. Departamento de Sociologia. Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero. USP, SP, 1989.
- VICTOR, N. "H. de Balzac". *A comédia humana*. Vol. XIV, p. XIX.
- WINGARD, Kristina. *Les Problèmes des couples mariés dans la Comédie Humaine*. Uppsala. Amqvist, 1978.

- YOUNG, Arthur. *Voyages en France en 1787-88-89-90*. Paris, Les Oeuvres Représentatives, 1930.
- YUCEL, Tahsin. *Figures et messages dans la Comédie Humaine*. Paris, Univers sémiotiques, Maison Man, 1972.
- ZEMON DAVIS, Natalie. “La femme ‘au politique’”. *Histoire des Femmes en Occident. XVI — XVIII Siècles. Sous la Direction de George Duby et Michelle Perrot*. Tomo III. Paris, Plon, 1991.
- ZOLA, E. “Charles-Aigues e Balzac”. Trad. Berenice Xavier. *A comédia humana*. Vol. VIII, p. XI, 1946/1955.
- ZWEIG, S. “Os livros subterrâneos de Balzac”. Trad. Milton Araújo. *A comédia humana*. Vol. VIII, p. XXI, 1946/1955.

Anexos

Anexo I

A comédia humana: plano geral

OBRAS	1ª Edição
Prefácio	1842
Estudos de costumes	
<i>Cenas da vida privada</i>	
Ao “Chat-qui-pelote”	1830
O Baile de Sceaux	1830
Memórias de duas jovens esposas	1841–42
A bolsa	1832
Modesta mignon	1844
Uma estréia na vida	1842
A vendeta	1830
Uma dupla família	1830
A paz conjugal	1830
A Senhora Firmiani	1832
Estudo de mulher	1830
A falsa amante	1841
A mensagem	1832
O romeiral	1832
A mulher abandonada	1832
Honorina	1843
Beatriz	1839

Gobseck	1830
A mulher de trinta anos	1831–34
O pai Goriot	1834–35
O coronel Chabert	1832
A missa do ateu	1836
A interdição	1836
O contrato de casamento	1835
Outro estudo de mulher	1842

Cenas da vida provinciana

Úrsula Mirouët	1841
Eugenia Grandet	1833
Pierrette	1840
O cura de Tours	1832
Um conchego de solteirão	1841–42
O ilustre Gaudissart	1833
A musa do departamento	1843
As rivalidades: a solteirona	1837
O gabinete das antiguidades	1836–38–39

Cenas da Vida Parisiense

Ilusões perdidas	1837–39–43
História dos treze: Ferragus	1833
A Duquesa de Langeais	1833–34
A menina dos olhos de ouro	1834–35
César Biroteau	1837
A Casa Nucingem	1838
Esplendores e misérias das cortesãs	1839–47
Os segredos da Princesa de Cadignan	1839
Facino Cane	1836
Sarrasine	1831
Pedro Grassou	1840
A prima Bete	1846
O primo Pons	1847

Um homem de negócios	1845
Um príncipe da Boêmia	1840
Os funcionários	1837
Gaudissart II	1844
Comediantes sem o saberem	1846
Os pequenos burgueses	1854 (póstuma)
O avesso da história contemporânea	1842–46

Cenas da vida política

Um episódio do terror	1830
Um caso tenebroso	1841
O deputado de Arcis	1847
Z. Marcas	1840

Cenas da vida militar

A Bretanha em 1799	1829
Uma paixão no deserto	1830

Cenas da vida rural

Os camponeses	1844
O médico rural	1833
O cura da aldeia	1838–39
O lírio do vale	1835

Estudos filosóficos

A pele de Onagro	1831
Jesus Cristo em Flandres	1831
Melmoth apaziguado	1835
Massimila Doni	1839
A Obra-prima ignorada	1831
Gambara	1837

A procura do absoluto	1834
O filho maldito	1831–36
Adeus	—
Os maranas	1832–33
O conscrito	1831
Um drama à beira-mar	1835
Mestre Cornelius	1831
A estalagem vermelha	1831
Sobre Catarina de Médicis	1841
O elixir da longa vida	1830
Os proscritos	1831

Estudos analíticos

Luís Lambert	1832–33
Serafita	1835
Fisiologia do casamento	1829
Pequenas misérias da vida conjugal	1830–40–45

Anexo II

A comédia humana: cronologia segundo a ação nos romances

Antes de 1800

	1ª Ed.	Ação
Os proscritos	1831	1308
Jesus Cristo em Flandres	1831	1426–pós
Mestre Cornelius	1831	1479
Sobre Catarina de Médicis	1841	1560–1786
O filho maldito	1831–36	1591–1617
O elixir da longa vida	1830	1600–séc. XVI
A obra-prima ignorada	1831	1612
Os maranas	1832–33	1789–pós
Um conchego de solteirão	1841–42	1792–39
Um episódio do terror	1830	1793
O conscrito	1831	1793
A Bretanha em 1799	1829	1799
Uma paixão no deserto	1830	1799
Serafita	1835	1799–1800
A estalagem vermelha	1831	1799–1819

O consulado e o império (1800 – 1815)

A vendeta	1830	1800–15
Um caso tenebroso	1841	1803–06–34
Uma dupla família	1830	1806–3
Gobseck	1830	1806–30
“El verdugo”	1830	1808
O lírio do vale	1835	1809–23
A paz conjugal	1830	1809
O avesso da história contemporânea	1842–46	1809–36
Luís Lambert	1832–33	1812–24
A procura do absoluto	1834	1812–24
Adeus	—	1812–19
A mulher de trinta anos	1831–34	1813–24
Outro estudo de mulher	1842	1815–16–30
Ao “Chat-qui-pelote”	1830	1815–pós

Restauração — Luís XVIII (1814/1815; 1815/1824)

A menina dos olhos de ouro	1834–35	1815
A dendeta	1830	1800–1
As rivalidades: a solteirona	1837	1816
O Coronel Chabert	1832	1818–40
A Duquesa de Langeais	1833–34	1818–29
O baile de Sceaux	1830	1819
A bolsa	1832	1819
A mensagem	1832	1819
Eugenia Grandet	1833	1819–33
História dos treze: Ferragus	1833	1819
O Pai Goriot	1834–35	1819–20
Ilusões perdidas	1837–39–41	1819–23
César Biroteau	1837	1819–23A
Estalagem vermelha	1831	1799–1819
O romeiral	1832	1820
Massimila Doni	1839	1820
O contrato de casamento	1835	1821–27
A mulher abandonada	1832	1822

Melmoth apaziguado	1835	1822—antes
O gabinete das antigüidades	1836—38—39	1822—24
Facino Cane	1836	1822
Uma estréia na vida	1842	1822—3
Estudo de mulher	1830	1823
Os camponeses	1844	1823—2

Restauração — Carlos X (1824/1830)

Fisiologia do casamento	1829	1824—29
Um drama à beira-mar	1835	1824
Os funcionários	1837	1824—32
Honorina	1843	1824—30—36
A senhora Firmiani	1832	1825
Esplendores e misérias das cortesãs	1839—47	1825—33
Memórias de duas jovens esposas	1841—42	1825—33
O cura de Tours	1832	1826
A Casa Nucingem	1838	1826—36
Pierrette	1840	1827—28
A interdição	1836	1828
O médico rural	1833	1829
O cura da aldeia	1838—39	1829—43
Úrsula Mirouët	1841	1829—37
Modesta Mignon	1844	1829

Monarquia de Julho — Luís Filipe (1830/1848)

Gobseck	1830	1806—30
Pequenas misérias da vida conjugal	1830—40—45	1830—45
Outro estudo de mulher	1842	1830—15—16
Sarrasine	1831	1830—1758
A pele de onagro	1831	1830—31
O ilustre Gaudissart	1833	1830—31
Os pequenos burgueses	1854—pos	1830—40
Os segredos da princesa de Cadignan	1839	1830—33
Um príncipe da Boêmia	1840	1830—37

Gambara	1837	1831-37
A missa do ateu	1836	1831-21
Pedro Grassou	1840	1832
Uma filha de eva	1830-39	1833-34
Honorina	1843	1824-30-36
A prima Bete	1846	1834-44
A falsa amante	1841	1835-42
Z. Marcas	1840	1836
A Casa Nucingem	1838	1826-36
A musa do departamento	1843	1836-43
Beatriz	1839	1839
O deputado de Arcis	1847	1839
Um homem de negócios	1845	1840-33
Alberto Savarus	1834-1835	1842
O cura da Aldeia	1838-39	1829-43
Gaudissart II	1844	1844
O primo Pons	1847	1844-45
Comediantes sem o saberem	1846	1846

Anexo III

A comédia humana: tradutores das edições brasileiras

Tradutores

Obras

Brito Broca

A Bretanha em 1799 (cap. I e II).

Carlos Drummond de Andrade

Os camponeses.

Casemiro Fernandes

Beatriz; Esplendores e misérias das cortesãs; Gaudissart II; Honorina; Luís Lambert; A mensagem; A mulher abandonada; O romeiral.

Dorval Serrano

Sobre Catarina de Médicis.

Elza Lima Ribeiro

O ilustre Gaudissart.

Ernesto Pelanda

Ilusões perdidas (Os dois poetas; Um grande homem da província em Paris); A Duquesa de Langeais; História dos treze: Ferragus; A menina dos olhos de ouro.

Gomes da S. Silveira

A interdição; A missa do ateu; A musa do departamento; A pele de onagro; Eugênia Grandet; César Birotteau; O contrato de casamento; O cura de Tours;

- O lírio do vale; O Pai Goriot; O primo Pons; Pedro Grassou; Pierrette; Sarrasine; Um conchego de solteirão.*
- João Henrique Chaves Lopes** *A Bretanha em 1799 (cap. III); O elixir da longa vida; Pequenas misérias da vida conjugal.*
- Joaquim Novais Teixeira** *Ursula Mirouët; Uma estréia na vida.*
- Lia Corrêa Dutra** *Gabinete das antiguidades; Os pequenos burgueses; A solteirona.*
- Mário Ferreira Santos** *Fisiologia do casamento.*
- Mário Quintana** *Uma paixão no deserto; Os proscritos; Serafita; Ilusões perdidas (Os sofrimentos do inventor).*
- Vidal de Oliveira** *Adeus; Alberto Savarus; Ao “Chat-qui-pelote”; O avesso da história contemporânea; A bolsa; A Casa Nucingem; Um caso tenebroso; Comediantes sem o saberem; O conscrito; O Coronel Chabert; O cura da aldeia; O deputado de Arcis; Um drama à beira-mar; Uma dupla família; “El verdugo”; Um episódio do Terror; A Estalagem Vermelha; Estudo de mulher; Facino Cane; A falsa amante; Uma filha de Eva; O filho maldito; Os funcionários; Gambará; Gobseck; Um homem de negócios; Jesus Cristo em Flandres; As maranas; Massimila Doni; O médico rural; Melmoth Apaziguado; Memórias de duas jovens*

esposas; Mestre Cornelius; Modesta Mignon; A obra-prima ignorada; Outro estudo de mulher; A paz conjugal; Prefácio à Comédia Humana; Um príncipe da Boêmia; A procura do absoluto; Os segredos da princesa de Cadignan; A Senhora Firmiani; A Vendeta; Z Marcas.

**Wilson Lousada e
Casemiro Fernandes**

A mulher de trinta anos.

Impressão e Acabamento



SIG/Sul Quadra 06 Lotes 2340/70
Tel.: (061) 344-1012 - Fax: 344-3949
CEP. 70610-400 - Brasília-DF



Outros lançamentos da Editora UnB

Os mitos platônicos

Geneviève Droz

Religião e ciência no Renascimento

Klaas Woortmann

O futuro ancestral

Laís Mourão

D. Quixote: um apólogo da alma ocidental

San Tiago Dantas

Nomina Gentium

Sérgio Bath

O discurso do particular

Catherine Darbo-Pesehanski

Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem Tupi

Antônio Geraldo da Cunha

Novos estudos sobre

Monteiro Lobato

Cassiano Nunes

Biblioteca Central - UnB



B9904910

do processo de transformação o seu feminilidade é um signo e um símbolo de continuidade do processo de conformação de novas relações sociais. Os momentos de transformação são particularmente ricos para a análise psicossociológica. As novas relações ainda não se configuraram em toda sua plenitude e as velhas relações ainda persistem, sem terem, entretanto, a mesma força que tinham no passado. É no confronto com as novas relações que as antigas mostram sua historicidade, isto é, seu caráter de algo transitório, que se modifica pela ação humana.

Balzac articulou as mudanças na vida pública às mudanças no âmbito da intimidade, acentuando as dimensões subjetivas implícitas nesse processo, analisando as mutações por que passam as relações entre os gêneros e as classes.

COD. EDU: 154415

ISBN 85-230-0509-9

ISBN 85-230-0509-9



9 788523 005092